



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Gustavo Orsolon de Souza

**Editora Alfa-Omega: produção literária em tempos de censura (1973-1984)**

São Gonçalo

2022

Gustavo Orsolon de Souza

**Editora Alfa-Omega: produção literária em tempos de censura (1973-1984)**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Márcia de Almeida Gonçalves

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

S729 Souza, Gustavo Orsolon de.  
Editora Alfa-Omega: produção literária em tempos de censura (1973-1984)  
/ Gustavo Orsolon de Souza. – 2022.  
224f.: il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia de Almeida Gonçalves.  
Tese (Doutorado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Editores e edição - Teses. 2. Censura – Teses. 3. Editora Alfa-Omega – Teses. I. Gonçalves, Márcia de Almeida. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 – 4994

CDU 655.4

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Gustavo Orsolon de Souza

**Editora Alfa-Omega: produção literária em tempos de censura (1973-1984)**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Aprovada em 29 de agosto de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Márcia de Almeida Gonçalves (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Flamarion Maués Pelúcio Silva  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

---

Prof. Dr. Luís Reznik  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Marieta de Moraes Ferreira  
Fundação Getúlio Vargas

São Gonçalo

2022

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais:

Marleize Ferreira de Souza

*Célio Orsolon (in memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

É hora de agradecer e abraçar carinhosamente a todos que contribuíram de alguma forma com este trabalho. Já antecipo os meus pedidos de desculpas caso esqueça algum nome. Mas deixo expressa a minha eterna gratidão a todos que, porventura, não estejam inseridos nesta lista.

Começo agradecendo a ajuda espiritual que recebi nessa jornada. Sou grato a Deus pela sustentação, pelo encorajamento e pelas pessoas certas que colocou no meu caminho.

Agradeço a minha orientadora Márcia de Almeida Gonçalves, pelo seu profissionalismo, acreditando neste projeto desde o primeiro dia em que nos encontramos, no corredor da FFP. Com seu talento e maestria, Márcia me ajudou a entender os passos da pesquisa, indicando as melhores estratégias. Sua fala ponderada e inspiradora contribuiu para acalantar um ariano ansioso e impulsivo. Grato pela paciência e pela orientação cuidadosa.

Agradeço aos professores da banca de qualificação, o professor Flamarion Maués e a professora Tânia Bessone. Através das leituras atentas, críticas estimulantes e dicas valiosas, pude tomar decisões assertivas para a conclusão deste trabalho.

Estendo este agradecimento aos professores da banca final de defesa, que carinhosamente aceitaram o convite para avaliar a tese: professor Flamarion Maués, professora Tânia Bessone, professor Luís Reznik e professora Marieta Moraes Ferreira.

Agradeço a minha querida Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mais conhecida como UERJ. Tenho muito orgulho de ter feito doutorado nesta instituição. Estendo os meus agradecimentos à Faculdade de Formação de Professores – FFP, campus São Gonçalo, que tão bem me acolheu. Atravessar a Ponte Rio-Niterói, semanalmente, para as aulas presenciais, e poder contemplar uma das paisagens mais bonitas do mundo, me enchia de gratidão. Qualquer cansaço ou desânimo era superado pela belíssima vista da Baía de Guanabara e seus encantos.

Ainda sobre a FFP, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História Social, por ter aceitado o meu projeto. Sou grato a todos os professores que fazem parte deste programa. Aprendi muito com esses profissionais talentosos e competentes. Em especial, gostaria de agradecer ao professor Rafael Brandão, pela sua generosidade durante o período de estágio docência na disciplina de Introdução à História; à professora e coordenadora Helenice Rocha, por sua dedicação e preocupação com todos os discentes; e à professora Iza Quelhas por sua generosidade e dicas valiosas.

A FFP também me trouxe grandes amigos, pessoas incríveis que conheci e que contribuíram muito nesta jornada. Agda, Marize e Leandro: sou grato por dividirem comigo tantas experiências enriquecedoras.

Estendo essa gratidão também à minha família. Entender a correria, o desgaste, a ausência e a irritabilidade de um doutorando não é uma tarefa simples. A minha sorte é que todos entendem o processo, compreendem a importância da Ciência e torcem por mim.

Agradeço a atenção e a paciência de Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo. Os dois abriram as portas da Alfa-Omega para um desconhecido, estando sempre prontos e dispostos a contribuir com a pesquisa.

Agradeço a generosidade e a atenção do escritor e jornalista Luiz Fernando Emediato que tanto contribuiu com esse trabalho.

Agradeço aos funcionários dos arquivos por onde passei: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Arquivo Nacional de Brasília, Arquivo do Estado de São Paulo, Centro de Apoio à Pesquisa Histórica “Sérgio Buarque de Holanda” – USP e Real Gabinete Português de Leitura. Fui muito bem recebido nessas instituições, seja presencialmente ou de forma remota. Meus agradecimentos também são para Rodrigo Furtado e a Fundação Karnig Bazarian, de Itapetininga –SP, pelo acesso às informações de Jacob Bazarian.

Termino agradecendo à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), por ter me proporcionado a bolsa de doutorado. Graças ao financiamento, pude me dedicar exclusivamente à pesquisa. Desejo que a instituição continue firme na sua bela missão de incentivar os pesquisadores e a Ciência brasileira.

Muito obrigado a todos!

(...) a História não é somente o estudo do passado, ela também pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente.

*Agnès Chauveau e Philippe Tétart*

## RESUMO

SOUZA, Gustavo Orsolon de. *Editora Alfa-Omega: produção literária em tempos de censura (1973-1984)*. 2022. 224 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

Esta tese tem como objetivo central analisar os anos iniciais de funcionamento da editora Alfa-Omega destacando, em especial, parte de sua produção literária e alguns aspectos biográficos dos editores. Inaugurada em São Paulo, em 1973, pelo casal Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo, a editora publica em pouco mais de uma década cento e quarenta e três títulos, grande parte voltada para temas vinculados às Ciências Humanas. Os editores, ligados a intelectualidade *uspiana*, conseguem trazer para o grande público obras importantes que refletem sobre a situação política, econômica e social do Brasil, em um período marcado pela censura do regime civil-militar. Considerada uma editora de oposição, a Alfa-Omega traz em seu catálogo, clássicos do marxismo, assim como livros que marcam uma época, como, por exemplo, *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Morais, em 1976, que se torna o seu *best-seller*; e uma coleção bastante interessante do ponto de vista político, intitulada História Imediata, entre 1978 e 1979, em formato de revista, com temas delicados e censurados, como, por exemplo, a Guerrilha do Araguaia. Com um catálogo robusto e promissor, a Alfa-Omega alcança, logo no início de suas atividades, o seu lugar no mercado de livros, ao lado de importantes e renomadas editoras, sendo reconhecida por autores e pela crítica da época como uma casa preocupada em contribuir com a divulgação do pensamento crítico e científico.

Palavras-chave: Editora Alfa-Omega. Produção Literária. Censura.

## ABSTRACT

SOUZA, Gustavo Orsolon de. *Alfa-Omega Publisher: literary production in times of censorship (1973-1984)*. 2022. 224 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

The main objective of this thesis is to analyze the initial years of the Alfa-Omega Publisher, highlighting, in particular, part of its literary production and some biographical aspects of the editors. Inaugurated in São Paulo, in 1973, by the couple Fernando Mangarielo and Claudete Machado Mangarielo, the Publisher had published in just over a decade one hundred and forty-three titles, most of them focused on topics related to the Human Sciences. The editors, linked to the University of São Paulo's intellectuality, got to bring important works to the general public which reflect on the political, economic and social situation in Brazil, in a period marked by the censorship of the civil-military regime. Considered as an opposition publisher, Alfa-Omega brings in its catalog classics of Marxism, as well as books that represents an era, such as *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, by Fernando Morais, in 1976, which becomes his best seller; and a very interesting collection from a political point of view, entitled *História Imediata*, between 1978 and 1979, in magazine format, with delicate and censored themes, such as the Araguaia Guerrilla. With a robust and promising catalogue, Alfa-Omega achieved, right from the beginning of its activities, its place in the market of books, alongside important and renowned publishers, being recognized by authors and critics of that time as a publisher concerned with contribute to the disclosure of critical and scientific thinking.

Keywords: Alfa-Omega Publisher. Literary Production. Censorship.

## RÉSUMÉ

SOUZA, Gustavo Orsolon de. *L'éditeur Alfa-Omega: la production littéraire à l'époque de la censure (1973-1984)*. 2022. 224 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

Cette thèse a pour objectif essentiel l'analyse des premières années de fonctionnement de l'édition Alfa-Omega mettant en évidence particulièrement la question de sa production littéraire ainsi que quelques aspects biographiques des éditeurs. Inaugurée à São Paulo en 1973, par le couple Fernando Mangarielo et Claudete Machado Mangarielo, l'édition publie en un peu plus d'une dizaine d'années cent quarante trois titres, la plus grande partie ayant trait aux sciences humaines. Les éditeurs, attachés à la pensée *uspiana*, offrent au grand public des oeuvres significatives qui réfléchissent sur la situation politique, économique et sociale du Brésil, à une époque marquée par la censure du régime civil-militaire. Considérée comme une édition d'opposition, l'Alfa-Omega rapporte dans son catalogue des classiques du marxisme, ainsi que des livres qui représentent une époque, comme par exemple, l'île: un journaliste-reporter brésilien au pays de Fidel Castro, de Fernando Morais, en 1976, qui est devenu ensuite son *best-seller*, et une collection intéressante au point de vue politique, intitulée Histoire Imédiate, entre 1978 et 1979, en format de revue, avec des thèmes tendancieux et censurés, comme par exemple, la Guerrilha do Araguaia. Avec un catalogue conséquent et prometteur, l'Alfa-Omega obtient, dès le début de ses activités, une place sur le marché du livre, au côté d'éditions importantes et renommées, étant reconnue par des auteurs et la critique de l'époque comme une maison attachée à contribuer à la divulgation de la pensée critique et scientifique.

Mots-clés: Éditeur Alfa-Omega. Production Littéraire. La Censure

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Casamento de Fernando e Claudete .....	52
Figura 2 –	Fachada da Sede da Editora .....	69
Figura 3 –	Livro <i>a Ideia Republicana</i> , de 1973 .....	76
Figura 4 –	Livro <i>A Ilha</i> , de 1976 .....	80
Figura 5 –	Livro <i>Em Câmera Lenta</i> , de 1977 .....	83
Figura 6 –	Capa do <i>Informativo da Alfa-Omega</i> , 1984 .....	86
Figura 7 –	Livro <i>4 Cantos de Pavor...</i> , de 1973 .....	114
Figura 8 –	Livro <i>Não Passarás o Jordão</i> , de 1977 .....	122
Figura 9 –	Livro <i>A Sangue Quente</i> , de 1978 .....	126
Figura 10 –	Capas da Coleção História Imediata, 1978-1979 .....	151
Figura 11 –	Contracapas da Coleção História Imediata, 1978-1979 .....	155

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC paulista	Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul
ABI	Associação Brasileira de Imprensa
AI-5	Ato Institucional nº 5
ANL	Ação Libertadora Nacional
APML	Ação Popular Marxista Leninista
CENIMAR	Centro de Informação da Marinha
CISA	Centro de Informação da Aeronáutica
COLTED	Comissão Nacional do Livro Técnico e Didático
CRUSP	Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo
DCPD	Departamento de Censura e Diversões Públicas
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
DNI	Departamento Nacional de Informações
DOI-CODI	Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
EDAGLIT	Editora Agência Literária
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo
FFCL	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
FKB	Fundação Karnig Bazarian
GEIL	Grupo Executivo da Indústria do Livro
GEIPAG	Grupo Executivo da Indústria de Papel e Artes Gráficas
JUCESP	Junta Comercial do Estado de São Paulo

LSN	Lei de Segurança Nacional
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação
MJ	Ministério da Justiça
MNR	Movimento Nacionalista Revolucionário
Mobral	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MPB	Música Popular Brasileira
MR8	Movimento Revolucionário 8 de Outubro
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PIB	Produto Interno Bruto
POLOP	Organização Política Operária
SCDP	Serviço de Censura de Diversões Públicas
SFICI	Serviço Federal de Informações e Contrainformações
SNEL	Sindicado de Editores de Livros
SNI	Serviço Nacional de Informações
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRuralRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USAID	<i>United States Agency for International Developmet</i>

USP      Universidade de São Paulo

VPR      Vanguarda Popular Revolucionária

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
1	<b>O MERCADO DE LIVROS E A CRIAÇÃO DA ALFA-OMEGA</b> .....	38
1.1	<b>O mercado de livros no Brasil: breves considerações</b> .....	40
1.2	<b>Um panorama sobre a trajetória dos editores</b> .....	47
1.3	<b>Os editores e a ligação com a intelectualidade</b> .....	53
1.4	<b>A inauguração da Alfa-Omega</b> .....	60
2	<b>A PRODUÇÃO LITERÁRIA ATRAVÉS DO CATÁLOGO</b> .....	70
2.1	<b>O perfil editorial nos primeiros anos de funcionamento</b> .....	77
2.2	<i>A Ilha e Em Câmera Lenta: um breve destaque</i> .....	78
2.3	<b>O catálogo de 1984</b> .....	85
2.4	<b>Os intelectuais editores: em defesa do autor nacional</b> .....	94
3	<b>OS EDITORES, OS AUTORES E A CENSURA</b> .....	103
3.1	<b>A repressão está formada</b> .....	104
3.2	<b>Os livros da Alfa-Omega e a censura</b> .....	112
3.3	<b>Os editores em tempos sombrios</b> .....	128
4	<b>A COLEÇÃO HISTÓRIA IMEDIATA</b> .....	135
4.1	<b>História Imediata: uma coleção do agora</b> .....	137
4.2	<b>Um contexto de transformação político-social</b> .....	139
4.3	<b>Lançamento e recepção</b> .....	142
4.4	<b>A coleção na mira dos órgãos repressivos</b> .....	147
4.5	<b>A apresentação da coleção: uma leitura além da obra</b> .....	150
4.5.1	<u>As capas da coleção</u> .....	150

4.5.2	<u>As contracapas da coleção</u> .....	154
4.5.3	<u>Os textos introdutórios da coleção: outra perspectiva de leitura</u> .....	157
4.6	<i>A Guerrilha do Araguaia e A Greve na Voz dos Trabalhadores: breve análise</i> .....	162
4.7	<b>O término da coleção</b> .....	181
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	185
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	190
	<b>ANEXO A</b> – Catálogo da editora entre os anos de 1973 e 1976 .....	211
	<b>ANEXO B</b> – Catálogo da editora do ano de 1984.....	213
	<b>ANEXO C</b> – Catálogo da editora do ano de 2021.....	221

## INTRODUÇÃO

“Pensar sobre textos, edição, produção de livros, seu fazer, seu universo e alcance é estar abrindo novas pistas, num campo que se vai fazendo cada vez mais legítimo, nos estudos contemporâneos (...)”.

*Jerusa Pires Ferreira*<sup>1</sup>

A epígrafe que abre esta introdução mostra o quanto estudar o universo dos livros é importante para se pensar “novos caminhos”. A contribuição da socióloga Jerusa Pires Ferreira está inserida na obra *Livros, Editoras & Projetos*, publicado em 1997, tendo uma terceira edição publicada em 2007, sob a organização de Plínio Martins Filho. A pesquisadora ainda ressalta em sua observação que embora tenham sido criados novos espaços de estudos sobre o livro nas universidades, ainda existe a falta de uma bibliografia específica e “consistente” sobre os “aspectos editoriais” no Brasil.<sup>2</sup>

Concordamos com Jerusa Ferreira, e percebemos que nos dias de hoje essa carência de uma bibliografia mais específica ainda permanece. Sem dúvida, houve uma mudança nas duas últimas décadas, com a publicação de importantes trabalhos dedicados à temática. Porém, ainda estamos longe de alcançar um quadro mais amplo e robusto sobre a história do livro e das editoras no Brasil.

A intenção nesse primeiro momento de introdução da tese é mapear brevemente os estudos sobre as editoras brasileiras. Através da construção do estado da arte, a ideia é observar como o tema vem sendo trabalhado e analisado, destacando os recortes dos autores e as áreas do saber. A busca – concentrada em palavras-chaves como: “história editorial”, “mercado editorial” e “editoras de esquerda” – tem a intenção de localizar esses estudos e criar um desenho provisório. Optamos por apresentar tais estudos seguindo uma ordem cronológica do ano de publicação, de modo a compreender e visualizar melhor o crescimento e o desenvolvimento do tema ao longo dos anos.

---

<sup>1</sup> FERREIRA, Jerusa Pires. A Proposta. In: FILHO, Plínio Martins (org.). *Livros, Editoras & Projetos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997. p. 11.

<sup>2</sup> Idem. p. 19.

Mesmo não sendo nossa pretensão fazer um mapeamento exaustivo e detalhado, acreditamos que este estado da arte é suficiente para perceber a importância que as editoras tiveram – e ainda têm – nos debates políticos e sociais do Brasil; e situar a relativa escassez de estudos voltados para essa temática e, em especial, para a história da editora paulista Alfa-Omega. Tal editora, criada em 1973, por Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo, é responsável pela edição de importantes títulos que fazem parte das principais discussões políticas do Brasil, em um período marcado pela censura do regime militar.

A área da história editorial ainda é um campo relativamente novo entre os pesquisadores. Sem dúvida, um nome importante que se dedica à temática, é o do inglês Laurence Hallewell, com o seu clássico trabalho *O Livro no Brasil – sua história*<sup>3</sup>, resultado de sua tese de doutorado, defendida em 1975, na Universidade de Essex na Inglaterra.

Laurence Hallewell tem um trabalho bem cuidadoso e utiliza mais de seiscentas páginas para dar conta da indústria editorial, no Brasil. O que nos chama atenção em sua pesquisa é o destaque para Monteiro Lobato, um nome de prestígio no mercado editorial nas primeiras décadas do século XX. Segundo Hallewell, Monteiro Lobato, após vender sua fazenda de café em Taubaté, muda-se para São Paulo e, com parte do dinheiro da venda da fazenda, investe na publicação do seu livro *Saci Pererê: resultado de um inquérito*. Impresso na gráfica do *O Estado de São Paulo*, em 1918, o livro reúne relatos de pessoas sobre a história de Saci Pererê. Esse livro, na avaliação de Hallewell, é muito bem aceito, tendo suas duas primeiras edições esgotadas rapidamente.<sup>4</sup>

Consideramos o estudo de Hallewell um guia importante e fundamental para os pesquisadores que têm a história editorial e a produção literária no Brasil como objeto de estudo sendo, portanto, intensamente utilizado nesta tese. Enquanto Hallewell traz uma visão ampla sobre as editoras do Brasil, o historiador Edgard Carone afunila sua análise, privilegiando as editoras marxistas. Com o título *O Marxismo no Brasil (das origens a 1964)*, o livro de Carone, publicado em 1986, traz a difusão de obras marxistas impressas no exterior e no Brasil, sendo como Hallewell outro nome importante na historiografia.<sup>5</sup>

Com um título que, a princípio, não remete a questão da história editorial, consideramos o livro de Carone o primeiro grande trabalho sobre publicações e editoras de esquerda no Brasil. A originalidade de seu trabalho está em destacar como a doutrina de Karl Marx e Friedrich Engels se desenvolve em solo brasileiro. O historiador lembra que até a

---

<sup>3</sup> HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil – sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985.

<sup>4</sup> Idem. p. 237-241.

<sup>5</sup> CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. p. 59.

Revolução Russa (1917), as ideias marxistas pouco circulam pelo país. A partir da década de 1920, esse quadro muda. Porém, os traços mais intensos são vistos no início de 1930 com a presença de importantes obras políticas de nomes como: Lênine, Losovski, Max Beer, Marx, Engels e outros.<sup>6</sup>

Junto a essas publicações, Carone destaca também as editoras que são criadas nesta época, como, por exemplo, a Calvino Filho Editor (1931), no Rio de Janeiro; e a Unitas (1932), em São Paulo. Com a censura do Estado Novo, em 1937, essas e outras editoras são proibidas de avançar com suas publicações. Entretanto, a partir de 1942, as publicações de esquerda voltam a recuperar folêgo e novas editoras marxistas ganham espaço no mercado de livros, como, a Companhia Editora Leitura (1942) e a Editorial Vitória (1944), ambas com sede no Rio de Janeiro e vinculadas ao Partido Comunista Brasileiro (PCB).<sup>7</sup>

Merece destaque no livro de Carone, o levantamento bibliográfico das obras marxistas editadas no Brasil. O autor constrói um levantamento bem organizado e completo na última parte do seu trabalho, e divide essa bibliografia em três temas: “Teoria”, “Assuntos Vários” e “Literatura Proletária”.<sup>8</sup> Além desse rico levantamento, os apêndices trazem um mapeamento por ano de edição e por editoras. Esse desenho final, proposto por Carone, traz uma ideia clara do desenvolvimento da temática marxista no Brasil e das principais editoras em atuação.

Depois dos trabalhos de Hallewell e de Carone que marcam, respectivamente, as décadas de 1970 e 1980, chegamos aos anos de 1990. Para sermos mais precisos no ano de 1996, quando é publicada a tese, na área de Sociologia, de Luiz Renato Vieira, intitulada “*Consagrados e Malditos: os intelectuais e a Civilização Brasileira*”<sup>9</sup>. Não conseguimos ter acesso à tese, mas a mesma é transformada em livro dois anos depois, em 1998, mantendo o mesmo título.

O autor tem como objetivo central examinar o processo de formação da Editora Civilização Brasileira que, segundo ele, é um dos mais importantes centros da prática intelectual no Rio de Janeiro entre as décadas de 1950 e 1960.<sup>10</sup> Vieira concentra sua análise entre os anos de 1964 – período inicial do regime militar – até o ano de 1968 – data da instalação do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Nesse contexto, o autor busca analisar a “atuação

---

<sup>6</sup> CARONE, Edgard, op. cit. p. 66.

<sup>7</sup> Idem. p. 67 e 69.

<sup>8</sup> Idem. p. 81-181.

<sup>9</sup> VIEIRA, Luiz Renato. *Consagrados e Malditos: os intelectuais e a editora Civilização Brasileira*. Tese de Doutorado em Sociologia. Brasília – DF: Universidade de Brasília – UnB, 1996.

<sup>10</sup> VIEIRA, Luiz Renato. *Consagrados e Malditos: os intelectuais e a editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus Editora. p.15.

política”; a “inserção no campo cultural”; e o “discurso produzido por um grupo de intelectuais que teve como referência institucional a Editora Civilização Brasileira”.<sup>11</sup>

Além do relato de um grupo de intelectuais, o estudo de Vieira também busca construir parte da trajetória de alguns intelectuais bastante representativos para época. Assim, o autor reserva um espaço para a biografia de Ênio Silveira, diretor e proprietário da Civilização Brasileira, valorizando a sua história de vida.<sup>12</sup>

Um ano depois da publicação de Vieira, outra tese na área de Sociologia vem somar ao debate da história editorial. O trabalho de Maria Celeste Mira, intitulado *O Leitor e a Banca de Revistas: o caso da editora Abril*<sup>13</sup>. A intenção do estudo de Mira é verificar a trajetória das revistas no Brasil do período que vai do século XIX até a década de 1950, e destacar a importância da editora Abril neste segmento.

Criada em 1950 por Victor Civita, a editora Abril é “responsável pela consolidação no mercado brasileiro de quase todos os modelos de revistas mundializados”.<sup>14</sup> Embora com um olhar voltado para as revistas, destacando suas relações com os leitores e observando as fronteiras de “gênero”, de “geração” e de “classe social”, a pesquisadora se debruça também sobre o departamento de documentação da própria editora, o que é fundamental para conhecer mais de perto a sua história.<sup>15</sup>

Em 1998, a historiografia é brindada com outro trabalho acadêmico: a tese na área de Antropologia do argentino Gustavo Alejandro Sorá. Não tivemos acesso a sua tese, intitulada *Brasilianas. A Casa José Olympio e a Instituição do Livro Nacional*<sup>16</sup>. Mas assim como ocorre com Vieira, o estudo de Sorá também é transformado em livro, sendo editado em 2010 com o título: *Brasilianas. José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro*.<sup>17</sup>

O objetivo de Sorá no livro é “compreender a posição de José Olympio e de sua editora nas malhas sociais e profissionais que o envolveram como pessoa e empresa cultural diferenciadas”.<sup>18</sup> Sua intenção é não somente conhecer a história da editora José Olympio, mas também trazer a figura do editor como “protagonista da organização da cultura escrita no

<sup>11</sup> VIEIRA, Luiz Renato, op. cit., p. 15.

<sup>12</sup> Idem. Ibidem.

<sup>13</sup> MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a Banca de Revistas: o caso da editora Abril*. Tese de Doutorado em Sociologia. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1997.

<sup>14</sup> Idem. p. 03.

<sup>15</sup> Idem. p. 06 e 08.

<sup>16</sup> SORÁ, Gustavo Alejandro. *Brasilianas. A Casa José Olympio e a Instituição do Livro Nacional*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro – RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 1998.

<sup>17</sup> SORÁ, Gustavo Alejandro. *Brasilianas: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010.

<sup>18</sup> Idem. p. 11.

Brasil”.<sup>19</sup> Assim como no trabalho de Vieira, vemos aqui também o cuidado do pesquisador com a figura do editor. O que sugere que para construir a história de qualquer editora é fundamental uma atenção especial à figura deste personagem.

Após esses três trabalhos acadêmicos que marcam a década de 1990, chegamos aos anos 2000. E o que tudo indica é que nessa época ocorre o *boom* no crescimento de estudos voltados para essa temática. Ao todo são localizados dezessete trabalhos, publicados entre os anos de 2001 a 2018. Esse número não retrata um resultado real e preciso de todos os estudos voltados para a história editorial. Mesmo assim, é um número expressivo para as últimas duas décadas e proporciona uma boa reflexão para esta tese.

No ano de 2001 destaca-se, por exemplo, a dissertação na área de Comunicação e Informação intitulada *Do Claustro à Universidade: as estratégias editoriais da Editora Vozes na Gestão do Frei Ludovico Gomes de Castro (1964-1986)*<sup>20</sup>, de autoria de Marcelo Ferreira de Andrades. O autor visa analisar as mudanças editoriais entre os anos de 1964 a 1986 na Editora Vozes, de Petrópolis. Nesse sentido, Andrades identifica as orientações e as opções editoriais da instituição, de forma a observar as estratégias mercadológicas dos editores.<sup>21</sup>

É também um dos objetivos dele mapear as redes de sociabilidades tecidas entre autores, editores e participantes do processo editorial. Todo o esforço do autor contribui para mostrar que, durante o regime militar, a Editora Vozes, ao lado da Editora Civilização Brasileira, é uma das “poucas vozes de denúncia e resistência”.<sup>22</sup>

Em linhas gerais, o trabalho investiga “as mudanças de rumo na política editorial da Editora Vozes durante a gestão de Frei Ludovico Gomes Castro”, Diretor Geral da instituição, entre os anos de 1964 e 1986. Nesse período, o autor mostra “a ruptura que há com a orientação editorial das gestões anteriores, que publicavam obras predominantemente católicas”. A Editora Vozes passa, assim, “a investir em obras destinadas ao público universitário”.<sup>23</sup>

Após o trabalho de Andrades, observa-se um espaço de quatro anos até a publicação do trabalho de Ana Sofia Mariz, na área de Design, em 2005. A pesquisadora tem como objeto de investigação a Civilização Brasileira. Enquanto Vieira parte de um olhar antropológico para a editora, o trabalho de Mariz se destaca por trazer outra abordagem, uma

---

<sup>19</sup> SORÁ, Gustavo Alejandro, op. cit., p. 11.

<sup>20</sup> ANDRADES, Marcelo Ferreira de. *Do Claustro à Universidade: as estratégias editoriais da Editora Vozes na gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro (1964-1986)*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2001.

<sup>21</sup> Idem. p. 13.

<sup>22</sup> Idem. p. 14 e 18.

<sup>23</sup> Idem. p. 08.

análise a partir do visual. A dissertação intitulada *Editora Civilização Brasileira: o design gráfico de um projeto editorial (1959-1970)*<sup>24</sup> tem como tema central a análise do design gráfico dos livros publicados pela editora no período que vai de 1959 até 1970, considerado, pela autora, como um momento em que a casa mais se destaca no mercado editorial.

Mariz busca, então, evidenciar a “identidade visual” através do que encontra nas capas, nas diagramações, nos miolos e nas lombadas.<sup>25</sup> Porém, seu estudo não fica restrito apenas às observações visuais. A pesquisadora também investe sua atenção na trajetória do próprio editor, Ênio Silveira, e destaca a “sua origem, formação, suas ideias e, especialmente a trajetória que o leva à direção da editora no Rio de Janeiro”.<sup>26</sup>

O ano seguinte, 2006, se apresenta como sendo um período bem fértil para estudos com temáticas editoriais. São localizados neste ano três trabalhos: dois na área de História e um na área de Literatura Comparada. O primeiro é a dissertação do historiador Flamarion Maués, intitulada *Editoras de Oposição no Período de Abertura (1974-1985): negócio e política*<sup>27</sup>. Assim como ocorre com os trabalhos de Vieira e Sorá, a pesquisa de Maués ganha o formato de livro, em 2013, com o título: *Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil (1974-1984)*<sup>28</sup>. Partindo da ideia inserida no livro, Maués analisa três casas editoriais paulistas – Livraria e Editora Ciências Humanas; Kairós Livraria e Editora; Livraria Brasil Debates – fundadas na década de 1970 e que se destacam com publicações de oposição ao governo militar. De acordo com o autor, seu trabalho se debruça:

(...) sobre as casas editoriais responsáveis pela publicação dos livros de oposição, pois entendo que elas, como empresas, representam a reunião das atividades intelectuais, editoriais, gráficas, empresariais, industriais e comerciais que transformam um texto em livro, permitindo que ideias atinjam, por meio desse suporte material concreto, um certo público e tornem-se, assim, elementos ativos em um processo de atuação e participação social e política.<sup>29</sup>

Para dar conta de tal objetivo, o pesquisador analisa a fundo a trajetória de cada uma delas, desde o momento em que são criadas até o final de suas atividades. Para além disso, o autor procura examinar as relações políticas dessas empresas como sua organização

<sup>24</sup> MARIZ, Ana Sofia. *Editora Civilização Brasileira: o design gráfico de um projeto editorial (1959-1970)*. Dissertação de Mestrado em Design. Rio de Janeiro – RJ: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC – Rio, 2005.

<sup>25</sup> Idem. p. 11.

<sup>26</sup> Idem. p. 13.

<sup>27</sup> MAUÉS, Flamarion. *Editoras de Oposição no Período de Abertura (1974-1985): negócio e política*. Dissertação de Mestrado em História Econômica. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2006.

<sup>28</sup> MAUÉS, Flamarion. *Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

<sup>29</sup> Idem. p. 16.

empresarial, pois acredita, dessa forma, atingir três pontos importantes: um “diagnóstico empresarial”; um conhecimento geral da “produção”; e por fim, uma análise do “resultado da atuação dessas editoras”.<sup>30</sup>

Ainda na área da História, o segundo trabalho do ano 2006 é o de Fábio Franzini, intitulado *À Sombra das Palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*<sup>31</sup>. Nele, o autor analisa a *Coleção Documentos Brasileiros* da Editora José Olympio. O foco é a coleção em questão, mas o pesquisador dedica também parte de sua atenção à criação da empresa e à importância da José Olympio dentro do cenário editorial da época.

A proposta de Franzini é “reconstruir os caminhos que viabilizaram e difundiram, materialmente, as novas interpretações historiográficas sobre o Brasil surgidas a partir da crucial década de 1930 até meados dos anos de 1950”. Para o pesquisador, o movimento exerce “importante papel na divulgação do conhecimento histórico para além do restrito círculo do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro” e também das recém-criadas “Faculdades de Filosofia” de São Paulo.<sup>32</sup>

José Olympio, o editor, na avaliação de Franzini, possui uma postura liberal para época, sendo um dos principais nomes do “novo e crítico romance social” que surge no cenário intelectual daquele momento. Durante a ditadura do Estado Novo, José Olympio chega a apoiar e conceder “guarida profissional” a autores de esquerda que estão sendo perseguidos como, por exemplo, Jorge Amado e Graciliano Ramos.<sup>33</sup>

A trajetória da editora José Olympio, como mencionada anteriormente, é analisada pelo antropólogo Gustavo Sorá, no ano de 1998. Vale ressaltar que Franzini tem como uma de suas referências a tese do antropólogo. Diferente de Sorá, que busca observar a posição do editor no contexto social e profissional, o trabalho de Franzini se torna também inédito e original na medida em que analisa a editora a partir de uma coleção.

Descortinando ainda esse ano próspero de estudos sobre questões editoriais e sobre a produção literária, destaca-se também o trabalho do pesquisador Teodoro Koracakis, intitulado *A Companhia e as Letras: um estudo sobre o papel do editor na literatura*<sup>34</sup>, sendo

<sup>30</sup> MAUÉS, Flamarion, op. cit., p. 17-18.

<sup>31</sup> FRANZINI, Fábio. *À Sombra das Palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2006.

<sup>32</sup> Idem. p. 12-13.

<sup>33</sup> Idem. p. 180.

<sup>34</sup> KORACAKIS, Teodoro. *A Companhia e as Letras: um estudo sobre o papel do editor na literatura*. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Rio de Janeiro – RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2006.

este o terceiro estudo que marca a lista de 2006. Koracakis analisa a formação da editora Companhia das Letras, e verifica a importância de seu editor, Luiz Schwarcz. Para o autor, a “figura do editor” é fundamental para entender a história editorial, que costuma ficar pouco “iluminada” nos estudos que tem como foco a produção intelectual.<sup>35</sup>

Nessa tese percebe-se o esforço do pesquisador em focar a sua análise em alguns catálogos da editora em seus vinte anos de funcionamento, servindo como uma espécie de “guia” para entender as ações da instituição. Outro ponto bastante interessante no trabalho de Koracakis são as entrevistas com Luiz Schwarcz, que contribuem para verificar como o editor participa das atividades editoriais.<sup>36</sup>

No ano de 2007, o destaque é a tese de Paula Viviane Ramos, na área de Artes Visuais, intitulada *Artistas Ilustradores: a editora Globo e a constituição de uma visualidade moderna pela ilustração*<sup>37</sup>. Ramos analisa a trajetória e a produção de três importantes ilustradores da casa: João Fahrion, Edgar Koetz e Nelson Boeira Faedrich.<sup>38</sup> Esse trabalho vem como um desdobramento de sua dissertação de mestrado, publicada em 2002, intitulada *A Experiência da Modernidade na Seção de Desenho da Editora Globo: Revista do Globo (1929-1939)*<sup>39</sup>, também dedicada à mesma editora.

Não é localizada a sua dissertação, o que ajudaria a entender com mais detalhes a trajetória de estudos da pesquisadora em relação à editora. Mas a tese já traz boas reflexões. Além de destacar os três artistas, observando as características de cada um e os padrões adotados nas capas de algumas coleções de livros, Ramos também dedica sua atenção à história da própria editora, e destaca o “seu investimento no ramo de revistas e livros” engrossando, dessa forma, o debate sobre as editoras brasileiras.<sup>40</sup>

Enquanto Ramos tem um olhar a partir das Artes Visuais, Karina Ribeiro Batista propôs outro ângulo de visão, e analisa a editora Globo através da Literatura. No ano de 2008, é publicada a sua tese intitulada *A Trajetória da Editora Globo e sua Inserção no Campo*

---

<sup>35</sup> KORACAKIS, Teodoro, op. cit., p. 05.

<sup>36</sup> Idem. p. 39.

<sup>37</sup> RAMOS, Paula Viviane. *Artistas Ilustradores: a editora Globo e a constituição de uma visualidade moderna pela ilustração*. Tese de Doutorado em Artes Visuais. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2007.

<sup>38</sup> Idem. p. 15.

<sup>39</sup> RAMOS, Paula Viviane. *A Experiência da Modernidade na Seção de Desenho da Editora Globo: Revista do Globo (1929-1939)*. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2002.

<sup>40</sup> RAMOS, Paula Viviane. *Artistas Ilustradores...*, op. cit., p. 14.

*Literário Brasileiro nas Décadas de 1930 e 1940*<sup>41</sup>. Batista verifica a importância e a contribuição da editora Globo no mercado de livros no Brasil, através de reflexões que vão desde a trajetória dos responsáveis pela empresa – José Bertaso, Mansueto Bernardi, Henrique Bertaso e Erico Veríssimo – até as características do perfil editorial.<sup>42</sup>

Partindo do conceito de campo de Pierre Bourdieu, a pesquisadora observa o processo de transformação da Livraria do Globo até a consolidação em editora. Seu investimento começa com uma análise da movimentação do cenário editorial entre os séculos XIX e XX. Em seguida, lança mão de um olhar cuidadoso para observar as relações tecidas entre os editores, desde o momento em que ainda funciona como uma livraria. As correspondências, por exemplo, de Erico Veríssimo, ganham um capítulo a parte. Através delas, Batista verifica os contatos do editor com os autores e tradutores, de modo a compreender e contextualizar a editora no mercado editorial brasileiro.<sup>43</sup>

No ano seguinte, em 2009, a editora Civilização Brasileira mais uma vez ganha destaque em um estudo acadêmico. Entretanto, neste trabalho, a abordagem é comparativa com outra grande e renomada editora: a Brasiliense. A tese da historiadora Andréa Lemos Xavier Galucio, intitulada *Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias intelectuais, empresários e militância política*<sup>44</sup>, analisa a trajetória das duas editoras, dando destaque para o período do regime militar.

Galucio procura entender como são “construídas as condições da produção editorial da Civilização Brasileira e da Brasiliense uma vez que seus projetos editoriais representam, ao longo da história, oposição ao projeto hegemônico do governo”.<sup>45</sup> O que Galucio investiga, portanto, é a linha de publicação dessas editoras, com engajamento de oposição ao pensamento conservador do Brasil. Sua intenção, portanto, é “compreender como essas editoras foram capazes de contribuir para a elaboração de visões críticas do mundo em certos meios sociais”.<sup>46</sup>

É importante enfatizar que o trabalho de Galucio se diferencia de Luiz Renato Vieira e de Ana Sofia Mariz, também dedicado à Civilização Brasileira, em dois pontos. O primeiro

---

<sup>41</sup> BATISTA, Karina Ribeiro. *A Trajetória da Editora Globo e sua Inserção no Campo Literário Brasileiro nas Décadas de 1930 e 1940*. Tese de Doutorado em Teoria da Literatura. Porto Alegre – RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS, 2008.

<sup>42</sup> Idem. p. 12-13.

<sup>43</sup> Idem. p. 15 e 216.

<sup>44</sup> GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. *Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias intelectuais, empresários e militância política*. Tese de Doutorado em História. Niterói – RJ: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2009.

<sup>45</sup> Idem. p. 13.

<sup>46</sup> Idem. Ibidem.

deles é que além da Civilização Brasileira, a pesquisadora analisa também a trajetória da Brasiliense. O segundo ponto é que Galucio faz uma análise comparativa entre as duas editoras, e observa suas “ações no campo editorial brasileiro”.<sup>47</sup>

No ano de 2009, outra referência é a dissertação de Gabriel Costa Labanca intitulada *Dos Anos Dourados às Edições de Ouro: a Tecnoprint e o livro de bolso no Brasil (1939-1970)*<sup>48</sup>. A proposta de Labanca é explorar a trajetória da editora Tecnoprint desde sua criação, em 1939, até a sua consolidação como maior casa de livros de bolso do Brasil, na década 1970. Dentro deste contexto, o autor procura observar como a editora inicia seu processo de produção, “importando, traduzindo e publicando grossos volumes acadêmicos”, com “brochuras baratas de pequeno formato com todo o tipo de texto para qual existisse um leitor interessado”.<sup>49</sup>

Percorrendo mais de trinta anos, o trabalho cuidadoso de Labanca apresenta as diversas fases da editora até se consolidar como uma grande empresa. Sem qualquer tipo de julgamento das obras publicadas pela editora, o autor visa “entender a ampla circulação daquelas obras que constituíram a cultura literária brasileira entre as décadas de 1940 e 1970”.<sup>50</sup>

Ainda nesta primeira década do ano 2000 destaca-se também a tese de Luciana Lombardo Costa Pereira, intitulada *A Lista Negra dos Livros Vermelhos: uma análise etnográfica dos livros apreendidos pela polícia no Rio de Janeiro*<sup>51</sup>, publicada em 2010. A originalidade deste estudo está na sensibilidade de Pereira em analisar, através do viés antropológico, alguns livros apreendidos pelo DOPS/RJ durante o período da ditadura militar, fazendo uma associação desses livros com a repressão feita pela polícia aos editores e às editoras.

Dentre as editoras de oposição estudadas por Pereira destacam-se: Editora Vitória, Civilização Brasileira, Paz e Terra e Zahar Editores. Além dos livros considerados subversivos e apreendidos pela censura, a pesquisadora faz uso também de uma documentação produzida, na época, pela polícia em relação aos editores investigados. Em seus questionamentos, Luciana Pereira procura responder perguntas como: “quais os livros

---

<sup>47</sup> GALUCIO, Andréa Lemos Xavier, op. cit., p. 13.

<sup>48</sup> LABANCA, Gabriel Costa. *Dos Anos Dourados às Edições de Ouro: a Tecnoprint e o livro de bolso no Brasil (1939-1970)*. Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro – RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2009.

<sup>49</sup> Idem. p. 06 e 11.

<sup>50</sup> Idem. p. 12.

<sup>51</sup> PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. *A Lista Negra dos Livros Vermelhos: uma análise etnográfica dos livros apreendidos pela polícia política no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro – RJ: Museu Nacional/UFRJ, 2010.

reunidos? Quem eram seus autores? Por que foram arquivados e não destruídos? Como era a prática das operações de busca e apreensão de livros?”.<sup>52</sup>

Assim como o trabalho de Pereira, a tese da historiadora Michele Rosa também privilegia editoras de esquerda. Publicada um ano depois, em 2011, com o título *Esquerdisticamente Afinados: os intelectuais, os livros e as revistas das editoras Civilização Brasileira e Paz e Terra (1964-1969)*<sup>53</sup>, o trabalho é outra grande contribuição para o universo da história editorial. Tendo como cenário o período do regime militar, a pesquisadora analisa a oposição ao autoritarismo que é protagonizado pelas editoras Civilização Brasileira e Paz e Terra, e de suas revistas *Civilização Brasileira*, a *Política Externa Independente* e a *Paz e Terra*.

Duas questões principais guiam o estudo de Rosa. A primeira questão é conhecer quem são os intelectuais e entender quais são suas propostas editoriais, no sentido de identificá-los com o projeto de oposição da Civilização Brasileira. Além disso, que estratégias são utilizadas pelas editoras para que a reflexão desses intelectuais possa atingir os leitores. A segunda questão levantada por Rosa é entender como as medidas de repressão adotadas pelo governo conseguem “desmobilizar” a Civilização Brasileira e, logo depois, a Paz e Terra.<sup>54</sup>

No ano seguinte, em 2012, temos a dissertação de Angela Maria Torres Di Stasio, intitulada *José Olympio: o homem e a editora – a construção discursiva da imagem do editor e da editora na memória social*<sup>55</sup>, mais um trabalho a somar com a historiografia sobre a editora José Olympio. Nesse estudo, vinculado à área de Memória Social, a pesquisadora busca “investigar os processos discursivos de produção de sentidos nos discursos sobre José Olympio e sobre a livraria-editora que contribuem para a construção da imagem do editor e da editora na memória social brasileira”.<sup>56</sup>

Como indicado anteriormente, a editora José Olympio é objeto de estudo em outras pesquisas, como, por exemplo, nas teses de Fábio Franzini e de Gustavo Sorá. O trabalho de Angela Di Stasio se diferencia dos dois e contribui para o debate na medida em que problematiza a imagem do editor e da editora a partir das produções discursivas, encontradas em textos jornalísticos preservados no arquivo da própria editora.

<sup>52</sup> PEREIRA, Luciana Lombardo Costa, op. cit., p. 17.

<sup>53</sup> ROSA, Michele Rossoni. *Esquerdisticamente Afinados: os intelectuais, os livros e as revistas das editoras Civilização Brasileira e Paz e Terra*. Tese de Doutorado em História. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2011.

<sup>54</sup> Idem. p. 13-14.

<sup>55</sup> STASIO, Angela Maria Torres Di. *José Olympio: o homem e a editora – a construção discursiva da imagem do editor e da editora na memória social*. Dissertação de Mestrado em Memória Social. Rio de Janeiro – RJ: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2012.

<sup>56</sup> Idem. p. 18.

Outro trabalho que ajuda a contar a história editorial e também a história política do Brasil é a tese de Maicon Vinícius da Silva Carrijo intitulada *Cientistas Sociais e Historiadores no Mercado Editorial do Brasil: a Coleção Estudos Brasileiros da editora Paz e Terra (1974-1987)*<sup>57</sup>, publicada em 2013. O historiador analisa a *Coleção Estudos Brasileiros* e a editora Paz e Terra – comandada na época por Fernando Gasparian – em “seu plano de análise”, em um momento em que o Brasil passa pela censura do regime militar.<sup>58</sup>

O interessante neste estudo é que Carrijo traz à luz “aspectos determinantes para a compreensão do campo de estudos sobre o Brasil, em especial pelo exame da circulação de um editor de oposição em meio às articulações de diversos grupos de gerações distintas”, para levar a validação de um “conjunto variado de importantes ideias sobre o país naqueles anos, inclusive as que vinham do exterior”.<sup>59</sup>

No ano seguinte, em 2014, o destaque é para a dissertação de Mateus Silva Noronha intitulada *Mercado em Revista: a estratégia da editora Abril para a segmentação do público masculino*<sup>60</sup>, outro estudo dedicado à editora Abril. A partir da área da Comunicação, o autor procura “identificar as estratégias de segmentação da editora Abril para o mercado masculino de revistas”.<sup>61</sup>

Diferente de Maria Celeste Mira que, em 1997, tem um recorte voltado para o setor de revistas da editora Abril, Silva opta por um recorte mais específico, e destaca apenas um determinado segmento: as publicações direcionadas ao público masculino, como, por exemplo, as revistas *Alfa*, *Men'sHealth*, *Vip* e *Playboy*. Mas assim como Mira, o pesquisador também procura entender a história da instituição. Enquanto Mira destaca a origem e os primeiros passos da editora, Silva enfatiza a posição da mesma no mercado de revistas no Brasil em pleno século XXI, e destaca que suas publicações, em 2009, representam, por exemplo, 70% do mercado de revistas semanais.<sup>62</sup>

Já em 2015, a dissertação de Danielle Rosa Paul intitulada *História em Catálogos: um estudo da política editorial da Zahar de 2001 a 2014*<sup>63</sup> traz a história da editora Zahar e suas

---

<sup>57</sup> CARRIJO, Maicon Vinícius da Silva. *Cientistas Sociais e Historiadores no Mercado Editorial do Brasil: a coleção Estudos Brasileiros da editora Paz e Terra (1974-1987)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2013.

<sup>58</sup> Idem. p. 21.

<sup>59</sup> Idem. Ibidem.

<sup>60</sup> NORONHA, Mateus Silva. *Mercado em Revista: a estratégia da editora Abril para a segmentação do público masculino*. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Teresina – PI: Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2014.

<sup>61</sup> Idem. p. 05.

<sup>62</sup> Idem. p. 56.

<sup>63</sup> PAUL, Danielle Rosa. *História em Catálogos: um estudo da política editorial da Zahar de 2001 a 2014*. Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro – RJ: Fundação Getúlio Vargas – FGV, 2015.

políticas editoriais. A Zahar, outra renomada editora brasileira, é estudada pela pesquisadora não somente a partir do início de sua trajetória, mas também dentro do contexto da atualidade, o que permite uma visão ampla da importância dessa casa no mercado de livros.

Essa costura entre os anos iniciais e os anos da atualidade não é o único ponto forte no trabalho de Paul. Ela procura também conhecer o perfil editorial. Para isso, o catálogo de 1985 é uma fonte chave para o seu estudo. Nessa época, a editora é comandada por Jorge Zahar e filhos. Com este catálogo, a pesquisadora observa as principais características nas publicações e faz uma comparação com os catálogos recentes, mais precisamente dos anos de 2001 a 2014. Tal esforço permite verificar as permanências e as mudanças em relação ao catálogo de 1985; assim como, conhecer as transformações ocorridas dentro do próprio período, ou seja, entre os anos de 2001 a 2014.<sup>64</sup>

Em 2016, a tese de Didier Dominique Cerqueira Dias de Moraes, intitulada *Uma Trajetória do Design do Livro Didático no Brasil: a Companhia Editora Nacional, 1926-1980*<sup>65</sup> traz uma investigação interessante dentro da área do Design Gráfico. O autor faz uma análise dos livros didáticos produzidos pela editora Cia Editora Nacional, criada em 1925, por Monteiro Lobato e Octalles Ferreira.

A intenção do autor é realizar uma análise que possa “produzir uma narrativa visual do livro didático” da editora “a partir da sucessão de períodos claramente definidos por características materiais e visuais dominantes”, e observar a importância do livro didático na “construção da memória individual e coletiva de um determinado período”.<sup>66</sup> Moraes não deixa de apresentar também, em um dos capítulos, a história da própria editora, e de destacar a fundação e a consolidação da mesma no mercado editorial brasileiro.

Em 2018, a historiografia é apresentada com mais um estudo sobre a Zahar. Desta vez, a tese de Fabiano Cataldo Azevedo, intitulada *Editar Livros, Sonho de Livrários: os Zahar e o livro no Brasil (1940-1970)*<sup>67</sup>. Nela, o historiador analisa as trajetórias da Livrarias Editoras Reunidas (LER) e da Zahar Editores, empresas comandadas pelos irmãos Jorge, Ernesto e Lucien Zahar. Para dar conta de sua proposta, Azevedo além de investigar parte da trajetória dos irmãos busca “compreender o cenário de circulação de livros para público universitário

---

<sup>64</sup> PAUL, Danielle Rosa, op. cit., p. 18-20.

<sup>65</sup> MORAES, Didier Dominique Dias de. *Uma Trajetória do Design do Livro Didático no Brasil: a Companhia Editora Nacional, 1926-1980*. Tese de Doutorado em Design e Arquitetura. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2016.

<sup>66</sup> Idem. p. 14.

<sup>67</sup> AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. *Editar Livros, Sonho de Livrários: os Zahar e o livro no Brasil (1940-1970)*. Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro – RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2018.

dentro do contexto da criação da Livraria Ler e da Zahar Editores”; e ainda “problematizar as estruturas” e também o “projeto editorial da Zahar ao longo de 1957-1970”.<sup>68</sup>

Um dos recortes feitos pelo autor concentra-se em dois períodos, o primeiro vai de 1957 até 1963, e o segundo de 1964 até 1970. A escolha do autor é para demonstrar que o golpe militar não influencia diretamente a produção da editora, embora alguns livros tenham sido alvo dos olhares apurados da censura, ficando na “lista das polícias políticas”.<sup>69</sup>

A investigação de Azevedo observa a editora em um momento em que o Brasil passa por uma situação política bastante delicada, marcada pela ditadura militar. O estudo de Danielli Rosa Paul, também dedicado a Zahar, três anos antes, observa a editora através de seus catálogos, e enfatiza a primeira década do século XXI. Sem dúvida, os trabalhos se complementam e contribuem para reflexões importantes sobre a editora Zahar e sobre a própria história política e editorial do Brasil.

Como salientado no início desta introdução, não é a intenção fazer um levantamento exaustivo das publicações que têm como temática a história editorial.<sup>70</sup> Mas algumas reflexões sobre esse mapeamento se fazem justas neste momento.

A primeira reflexão é a que mais chama atenção: as diversas áreas do saber interessadas pela temática. Isso mostra que a história editorial não deve ser entendida e estudada a partir de um único olhar, pelo contrário, é um tema vasto e que permite várias incursões. Portanto, verificam-se pesquisas não somente na área de História, como também nas áreas da: Sociologia, Antropologia, Comunicação, Literatura, Artes Visuais, Memória Social e Design/Arquitetura.

---

<sup>68</sup> AZEVEDO, Fabiano Cataldo de, op. cit., p. 22.

<sup>69</sup> Idem. p. 28.

<sup>70</sup> Vale ressaltar que alguns trabalhos acadêmicos sobre editoras universitárias são produzidos nos últimos anos. Por uma questão de recorte e devido aos limites da pesquisa, optamos em não destacá-los no mapeamento. Mas fica aqui o nosso registro de algumas dessas importantes contribuições. Cf. FILHO, Plínio Martins. *EDUSP – de Co-Editora a Editora: um projeto editorial*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 1991; NASCIMENTO, Carina Cristina do. *Editoras Universitárias e as Novas Oportunidades de Comunicação*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2009; PEREIRA, Francisca Sirleide. *Memória da Produção Editorial Científica da UDUFRN: 1962-1980*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. João Pessoa – PB: Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2012; HARFUCH, Carlos Alberto Cury. *Um Estudo sobre as Políticas Editoriais da Editora da Universidade Estadual de Londrina (EDUEL) e da Editora da Universidade Estadual de Maringá (EDUEM)*. Dissertação de Mestrado Profissional em Políticas Públicas. Maringá – PR: Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2014; SOARES, Denise Ribeiro. *Editora UFMG: avaliação de sua trajetória*. Dissertação de Mestrado Profissional em Administração. Pedro Leopoldo – MG: Fundação Pedro Leopoldo, 2016. Para além desses trabalhos, destacamos também o livro da pesquisadora e professora da Universidade Federal do Paraná, Leilah Santiago Bufrem, intitulado *Editoras Universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática*. O estudo cuidadoso de Bufrem destaca os antecedentes das editoras universitárias no Brasil, a fundação e a consolidação delas em plena década de 1980. Cf. BUFREM, Leilah Santiago. *Editoras Universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática*. São Paulo – SP: EDUSP: Com-Arte; Curitiba – PR: Editora da Universidade/UFPR, 2001.

O fato de percebermos que a história editorial não é um campo engessado, leva-nos à segunda reflexão: os recortes escolhidos pelos autores. Certamente, todos os trabalhos contam com objetos inéditos e originais. Alguns pesquisadores partem das publicações de revistas, de coleções e de livros para contar a sua história; outros optam pelos arquivos de documentação da própria instituição; e ainda tem aqueles que escolhem os elementos visuais, como as ilustrações, para construir o seu estudo sobre a editora.

A terceira reflexão acaba sendo um desdobramento da reflexão anterior: que editoras ganham estudos acadêmicos tão autênticos? De acordo com o levantamento realizado nesse item, são contempladas as editoras: Calvino Filho Editor, Unitas, Companhia Editora Leitura, Editorial Vitória, Civilização Brasileira, Abril, José Olympio, Vozes, Kairós, Ciências Humanas, Brasil Debates, Companhia das Letras, Editora Globo, Brasiliense, Vitória, Paz e Terra, Zahar e Companhia Editora Nacional. Aqui fica explícita a ideia da importância que as editoras têm dentro da história política do Brasil.

A quarta e última reflexão refere-se a uma figura muito importante: a do editor. Quando se trata de trabalhos voltados para a história editorial, o editor é uma peça chave. Percebe-se que em todos os trabalhos é dada uma atenção especial a sua trajetória. Isso porque, como afirma a historiadora Heloísa Pontes, para se conhecer a história editorial do Brasil é preciso conhecer, antes de tudo, a história dos editores.<sup>71</sup>

Resumidamente, o que impressiona observando esses estudos é como o olhar para as editoras pode ajudar a entender desde a repressão política até os modos de formação de um mercado editorial em meio a uma ditadura. Logicamente nem todos os pesquisadores têm como objeto de análise uma editora de oposição, mas vale lembrar uma reflexão do professor Moacir C. Lopes, que diz que as editoras têm como uma de suas funções “manter constante informação da soma de cultura do país”.<sup>72</sup> Portanto, acreditamos que mesmo aquelas editoras que não são consideradas de oposição estão de algum modo influenciadas pelo contexto político e cultural de sua época.

Por fim, é preciso registrar a carência de estudos sobre a temática editorial. Embora com uma produção bastante expressiva nas duas últimas décadas, existe ainda uma ausência de pesquisadores voltados para esse tipo de abordagem. Portanto, acreditamos que esta pesquisa se justifica por trazer mais uma contribuição para esse debate historiográfico. Ao

---

<sup>71</sup> PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “Coleção Brasileira” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989. p. 370.

<sup>72</sup> LOPES, Moacir Costa. *A Situação do Escritor e do Livro no Brasil*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978. p. 32.

trazer a história da Alfa-Omega, engrossaremos um pouco mais essas reflexões que envolvem política e casas editoriais.

A editora Alfa-Omega torna-se nosso objeto de pesquisa logo após a conclusão do mestrado, em 2013, realizado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ). A dissertação intitulada “*Rebeliões da Senzala*”: diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro, analisa a trajetória de Clóvis Moura até a publicação do seu primeiro livro, *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*, publicado em 1959, pela editora paulista Edições Zumbi.<sup>73</sup>

Existe uma história sobre o processo de produção do livro de Moura, que depois de pronto, fica guardado por aproximadamente sete anos. Toda essa história é investigada e narrada na dissertação. Entretanto, em 1959, depois de ter recebido a recusa da publicação por algumas editoras famosas, o livro de Moura é publicado pela pequena editora Edições Zumbi.

Neste momento, o interesse parte para tentar localizar e conhecer a editora Edições Zumbi, responsável pela publicação de dezesseis livros, dentre eles: *10 Dias que Abalaram o Mundo*, do jornalista e ativista norte-americano John Reed – publicado em 1958 – que trata dos acontecimentos da Revolução Russa de 1917; e *A Locomotiva*, do jornalista paulista Afonso Schmidt – publicado em 1959 – que trata da Revolução Constitucionalista de 1932. Depois de um caminho longo de pesquisa e contatos, é encontrado um dos fundadores, o Sr. Emiliano Daspett, que concede, na época, uma entrevista. É nesta busca incansável pela editora do livro de Moura que surge o interesse pela história editorial.

Nas leituras realizadas para a construção da dissertação, uma obra, em especial, nos chama bastante atenção: *Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*, de Flamarion Maués, publicado em 2013.<sup>74</sup> O livro, como mencionado no item anterior, analisa três casas editoriais, criadas na década de 1970: Livraria e Editora Ciências Humanas; Kairós Livraria e Editora; e Livraria Brasil Debates. Além do olhar cuidadoso do historiador para como as editoras em questão, seu estudo conta também com um mapeamento das editoras de oposição em atuação no Brasil a partir de 1970. Neste levantamento, a primeira a ser apresentada é a Alfa-Omega.

É a partir da referência do livro de Maués que ocorre o investimento em leituras e em pesquisas sobre a Alfa-Omega. A primeira busca fica concentrada em trabalhos acadêmicos

---

<sup>73</sup> SOUZA, Gustavo Orsolon. “*Rebeliões da Senzala*”: diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro. Dissertação de Mestrado em História. Seropédica – RJ. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, 2013.

<sup>74</sup> MAUÉS, Flamarion. *Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*, op. cit..

em nível de mestrado e doutorado. Mas diante de uma bibliografia ainda escassa sobre a temática editorial, verifica-se a ausência de trabalhos específicos sobre ela.

Mas isso não quer dizer que a editora fica escondida de algumas análises. Pelo contrário, estudos pontuais trazem a Alfa-Omega como referência, como no livro intitulado *Censura na Lei e na Marra: como a ditadura quis calar as narrativas sobre suas violências*<sup>75</sup>, da historiadora Eloísa Aragão, publicado em 2013. Fruto da sua dissertação de mestrado, a obra retrata a história do processo de produção e publicação do livro *Em Câmera Lenta*, do jornalista Renato Tapajós, publicado pela Alfa-Omega, em 1977. Embora voltada para a história do livro de Tapajós, a historiadora faz uma breve apresentação da Alfa-Omega e de seus editores.

Esta não é a única referência de Aragão sobre a Alfa-Omega. Antes mesmo da defesa de sua dissertação, a historiadora tem um artigo publicado no periódico *Oralidades: Revista de História Oral*, intitulado “A Editora Alfa-Omega nos Anos de Chumbo: entrevista com Fernando Mangarielo”.<sup>76</sup> O artigo de 2007, visa divulgar a entrevista com Fernando Mangarielo, realizada em 2006.

Em 2011, é publicado no periódico *Cadernos do CEDEM*, um artigo de Maués intitulado “Os Livros de Denúncia da Tortura Após o Golpe Militar”.<sup>77</sup> A intenção do historiador é destacar alguns livros com forte apelo de denúncia sobre a violência cometida pelo sistema de repressão política. Alguns livros da Alfa-Omega são citados pelo autor, como, por exemplo: *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós, publicado em 1977; *Cadeia Para os Mortos. Histórias de ficção política*, de Rodolfo Konder, publicado em 1977; *Tempo de Ameaça, Autobiografia Política de um Exilado*, também de Konder, publicado em 1978; e *A Sangue-Quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*, de Hamilton Almeida Filho, publicado em 1978.

Três anos depois, em 2014, outro artigo de Maués é publicado no periódico *Estudos Avançados*. Com o título “Livros, Editoras e Oposição à Ditadura”, o historiador faz um breve panorama das editoras que se destacam entre as décadas de 1970 e 1980, e que possuem um nítido perfil de oposição em suas publicações, privilegiando autores que fazem algum tipo de

---

<sup>75</sup> ARAGÃO, Eloísa. *Censura na Lei e na Marra: como a ditadura quis calar as narrativas sobre suas violências*. São Paulo: Humanistas: FAPESP, 2013.

<sup>76</sup> ARAGÃO, Eloísa. A Editora Alfa-Omega nos Anos de Chumbo: entrevista com Fernando Mangarielo. In: *Oralidades: Revista de História Oral*, São Paulo, n. 02, pp. 155-174, jul./dez. 2007. Disponível na internet via: [http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%202\\_0.pdf](http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%202_0.pdf). Acesso em: 30/05/2020.

<sup>77</sup> MAUÉS, Flamarion. Os Livros de Denúncia da Tortura Após o Golpe de 1964. In: *Cadernos do CEDEM*, São Paulo, vol. 02, n. 01, pp. 47-59, out. 2011. Disponível na internet via: <http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/cedem/article/view/691>. Acesso em: 21/01/2020.

crítica ao governo.<sup>78</sup> Dentre as editoras mencionadas destacam-se: a Alfa-Omega, a Global, a Edições Populares, a Brasil Debates, a Ciências Humanas, a Kairós, a Hucitec, a L&PM, a Graal, a Codecri, a Vega e Livramento. Sobre a Alfa-Omega, além de uma apresentação, Maués destaca alguns livros. Entre os já citados no artigo anterior, *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós e *A Sangue Quente*, de Hamilton Almeida Filho; são citados também o livro *Cuba Hoje: 20 anos de revolução*, de Jorge Escosteguy, publicado em 1979; e o livro *A História me Absolverá*, de Fidel Castro, publicado em 1979.

Ainda neste mesmo ano é publicado o artigo da pesquisadora Sandra Reimão intitulado “Proibido a publicação e a circulação...” – Censura a Livros na Ditadura Militar”.<sup>79</sup> O artigo, publicado no periódico *Estudos Avançados*, visa apresentar parcialmente os resultados de um projeto cuidadoso de mapeamento de títulos nacionais censurados durante os anos de 1970. Neste estudo, a Alfa-Omega aparece com dois títulos: *4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*, de Álvaro Alves de Faria, publicado em 1973; e *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós, publicado em 1977.

Um ano depois, em 2015, outro artigo de Maués é publicado. Dessa vez, o estudo é construído em parceria com os pesquisadores João Elias Nery e Sandra Reimão. O artigo, intitulado “Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro” é lançado no periódico *Intercom*.<sup>80</sup> Neste estudo, os pesquisadores buscam compreender o lugar ocupado pela editora e sua particularidade dentro do mercado editorial brasileiro. O interessante neste trabalho são alguns dados estatísticos relacionados às publicações nos seus três primeiros anos de funcionamento, ou seja, entre os anos de 1973 a 1976. De acordo com os pesquisadores, 44 títulos são publicados nesse período, sendo 16 deles de autores vinculados à Universidade de São Paulo (USP).

Vale ainda mencionar a atenção concedida à editora Alfa-Omega na pesquisa de pós-doutorado de Maués, concluída em 2016. No estudo, o pesquisador realiza uma análise comparativa entre a edição política brasileira e a edição política portuguesa durante o período de suas respectivas ditaduras. O relatório, entregue à Fundação de Amparo à Pesquisa de São

<sup>78</sup> MAUÉS, Flamarion. Livros, Editoras e Oposição à Ditadura. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 28, n. 80, pp.91-104, jan. 2014. Disponível na internet via: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79685/83687>. Acesso em: 21/01/2020.

<sup>79</sup> REIMÃO, Sandra. “Proíbo a publicação e a circulação...” – censura a livros na ditadura. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 28, n. 80, pp.75-90, jan. 2014. Disponível na internet via: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79684/83686>. Acesso em: 24/01/2020.

<sup>80</sup> MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro. In: *Intercom*, São Paulo, vol. 38, n. 01, pp. 169-190, jan./jun. 2015. Disponível na Internet via: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2210>. Acesso em: 19/01/2019.

Paulo (FAPESP), o autor traz do lado brasileiro as editoras: Alfa-Omega, Global Editora e L&PM. E, do lado português, as editoras: Editora Seara Nova, Editora Arcádia e Editorial Caminho. Lembrando que todas são editoras que atuam politicamente durante a década de 1970.<sup>81</sup>

A mais recente contribuição de Maués sobre a Alfa-Omega e sua produção literária é o artigo intitulado “Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega”, publicado no periódico *História (São Paulo)*, em 2020.<sup>82</sup> No estudo, Maués analisa dois livros de oposição editados pela Alfa-Omega. São eles: *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Moraes, publicado em 1976; e *Os Exilados: 5 mil brasileiros à espera da anistia*, de Cristina Pinheiro Machado, publicado em 1979. A intenção do autor é perceber a repercussão dos dois livros dentro da conjuntura política da época.

Percebe-se, portanto, que não há muitos estudos voltados para a história da Alfa-Omega. Tentando ampliar esse olhar sobre ela, a tese tem como objetivo central conhecer o seu perfil ideológico e a sua atuação política, através da produção literária dos primeiros anos de funcionamento.

Este estudo está amparado nas áreas da História Intelectual, História Editorial e História do Livro. Sobre a História Intelectual, o historiador Robert Darnton, afirma que “não tem nenhuma *problématique* norteadora”. O que ele quer dizer é que aqueles que se dedicam a essa temática, não possuem “nenhum sentimento de terem temas, métodos e estratégias conceituais em comum”.<sup>83</sup> Comungando das mesmas ideias, a historiadora Helenice da Silva, acrescenta o caráter “pluridisciplinar” da história intelectual, que está vinculada não somente à história, como também à Filosofia e à Sociologia. Nesse sentido, utilizando o conceito de “campo” de Pierre Bourdieu, Silva afirma que a história intelectual tem dois objetivos essenciais: entender a sociedade intelectual a partir de seu funcionamento, com “suas práticas”, “suas estratégias” e seus “*hábitus*”; e entender as “modalidades específicas de pensar e de agir por parte dos intelectuais”.<sup>84</sup>

<sup>81</sup> MAUÉS, Flamarion. *A Edição Política no Brasil e em Portugal: ação editorial e engajamento político no combate às ditaduras*. São Paulo: USP/FAPESP, 2016.

<sup>82</sup> MAUÉS, Flamarion. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega. In: *História (São Paulo)*, São Paulo, vol. 39, s/n, pp. 01-27, 2020. Disponível na Internet via: <http://historiasp.franca.unesp.br/edicao-politica-e-ditadura-dois-livros-de-oposicao-da-editora-alfa-omega/>. Acesso em: 27/12/2020.

<sup>83</sup> DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995. p. 219.

<sup>84</sup> SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da História Intelectual Entre Questionamentos e Perspectivas*. Campinas-SP: Papirus Editora, 2002. p. 12.

A pluralidade disciplinar também é percebida dentro da História Editorial. Segundo o sociólogo inglês John Brookshire Thompson o “mundo editorial não é único, mas uma amplitude de mundos”, ou seja, existem vários campos dentro de um só, como, por exemplo, o “campo das publicações comerciais”, o “campo das monografias acadêmicas”, o “campo de publicações para o ensino superior”, o “campo das publicações profissionais”, entre outros campos.<sup>85</sup>

Assim como a História Intelectual e a História Editorial, a História do Livro não deve ser vista através de barreiras engessadas. Para Darnton, que também pesquisa esse campo do saber, a História do Livro ultrapassa qualquer limite, ou seja, “os livros, quando tratados como objetos de estudo, também se recusam a ficar confinados dentro dos limites de uma única disciplina”. Segundo o autor, qualquer tentativa de enquadramento torna-se frustrada. A história dos livros, segundo ele, “deve operar em escala internacional e com método interdisciplinar”.<sup>86</sup>

Tendo, portanto, a inspiração nessas três áreas e abrigando-se ainda na interdisciplinaridade, a tese conta também com uma variedade de fontes. Destacando apenas algumas delas, encontram-se: as orais (com o destaque para as entrevistas dos editores); as arquivísticas (com o destaque para o catálogo da editora inserido no jornal *Informativo da Alfa-Omega*, encontrado na Biblioteca Nacional; a ficha cadastral de abertura da empresa, encontrada na Junta Comercial do Estado de São Paulo JUCESP; e os periódicos); as literárias (com o destaque para os livros da editora, como, por exemplo, *A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos*, de Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa; *A Ilha: um repórter brasileiro na país de Fidel Castro*, de Fernando Moraes; *Não Passarás o Jordão*, de Luiz Fernando Emediato; e *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós). Aliadas as fontes primárias, a bibliografia disponível sobre a Alfa-Omega, como, por exemplo, os artigos mencionados no item anterior, são também muito bem-vindos e amplamente utilizados neste estudo.

A tese é apresentada através de um desenho de quatro capítulos. O primeiro, intitulado “O Mercado de Livros e a Criação da Alfa-Omega” se subdivide em quatro momentos. De início, a intenção é entender as condições do mercado de livros na década de 1970, relacionando com o cenário político-econômico da época. Em seguida, no segundo momento, a atenção volta-se para a trajetória dos editores. A questão é conhecer Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo momentos antes a inauguração da Alfa-Omega. Ainda na

---

<sup>85</sup> THOMPSON, John Brookshire. *Mercadores de Cultura: o mercado editorial no século XXI*. Tradução de Alzira Allegro. São Paulo: Editora UNESP, 2013. p. 09-10.

<sup>86</sup> DARNTON, Robert, op. cit., p. 149.

tentativa de localizar os editores, no terceiro momento, a ideia é perceber a ligação deles com a intelectualidade, visto que há uma forte aproximação entre Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo com professores, jornalistas e intelectuais bastante renomados. Por fim, no quarto momento do capítulo, a intenção é conhecer a inauguração da Alfa-Omega, com o destaque para a estrutura física do início de suas atividades e a jovialidade dos editores no empreendimento.

O segundo capítulo, intitulado “Produção Literária Através do Catálogo”, também se subdivide em quatro momentos. No início, a ideia consiste em entender, a partir de periódicos da época, o perfil editorial da Alfa-Omega. Em decorrência da ausência de catálogos dos primeiros anos das atividades, alguns periódicos sinalizam o perfil da recém-criada editora. Em seguida, no segundo momento, a intenção é destacar dois livros com grande repercussão no mercado: *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro* (1976), de Fernando Moraes; e *Em Câmera Lenta* (1977), de Renato Tapajós. O primeiro torna-se o *best-seller* da editora, e o segundo, é proibido pela censura de circular. No terceiro momento, o objetivo é analisar o catálogo de 1984, o mais antigo encontrado para a realização desta pesquisa. O catálogo traz todos os títulos publicados pela editora ao longo dos seus onze anos. Através desta fonte, a intenção é conhecer o perfil ideológico da Alfa-Omega. No quarto e último momento do capítulo, a ideia é entender os editores como “intelectuais mediadores”<sup>87</sup>, visto que ambos têm uma função social muito importante na propagação do conhecimento científico.

A ideia contida no segundo capítulo, de entender os editores como mediadores, perpassa para o terceiro capítulo, intitulado “Os Editores, os Autores e a Censura”. O capítulo se subdivide em três momentos. De início há um levantamento sobre os órgãos repressivos criados ou consolidados no Brasil após o golpe militar de 1964. A ideia é verificar como esses órgãos contribuem para reprimir e censurar as vozes discordantes do governo, principalmente daqueles ligados ao mundo dos livros, como, por exemplo, escritores e editores. Em seguida,

---

<sup>87</sup> Sobre intelectuais mediadores estamos partindo da reflexão de três importantes historiadores: Jean- François Sirinelli, Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen. Esses pesquisadores fazem considerações amplas em relação à figura do intelectual. O historiador francês Sirinelli, engloba “os criadores e os ‘mediadores’ culturais”. Para ele, neste grupo de intelectuais estaria o “escritor”, o “professor secundário”, o “erudito”, o “estudante” (uma parte deles), os “criadores ou ‘mediadores’ em potencial” e os “‘receptores’ da cultura”. Cf. SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: Rémond, René (org.). *Por Uma História Política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. pp. 231-269. As historiadoras Gomes e Hansen, mostram em trabalho recente, estudos de caso que destacam a importância desse sujeito, que foge das concepções entendidas pelo senso comum de que um intelectual é somente aquele que está inserido no meio acadêmico, um erudito. Cf. GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, Mediação e Projetos Políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (orgs.). *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. pp. 07-37.

no segundo momento, a intenção é mergulhar na produção da própria editora para identificar os títulos que são averiguados e proibidos pela censura. Essa é uma discussão bastante interessante porque além de identificar as obras averiguadas pelos órgãos repressivos e de censura, possibilita também localizar seus autores na conjuntura política da época e entender o próprio papel social do livro, em um momento marcado pelo silenciamento de alguns temas considerados tabus ou impróprios para a sociedade brasileira. Por fim, no último momento, a intenção é voltar mais uma vez à discussão dos editores como “intelectuais mediadores”. Só que dessa vez, a análise consiste em perceber como a censura interfere na vida deles. Essa é uma indagação importante porque ressalta não somente as dificuldades encontradas para lidar com o trabalho, como também, reflete sobre a própria posição dos editores, que permanecem firmes no propósito de editar o pensamento crítico e científico.

O quarto e último capítulo, intitulado “A Coleção História Imediata”, a proposta é analisar a coleção, destacando a sua originalidade dentro do catálogo da editora. O capítulo se subdivide em sete momentos. De início, a intenção é refletir sobre o próprio título da coleção, através do conceito de “História Imediata”. Em seguida, no segundo momento, a ideia é contextualizar a coleção no momento em que ela é criada e comercializada. No terceiro momento, a análise fica concentrada no lançamento e na recepção da coleção, destacando a sua receptividade diante da crítica. No quarto momento, a receptividade ainda continua como centro de investigação, só que a partir do posicionamento dos órgãos repressivos. No quinto momento, a proposta é verificar como a coleção é apresentada ao público leitor, através de suas capas, contracapas e textos introdutórios. No sexto momento, já na parte final do capítulo, os volume 1 e 2 da coleção, intitulados *A Guerrilha do Araguaia* e *A Greve na Voz do Trabalhadores* ganham uma breve análise. E por fim, no sétimo e último momento, a intenção é entender o porquê do fim da coleção.

Sendo assim, pretendemos com essa tese não apenas trazer parte da trajetória da Alfa-Omega e sua importância político-social na década de 1970 e alvorecer da década de 1980, mas contribuir com o debate historiográfico, engrossando um pouco mais esse campo de estudo ainda carente de produções. Além disso, esperamos que o leitor ao percorrer as próximas páginas se aproxime dos tempos sombrios da repressão civil-militar e faça uma comparação crítica com a atual conjuntura política do Brasil que, cada vez mais, vem ganhando contornos tortos e hostis.

## 1 O MERCADO DE LIVROS E A CRIAÇÃO DA ALFA-OMEGA

“A vida editorial é negócio muito pessoal e é isso que constitui um dos seus encantos: o elemento pessoal é, portanto, um dos seus fatores mais importantes”.

*Sir Stanley Unwin*<sup>88</sup>

A epígrafe que abre esse capítulo é do inglês, ex-presidente da Associação Internacional dos Editores e da Associação dos Editores da Grã Bretanha, Sir Stanley Unwin, no seu livro *O Que é uma Editora*. Neste trabalho, seu objetivo é mostrar como se constitui e funciona uma editora. Dentro desse contexto, ele chama atenção para uma figura particular, a do editor.

Segundo Unwin, são as “inclinações do próprio editor” que “determinam a seleção dos originais para a publicação”. Mas essa tarefa não é nada simples como pode parecer. Pelo contrário, “são indispensáveis múltiplos conhecimentos técnicos e agudeza comercial”. Para Unwin, portanto, os “editores mais capazes e mais prósperos passaram por todos os setores do negócio, do princípio ao fim, e podem por isso, devido aos seus conhecimentos pessoais, fiscalizar e acompanhar todos os trabalhos incluindo as várias operações da produção”.<sup>89</sup>

O historiador francês, Roger Chartier, também compreende a função do editor como sendo bastante “singular”, tendo uma interpretação bem próxima a de Unwin. Para ele, “trata-se de uma profissão de natureza intelectual e comercial” que tem como missão “buscar textos, encontrar autores, ligá-los ao editor, controlar o processo que vai da impressão da obra até a sua distribuição”.<sup>90</sup>

Em trabalhos mais recentes, como o do sociólogo norte-americano John Brookshire Thompson e do professor Aníbal Bragança, é possível perceber essas mesmas ideias em relação à importância e à atuação do editor. Para Thompson, “editores que possuem a combinação certa de capacidade crítica, gosto, instinto social e bom senso para lidar com finanças representam um valioso ativo”, assim como “sua capacidade de identificar livros de

---

<sup>88</sup> UNWIN, Stanley Sir. *O Que é uma Editora*. 6 ed. Tradução de José Francisco dos Santos. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1960. p. 218.

<sup>89</sup> Idem. p. 213 e 218.

<sup>90</sup> CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999. p. 50 e 53.

sucesso torna-se vital para o sucesso geral da firma”.<sup>91</sup> Bragança acrescenta que “são os editores que decidem se os textos vão ser transformados em livros”, ou seja, partem deles a tarefa de “decisão e de comando, e de criação”.<sup>92</sup> Para que essa tarefa seja realmente executada com eficiência, cabe ainda aos editores conhecer “saberes específicos (‘escolher, fabricar, distribuir’), que diferenciam dos demais agentes envolvidos no processo editorial”, e que dão a eles “responsabilidades únicas”.<sup>93</sup>

No caso, a Alfa-Omega possui dois editores<sup>94</sup>, o casal Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo. Não é a intenção fazer aqui uma biografia de cada um, mas tentar localizar os dois editores momentos antes a inauguração da editora. Tentaremos responder aos seguintes questionamentos: onde estão e o que fazem os editores antes de abrir a Alfa-Omega? De quem parte a iniciativa de criação? Como é feito o levantamento do capital? Como são construídos os laços de amizade dos editores com a intelectualidade? Como a imprensa reage ao novo empreendimento? Como ocorre a consolidação da Alfa-Omega no mercado editorial?

Para isso, esse capítulo se subdivide em quatro partes. Na primeira parte, intitulada “O Mercado Editorial na Década de 1970: breves considerações”, a principal questão é conhecer alguns aspectos do mercado de livros no contexto da situação política e econômica do Brasil dos anos de 1970, de modo a entender o momento em que a editora Alfa-Omega é criada. Na segunda parte, intitulada “Um Panorama sobre a Trajetória dos Editores”, a principal questão é conhecer quem são os editores da Alfa-Omega, traçando alguns dados da trajetória pessoal de cada um. Na terceira parte, intitulada “Os Editores e a Ligação com a Intelectualidade”, a intenção é verificar a relação dos editores com a intelectualidade, principalmente a relação dos laços de amizade de Fernando Mangarielo, que é aluno da USP e funcionário da Banca da Cultura do Conjunto Residencial da USP (CRUSP). Por fim, na quarta parte, intitulada “A Inauguração da Alfa-Omega”, a ideia é situar o momento de criação da Alfa-Omega.

---

<sup>91</sup> THOMSON. John Brookshire, op. cit., p. 12.

<sup>92</sup> BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o Editor. Notas para sua História. In: *Em Questão*, Porto Alegre, vol. 11, n. 2, pp. 219-237, julho-dezembro, 2015. Disponível na internet via: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/119/77>. Acesso em: 21/09/2019.

<sup>93</sup> Idem.

<sup>94</sup> O editor é “aquele que edita”; “pessoa física ou moral, singular ou coletiva, que assume a iniciativa e a responsabilidade pela produção, divulgação e difusão de uma publicação ou documento”. Cf. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro – Da Escrita ao Livro Eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 271.

### 1.1 O Mercado de Livros no Brasil na Década de 1970: breves considerações

Neste item, a ideia é conhecer alguns aspectos do mercado editorial na década de 1970, de modo a entender o momento em que a editora Alfa-Omega é criada. Aqui, portanto, apenas iremos recuperar, de modo geral, algumas reflexões feitas por importantes pesquisadores, com a finalidade de contextualizar o período onde se insere nosso objeto de pesquisa.

A professora e pesquisadora Sandra Reimão aponta uma relação bem baixa de livros por habitante no Brasil no ano de 1960. Segundo ela, a média é de “0,55 livros por habitante ao ano”, em uma população de “65.743.000 habitantes”. Nesse ano, são publicados “36.322.827 exemplares de livros”. Reimão afirma ainda que essa baixa proporção permanece durante toda a década, não ultrapassando a média de um livro por habitante.<sup>95</sup>

Mas esses dados levantados por Reimão mudam na década seguinte. Em 1972, é possível observar a média de 1,3 livro por habitante, em uma população de “98 milhões de habitantes” e uma produção de “136 milhões de exemplares”, chegando a alcançar a média de 1,8 livro por habitante no ano de 1979.<sup>96</sup> Dados esses bem diferentes dos que são vistos na década anterior.

Para entender essas mudanças nos números defendidas por Reimão, é preciso conhecer o contexto político e econômico entre as duas décadas. O Brasil, entre os anos de 1963 e 1967, vive uma queda nos índices de crescimento econômico. Mas isso não impede o governo militar, instaurado em 1964, de investir em algumas medidas que favorecem o mercado editorial. Carrijo destaca três importantes programas criados logo após os militares tomarem o poder: o Grupo Executivo da Indústria do Livro (GEIL), o Grupo Executivo da Indústria de Papel e Artes Gráficas (GEIPAG) e a Comissão Nacional do Livro Técnico e Didático (COLTED). Embora os dois primeiros programas tenham sido extintos no início dos anos de 1970, eles ajudam a movimentar o mercado. O GEIL visa estimular a expansão do livro através de parcerias entre o governo e as empresas privadas. O GEIPAG busca renovar o parque industrial e gráfico. E o COLTED – em parceria com o Ministério da Educação (MEC), com a *United States Agency for International Development* (USAID) e com o

---

<sup>95</sup> REIMÃO, Sandra. *O Mercado Editorial Brasileiro (1960-1990)*. São Paulo: Com-Arte: Fapesp, 1996. p. 40-41.

<sup>96</sup> Idem. p. 57-58.

Sindicado de Editores de Livros (SNEL) – cria medidas para desenvolver o processo produtivo das edições, com a preocupação em atender aos estudantes.<sup>97</sup>

É no governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), terceiro presidente militar, que se observa o chamado “milagre” econômico. A equipe econômica de seu governo – Delfim Netto, responsável pela pasta da Fazenda, e João Paulo dos Reis Velloso, responsável pela pasta do planejamento – criam dois planos. O primeiro, “Metas e Bases para a Ação do Governo”, de 1970, prevê “superar o subdesenvolvimento de forma a reduzir a distância que separa o Brasil dos países desenvolvidos”. O segundo, o “I Plano Nacional de Desenvolvimento”, de 1971, prevê “transformar o Brasil em ‘nação desenvolvida”, incentivando investimentos em áreas como, por exemplo, siderurgia, petroquímica, transportes e energia elétrica.<sup>98</sup>

De fato houve um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). De acordo com os economistas Luiz Carlos Delorme Prado e Fábio Sá Earp, o PIB fica “na taxa dos dois dígitos entre 1968 e 1973”.<sup>99</sup> A inflação, por sua vez, que gira em torno de 90%, em 1964, cai para 38%, em 1966. Os dados de crescimento são vistos, segundo os pesquisadores, com certa dúvida até mesmo pelos próprios “planejadores do governo”.<sup>100</sup>

O sociólogo Gilberto Salgado considera o crescimento do PIB como um fator importante para o desenvolvimento da indústria editorial e para a alteração do perfil da sociedade brasileira.

(...) a modernização sócio-econômica, alterou o perfil patriarcalista, patrimonialista e tradicional da sociedade brasileira, gerando uma sociedade e um mercado competitivos economicamente; o crescimento dos setores secundário e terciário, com a expansão industrial, ampliação do comércio e gestação de um incipiente setor de prestação de serviços; o advento de uma moderna tecnologia para o setor de telecomunicações, associada a um perfil da indústria da cultura fortemente voltada para o consumo de massas; a alfabetização progressiva dos setores mais avançados do proletariado urbano-industrial e, afinal, a ascensão real e o aumento do poder aquisitivo de uma classe média que ampliava-se numericamente e julgava-se em processo de “aburguesamento”, ou seja, todo uma série de características do Brasil no período do milagre econômico (...), predispunham condições que alteravam o mercado editorial.<sup>101</sup>

<sup>97</sup> CARRIJO, Maicon Vinícius da Silva, op. cit., p. 28-29.

<sup>98</sup> PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O “Milagre” Brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano. O Tempo da Ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Vol. 4. Rio de Janeiro, 2003. p. 209 e 221.

<sup>99</sup> Idem. p. 222

<sup>100</sup> Idem. p. 223.

<sup>101</sup> SALGADO, Gilberto Barbosa. *O Imaginário em Movimento. Crescimento e Expansão da Indústria Editorial no Brasil (1960-1994)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Rio de Janeiro – RJ: IUPERJ/Universidade Cândido Mendes, 1994. p. 96-97.

Salgado ainda reflete com cuidado sobre algumas dessas mudanças como, por exemplo, no que diz respeito à migração interna de indivíduos das áreas rurais para os centros urbanos, onde é moldado o processo de expansão industrial. Esse movimento econômico-social reflete na educação. A alfabetização cresce como prática entre os proletários inseridos nessas indústrias, o que também ajuda a modificar a natureza do mercado editorial.<sup>102</sup>

Outra reflexão feita pelo sociólogo é a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral)<sup>103</sup>, em 1967. Certamente tal iniciativa do governo faz com que aumente expressivamente o número de exemplares encomendados às editoras responsáveis pelo material. Se em 1969, a produção de livros é de “37 milhões de exemplares”, em 1973, esse marca é superada, atingindo cerca de “50 milhões de exemplares”.<sup>104</sup>

A preocupação com o livro didático ocorre logo após o golpe. De acordo com o educador Paulo Celso Costa Gonçalves, a questão envolvendo o livro didático ganha destaque na pauta de discussões do governo. O preço do material é muito alto no período. Com a ampliação do acesso da população ao ensino – como também sinalizado por Salgado – é possível um aumento do mercado consumidor.<sup>105</sup>

Ainda segundo Gonçalves, o governo trabalha em três frentes: a primeira é reduzir “os tributos sobre a aquisição de máquinas e equipamentos para a indústria gráfica”; a segunda é financiar, “de forma subsidiada, a compra de insumos – notadamente o papel”; e a terceira é realizar “compras, em grande quantidade, de livros para a distribuição para bibliotecas”.<sup>106</sup>

De acordo com Andréa Galucio, algumas editoras são criadas com essa finalidade: publicar livros didáticos. Como exemplo, a editora Ática, criada em 1965; o Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, criado em 1965; a editora Moderna, criada em 1968; e a editora Scipione, criada em 1983. Já aquelas que estão em atividades no momento e que também se dedicam às publicações de livros didáticos, destacam-se: a editora FTD, criada em

---

<sup>102</sup> SALGADO, Gilberto Barbosa, op. cit., p. 97.

<sup>103</sup> O Movimento Brasileiro de Alfabetização é criado no governo militar, na gestão do presidente Arthur da Costa e Silva, em 15 de dezembro de 1967, através da lei nº 5.379, com o objetivo de reduzir as taxas de analfabetismo no país. De acordo com os pesquisadores Éder Martins e Tiago Cavalcanti Guerra, o seu funcionamento, de fato, só ocorre em 1970, após algumas mudanças ocorridas dentro da instituição. Cf.: MARTINS, Éder; GUERRA, Tiago Cavalcanti. Mobral, Tecocratas e Educadores: trajetos de uma experiência de alfabetização no Brasil. In: *Revista Cantareira*, Niterói, vol. 29, pp. 53-64, 2018. Disponível na internet via: <https://revistacantareiracom.files.wordpress.com/2019/06/e29a05.pdf>. Acesso em: 22/04/2020.

<sup>104</sup> SALGADO, Gilberto Barbosa, op. cit., p. 92-93.

<sup>105</sup> GONÇALVES, Paulo Celso Costa. *Políticas Públicas de Livro Didático: elementos para a compreensão da agenda de políticas públicas em educação no Brasil*. Tese de Doutorado em Educação. Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2017. p. 174.

<sup>106</sup> Idem. p. 189.

1902; a editora José Olympio, criada em 1932; e a editora Ao Livro Técnico, criada em 1943.<sup>107</sup>

Hallewell afirma que a publicação de livros didáticos é “muito sedutora” em decorrência das grandes tiragens. Fazendo uma comparação, o pesquisador inglês mostra que nos Estados Unidos e na Alemanha a venda gira em torno de 150.000 exemplares, na França e Reino Unido em torno de 100.000 exemplares, enquanto o Brasil atinge a marca dos 200.000 exemplares para livros didáticos do nível secundário e de 300.000 para o nível primário.<sup>108</sup> Mas Gonçalves ressalta que o acesso não é tão democrático assim. O preço final de um livro é alto para uma população majoritariamente pobre. Nesse caso, o próprio Estado, é o responsável por comprar e distribuir gratuitamente o livro didático aos alunos.<sup>109</sup>

No contexto da educação, observa-se ainda o crescimento das universidades. Isso é gerado também no governo dos militares que, logo após assumirem o poder, instituem a Reforma Universitária. A historiadora Marieta de Moraes Ferreira lembra que essa Reforma está limitada ao modelo norte-americano. Mais uma vez a influência da USAID se faz presente dentro do Ministério da Educação. A ideia, segundo a autora, é promover, a princípio, mudanças dentro das universidades federais. Mas logo tais mudanças se expandem para outros centros de ensino superior do país. A intenção é minimizar a “insatisfação dos estudantes” e, conseqüentemente, evitar possíveis “manifestações políticas” contrárias ao governo.<sup>110</sup> Dados levantados pelo sociólogo Sérgio Miceli, revelam um aumento de “1.400%” de alunos matriculados no ensino superior entre os anos de 1960 e 1980.<sup>111</sup>

Algumas editoras, percebendo essa abertura no mercado, começam a investir em publicações voltadas para esse público. No estado do Rio de Janeiro, uma das editoras que investe em publicações universitárias é a Vozes, de Petrópolis que, segundo Salgado, possui, na época, uma das maiores estruturas entre as editoras católicas. No estado de São Paulo, as editoras Perspectiva e Hucitec, são exemplos de casas que adotam esse tipo de público. Essas editoras, de acordo com o autor, atraem muitos professores e especialistas que buscam uma instituição séria e confiável para publicar seus trabalhos.<sup>112</sup> Como veremos ao longo desta tese, a Alfa-Omega opta também por essa linha, ao privilegiar inicialmente professores da USP e, logo, depois, com a extensão de suas publicações para acadêmicos de outras partes do país.

<sup>107</sup> GALUCIO, Andréa Lemos Xavier, op. cit., p. 47-50.

<sup>108</sup> HALLEWELL, Laurence, op. cit., p. 589.

<sup>109</sup> GONÇALVES, Paulo Celso Costa, op. cit., p. 189.

<sup>110</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como Ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p. 78-79.

<sup>111</sup> MICELI, Sérgio. O Cenário Institucional das Ciências Sociais no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Editora Sumaré/FAPESP, 1995. p. 16-17.

<sup>112</sup> SALGADO, Gilberto Barbosa, op. cit., p. 99 e 106.

Temos que enfatizar ainda que a maior parte dessas editoras que estão se destacando entre as décadas de 1960 e 1970, estão localizadas no eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Sobre essa polarização, Hallewell faz suas considerações. A cidade de São Paulo é considerada, na época, a “cidade dos livros didáticos” e a cidade do Rio de Janeiro considerada a “cidade da literatura”. Em dados estatísticos, Hallewell justifica tal classificação. Segundo ele, no ano de 1973, São Paulo é responsável, em número de títulos, pela produção de 48,6% dos livros didáticos, enquanto o Rio de Janeiro é responsável por 42,5%. Isso representa em números de exemplares uma diferença expressiva. São Paulo marca o índice de 54,8% e o Rio de Janeiro 15,8%. Por outro lado, em relação à produção de literatura, o Rio sai na frente em número de títulos, com o percentual de 79% entre os anos de 1973 e 1979, enquanto São Paulo apenas 19%. Em relação ao número de exemplares a diferença também é grande, o Rio de Janeiro é responsável por 66% e São Paulo por 34%.<sup>113</sup>

Para além do livro didático e o investimento no ensino superior, outras iniciativas tomadas entre as décadas de 1960 e 1970, são fundamentais para o aquecimento do mercado. Reimão ainda sugere pensar duas delas. A primeira iniciativa é a permissão dada pelo governo para os livros serem vendidos em estabelecimentos comerciais como “farmácias, supermercados e postos de gasolina”.<sup>114</sup> Embora com a expansão dos postos de vendas, a pesquisadora faz uma ressalva importante. Segundo ela, não houve um aumento expressivo no número de livros vendidos. Em 1973, apenas “2,2% dos livros do total de livros comercializados”, são vendidos nesses estabelecimentos.<sup>115</sup> No ano de 1979, a média se mantém praticamente a mesma, com o percentual de 2,1%.<sup>116</sup> Sem dúvida, os percentuais são baixos. Mas o que Reimão chama atenção é que, mesmo de forma tímida, tal medida contribui, de alguma forma, para a divulgação e o acesso de alguns livros.

Outra iniciativa apurada pela pesquisadora para a projeção de alguns livros é a televisão. Nesta época, a TV torna-se um importante veículo de comunicação, atingindo grande público. Esse público, fascinado pelos programas da época, acaba sendo influenciado pelos artistas que deles participam. A jurada do *Programa Flávio Cavalcanti*, Marisa Raja Gabaglia, publica um livro de contos, em 1971, intitulado *Milho para Galinha, Mariquinha*, lançado pela editora carioca Sabiá, que bate recorde de vendas no Rio de Janeiro, atingindo dez mil exemplares em uma semana.<sup>117</sup>

---

<sup>113</sup> HALLEWELL, Laurence, op. cit., p. 515.

<sup>114</sup> REIMÃO, Sandra. *O Mercado Editorial Brasileiro (1960-1990)*, op. cit., p. 62.

<sup>115</sup> Idem. Ibidem.

<sup>116</sup> Idem. Ibidem.

<sup>117</sup> Idem. p. 65.

Outra personalidade artística bastante conhecida pelos seus trabalhos humorísticos realizados na Rede Globo é Chico Anísio. Para além de sua atuação na TV, Chico Anísio também escreve alguns livros que são publicados na década de 1970, tornando-se campeões de venda. Dentre eles destacam-se: *O Enterro do Anão* e *É Mentira, Terta?*. Os dois são lançados também pela editora Sabiá. De acordo com Reimão, os livros do humorista, editados em 1973, ficam na lista dos 10 livros nacionais mais vendidos do ano.<sup>118</sup>

É possível perceber, portanto, que a década de 1970 é muito frutífera para a produção, divulgação e venda de livros. É também um momento chave para a consolidação de editoras em atividade no mercado e para criação de novas casas. Para Maués, a década de 1970 é um período marcado pelo desenvolvimento da “indústria editorial brasileira”. O que é ainda interessante é que nesse período pode ser visto o crescimento das publicações de oposição, ou seja, publicações que fazem algum tipo de crítica ao regime militar.<sup>119</sup>

Em meados da década de 1970, por exemplo, ocorre uma “revitalização de editoras com perfil nitidamente político e de oposição”. Maués afirma que algumas editoras que estão em plena atividade durante esse período, passam a dedicar parte do catálogo a publicações voltadas para temáticas de oposição política. Dentre essas editoras, o historiador destaca: a Civilização Brasileira, a Brasiliense, e a Paz e Terra.<sup>120</sup>

Por outro lado, novas editoras surgem nesse período, adotando um perfil político de oposição bem definido como é caso da própria Alfa-Omega, e de outras como: a Global, a Edições Populares, a Brasil Debates, a Ciências Humanas, a Kairós, a Hucitec, a L&PM, a Graal, a Codecri, a Vega e Livramento.<sup>121</sup>

Uma das inspirações para as publicações de cunho partidário de oposição vem, segundo Carrijo, das eleições presidências de 1978, que serve de pano de fundo para muitos autores e editores. A vasta produção que contextualiza esse momento traz “depoimentos, pronunciamentos, projetos, entrevistas e análises”, tudo isso organizado e produzido por nomes como “Eduardo Suplicy, Alberto Goldman, Ulisses Guimarães, Franco Montoro e Fernando Henrique Cardoso”.<sup>122</sup> Esses nomes, de acordo com o autor, buscam chamar atenção do grande público, visto que os meios de comunicação, como a televisão, estão restritos a

---

<sup>118</sup> REIMÃO, Sandra. *O Mercado Editorial Brasileiro (1960-1990)*, op. cit., p. 65.

<sup>119</sup> MAUÉS, Flamarion. *Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*, op. cit., p. 10.

<sup>120</sup> Idem. p. 13.

<sup>121</sup> Idem. Ibidem.

<sup>122</sup> CARRIJO, Maicon Vinícius da Silva, op. cit., p. 36.

fazer qualquer tipo de propaganda política desde 1976, com a implementação da Lei Falcão.<sup>123</sup>

Em linhas gerais, é possível afirmar que década de 1970 é emblemática para o desenvolvimento da indústria editorial. Desde a década de 1960 são criados instrumentos que favorecem o seu aquecimento. O recém-instaurado governo militar, em 1964, cria programas que incentivam a educação, a despeito da censura e da repressão aos grupos de oposição. Mesmo sabendo que a educação proposta por esses programas traz uma ideologia carregada de interesses políticos conservadores, é através desse mesmo investimento que o mercado editorial ganha novos rumos. O livro didático, por exemplo, torna-se o carro chefe de muitas editoras, que aproveitam a oportunidade para se especializar nesse tipo de publicação.

Ainda observa-se que o desenvolvimento do mercado editorial conta com a abertura de novos postos de venda. Estabelecimentos como supermercados e postos de gasolina, são autorizados pelo governo a ter em suas prateleiras um produto bastante singular: o livro. Embora não ocorra o esperado, ou seja, a vendagem pouco expressiva, a medida reverbera para a propagação de alguns títulos. Por outro lado, a televisão vem como um importante meio de promover a venda de alguns títulos. Este meio de comunicação, por atingir um público maior, atrai bastante as editoras interessadas em publicar livros de artistas/escritores que fazem sucesso nos programas da época.

O investimento feito também nas universidades na década de 1970 ajuda a impulsionar o mercado editorial. Algumas editoras adotam em seus catálogos um perfil voltado para o público universitário, o que atrai não somente professores interessados em publicar suas pesquisas, como também os alunos, que acabam adquirindo as obras de seus mestres.

Ainda vale destacar uma última observação: o “milagre” econômico, mencionado no início desse item não perdura durante toda a década de 1970. Parafraseando Halleweel, Maués indica a crise do petróleo, ocorrida em 1973, como um dos fatores para o descontrole da economia no Brasil. Nesse momento, o ritmo de crescimento diminui e a inflação volta a preocupar. Observa-se também nesse período um aumento do preço do papel, o que traz impactos negativos para algumas editoras, principalmente aquelas que não são especializadas em livros didáticos.<sup>124</sup>

---

<sup>123</sup> CARRIJO, Maicon Vinícius da Silva, op. cit., p. 36.

<sup>124</sup> MAUÉS, Flamarion. *Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*, op. cit., p. 247-248.

Porém, ainda segundo o historiador, esses impactos são isolados e não causam uma queda significativa nas publicações. Na segunda metade da década de 1970 é possível observar, por exemplo, bons índices de produção, sempre crescentes até o final da década.<sup>125</sup>

E nesse período próspero para o mercado editorial, portanto, que a Alfa-Omega é criada. Em 1973, Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo, investem suas reservas financeiras para a abertura do empreendimento. Como veremos com detalhes no próximo item, a editora paulista vem com a aposta nas publicações voltadas para o público acadêmico, editando professores da USP em seus primeiros títulos.

## 1.2 Um Panorama sobre a Trajetória dos Editores

Uma das nossas dificuldades para construir essa parte do capítulo está relacionada à falta de estudos biográficos e de documentação sobre os editores da Alfa-Omega. Como a editora ainda está fora de um trabalho acadêmico, o material disponível com dados biográficos é bastante limitado. Portanto, a nossa realidade é bem diferente em relação a outros pesquisadores que, ao contrário, conseguem acessar uma produção mais robusta, como é o caso do historiador André Carlos Furtado ao trabalhar em sua tese com “parte da trajetória e das comunidades de leitores de Sérgio Buarque de Holanda”. Furtado explica a dificuldade em lidar com uma vasta produção (artigos, dissertações e teses) relacionados à sua temática. Embora com um objeto inédito, o historiador precisa dosar as suas “angústias” diante da quantidade de assuntos discutidos nessa ampla produção.<sup>126</sup>

Aqui, a nossa inquietação é com a escassez de fontes. Uma das preocupações iniciais é se tentaríamos fazer uma biografia dos editores. Mas logo chegamos à conclusão que seria inviável. A documentação pessoal dos editores não é recuperada. Dessa forma, optamos por destacar alguns dados biográficos de suas respectivas trajetórias, principalmente a partir da entrevista realizada em 2018 – que teve o intuito de ser abrangente, no sentido de contemplar parte da trajetória deles e da própria editora.<sup>127</sup>

<sup>125</sup> MAUÉS, Flamarion. *Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*, op. cit., p. 248.

<sup>126</sup> FURTADO, André Carlos. *Das Fortunas Críticas e Apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, Historiador Desterrado*. Tese de Doutorado em História. Niterói – RJ: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2018. p. 23 e 25.

<sup>127</sup> No dia 16 de julho de 2018, realizamos na sede da editora Alfa-Omega, em São Paulo, a entrevista com o Fernando Mangarielo e com a Claudete Machado Mangarielo. Todo o material foi gravado em áudio, transcrito e revisto pelos entrevistados. As entrevistas estão devidamente autorizadas para o uso neste trabalho.

Vale fazer duas ressalvas quanto ao uso das entrevistas dos editores neste estudo. A primeira delas é que consideramos a substancial produção historiográfica, nos últimos anos, sobre a História Oral e o uso das fontes orais. Não pretendemos adentrar nesta discussão. Porém, é preciso registrar alguns aspectos sobre elas. As fontes orais ganham força nos estudos históricos por volta da década de 1980. Como afirma a historiadora Marieta de Moraes Ferreira, na Antiguidade clássica é muito comum o uso dos testemunhos. Entretanto, esse tipo de fonte recebe um olhar avesso na metade do século XIX e início do século XX, principalmente com a criação da revista dos *Annales*, na França, no ano de 1929 e da *École Pratique des Hautes Études*, no ano de 1948; que visa um olhar total para a História Política, e utiliza uma documentação escrita para a construção dos estudos.<sup>128</sup> Consequentemente, as fontes orais são deixadas de lado. A atuação do indivíduo, com as suas memórias e suas histórias de vida são desqualificadas.

Somente a partir da década de 1950, com a criação de centros especializados na preservação da memória individual, o olhar avesso aos testemunhos, aos poucos, começa a ser quebrado. Na década de 1940, o jornalista norte-americano Allan Nevins, vem com a proposta de colher depoimentos de indivíduos pertencentes a grupos dominantes no país. O trabalho realizado pelo jornalista implica na construção do *Columbia Oral History Office*, órgão que serve de inspiração para outros pesquisadores.<sup>129</sup>

Nas décadas seguintes, portanto, há um avanço nesse tipo de produção. O historiador inglês Alistair Thomson, utiliza a palavra “explosão” para se referir a esse novo momento que marca as décadas de 1980 e 1990.<sup>130</sup> Assim, como afirma o historiador francês Philippe Joutard, a “história oral não está mais em suas primícias”. Pelo contrário, é “reconhecida” e “compreendida” no meio acadêmico. Dessa forma, sua missão é dar voz aos “excluídos e esquecidos; trazer à luz as realidades ‘indescritíveis’”, e ainda “testemunhar as situações de extremo abandono”.<sup>131</sup>

A partir desta reflexão feita por Joutard é que pretendemos utilizar as entrevistas com os editores da Alfa-Omega, permitindo que suas memórias, abandonadas por tanto tempo,

<sup>128</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. História, Tempo Presente e História Oral. In: *Topoi*. Rio de Janeiro, vol. 3, n. 05, pp. 314-332, jul./dez. 2002. Disponível na internet via: <http://revistatopoi.org/site/topoi5/>. Acesso em: 06/12/2020.

<sup>129</sup> Idem.

<sup>130</sup> THOMSON, Alistair. Aos Cinquenta Anos: uma perspectiva internacional da História oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 54.

<sup>131</sup> JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do Século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 33.

possam ser lembradas e que ajudem a entender um pouco mais da história da editora. Entretanto, estamos cientes dos limites que os testemunhos nos impõem. Como lembra bem Joutard é preciso ter em mente as “fraquezas da própria memória”, que podem variar em decorrência de diversos fatores, como, por exemplo, “do tempo presente, suas deformações e seus equívocos, sua tendência para a lenda e o mito”.<sup>132</sup>

Para além da importância e os cuidados com as fontes orais, outra ressalva se faz pertinente, sendo esta a segunda que gostaríamos de registrar. A intenção aqui não é de trazer dados lineares e detalhados de Fernando Mangarielo e de Claudete Machado Mangarielo, mas localizá-los nos momentos antes a inauguração da editora. Até porque como destaca Pierre Bourdieu, “produzir uma história, tratar a vida como uma história, isso é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos e direção, talvez seja conforma-se como uma ilusão retórica”.<sup>133</sup>

Feitas as ressalvas e considerações a respeito das fontes orais neste estudo, cabe ainda destacar que mesmo não sendo a intenção construir a biografia dos editores, algumas reflexões de nomes importantes que se dedicam a esse campo de investigação são bem vindas, pois ajuda a pensar a nossa questão. O historiador Benito Bisso Schmidt é um deles. Schmidt sugere que o pesquisador ao trabalhar com biografia deve levar em consideração duas reflexões importantes: “por que vale à pena biografar esse indivíduo?” e “que dimensões do passado são possíveis de se conhecer pesquisando a trajetória de determinado personagem?”.<sup>134</sup> Partindo da interpretação de Schmidt, ao recuperarmos alguns dados biográficos dos editores, conheceremos as experiências de vida de cada um, o que é essencial, para “compreender/explicar certos processos e acontecimentos” que, no nosso caso, é conhecer o interesse pela criação da Alfa-Omega e observar a sua consolidação dentro mercado editorial brasileiro.<sup>135</sup>

Lembrando que ao trazer lembranças e narrativas dos editores não somente neste capítulo, mas em toda a tese, permitiremos que parte de suas experiências, adormecidas, possam ser recuperadas e transformadas em conhecimento. Como destaca a historiadora Beatriz Sarlo:

<sup>132</sup> JOUTARD, Philippe, op. cit., p. 34.

<sup>133</sup> BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Uso & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 185.

<sup>134</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 195.

<sup>135</sup> Idem. *Ibidem*.

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e cada variante torna a atualizar.<sup>136</sup>

Comungando das ideias de Sarlo, consideramos mais uma vez que a intenção é recuperar apenas algumas lembranças dos editores, sem qualquer pretensão de querer reconstituir a história de cada um. Afinal, o historiador “não reconstitui os fatos do passado (isso equivaleria a se submeter a uma filosofia da história reificante e positivista), mas os ‘relembra’, dando-lhes assim seu caráter de passado presente, com respeito ao qual sempre há uma dívida não paga”.<sup>137</sup>

Nosso primeiro personagem, portanto, é Fernando Celso de Castro Mangarielo, que nasce em 26 de dezembro de 1947, na cidade do Recife. Seu pai chama-se Giuseppe Mangarielo (italiano) e sua mãe Maria Victória de Castro Mangarielo (alagoana). Fernando tem uma irmã mais velha dois anos, chamada Telma. Seu pai é representante, em Recife, de uma empresa de balanças, chamada Filizola. O seu avô materno, Joaquim Antônio de Castro, é um homem bastante influente na região. Segundo Fernando Mangarielo, ele trabalha, na época, com importação de bacalhau. Ainda na infância, o menino Fernando muda-se com a família para Maceió, onde vive por algum tempo. Em 1965, com 18 anos de idade, muda-se sozinho para a capital paulista.<sup>138</sup>

Ainda em Recife, Fernando Mangarielo se recorda do privilégio em estudar em bons colégios. O primeiro destacado é o Instituto Profissional Maria Auxiliadora. Sua formação ainda conta com mais duas instituições privadas: Colégios Americano Batista e Padre Félix. Durante o tempo em que vive no Nordeste, não exerce qualquer trabalho. Segundo ele, sua mãe com boas condições financeiras na época, lhe permite dedicação exclusiva aos estudos.<sup>139</sup>

Ao chegar a São Paulo, para trabalhar na Filizola, Fernando Mangarielo se recorda que veio morar na casa de uma amiga de sua mãe, localizada nas proximidades da Avenida Angélica. Sua mãe, viúva na época, permanece no Nordeste. Neste primeiro endereço fica por alguns meses. Trabalha na empresa Filizola por aproximadamente um mês. Logo em seguida,

<sup>136</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 24-25.

<sup>137</sup> Idem. p. 28.

<sup>138</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>139</sup> Idem.

deixa a empresa e segue para trabalhar na livraria Dinucci, localizada na Avenida São João. Nesse trabalho, embora não sabendo precisar, fica um tempo maior.<sup>140</sup> É o primeiro contato de Fernando com o mundo dos livros.

Não demora muito para Fernando Mangarielo prosseguir com seus estudos na capital paulista. Embora não tenhamos a informação da data exata de seu ingresso no ensino superior, sabemos que em 1968 ele já é aluno da USP, ou seja, não demora mais do que três anos para a sua inserção na academia. Fernando Mangarielo escolhe o curso de Estudos Orientais<sup>141</sup>. Neste curso, ele se recorda das disciplinas de estudo: “Russo, Armênio, Literatura e História”.<sup>142</sup> Como veremos mais adiante, Fernando Mangarielo não conclui o curso. Mas é neste contexto que ele é convidado para trabalhar na Banca da Cultura do CRUSP, uma livraria inserida dentro do campus da USP.

A experiência como livreiro, anteriormente na livraria Dinucci, ajuda Fernando Mangarielo a conquistar esse trabalho na Banca da Cultura do CRUSP. Ele e Francisco Renzo Pereira Goulart fazem parte da última diretoria da Banca, antes do fechamento, em 1968.<sup>143</sup> Assim, podemos perceber certa ligação de Fernando Mangarielo com a Universidade. Além de aluno da USP, ele também trabalha no campus, o que facilita torná-lo uma pessoa muito conhecida naquele espaço acadêmico. Mas sobre essa relação de Fernando Mangarielo com a Banca da Cultura e com a USP falaremos mais adiante.

A próxima personagem é Claudete Machado, que nasce em 14 de setembro de 1949, em Itaquaquecetuba, interior de São Paulo. Assim como seu futuro marido, Claudete Machado também pertence a uma família remediada. Filha de Achilles Machado e Gabriela de Oliveira Machado, Claudete tem sete irmãos, sendo ela a terceira. Em Poá, cidade próxima a Itaquaquecetuba, estuda o primário e o ginásio. Em seguida, segue para Suzano, onde faz o curso Normal, tornando-se professora primária.<sup>144</sup>

---

<sup>140</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>141</sup> Segundo o historiador Eurípedes Simões de Paula, através do decreto nº 40.784, de 18 de setembro de 1962, é criada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a seção Estudos Orientais, composta por 7 cursos: Russo, Hebraico, Árabe, Armênio, Japonês, Sânscrito e Chinês. Cf. PAULA, Eurípedes Simões de. Breve Nota Sobre o Curso de Estudos Orientais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade São Paulo. In: *Revista de História da USP*. São Paulo, vol. 33, n. 67, pp. 201-208, 1966. Disponível na internet via: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/124671>. Acesso em: 24/10/2019.

<sup>142</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>143</sup> REIMÃO, Sandra; MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias. A Livraria Banca da Cultura do CRUSP: uma história. Congresso de Ciências da Comunicação, XXXVII, 2014, Foz do Iguaçu. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2014. Disponível na Internet via: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0110-1.pdf>. Acesso em: 25/08/2019.

<sup>144</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

Claudete Machado exerce a profissão de professora em Itaquaquecetuba, no ano de 1970. O tempo que leciona é curto. Em 1971, passa a trabalhar como Relações Públicas no Grupo Nacional de Serviços – Grunase, uma empresa especializada em marketing, localizada na capital paulista. Em seguida a Grunase, no ano de 1972, é convidada para trabalhar como Gerente de Contas no Banco Mercantil de São Paulo. No mesmo período em que trabalha no Banco, ingressa no curso de Turismo na extinta Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas, curso que acaba não concluindo.<sup>145</sup>

O encontro entre Fernando Mangarielo e Claudete Machado acontece em 1971 em uma festa de casamento da amiga de faculdade de Fernando, chamada Cristiane. Os dois começam a namorar e, em 1972 já estão morando juntos. O casamento oficial só acontece alguns anos mais tarde, em 04 de outubro de 1975. Um casamento simples, sem cerimônia religiosa, apenas no cartório de Itaquaquecetuba.<sup>146</sup>

Figura 1 – Casamento de Fernando e Claudete



Fonte: *Fotografia de Casamento*, 1975  
Acervo: Documentação Pessoal do Casal.

Observando a figura 1 da esquerda para a direita, temos Jacob Bazarian, Natália Murata, Fernando Mangarielo e Claudete Machado que, a partir desta data, recebe o sobrenome Mangarielo. Além do filósofo Bazarian e sua namorada Natália, o casal José Expedito Martins e Elza de Oliveira Martins, também estão como testemunhas do casamento,

<sup>145</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>146</sup> *Certidão de Casamento* de Fernando e Claudete, concedida ao autor em 12 de novembro de 2019.

embora não apareçam na foto.<sup>147</sup> Depois de casados, Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo aguardam certo tempo para ter filho. Isso ocorre aproximadamente oito anos depois, em 01 de dezembro de 1983, com o nascimento de Fernando Machado Mangarielo, único filho do casal.<sup>148</sup>

Podemos perceber, portanto, que do primeiro encontro para a inauguração do próprio negócio é um tempo relativamente curto, aproximadamente dois anos. Em 1973, o jovem casal arrisca um passo importante em suas vidas profissionais, criando a editora Alfa-Omega.

### 1.3 Os Editores e a Ligação com a Intelectualidade

Certamente, um dos fatores que ajuda na criação e na consolidação da Alfa-Omega no mercado editorial é a estreita relação dos editores com os professores da USP, principalmente nos primeiros anos de funcionamento. Então, a nossa busca aqui é tentar entender como se constrói essa relação, não somente com a intelectualidade da USP, como também com intelectuais de outras partes do país. Mas antes é preciso entender um pouco da trajetória da própria USP, principalmente a trajetória da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), que está ligada mais diretamente ao Fernando Mangarielo, já que o mesmo ingressa, como vimos anteriormente, no curso de Estudos Orientais, pouco tempo depois de estar estabelecido na cidade de São Paulo.

A USP é criada em 25 de janeiro 1934, por Armando de Salles Oliveira, interventor federal em São Paulo. O projeto é elaborado por uma comissão composta pelos seguintes nomes: “Júlio de Mesquita Filho, Fernando de Azevedo, Antonio Almeida Jr, A. de Sampaio Dória, Agésilau A. Bitancourt, Vicente Rao, F. A. da Fonseca Teles, Cristiano Altenfelder Silva e Henrique R. Lima”. O grupo de intelectuais, vinculados ao jornal *O Estado de São Paulo*, tem como propósito fundar uma instituição que possa formar a elite política. Segundo o pesquisador e professor José Sebastião Witter, a FFCL nasce junto a Universidade e se torna um lugar muito frequentado pela “alta sociedade”, que tinha a oportunidade de assistir aulas de professores de outras nacionalidades, como, por exemplo, a do historiador francês Fernand Braudel.<sup>149</sup>

---

<sup>147</sup> *Certidão de Casamento* de Fernando e Claudete, concedida ao autor em 12 de novembro de 2019.

<sup>148</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>149</sup> WITTER, José Sebastião. *USP 50 Anos: registros de um debate*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2006. p. 23-39.

A FFCL é considerada a “célula mãe”, a “coluna dorsal da Universidade”, o “elo de integração entre os diversos institutos, como a Faculdade de Medicina, a Politécnica, a Faculdade de Direito”. Isso significa que todos os cursos passam pela “célula mãe”, ou seja, pela FFCL.<sup>150</sup>

Ainda de acordo com Witter, os anos seguintes são de “grande efervescência” para a USP, principalmente para a FFCL. Entre as décadas de 1950 e 1960, o pesquisador aponta que a FFCL produz importantes trabalhos, em suas palavras, uma “produção extremamente crítica em relação à sociedade brasileira”.<sup>151</sup>

Vale ressaltar que a Cidade Universitária, onde hoje abriga a USP, no bairro do Butantã, ainda não existe nessa época. A FFCL funciona em uma rua bastante famosa, a Rua Maria Antônia, localizada próxima ao centro da cidade. A socióloga Irene de Arruda Ribeiro Cardoso reflete sobre essa rua e a define da seguinte maneira:

(...) um lugar personalizado, um lugar de paixão amorosa, um lugar de paixão política, um lugar do pensamento, um lugar da encruzilhada, um lugar da realização de ideias e desejo, um lugar da vida e da morte, um lugar inconclusivo – estavam referidos a uma certa *atitude*, a uma certa maneira de relacionar-se com o mundo, a uma maneira de pensar e de sentir, a uma forma de atuar e conduzir-se.<sup>152</sup>

O fama da Maria Antônia parece mesmo contagiante. Witter chama atenção também para um lugar de “polêmicas inflamadas, onde se envolviam os estudantes e professores das Ciências Sociais, Exatas, da Filosofia, profissionais liberais, intelectuais da lide universitária”.<sup>153</sup> Ou seja, a Maria Antônia é o palco dos grandes acontecimentos políticos e intelectuais da época.

No final da década de 1960, a Cidade Universitária começa a abrigar as Faculdades. No ano de 1968, como indica Witter, ocorre a transferência dos departamentos que ainda funcionam na Rua Maria Antônia.<sup>154</sup> Mas os momentos vividos por aqueles que passam pela Rua Maria Antônia, certamente ficam para sempre guardados na memória, como na de Fernando Mangarielo. Mesmo tendo frequentado por pouco tempo os prédios localizados na Rua Maria Antônia, ele se recorda que a pensão onde mora por certo período fica atrás dessa rua, e acrescenta que costumava dormir esticando uma rede nas pilastras da FFCL. Logo, pela manhã, “levantava-se cedo, seis e meia/sete horas, ia na pensão tomava banho, trocava de

<sup>150</sup> WITTER, José Sebastião, op. cit., p. 29-101.

<sup>151</sup> Idem. p. 42.

<sup>152</sup> CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. Maria Antônia – a interrogação sobre um lugar a partir da dor. In: *Tempo Social*. São Paulo, vol. 8, n. 02, pp. 01-10, 1996. Disponível na internet via: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86289/88955>. Acesso em: 24/08/2019.

<sup>153</sup> Witter, José Sebastião, op. cit., p. 42.

<sup>154</sup> Idem. p. 47.

roupa e voltava para as aulas”.<sup>155</sup> Fernando Mangarielo afirma ter um “sentimento muito profundo” pelo lugar, principalmente pelos amigos conquistados por ali.<sup>156</sup>

Fernando Mangarielo frequenta o curso de Estudos Orientais por aproximadamente dois anos, mas não o conclui. Em 1968, já na Cidade Universitária, depois da transferência da FFCL da Rua Maria Antônia, ele passa a morar no CRUSP e a trabalhar na Banca da Cultura, a livraria mencionada anteriormente.<sup>157</sup>

A Banca da Cultura do CRUSP é oficialmente fundada em fevereiro de 1967, e tem suas atividades interrompidas em 17 de dezembro de 1968. Portanto, o tempo em que Fernando Mangarielo trabalha na Banca não é muito longo, isso porque o CRUSP é fortemente atacado pelos militares em dezembro de 1968, logo após a decretação do AI-5.<sup>158</sup> Em alguns jornais da época é possível perceber, por exemplo, os resultados dessa invasão pelos militares. O *Jornal do Brasil*, do dia 15 dezembro daquele ano traz o depoimento do tenente coronel, e chefe das relações públicas do II Exército, na época, José do Amaral Garbogini:

Seguramente informado da existência no CRUSP de um perigoso foco de atividades clandestinas, presença suspeita de estrangeiros e farta propaganda subversiva, o comando do II Exército, em estreita ligação com as autoridades de segurança, determinou a realização de uma diligência no referido conjunto, a fim de serem procedidas buscas e apreensão do material subversivo (...). Confirmando as informações que motivaram a operação, foi apreendido vasto material a saber: armas, inclusive um pequeno engenho lança projétil, grande quantidade de coquetéis molotov, vastíssima propaganda subversiva, ácidos, uniformes militares e até anticoncepcionais e abortivos (...). Foram efetuadas detenções para fins de triagem, de elementos perigosos, inclusive de estrangeiros alheios ao corpo discente, docente ou administrativo do CRUSP.<sup>159</sup>

<sup>155</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>156</sup> Idem.

<sup>157</sup> CRUSP significa Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo. É projetado em 1961, pelos arquitetos Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Júnior e Sidney Oliveira. O projeto inicial é composto por 12 edifícios para abrigar aproximadamente 2.160 alunos. A construção começa em 1962, e os primeiros blocos são entregues em 1963. Cf. CABRAL, Neyde A. Joppert. *A Recuperação do CRUSP*. São Paulo: USP, 2009. Disponível na internet via: <file:///C:/Users/cliog/OneDrive/Documentos/Tese%20de%20Doutorado/Sobre%20o%20CRUSP.pdf>. Acesso em: 25/08/2019.

<sup>158</sup> REIMÃO, Sandra; MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias. A Livraria Banca da Cultura do CRUSP: uma história. Congresso de Ciências da Comunicação, XXXVII, 2014, Foz do Iguaçu. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2014. Disponível na Internet via: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0110-1.pdf>. Acesso em: 25/08/2019.

<sup>159</sup> II Exército Apreende Armas e Propaganda Subversiva ao Fazer Diligência no CRUSP. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1968. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_08&pasta=ano%20196&pesq=crusp](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_08&pasta=ano%20196&pesq=crusp). Acesso em: 18/08/2018.

Outro que noticia o movimento de resistência no CRUSP é o *Diário da Noite*, um dia depois, em 16 de dezembro:

O II Exército Comunica que o material subversivo apreendido recentemente no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP) será mostrado ao público no saguão do Edifício Guilherme Guinle, situado à rua 7 de abril, 230. O ato de abertura da “mostra”, que contará com a presença de altas autoridades federais, estaduais e municipais, será realizado às 10 (dez) horas de amanhã, dia 17, e o local será franqueado ao público no período de 17 a 26 de janeiro, nos seguintes horários: segunda a sexta-feira – 10 às 19 horas; sábados – 9 às 13 horas; domingos – 13 às 19 horas.<sup>160</sup>

Estima-se que mil e quatrocentos alunos são moradores do CRUSP nesta época. Desse total, cerca de oitocentos são presos nessa invasão. O CRUSP é esvaziado, e só volta a abrigar os alunos em 1979, ou seja, dez anos depois.<sup>161</sup> Morador do Bloco “G”, ap. 402, Fernando Mangarielo é um desses oitocentos presos. Na entrevista, ele diz: “o chefe do Exército me prendeu e me levou lá para o GCan90, em Quitaúna”, onde permanece por alguns dias. O mesmo acrescenta que nunca fez militância em partidos com “obrigações” e “tarefas”.<sup>162</sup>

No prontuário do DOPS, localizado no Arquivo do Estado de São Paulo, é possível observar informações importantes como a data de apreensão e o motivo da prisão. O documento de nº 145.702, consta que a prisão ocorre no dia 21 de dezembro de 1968, tendo como motivo “averiguações”. Não há maiores detalhes no documento, apenas a data de sua liberdade, concedida em 23 de dezembro de 1968. Ainda é possível ver neste documento parte de seu depoimento: “declarou que nunca foi preso ou processado – antes residia em Recife a Rua Conde de Boa Vista 526, ap. 14”.<sup>163</sup>

Após a invasão e a prisão, Fernando Mangarielo abre junto com um sócio, o qual não se recorda o nome, uma livraria chamada Skchema, na entrada da Cidade Universitária. O

<sup>160</sup> O II Exército Comunica. In: *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1969. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961\\_04&pasta=ano%20196&pesq=crusp](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_04&pasta=ano%20196&pesq=crusp). Acesso em: 18/08/2018.

<sup>161</sup> REIMÃO, Sandra; MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias. A Livraria Banca da Cultura do CRUSP: uma história. Congresso de Ciências da Comunicação, XXXVII, 2014, Foz do Iguaçu. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2014. Disponível na Internet via: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0110-1.pdf>. Acesso em: 25/08/2019.

<sup>162</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>163</sup> *Prontuário* nº 145.702, de 21 de dezembro de 1968. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo – Brasil. Fundo: Departamento de Ordem Política e Social (DOPS/SP). Código de Referência: SSP/DEOPS-SP/PRONTUÁRIOS/PRT\_145702.

prédio da livraria também serve de moradia para ele. Mas o empreendimento não dura muito tempo, aproximadamente um ano.<sup>164</sup>

Mesmo tendo trabalhado por pouco tempo na Banca da Cultura, Fernando Mangarielo pôde estreitar seus laços de amizade com os alunos e os professores da USP. Essa relação construída ao longo de sua vida de estudante e, posteriormente, de livreiro, é fundamental para quando o mesmo decide abrir o seu próprio negócio, a Alfa-Omega.

Tentamos localizar correspondências pessoais de Fernando Mangarielo de modo a conhecer com detalhes essa intelectualidade. Como destaca a historiadora Rebeca Gontijo, a correspondência pessoal “pode ser vista, como “um lugar de subjetividade e sociabilidade, pois ela permite a construção e transmissão de uma espécie de clima emocional, que possibilita aproximações e afastamentos entre os missivistas”; e ainda é possível “estabelecer relações sociais, revelando a multiplicidade de interesses e de negociações postas em prática em momentos e situações específicas”.<sup>165</sup> Para a historiadora Gisele Venâncio, a correspondência é um “local por excelência da expressão das intenções e das trocas de ideias”.<sup>166</sup> Para Darnton, os documentos dos editores são considerados uma peça chave, “as fontes mais ricas dentre todas para a história do livro”.<sup>167</sup> Porém, não conseguimos esses materiais, o que certamente ajudaria a compor um quadro mais completo e detalhado dos nomes que estão mais próximos de Fernando Mangarielo, assim como, entender os assuntos de maior interesse em determinados momentos de sua vida e verificar com mais cuidado o processo de produção de alguns títulos.

Mesmo com a ausência desse material, temos o conhecimento de alguns nomes fortes, já conhecidos pela historiografia, que estão presentes na vida de Fernando Mangarielo e que fazem parte das publicações iniciais da Alfa-Omega. Um desses nomes é o do filósofo e professor Jacob Bazarian, chamado carinhosamente de “mestre” por ele. Bazarian forma-se em Filosofia pela USP, em 1945. Conclui seu doutorado em 1956, no Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS. Após o doutorado, trabalha por um tempo como pesquisador científico no Instituto de Filosofia de Moscou, da Academia de Ciências da União

---

<sup>164</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>165</sup> GONTIJO, Rebeca. *O Velho Vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Tese de Doutorado em História Social. Niterói – RJ: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2006. p. 175.

<sup>166</sup> VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de Papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 02, n. 28, pp. 23-47, 2001. Disponível na internet via: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2146/1285>. Acesso em: 10/02/2020.

<sup>167</sup> DARNTON, Robert, op. cit., p.140.

Soviética<sup>168</sup>. No Brasil, entre as décadas de 1960 e 1990, leciona na Fundação Karnig Bazarin – FKB, localizada em Itapetininga, no interior de São Paulo.<sup>169</sup> Ele é uma pessoa muito importante na vida de Fernando Mangarielo e da editora, sendo até mesmo convidado para ser uma das testemunhas no casamento, como visto na figura 1. Fernando Mangarielo se recorda ainda que os dois conversavam sobre tudo, “qualquer assunto que estava na imprensa, no rádio”, ou mesmo dentro de suas próprias ideias, principalmente em relação a uma possível publicação. Fernando Mangarielo volta-se para o “mestre” e pergunta: “Bazarian, como fazer esse livro?”.<sup>170</sup>

Dentre outros intelectuais importantes que estão próximos a ele, destaca-se também José Sebastião Witter, professor de História da USP, que o ajuda com a indicação de vários títulos, um deles é *História e Teoria dos Partidos Políticos*, de Afonso Arinos. Outros que ainda dialogam com Fernando Mangarielo e contribuem com a consolidação da editora são: Florestan Fernandes, sociólogo e professor da USP; Victor Nunes Leal, bacharel em Direito e político; Barbosa Lima Sobrinho, advogado, jornalista e historiador; Sérgio Buarque de Holanda, advogado, historiador e professor da USP entre os anos de 1958 e 1969; e Sedi Hirano, sociólogo. Segundo Fernando Mangarielo, essas pessoas “perceberam, de imediato, a flexibilidade da Alfa-Omega e a vocação, o diapasão em que eu queria atuar”.<sup>171</sup>

Mesmo com a ausência de um mapeamento detalhado com os nomes dos intelectuais que compunham a rede de sociabilidade de Fernando Mangarielo, sabemos que os laços de amizade são construídos dentro e fora USP. Após a saída, por exemplo, da Banca da Cultura e a tentativa fracassada da Skchema, Fernando Mangarielo ainda trabalha em outras editoras antes de abrir a Alfa-Omega, como, por exemplo: a Atlas, a McGraw-Hill, a Brasiliense e a Record. É na época em que está na editora norte-americana McGraw-Hill, que ele conhece Claudete Machado, sua futura esposa e sócia.

<sup>168</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE ITAPETININGA. Decreto Legislativo nº 13/79, de 17 de setembro de 1979. Concede o título de “Cidadão Itapetiningano” ao Prof. Jacob Bazarian. Itapetininga, SP, pp. 01-28, 06 de agosto de 1979. Disponível na internet via: <https://consulta.siscam.com.br/camaraitapetininga/arquivo?Id=36928>. Acesso em: 22/09/2019.

<sup>169</sup> Jacob Bazarian trabalha na Fundação Karnig Bazarin – FKB nos seguintes períodos: de 25/05/1969 até 31/03/1977; de 07/03/1980 até 03/10/1984; de 04/10/1984 até 25/02/1985; e de 01/03/1987 até 06/02/1995. Ministra as disciplinas de Sociologia, Psicologia e Estudos de Problemas Brasileiros. Informações concedidas ao autor através de uma declaração emitida, no dia 24 de setembro de 2019, pelo Departamento de Recursos Humanos da Fundação Karnig Bazarian.

<sup>170</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>171</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo aos autores em 15 de maio e 19 de junho de 2013 apud MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro. In: *Intercom*, São Paulo, vol. 38, n. 01, pp. 169-190, jan./jun. 2015. Disponível na Internet via: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2210>. Acesso em: 19/01/2019.

No momento da McGraw-Hill, Claudete Machado Mangarielo afirma que seu marido faz muitas viagens, principalmente para o Nordeste “para pegar os originais dos professores, dessas universidades do governo (...). Era recomendado ir nessas universidades descobrir quem tinha originais, e assim foi conhecendo a intelectualidade”.<sup>172</sup> Fernando Mangarielo lembra que viaja o Brasil inteiro nessa época, conhecendo e analisando o mercado. Sua permanência na editora é de aproximadamente um ano.<sup>173</sup>

Depois da experiência na editora norte-americana McGraw-Hill, e antes de abrir a Alfa-Omega, Fernando Mangarielo trabalha ainda em outras duas editoras consagradas no mercado editorial, a Brasiliense e a Record, como já destacado anteriormente. Não é possível precisar o tempo de sua presença em cada uma delas. Mas é no momento em que está na Record que ele compartilha o seu sonho com Claudete Machado: o de criar uma editora<sup>174</sup>. Ela se recorda de que o futuro marido e sócio havia falado que “não gostava de lidar com dinheiro, mexer com números, contas, ele não saberia nem por onde começar”.<sup>175</sup>

Claudete Machado, então, abraça o sonho de Fernando. Como possuía a experiência na área administrativa, em decorrência do cargo de Gerente de Contas no Banco Mercantil de São Paulo, aceita o desafio e fica com a parte burocrática de administração e de montagem da editora, ou seja, as áreas que Fernando Mangarielo não domina. Claudete Machado deixa o Banco para se dedicar exclusivamente ao novo empreendimento. Ele ainda permanece por mais algum tempo na Record, aproximadamente um ano, antes de se dedicar por completo à Alfa-Omega.<sup>176</sup>

Ao decidir abrir uma editora junto com a sua esposa, Fernando Mangarielo tem boas relações construídas com a intelectualidade. Sem dúvida, isso concede a ele uma noção de mercado editorial e uma noção de estratégias necessárias para criar o próprio empreendimento.

Voltando mais uma vez a interpretação de Unwin, “muitas habilitações contribuem para o êxito de um editor”. Dentre elas, duas são consideradas especiais: a “experiência” e a “memória”. A primeira habilidade, a experiência, está ligada à venda de livros para o público leitor. Isso significa que o editor que não tem conhecimento de mercado, tem muitas dificuldades em entender as “necessidades do comércio” e o “valor comercial dos originais”.

<sup>172</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>173</sup> Idem.

<sup>174</sup> Editora é uma “casa ou instituição” responsável “pela edição de publicações”. Cf. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro – Da Escrita ao Livro Eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 272.

<sup>175</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>176</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

A segunda habilidade, a memória, está ligada à recordação do editor. Ou seja, é preciso buscar na sua lembrança livros ou assuntos com “êxito” ou “fracasso” em suas publicações.<sup>177</sup>

É possível observar que essas duas habilidades defendidas por Unwin se aplicavam a Fernando Mangarielo. Mesmo com pouca idade, ele tem a experiência, fruto do tempo em que exerce a função de livreiro em editoras de grande prestígio no mercado. E, por outro lado, as suas lembranças sobre aqueles títulos que podem agradar ou não o público leitor, também estão guardadas na memória, ou seja, ele adquire certa noção da possível aceitação de um livro no mercado.

#### 1.4 A Inauguração da Alfa-Omega

Segundo a ficha cadastral, que se encontra na Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP)<sup>178</sup>, a Editora Alfa-Omega é criada no dia 10 de janeiro de 1973, tendo Claudete Machado e Fernando Celso de Castro Mangarielo como responsáveis pela empresa.<sup>179</sup>

O contexto político no momento da abertura da editora é marcado pelo governo de Emílio Garrastazu Médici. O país vive, por um lado, certa euforia pelo progresso e, por outro lado, forte tensão provocada pelo governo. Como vimos anteriormente, o Brasil respira o chamado “milagre” econômico, tendo os primeiros anos da década de 1970 como momento auge, onde os olhares estão para as conquistas: “comemorava-se o tricampeonato de futebol, as lutas de Eder Jofre, a expansão do sistema de telecomunicações e das fronteiras regionais que abriam novas estradas, construía pontes e hidrelétricas; as indústrias cresciam (...).”<sup>180</sup>

O mesmo período é destacado também pelos pesquisadores Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis como sendo os anos mais “lacerantes da ditadura”, isso significa, o “fechamento temporário do Congresso”, a “cassação de mandatos e suspensão dos direitos

<sup>177</sup> UNWIN, Stanley Sir, op. cit., p. 217-218.

<sup>178</sup> A Junta Comercial do Estado de São Paulo é um órgão estadual, vinculado ao Departamento de Registro Empresarial e Integração – DREI, à Secretaria Especial da Micro e Pequena Empresa e ao Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços. Um de seus objetivos é registrar as empresas comerciais. Cf. [http://www.institucional.jucesp.sp.gov.br/institucional\\_sobre.php](http://www.institucional.jucesp.sp.gov.br/institucional_sobre.php). Acesso em: 21/08/2019.

<sup>179</sup> *Ficha Cadastral Simplificada*, 1973. Disponível na internet, no acervo da JUCESP – Brasil, via: [https://www.jucesponline.sp.gov.br/Pre\\_Visualiza.aspx?nire=35204984393&idproduto=](https://www.jucesponline.sp.gov.br/Pre_Visualiza.aspx?nire=35204984393&idproduto=). Acesso em: 21/08/2019.

<sup>180</sup> CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de Chumbo ou Anos de Ouro? A Memória Social Sobre o Governo Médici. In: *Revista Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, vol. 22, n. 43, pp. 85-104, jan./jun. 2009. Disponível na internet via: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1546/1008>. Acesso em: 02/11/2019.

políticos”, a “censura à imprensa e às produções culturais”, as “demissões em universidades” e a repressão “contra os grupos oposicionistas”.<sup>181</sup>

Diante disso, para a historiadora Janaina Cordeiro, o período entre os anos de 1969 até 1974, “não foram anos de ouro ou de chumbo”, mas sim, “os dois ao mesmo tempo”. Ainda segundo a historiadora, “se foram um e outro, é preciso perceber que há um enorme espaço entre quem os viveu como *anos de ouro* e quem os viveu como *anos de chumbo (...)*”.<sup>182</sup> Para Almeida e Weis, é um período marcado pela “combinação” de “autoritarismo e crescimento econômico”, que deixa parte da “oposição de classe média ao mesmo tempo sob o chicote e o afago”.<sup>183</sup>

É nesse contexto, portanto, de “chicote” e de “afago” que nasce a Alfa-Omega. Sua inauguração não passa despercebida, é noticiada, na época, em pelo menos dois jornais de grande circulação da cidade de São Paulo. Os periódicos que destacaremos aqui são de março de 1973, ou seja, três meses após o registro na JUCESP. Esses jornais destacam, por exemplo, a jovialidade de Fernando Mangarielo e o público alvo a ser atingido pela editora.

O *Estadão*, de 14 de março, traz no título da nota: “A Alfa Omega Vai Vender Autores”. Aqui a intenção é destacar o livro de estreia e as áreas de interesse:

Fernando Mangarielo, pernambucano, 26 anos, já trabalhou em seis casas editoriais, cinco delas nacionais e uma estrangeira. A experiência que adquiriu em oito anos estimulou-o a fundar uma editora própria, a Alfa-Omega, que começa a operar ainda este mês. No dia 27 lançará no mercado “A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos”, do prof. Xavier Carneiro Pessoa, da Faculdade de Filosofia da USP. A “Alfa-Omega”, que no início, publicará três títulos por mês, se especializará em obras didáticas de nível superior nas áreas de História, Sociologia, Física, Química e Matemática. Fernando Mangarielo informou que a editora já dispõe de um acervo, em potencial, de 1600 trabalhos originais, só no setor de ciências exatas (...).<sup>184</sup>

A fonte chama atenção para a idade de Fernando Mangarielo, 26 anos. É um jovem editor para a época. Mas, ao mesmo tempo, essa jovialidade é justificada. Mesmo sendo um homem novo, traz consigo uma experiência de trabalho considerável, anteriormente dedicados a outras casas editoriais. Aqui, a fonte faz referência a todos os trabalhos que Fernando

<sup>181</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luís. Carro-Zero e Pau de Arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 320-409.

<sup>182</sup> CORDEIRO, Janaina Martins, op. cit., pp. 85-104.

<sup>183</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luís, op. cit., pp. 320-409.

<sup>184</sup> S/A. “Alfa-Omega” Vai Defender Autores. In: *O Estado de São Paulo – Estadão*, São Paulo, 14 de março de 1973. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19730314-30047-nac-0007-999-7-not/tela/fullscreen>. Acesso em: 10/08/2018. Essa fonte encontra-se no acervo digital do jornal *Estadão*. Para ter acesso é preciso se cadastrar no site do jornal ou ser assinante.

Mangarielo exerce, em livrarias e editoras, antes de criar a Alfa-Omega. Lembrando que logo quando chega a São Paulo, em 1965, Fernando Mangarielo começa a trabalhar no mundo dos livros e, deste então, sua carreira como livreiro passa a se moldar. Podemos, portanto, refletir junto à fonte que ele é um homem com certa experiência e que possui um conhecimento prévio do mundo editorial adquirido antes de abrir o próprio negócio.

Outra informação apresentada pela nota do jornal são as áreas de interesse da editora e o público que pretendia atingir. Vemos o destaque não somente para as áreas das Ciências Humanas – História e Sociologia –, como também para as áreas das Ciências Exatas: Física, Química e Matemática. É possível que, na época, o editor tenha pensado em acolher as áreas de Humanas e Exatas de modo a atender de forma mais ampla o público universitário, principalmente aquele ligado à USP. Mas, como constatamos, e como veremos no capítulo seguinte, Fernando Mangarielo fica concentrado apenas nas Ciências Humanas, e não publica títulos na área de Exatas.

O outro periódico que dedica atenção para a inauguração da Alfa Omega é o *Diário da Noite*, também de São Paulo, curiosamente publicado no mesmo dia, 14 de março.

Está nascendo uma nova editora em São Paulo. Vai chamar-se “Alfa-Omega” e funcionará sob a direção de um jovem de 26 anos, Fernando Mangarielo. O primeiro lançamento desta editora será ainda este mês: “A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos”. Fernando afirma que não pretende ser o Larousse brasileiro. Ele quer apenas que sua editora se constitua na pedra angular que trará o autor nacional para o “boom” do livro que se inicia no Brasil. Será, também, conforme explica, uma janela aberta para escritores preocupados com a nossa realidade, com o Brasil de agora, com nosso processo econômico-político-social. Vai editar somente escritores que tragam uma real contribuição à fase vivida pelo nosso País e ao nosso desenvolvimento, onde se inclui, também e principalmente, a cultura. “A editora Alfa-Omega se propõe defender o autor e o livro nacionais, através de uma programação editorial intensiva e voltada quase que exclusivamente para as necessidades do ensino superior, em nosso País” – diz Fernando Mangarielo.<sup>185</sup>

Assim como a fonte anterior, esta também destaca os 26 anos de Fernando Mangarielo. Em seguida, a nota de autoria de Álvaro de Faria faz menção ao livro de estreia do professor Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa. O livro seria publicado naquele mesmo mês<sup>186</sup>. Como mostrado pelo *Estadão*, no dia 27 de março aconteceria a sua publicação. Isso

<sup>185</sup> FARIA, Álvaro de. Leitura. In: *Diário da Noite*, São Paulo, 14 de março de 1973. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=221961\\_05&pagfis=22489](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=221961_05&pagfis=22489). Acesso em: 04/08/2018.

<sup>186</sup> No dia 16 de outubro de 2019, realizamos uma pesquisa no arquivo pessoal do Professor Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, localizado no Centro de Apoio à Pesquisa Histórica “Sérgio Buarque de Holanda” – USP, com a esperança de encontrar algum documento referente à publicação do livro de estreia da Alfa-Omega, *A Ideia*

nos propõe pensar que as atividades dentro da editora são rápidas, logo após a sua inauguração, ou seja, aproximadamente três meses depois.

Na segunda parte da matéria, um dado importante destacado pelo *Diário da Noite*, é o posicionamento do próprio editor. Pode-se observar uma preocupação de Fernando Mangarielo com o autor nacional e com a realidade brasileira, ou seja, com as questões sociais, políticas e econômicas. O que ele quer é publicar obras que possam trazer contribuições e reflexões importantes sobre o país, sem qualquer pretensão de se tornar o “Larousse brasileiro”.

Na entrevista realizada em 2018, perguntamos ao Fernando Mangarielo por que ele afirma em não se tornar o Larousse brasileiro. Em resposta, ele considera que o Larousse é de um “pluralismo” em suas publicações, editava de um tudo, até mesmo uma “enciclopédia”. Então, precisa fazer o seu “foco”. Nesse sentido, conclui que: “você ser pouco visto, mas bem-amado, ainda que por um público pequeno, contanto que tenha funções estratégicas políticas para reverberar, é esse que eu chamo carinhosamente de meus sócios anônimos”.<sup>187</sup>

Ao que tudo indica a jovialidade do casal empreendedor chama bastante atenção na época. Como vimos nas duas fontes citadas, a idade de Fernando Mangarielo é mencionada. Além dessas duas citações, encontramos mais dois periódicos que fazem menção a isso. A *Folha*, por exemplo, de 10 de setembro de 1974, informa:

As pequenas editoras, como qualquer pequena empresa, sobrevivem com dificuldades. Fernando Mangarielo, pernambucano de 26 anos, é o diretor de uma pequena editora, a Alfa-Omega, que em pouco mais de um ano lançou nove títulos, especialmente na área de ensaios: sociologia, história, filosofia, crítica literária (...).<sup>188</sup>

Além da *Folha*, o *Estadão*, de 24 de abril de 1976, também destaca a jovialidade de Fernando Mangarielo. O editor, com 28 anos, é considerado pelo periódico como o “caçula dos editores”.<sup>189</sup> Caçula é uma palavra que define bem a jovialidade de uma pessoa, o mais novo em uma família. Observa-se que é dessa forma que a imprensa da época vê o Fernando

*Republicana no Brasil Através dos Documentos*. Mas, infelizmente, o acervo do Professor Reynaldo Pessoa não guarda nenhum documento referente a este livro, nem mesmo correspondências pessoais.

<sup>187</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>188</sup> NADER, Wladyr. O Círculo Vicioso do Livro no Brasil. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 de setembro de 1974. Disponível na internet, no Acervo Digital da *Folha*, via: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=5238&anchor=4372120&pd=562219d58c8f707f63b42a145a23b926>. Acesso em: 04/08/2018.

<sup>189</sup> Editor Prova que Autor Nacional é Bom Negócio. In: *O Estado de São Paulo – Estadão*, São Paulo, 24 de abril de 1976. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19760424-31007-nac-0010-999-10-not/busca/Fernando>. Acesso em: 11/08/2018. Para ter acesso a esta fonte é preciso se cadastrar no site do jornal ou ser assinante.

Mangarielo, como um editor jovem inserido em um mercado onde a predominância é de pessoas mais velhas.

Claudete Machado Mangarielo não aparece nesses periódicos, pois como vimos anteriormente, a mesma fica voltada para os assuntos administrativos e internos da editora, o que não significa que sua jovialidade tenha passado despercebida. Pelo contrário, na entrevista, ela destaca uma de suas estratégias para se parecer um pouco mais velha:

Eu me lembro que na época, não com os autores, mas quando eram contatos financeiros, as pessoas estranhavam tratar de negócios com uma pessoa jovem. Naquela época, cargo de diretor, de empresário, sócio, era acima de 50 (...). E eu me lembro que me preocupava até com o jeito de me vestir para parecer mais velha. Porque existia esse preconceito nessa área financeira.<sup>190</sup>

O estranhamento sofrido pelo jovem casal na imprensa e no meio financeiro, no início da carreira, parece não ter sido um grande problema, visto que, os mais interessados, os autores, não estão nem um pouco preocupados com a idade dos editores. Claudete Machado Mangarielo afirma que com “os intelectuais era diferente, eles acreditavam nos projetos de edição propostos pelo Fernando”.<sup>191</sup>

Os intelectuais não só acreditam como apoiam o jovem casal. São eles que formam o primeiro Conselho Editorial<sup>192</sup>. Toda a publicação da editora, neste primeiro momento, passa pelo crivo desses intelectuais, grande parte ligados à USP.

Você veja que em 1973, eu estava com 24 anos, e ele com 26, pegando uma responsabilidade como essa, e tendo professores de alto nível intelectual acreditando na gente... E esses professores formaram um Conselho Editorial. Os originais que chegavam à editora eram levados a apreciação deste Conselho Editorial.<sup>193</sup>

Tentamos localizar os nomes dos intelectuais deste primeiro Conselho Editorial. No livro de estreia, *A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos*, do professor Reynaldo Pessoa, não aparece nomes, apenas Conselho Orientador em organização. Mas em outros títulos, publicados ainda nos primeiros anos da editora, é possível observar alguns nomes que fazem parte do Conselho da editora. No livro *A Ilha: um repórter brasileiro no*

<sup>190</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>191</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>192</sup> O Conselho Editorial é composto por pessoas que orientam o “editor” ou a “casa editora a edição de determinadas obras de determinados autores. Com frequência trata-se de um ou vários autores já notáveis, que aconselham o editor no recrutamento de autores novos”. Cabe ainda ao Conselho editorial “sugerir novos títulos, ajudar na escolha de tradutores e na revisão literária”. Cf. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro – Da Escrita ao Livro Eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 192.

<sup>193</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

*país de Fidel Castro*, de Fernando Moraes, publicado em 1976, destacam-se dez nomes: Luiz Pinto Ferreira (escritor, advogado e professor do curso de Direito da Faculdade de Recife); Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa (historiador e professor da USP); Geraldina Porto Witter (doutora em Psicologia e professora da USP); Nagib Lima Feres (sociólogo e professor da USP); Duglas Teixeira Monteiro (sociólogo e professor da USP), Paulo Sérgio Pinheiro (advogado, sociólogo e professor da USP); João Manoel C. de Mello (advogado e sociólogo); José Sebastião Witter (historiador e professor da USP); Maria de Lourdes Janotti (historiadora e professora da USP); e Remy Gorga Filho (advogado e jornalista).

Um ano depois, em 1977, no livro *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós, percebe-se que o Conselho permanece basicamente o mesmo. Apenas um novo nome aparece, o de Geraldo Galvão Ferraz (jornalista e crítico literário). Indo um pouco mais a frente, já no ano de 1978, não há qualquer mudança nesse quadro de intelectuais. No primeiro volume, por exemplo, da coleção Antologias, intitulado *Assim Escrevem os Gaúchos*, organizado por Janer Cristaldo, os onze intelectuais ainda fazem parte do Conselho Editorial da Alfa-Omega.

Tudo isso nos leva a pensar três questões importantes. A primeira questão é a predominância de professores da USP no Conselho. O que não é de se estranhar, pois como vimos anteriormente, a relação de Fernando Mangarielo com a intelectualidade *uspiana* era estreita, tecida ainda bem antes de criar a própria editora. A segunda questão é que o Conselho Editorial se mantém praticamente o mesmo ao longo dos seus primeiros cinco anos de atividades. A terceira questão é o papel desempenhado pela Alfa-Omega. Ao trazer nomes importantes para o seu Conselho Editorial, como o de professores e o de intelectuais, os editores estão consolidando no mercado não apenas mais uma empresa, mas sim, construindo um lugar de reflexão, de cultura e de produção de história. Como bem salienta o professor e editor Moacir Costa Lopes, um lugar com função plural:

Considerando que uma empresa editora, é simultaneamente um veículo de informação, comunicação e documentação, e uma empresa de transformação industrial, e obviamente com fins lucrativos pelo simples fato de ser uma empresa, representa ainda uma importância social e histórica pelo tipo de informação que transmite, contribuindo direta ou indiretamente para a manutenção do *status quo* da sociedade em que atua e do momento histórico, ou alterando-o, podendo ser responsável em maior ou menor escala pela evolução da cultura do seu país e, até, de toda a cultura do homem.<sup>194</sup>

Esse lugar, que a Alfa-Omega ocupa logo nos primeiros anos de vida, pode ser visto também pela própria escolha do nome. Ao definirem, os editores levam em consideração

---

<sup>194</sup> LOPES, Moacir Costa, op. cit., p. 32.

alfabeto grego, na verdade, o nome refere-se à primeira e a última letra do alfabeto: Alfa e Ômega<sup>195</sup>. Em entrevista concedida em 2013 aos pesquisadores Sandra Reimão, Flamarion Maués e João Elias Nery, Fernando Mangarielo afirma que o nome significa a “luta dos contrários: pensamento e ação, alto e baixo, magro e gordo, pobre e rico; no caso nosso, é (...) pensamento e ação”.<sup>196</sup> Ou seja, os editores querem colocar em prática os seus pensamentos, fazer com que a editora tenha, de fato, uma função.

Pensar e agir parece mesmo ter sido o lema do casal desde o momento em que levantam fundos para abrir o próprio negócio. O empreendimento custa, na época, Cr\$ 20 mil cruzeiros, resultado da economia dos dois, como informa o *Estadão* três anos após o nascimento da editora.

A Alfa-Omega, uma pequena editora que nasceu há três anos, quando Fernando Mangarielo e sua esposa reuniram Cr\$ 20 mil de suas economias para se lançarem neste empreendimento porque acreditam no potencial da leitura do brasileiro, começou dedicando-se apenas ao ensaio político, econômico e histórico, dando preferência sempre ao autor nacional. Passada a primeira fase e provando que não se tratava de uma aventura, explica Fernando Mangarielo, começamos a procurar os autores latino-americanos.<sup>197</sup>

Claudete Machado Mangarielo, embora não informando números, destaca como fazem para levantar os recursos necessários para a abertura da empresa: “Ele pegou o fundo de garantia dele, eu peguei o meu, e mais um empréstimo, e abrimos à editora”. Além disso, “os livros eram todos pagos por nós. Não tinha essa história do autor pagar livro, que hoje é isso. E abrimos a editora e começamos (...)”.<sup>198</sup>

A editora nasce no pequeno apartamento do casal, localizado na Rua Santa Isabel, nº 323, conjunto 502, no centro da cidade, próximo a Santa Casa de Misericórdia, em São Paulo. No começo, são apenas os dois a tocar a editora. Quando é editado o primeiro livro, Claudete Machado Mangarielo se recorda da necessidade de contratar um “*office boy*” para ajudar com

<sup>195</sup> Embora a palavra “Ômega” receba acento circunflexo, o mesmo não é adotado no registro na JUCESP nem mesmo nas publicações da própria editora. Portanto, neste estudo, é utilizada a grafia encontrada no registro da JUCESP e nas publicações, ou seja, sem o acento.

<sup>196</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo aos autores em 15 de maio e 19 de junho de 2013 apud MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro. In: *Intercom*, São Paulo, vol. 38, n. 01, pp. 169-190, jan./jun. 2015. Disponível na Internet via: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2210>. Acesso em: 19/01/2019.

<sup>197</sup> S/A. Autores Argentinos Visitarão o Brasil. In: *O Estado de São Paulo – Estadão*. São Paulo, 07 de abril de 1976. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19760407-30993-nac-0009-999-9-not/tela/fullscreen>. Acesso em: 10/08/2018. Essa fonte encontra-se no acervo digital do jornal *Estadão*. Para ter acesso é preciso se cadastrar no site do jornal ou ser assinante.

<sup>198</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

algumas tarefas. Mas as funções de “vendedora, secretária e administrativa”, são todas exercidas por ela. Apenas um contador é contratado para cuidar da contabilidade da empresa.<sup>199</sup>

O que tudo indica é que essa pequena estrutura administrativa permanece ao longo dos anos. Em 10 de outubro de 1976, por exemplo, em entrevista para o *Jornal do Brasil*, Fernando Mangarielo descreve o escritório da empresa da seguinte maneira:

O *bureau* de minha secretária diz tudo: uma pilha de livros de cada lado e, em cima, uma porta velha fazendo de mesa. Aliás, a secretária é luxo a que só me dei este ano. Por três meses eu e minha mulher fizemos de tudo na editora – *boy, releases*, direção. Quanto a telefone, até três meses atrás usávamos o da esquina. Em compensação ostentamos um catálogo de quase 40 títulos, a quem todos tiram respeitosa e o chapéu.<sup>200</sup>

Este posicionamento de Fernando Mangarielo nos faz lembrar de Leone Ginzburg, colaborador da editora italiana Einaudi, fundada em 1933. Assim como a editora Alfa-Omega, sua estrutura é bem pequena no início de suas atividades. Como lembra sua esposa, Natália Ginzburg, “apesar de muito pequena e pobre, era ao mesmo tempo fértil em energias promissoras”.<sup>201</sup> Ao descrever o *bureau*, Fernando Mangarielo também apresenta as “energias promissoras” da jovem Alfa-Omega, que possui um catálogo expressivo com quase quarenta títulos.

Com um catálogo expressivo, a editora não permanece no endereço inaugural por muito tempo. O pequeno apartamento da Rua Santa Isabel é trocado por outras localizações. Não sabemos exatamente a data exata da primeira mudança, mas acreditamos que ainda no primeiro ano de funcionamento os editores procuram um novo imóvel. A editora passa, então, para a “rua Cristiano Viana, 302 (...); posteriormente é transferida para a rua Lisboa, 502, e, mais tarde ainda, para número 489 da mesma rua, onde se encontra até hoje”, no bairro de Pinheiros.<sup>202</sup> Quando a editora conquista o atual endereço, havia passado quatorze anos após a inauguração.

<sup>199</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>200</sup> BÁRBARA, Danusia. A Safra dos Novos Editores: um traço em comum apesar dos objetivos diferentes: a busca da qualidade. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1976. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=148865&Pesq=](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=148865&Pesq=). Acesso em: 05/08/2018.

<sup>201</sup> GINZBURG, Natália. *Léxico Familiar*. Tradução de Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 143.

<sup>202</sup> MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro. In: *Intercom*, São Paulo, vol. 38, n. 01, pp. 169-190, jan./jun. 2015. Disponível na Internet via: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2210>. Acesso em: 19/01/2019.

Em 1987, portanto, a editora ganha uma nova sede, bem mais ampla, com espaço para acomodar de forma confortável toda a estrutura administrativa da empresa, realidade bem diferente das condições do pequeno apartamento no centro da cidade no início das suas atividades. Em um catálogo especial, comemorativo, os editores fazem questão de destacar as particularidades do novo espaço como, por exemplo, o tamanho da nova área: 360 m<sup>2</sup>, tendo 512 m<sup>2</sup> de área construída. Além da grande área, a nova sede conta com um belíssimo jardim e com espaços reservados para cada departamento.

Na nova sede, ornada na entrada com uma frondosa seringueira, segue-se um jardim plantado com *Papyrus*, tão significativo para a história do livro. Penetra-se através de ambiente agradável, temos a recepção ao qual estão contíguos o Dpto. de Marketing Direto e o Dpto. de Contas.

Seguindo no mesmo piso, chegamos à Sala dos Vendedores ladeada pelas amplas instalações do Dpto. de Expedição. Em seguida à Sala dos Vendedores temos a Sala do Faturamento e do arquivo de clientes (...).<sup>203</sup>

A nova sede ainda contempla um andar superior onde estão as salas da Diretoria Administrativa Financeira, da Secretaria Executiva, de Reuniões e do Diretor Editorial. O espaço ainda conta com um ponto para o café e um terraço de inverno. Toda essa estrutura reflete um marco para Alfa-Omega, que vê “redobradas” as “expectativas” após quatorze anos.<sup>204</sup>

---

<sup>203</sup> *Boletim de Informação da Editora Alfa Omega*, 1987. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 22/04/1987 a 31/08/1987. Tombo, I0002345250. Localização, 1,244,05,04. Coleção, 1987. Biblioteca, periódicos.

<sup>204</sup> Idem.

Figura 2 - Fachada da Sede da Editora



Fonte: *Boletim de Informação da Editora Alfa Omega*, 1987.  
Acervo: Acervo de Periódicos. FBN

A figura 2 traz a fachada da nova sede da editora. Infelizmente outras imagens não são encontradas, o que impede de visualizar toda essa estrutura descrita com detalhes pelo *Boletim*. Mas é possível entender que quatorze anos após a sua inauguração, a Alfa-Omega conquista um espaço maior e bem estruturado para as suas atividades. As publicações, realizadas ao longo desses anos, rendem bom frutos, legitimando-a no mercado editorial.

Agora que analisamos a trajetória dos editores e a consolidação da Alfa-Omega no mercado de livros, é hora de avançar um pouco mais e conhecer parte da produção literária, destacando o seu perfil editorial e o papel desempenhado pelos editores na construção do pensamento crítico.

## 2 A PRODUÇÃO LITERÁRIA ATRAVÉS DO CATÁLOGO

“O catálogo de uma editora funciona como uma verdadeira cédula de identidade, sendo extremamente revelador de suas atividades e do modo como ela estabelece a sua individualidade em relação às outras editoras”.

*Teodoro Koracakis*<sup>205</sup>

A epígrafe que abre este capítulo mostra a importância de um catálogo. Através dele é possível conhecer com mais cuidado o perfil da editora. O pesquisador Teodoro Koracakis, em sua tese sobre a editora Companhia das Letras, dedica atenção especial aos catálogos da editora dos anos de 1999, 2003, 2004 e 2005, de modo a “compreender melhor a atuação da editora e dimensionar a coerência na publicação dos seus livros”.<sup>206</sup>

Koracakis não é o primeiro a entender o catálogo como uma ferramenta de identidade de uma editora. O antropólogo, Gustavo Sorá, salienta sobre isso no final da década de 1990. Para ele, “o catálogo pode ser visto como um documento de identidade dos editores. É o instrumento que reúne a ‘obra’ do editor, por meio do qual se dá a conhecer e compete com outros concorrentes num mercado, à espreita da demanda livreira”.<sup>207</sup>

Sorá, em um dos capítulos de seu estudo, busca através dos catálogos da editora José Olympio, analisar “o conjunto dos títulos, autores, coleções, formas de publicidade”.<sup>208</sup> Os catálogos dos anos de 1936 até 1940 são alvo de sua atenção, tendo em mente um questionamento que consiste entender o que a editora publica, “além de romances nordestinos e ensaios de interpretação sobre o Brasil”.<sup>209</sup>

Sem dúvida, o catálogo é uma ferramenta importante para conhecer o perfil da editora. Aqui estamos partindo do conceito de “catálogo de editor” que consiste em uma “lista de obras que uma editora tem disponível para a venda; catálogo comercial; catálogo de livreiro;

<sup>205</sup> KORACAKIS, Teodoro, op. cit., p. 55.

<sup>206</sup> Idem. Ibidem.

<sup>207</sup> Idem. p. 271-272.

<sup>208</sup> Idem. p. 272.

<sup>209</sup> SORÁ, Gustavo Alejandro. *Brasilianas: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro...*, op. cit., p. 272.

catálogo editorial”.<sup>210</sup> Ao garimpar os arquivos da Alfa-Omega, em busca de seus primeiros catálogos, nos deparamos com a ausência do material. Isso não significa que a editora tenha deixado de produzir catálogos ao longo dos seus primeiros anos de vida. Mas tal material não é localizado. Dificuldade esta enfrentada, anteriormente, por Flamarion Maués, João Nery e Sandra Reimão. Devido à ausência desse tipo de fonte, os pesquisadores constroem um catálogo da editora, e o publicam em forma de artigo, com o título *Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro*<sup>211</sup>, em 2015. A princípio, esse catálogo torna-se a nossa única referência.

Neste artigo, os pesquisadores afirmam que a editora “não dispõem de uma reserva técnica de todos os livros publicados”.<sup>212</sup> Para solucionar, parcialmente, essa ausência, os pesquisadores investem grande esforço para construir um catálogo da Alfa-Omega que contemple os primeiros anos de funcionamento. Tal esforço consiste em pesquisas minuciosas em fontes de jornais, acervos de bibliotecas e entrevistas com os donos da editora. Toda essa dedicação resulta em um catálogo, entre os anos de 1973 a 1976, chegando ao número de quarenta e quatro títulos publicados, exposto com mais detalhes no anexo A.

Ainda no primeiro ano de pesquisa, encontramos uma fonte singular: um catálogo da Alfa-Omega do ano de 1984, inserido em um jornal informativo sobre a editora. Essa fonte, encontra-se no acervo de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e apresenta todos os livros publicados pela Alfa-Omega ao longo dos seus onze anos de funcionamento, podendo ser conferida na íntegra no anexo B.

Embora sem a data de publicação de cada título, consideramos essa fonte um achado, uma peça fundamental para podermos, junto com o catálogo criado pelos pesquisadores em 2015, fazer uma análise do perfil editorial da Alfa-Omega. Para além dessas duas fontes, temos dois periódicos e o estudo de Laurence Hallewell que também traz algumas reflexões sobre o perfil editorial dos primeiros anos. Portanto, esse capítulo tem a intenção de analisar essas fontes, com especial atenção ao catálogo de 1984, de modo a buscar, assim como Koracakis, entender a “coerência”<sup>213</sup> nas publicações da editora, e assim como Sorá, entender a “totalidade”<sup>214</sup> do perfil da Alfa-Omega. Assim, tentaremos responder aqui os seguintes questionamentos: quais são as marcas política e ideológica nos primeiros anos da editora? E que marcas política e ideológica permanecem ao longo dos anos, podendo ser vistas no

---

<sup>210</sup> FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro – Da Escrita ao Livro Eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 147.

<sup>211</sup> MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. *Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro...*, op. cit..

<sup>212</sup> Idem.

<sup>213</sup> KORACAKIS, Teodoro, op. cit., p. 55.

<sup>214</sup> SORÁ, Gustavo Alejandro. *Brasilianas: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro...*, op. cit., p. 273.

catálogo de 1984? Para além dessas questões iremos avançar um pouco mais o olhar para observar os editores como “intelectuais mediadores”<sup>215</sup>. Diante disso, teremos ainda nesse capítulo uma questão final: por que os editores da Alfa-Omega podem ser considerados “intelectuais mediadores”?

Para isso, esse capítulo se subdivide em quatro partes. Na primeira parte, intitulada “O Perfil Editorial dos Primeiros Anos de Funcionamento”, a ideia é fazer uma reflexão mais teórica sobre os primeiros anos de vida da editora. Os periódicos da época, como, por exemplo, a *Folha de São Paulo* e o *Jornal do Brasil* são bastante utilizados neste item, pois trazem um panorama geral da Alfa-Omega no início de suas atividades. Esse item ainda traz uma breve análise do livro *A Ideia Republicana Brasil, Através dos Documentos*, de Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, publicado em 1973, sendo esta a primeira publicação da editora. Na segunda parte, intitulada “*A Ilha e Em Câmera Lenta*: um breve destaque”, a intenção é situar duas obras importantes da editora, publicadas ainda nos seus primeiros anos de funcionamento. São obras que têm uma boa repercussão de venda e de crítica. A primeira, de autoria de Fernando Morais, é publicada em 1976; e a segunda, de autoria de Renato Tapajós, é publicada em 1977. Na terceira parte, intitulada “O Catálogo de 1984”, a intenção é analisar o catálogo mais antigo encontrado para esta pesquisa. Essa é uma fonte importante que permite verificar com mais cuidado o perfil político-ideológico da editora. Na quarta parte, intitulada “Os Intelectuais Editores: em defesa do autor nacional”, o objetivo é verificar o papel de mediadores dos editores em defesa do autor nacional. Essa é uma característica que marca a identidade deles como “intelectuais mediadores”.

## 2.1 O Perfil Editorial nos Primeiros Anos de Funcionamento

As características do perfil editorial da Alfa-Omega – embora de forma tímida – começam a aparecer logo nos primeiros anos de seu funcionamento, em jornais como o paulista *Folha de São Paulo*, e o carioca *Jornal do Brasil*. No dia 10 de setembro de 1974, o jornal *Folha de São Paulo* – fonte também utilizada no capítulo anterior – traz a seguinte informação:

---

<sup>215</sup> Como informado em nota explicativa no primeiro capítulo, sobre “intelectuais mediadores” estamos partindo da reflexão de três importantes historiadores: Jean- François Sirinelli, Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen.

Cuidados de Pequeno Editor: As pequenas editoras, como qualquer pequena empresa, sobrevivem com dificuldades. Fernando Mangarielo, pernambucano de 26 anos, é o diretor de uma pequena editora, a Alfa-Omega, que em pouco mais de um ano lançou nove títulos, especialmente na área de ensaios: sociologia, história, filosofia, crítica literária (...).<sup>216</sup>

O autor da matéria, Wladimir Nader, destaca o número de nove livros lançados neste primeiro ano de funcionamento. A fonte não traz maiores detalhes sobre os títulos e os autores, mas sinaliza uma pista importante das principais áreas de interesse do editor: Sociologia, História, Filosofia e Crítica Literária. Ou seja, fica clara uma forte tendência, logo no primeiro ano, pelas Ciências Humanas.

Aproximadamente dois anos depois, em 03 de maio de 1976, outro periódico também destaca esse primeiro movimento de publicações da editora. O *Jornal do Brasil* traz o número de trinta títulos, todos voltados para assuntos com temáticas brasileiras:

Em três anos, a editora Alfa-Omega lançou 30 livros sobre assuntos brasileiros, em todas as áreas. O editor Fernando Mangarielo, que se confessa “fascinado pelo autor brasileiro”, conseguiu provar que o livro de autor nacional pode vender bem: “Já é tempo – diz ele – de deixarmos de jogar areia nos olhos do escritor brasileiro”. E Fernando prova isso, aos 28 anos, mesmo sem ter uma grande estrutura editorial. A editora Alfa-Omega funciona em sua própria casa numa travessa da Avenida Rebouças em São Paulo e se, em 1973, editou dois livros, em 1974 já editava seis, chegando a editar 22 livros sobre o Brasil em 1975.<sup>217</sup>

Percebe-se que há coerência entre as duas fontes, apenas a diferença de um título. Na *Folha*, em setembro de 1974 a editora conta com nove títulos lançados. O *Jornal do Brasil* traz o número de oito títulos publicados no mesmo período, sendo dois em 1973 e seis em 1974.

Ainda segundo a informação do *Jornal do Brasil*, no ano de 1975, a editora tem um expressivo número de publicações, alcançando a marca de vinte e dois títulos com a temática brasileira. Sobre essa preocupação de Fernando Mangarielo com o autor nacional, veremos com mais detalhes na parte final desse capítulo. Mas ainda merece ser destacado nesta fonte o título dos vinte e dois livros publicados:

<sup>216</sup> NADER, Wladyr. O Círculo Vicioso do Livro no Brasil. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 de setembro de 1974. Disponível na internet, no Acervo Digital da *Folha de São Paulo*, via: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=5238&anchor=4372120&pd=562219d58c8f707f63b42a145a23b926>. Acesso em: 04/08/2018.

<sup>217</sup> RANGEL, Maria Lúcia; LUPPI, Carlos Alberto; FONSECA, José Ribamar; SOUZA, Hugo de Almeida. O Brasil, Enfim, Reeditado. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 de maio de 1976. Disponível na internet, no Acervo Digital da Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=139895&Pesq=http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=139895&Pesq=](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=139895&Pesq=http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=139895&Pesq=). Acesso em: 05/08/2018.

Os livros lançados até o momento são os seguintes (nenhum deles foi feito em co-edição): *A Ideia Republicana no Brasil, Através de Documentos*, de Reinaldo Xavier Pessoa; *Café e Ferrovias*, de Odilon Matos; *Castas, Estamentos e Classes Sociais*, de Sedi Hirano; *Política e Segurança*, de Heloísa Rodrigues Fernandes; *História e Teoria Política dos Partidos Políticos no Brasil*, de Afonso Arinos; *Condicionamento Verbal*, de Geraldina Porto e outros; *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*, de José Carlos Mariátegui; *A Verdade da Revolução de Outubro de 1930*, de Barbosa Lima Sobrinho; *Universidade Brasileira Reforma ou Revolução*, de Florestan Fernandes; *Estatística Básica para Ciências Humanas*, de Bernadete Gatti e Nagib Feres; *Ciência, Ensino e Aprendizagem*, de Geraldina Porto Witter; *Energia Elétrica e Capital Estrangeiro no Brasil*, de Catullo Branco; *Sociologia e Sociedade no Brasil*, de Octávio Ianni; *Violência*, de J. Pereira; *Coronelismo, Enxada e Voto*, de Victor Nunes Leal; *A Luta pela Industrialização no Brasil*, de Nícia Vilela Luz; *Escravidão Africana no Brasil*, de Maurício Goulart; *Monções*, de Sérgio Buarque de Holanda; *Uma Vida em Seis Tempos*, de Leôncio Basbaum; *O Sentido do Tenentismo*, de Virgínio Santa Rosa; *História Sincera da República*, de Leôncio Basbaum; *Messianismo no Brasil e no Mundo*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz; *O Mandonismo Local na Vida Política Brasileira e Outros Ensaios*, de Maria Isaura, e *Assim Agem as Multinacionais*, de Hélio Duque.<sup>218</sup>

Mesmo sendo uma citação grande, acreditamos que destacá-la aqui é importante, visto que esse é o primeiro contato com um resumo que destaca os títulos publicados pela editora. A partir desta fonte é possível ter uma noção do perfil geral da Alfa-Omega nos seus três primeiros anos de funcionamento.

É possível verificar que esse resumo da Alfa-Omega tem uma característica marcante: a presença de autores nacionais (com exceção do sociólogo e ativista político peruano José Carlos Mariátegui) que tiveram ou ainda têm algum vínculo com o meio universitário. Além de acadêmicos, como Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Geraldina Porto Witter e Sedi Hirano, o resumo é marcado também por autores com forte engajamento político, como, por exemplo, Catullo Branco e Leôncio Basbaum, ligados ao Partido Comunista Brasileiro. Basbaum tem dois livros editados nesse primeiro momento de atividades da editora.

Observa-se que a Alfa-Omega não contempla traduções de autores estrangeiros em seu catálogo, o que é muito comum em editoras consolidadas no mercado editorial neste período como, por exemplo, na Civilização Brasileira, na José Olympio, na Brasiliense, na Martins, na Paz e Terra e na Jorge Zahar. Como afirma Sorá, os catálogos dessas editoras são quase todos marcados “por uma grande quantidade de traduções ‘pioneiras’ de autores não traduzidos no

---

<sup>218</sup> RANGEL, Maria Lúcia; LUPPI, Carlos Alberto; FONSECA, José Ribamar; SOUZA, Hugo de Almeida. O Brasil, Enfim, Reeditado..., op. cit..

Brasil e de outras descobertas, muitas vezes vividas pelo editor como revelações tidas pessoalmente em viagens ao exterior”.<sup>219</sup>

Ainda sobre a fonte do *Jornal do Brasil*, percebe-se que os títulos, em sua maioria, são voltados para temas ligados às Ciências Humanas. Quem também menciona essa marca da editora é o pesquisador Hallewell. Na década de 1970, ele dedica breve atenção no seu estudo ao perfil da Alfa-Omega. De acordo com o autor, Fernando Mangarielo se ocupa “de quase todas as Ciências Humanas de interesse do público universitário”.<sup>220</sup> Além desse público específico, em 1976, a editora conta em seu catálogo com mais de trinta títulos, sendo todos autores brasileiros. Somente a partir dessa data é que o catálogo ganha um novo formato, tendo a literatura-americana como destaque. Dentre os livros destacam-se: *O Túnel*, de Ernesto Sabato; e *Crônicas de Bustos Domecq*, de Jorge Luís Borges e Adolfo Bioy Casares. E sobre a política hispano-americana a evidência é para *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*, de José Carlos Mariátegui.<sup>221</sup>

A informação de que a editora publica trinta títulos entre 1973 até aproximadamente 1976 coincide tanto na interpretação de Hallewell como também na publicação feita em 1976 pelo *Jornal do Brasil*. A coincidência também aparece em relação à origem dos autores, sendo predominantemente brasileiros, confirmando o que veremos mais adiante, a preocupação de Fernando Mangarielo em dar voz aos autores nacionais – muitos não consagrados – e que tratam de assuntos relacionados à realidade política, social, econômica e cultural do nosso país.

Ainda tentando fazer esse mapeamento mais geral do perfil da Alfa-Omega nos seus primeiros anos, o estudo de Maués, Nery e Reimão é fundamental. Os mesmos chegam ao número, como afirmamos anteriormente, de quarenta e quatro títulos no período de 1973 a 1976. Vale lembrar que é possível que o trabalho de Hallewell não tenha contemplado todo o ano de 1976, assim como o *Jornal do Brasil* não contempla, pois é do mês cinco a fonte citada. Dessa forma, consideramos o levantamento realizado pelos pesquisadores Maués, Nery e Reimão um número bastante coerente em relação às outras fontes previamente mencionadas.

O trabalho dos pesquisadores mostra que dos quarenta e quatro títulos publicados pela editora, dezesseis deles são de professores vinculados a USP, como, por exemplo, o livro de

---

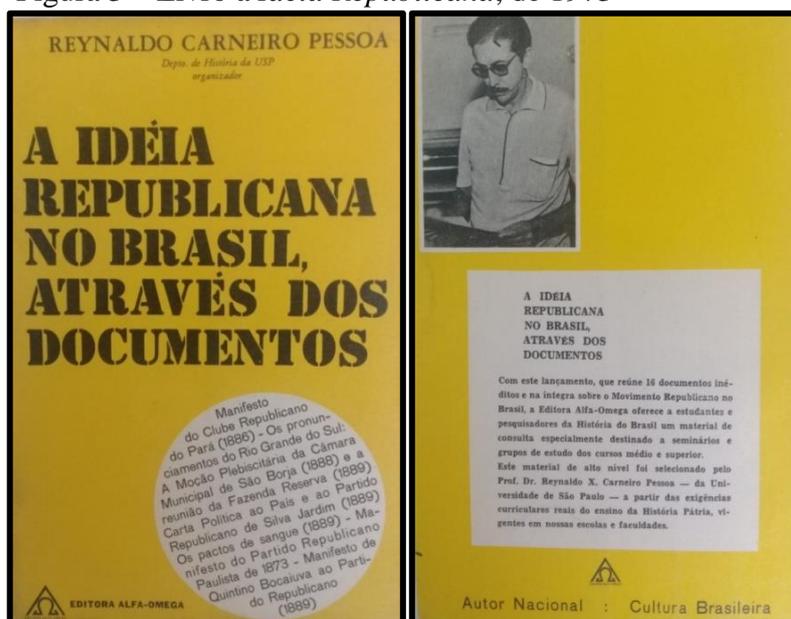
<sup>219</sup> SORÁ, Gustavo Alejandro. Tempo e Distâncias na Produção Editorial de Literatura. In: *Revista Mana*, Rio de Janeiro, vol. 03, n. 02. pp. 151-181, out. 1997. Disponível na internet via: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n2/2443.pdf>. Acesso em: 20/01/2020.

<sup>220</sup> HALLEWELL, Laurence, op.cit., p. 609.

<sup>221</sup> Idem. Ibidem.

estreia *A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos*, de Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa. Em entrevista concedida aos pesquisadores, em 2013, Fernando Mangarielo afirma que esse livro tem uma grande importância, pois o mesmo direciona “a essência da editora”. Ainda de acordo com o editor, o livro é “adotado na USP”, e usado no curso de História.<sup>222</sup>

Figura 3 – Livro *a Ideia Republicana*, de 1973



Fonte: PESSOA, Reynaldo. *A Ideia Republicana*. SP: Alfa-Omega.  
Acervo: Gustavo Orsolon

A capa e a contracapa, de Mizael Garbim, é marcada pela simplicidade. A cor amarela predomina e o destaque fica para o próprio título da obra evidenciado com a cor preta. Na contracapa o destaque é para a fotografia do autor e a sinopse da obra. O livro reúne 16 documentos acerca do Movimento Republicano ocorrido no Brasil durante o século XIX. Para cada documento destacado, existe um breve comentário do autor. A publicação não passa despercebida, é noticiada pela *Folha de São Paulo*, em 29 de julho de 1973:

A editora Alfa Omega acaba de lançar *A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos*, de Reynaldo Carneiro Pessoa, do Departamento de História da Universidade de São Paulo. O livro abrange desde a Revolução Republicana de 1817 ao primeiro decreto do novo regime. Da mesma editora, em segunda edição, *Instituição Heurística (Uma Análise Científica da Intuição Criadora)*, de Jacob Bazarian.<sup>223</sup>

<sup>222</sup> Mangarielo, 2013 apud MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro. In: *Intercom*, São Paulo, vol. 38, n. 01, pp. 169-190, jan./jun. 2015. Disponível na Internet via: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2210>. Acesso em: 19/01/2019.

<sup>223</sup> S/A. Brasil Republicano. In: *Folha de São Paulo*, 29 de julho de 1973. Disponível na internet, no Acervo Digital da Folha, via:

Na introdução do livro é possível entender os motivos que levam o professor Reynaldo Pessoa a construir esse trabalho. A ideia vem, segundo ele, quando ainda desenvolve a sua tese de doutorado, defendida em 1972, na USP. Nesse sentido, três razões o movimentam para construção do trabalho. A primeira razão é “a preservação do documento, evitando um desgaste que não possibilitasse mais a sua consulta”. A segunda razão é “a divulgação em maior amplitude do texto integral do mesmo para que a disponibilidade de acesso se tornasse, em consequência, maior”. A terceira razão é “oferecer aos professores e alunos do curso superior e médio um material que pudesse ser utilizado em seminários de interpretação de textos (...)”.<sup>224</sup>

Como informado em nota explicativa no capítulo anterior, não é encontrada qualquer fonte referente a produção do livro do Professor Reynaldo Pessoa, no arquivo Sérgio Buarque de Holanda, localizado na USP, em São Paulo. O que sabemos é que a obra tem uma tiragem expressiva para época, com mais de mil exemplares. Fernando Mangarielo se recorda da venda deste livro para seus colegas em um valor até mais barato que o preço estipulado no catálogo.<sup>225</sup>

Percebe-se, portanto, a forte ligação da editora com o meio universitário nos primeiros anos de seu funcionamento. O que não é estranho, pois como também é destacado no capítulo anterior, a editora nasce nesse meio universitário, com o apoio dos professores da USP. Parte dos livros editados também é destinada a esse público específico, que consome um material elaborado pelos acadêmicos e intelectuais da universidade. Além de atender ao ensino superior, a editora também procura contribuir com o pensamento político de oposição da época, editando autores de esquerda com certo engajamento político. Tudo isso nos faz pensar na reflexão do professor Moacir Lopes, quando afirma que “nenhuma editora é tão eclética a ponto de editar qualquer gênero, mesmo porque cada uma possui determinado público específico”.<sup>226</sup> Como vemos, os editores da Alfa-Omega, portanto, procuram se especializar logo nos primeiros anos, em uma determinada área e público.

Em entrevista concedida à historiadora Eloísa Aragão, em 2006, Fernando Mangarielo afirma que luta com a sua geração e com as ideias do seu tempo. Nesse sentido, toma “uma posição política para saber de que lado da História ia ficar, por que ficar”, pondera ainda “as

---

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4830&keyword=Republicana%2CBrasil%2CAtrav%C3%A9s%2CDocumentos&anchor=4404801&origem=busca>. Acesso em: 18/08/2018.

<sup>224</sup> PESSOA, Reynaldo Xavier Carneiro. *A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos*. São Paulo: Alfa-Omega. 1973. p. 09.

<sup>225</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>226</sup> LOPES, Moacir Costa, op. cit., p. 35-36.

consequências e os avanços das ações” e ainda observa “quem estava pra valer e quem não estava no jogo dessas lutas que então se travavam naquele cenário de fechamento imposto pelo regime militar”.<sup>227</sup>

Mas essa característica de engajamento político presente em Fernando Mangarielo, não é algo exclusivo de sua personalidade. Muitos editores adotam esse perfil nas décadas de 1970 e 1980. Segundo Maués, algumas editoras e alguns editores atuam “com clara intenção de intervenção social, tornando-se sujeitos ativos do processo político brasileiro no período do final da ditadura”.<sup>228</sup>

Maués afirma ainda que essas editoras começam a publicar uma “literatura política”. Dentro dessa classificação, o historiador destaca: “livros de denúncias contra o governo, depoimentos de exilados e ex-presos políticos, obras de parlamentares de oposição, livros-reportagem, memórias, romances políticos, romances-reportagem”, e também o “pensamento socialista”.<sup>229</sup>

Ainda como tentativa de conhecer com mais cuidado o catálogo inicial da Alfa-Omega e perceber a sua posição política de oposição, destacaremos no próximo item dois livros com grande repercussão no cenário da época. São eles: *A Ilha, um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Moraes, publicado em 1976; e *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós, publicado em 1977.

## 2.2 *A Ilha e Em Câmera Lenta: um breve destaque*

No item anterior o destaque é o livro de estreia da editora, *A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos*, do professor Reynaldo Pessoa. Sem dúvida, esse livro é o cartão de visitas da Alfa-Omega, pois além de ser o primeiro, possibilita a projeção da editora no mercado de livros do Brasil. Mas vale destacar aqui mais dois títulos que marcam esse catálogo inicial: *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro* (1976), de Fernando Moraes; e *Em Câmera Lenta* (1977), de Renato Tapajós. Esse último não aparece no catálogo

---

<sup>227</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo a autora em 19 de agosto e 2 de setembro de 2006 apud MAUÉS, Eloísa Aragão. A Editora Alfa-Omega nos Anos de Chumbo: entrevista com Fernando Mangarielo. In: *Oralidades: Revista de História Oral*, São Paulo, n. 02, pp. 155-174, jul./dez. 2007. Disponível na internet via: [http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%202\\_0.pdf](http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%202_0.pdf). Acesso em: 19/01/2020.

<sup>228</sup> MAUÉS, Flamarion. Livros, Editoras e Oposição à Ditadura, op. cit..

<sup>229</sup> MAUÉS, Flamarion. Os Livros de Denúncia da Tortura Após o Golpe de 1964, op. cit..

construído por Maués, Nery e Reimão, pois, como mencionado anteriormente, o recorte cronológico escolhido pelos pesquisadores é de 1973 até 1976, e o livro em questão é do ano de 1977.

Poderíamos ter escolhido outros títulos desses primeiros anos da Alfa-Omega para destacar aqui. Afinal, estamos mostrando a linha editorial de uma editora marcada por grandes reflexões políticas e sociais. A escolha, portanto, por esses livros se justifica por dois motivos. O primeiro motivo é a repercussão que eles ganham logo após a sua publicação. O livro *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro* torna-se o *best-seller*<sup>230</sup> e permite a editora alcançar uma capacidade financeira melhor. Já o livro *Em Câmera Lenta*, é vítima da censura dos meios de repressão da época, sendo levado à proibição da venda e à prisão do autor. O segundo motivo pela escolha está relacionado à interpretação de Darnton. Para o historiador, os “livros não se limitam a relatar a história: eles a fazem”.<sup>231</sup> Concordamos com Darnton, e acreditamos que esses dois livros não apenas trazem uma história política em suas páginas, mas sim, fazem parte da História.

Vale mencionar que não é a intenção fazer uma análise minuciosa das duas obras, pois isso foge do recorte central do capítulo que é entender as características gerais que marcam o perfil editorial da Alfa-Omega. A ideia é entender a importância dessas duas obras no contexto em que são publicadas.

O livro *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Morais é publicado pela Alfa-Omega no ano de 1976. Morais nasce em Mariana – MG, em 1946, e desde os 13 anos atua como jornalista em Belo Horizonte – MG. Em 1965, muda-se para São Paulo, consolidando sua carreira em importantes periódicos, como o *Jornal da Tarde*, a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*.<sup>232</sup>

Segundo Maués, é o “primeiro livro de oposição a alcançar grande sucesso de vendas”.<sup>233</sup> Fernando Mangarielo, em entrevista para Maués, Nery e Reimão, indica a expectativa em relação a obra:

(...) Quando saiu *A Ilha*, em 1976, o Fernando Morais era jornalista da *Veja*. Mas eu já o conhecia de antes, da revista *Visão*, onde trabalhava o [Vladimir] Herzog. Havia certa expectativa em relação ao livro, por causa das viagens que o Fernando Morais

<sup>230</sup> Como salienta o pesquisador José Antônio Rosa, *best-seller* é uma palavra inglesa que se refere ao livro mais vendido, ou seja, “é uma indicação (não a única) de sucesso da editora”. Cf. ROSA, José Antônio. *Análise do Livro como Produto e como Negócio no Contexto Brasileiro Atual*. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2008. p. 124.

<sup>231</sup> DARNTON, Robert, op. cit., p.149.

<sup>232</sup> MORAIS, Fernando. *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. p. XIII.

<sup>233</sup> MAUÉS, Flamarion. *Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*, op. cit., p. 33-34.

tinha feito e da maneira como ele escreveu. [...] Fizemos também uma edição de bolso de *A Ilha*, em papel jornal, com um encarte de fotos, e também com um folheto dele, pois ele foi candidato a deputado. E ganhou.<sup>234</sup>

Por se tratar de uma editora de oposição, a Alfa-Omega atrai, na época, muitos intelectuais e jornalistas a procura de um lugar para expressar o seu pensamento crítico. Fernando Morais, no momento, trabalha na revista *Veja*. O resultado, então, da visita ao país socialista origina o livro *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*.<sup>235</sup>

Figura 4 – Livro *A Ilha*, de 1976



Fonte: MORAIS, Fernando. *A Ilha*. SP: Alfa-Omega, 1976

Acervo: Gustavo Orsolon

A figura 4 traz a capa e a contracapa do livro de Morais. Aqui o destaque é a quarta edição – a mais antiga que conseguimos encontrar – como pode ser observado na tarja amarela do lado direito. Porém, é a mesma da primeira edição. A capa, de Adilson Ferrari, traz como destaque uma bigorna e um charuto queimado sobre ela, referência aos famosos charutos cubanos. Na contra capa, o destaque é para a fotografia do próprio autor, Fernando Morais, e um trecho do prefácio de Antonio Callado. Vale ressaltar que a quarta edição é lançada ainda em 1976, três meses após a primeira edição. Depois da quarta edição, o livro é reeditado por outras vezes e tem sua capa modificada, com a imagem de Fidel Castro

<sup>234</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo aos autores em 15 de maio e 19 de junho de 2013 apud MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro. In: *Intercom*, São Paulo, vol. 38, n. 01, pp. 169-190, jan./jun. 2015. Disponível na Internet via: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2210>. Acesso em: 19/01/2019.

<sup>235</sup> MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro..., op. cit..

estampada em primeiro plano. Na sua 14ª edição, em 1978, ele ganha o formato de bolso. A partir da 30ª edição, o livro de Fernando Morais passa a ser editado por outra casa, a Editora Companhia das Letras.<sup>236</sup>

Não há uma coerência em relação ao número exato de livros vendidos. Maués tenta fazer um apanhado dos números divulgados em diversas fontes e chega a uma variação de 125 mil a 265 mil exemplares vendidos, o que é bastante expressivo. O sucesso do livro atinge não somente o seu autor, Fernando Morais, como também a própria editora, que vê o seu desenvolvimento financeiro acontecer, como, por exemplo, a ampliação do número de funcionários, que chega a 24 no total.<sup>237</sup>

Uma das hipóteses levantadas por Maués, Nery e Reimão que leva o livro de Morais a ser um sucesso de vendas, tornando-se um *best-seller*, é o contexto de descontentamento da sociedade em relação ao regime militar. Segundo eles, “havia alguma perspectiva da derrotada ditadura e da construção de uma nova sociedade, fatores essenciais para que o livro se tornasse um *best-seller*”, nesse sentido, “atraindo leitores ávidos por relatos de utopias alternativas à realidade ditatorial brasileira”.<sup>238</sup>

O livro é dividido em 11 capítulos: “O Cotidiano”; “A Cultura”; “As Relações com o Mundo”; “O Racionamento”; “Um País sem Favelas”; “A Nova Escola”; “A Saúde”; “Imprensa”; “A Mulher”; “Eleição”, “Justiça”; “Reforma Agrária”, “Economia”; e “A Revolução Onipresente”. Ainda compõe o livro uma nota sobre o autor; um prefácio à quarta edição, de Carmo Chagas, redator chefe da revista *Veja*; um prefácio do jornalista e romancista Antonio Callado; e um apêndice, com a entrevista do vice primeiro ministro de Cuba, Carlos Rafael Rodriguez.

Morais traz uma linguagem clara e de fácil compreensão, o que permite uma aproximação mais direta com o leitor. Ao longo dos onze capítulos, ele destaca temas importantes como o cotidiano, a saúde e a educação, em um país que adota o socialismo como sistema político. O autor não faz qualquer tipo de julgamento, sua intenção é apenas destacar suas impressões sobre o país. Para Callado, *A Ilha* é resultado do “franco relato de alguém que observa o país em construção, o país que lançou sua própria pedra fundamental em janeiro de 1959 e que desde então se elabora penosamente”.<sup>239</sup>

<sup>236</sup> MAUÉS, Flamarion. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega, op. cit..

<sup>237</sup> Idem.

<sup>238</sup> MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro..., op. cit..

<sup>239</sup> CALLADO, Antonio. Prefácio. In: MORAIS, Fernando. *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. p. XVII.

Já o livro *Em Câmara Lenta*, de Renato Tapajós, é publicado pela Alfa-Omega no ano de 1977. O autor nasce em Belém do Pará – PA, em 1943. Em 1962, muda-se para São Paulo. Depois de passar pelo curso de Engenharia, ingressa no curso de Sociologia da USP. Tapajós desde muito jovem se insere na política. Em 1966, ingressa na Ala Vermelha (AV), grupo que surge a partir da divergência com o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Em 1969, passa a viver na clandestinidade em São Paulo, com outros companheiros militantes. Porém, neste mesmo ano, é capturado e preso por policiais da chamada Operação Bandeirante – Oban.<sup>240</sup>

No ano de 1973, ainda na prisão do Carandiru, Tapajós decide escrever o livro, que se torna mais tarde o *Em Câmara Lenta*. O livro, a princípio, tem como título *Os Mortos Não São Todos Iguais*. Segundo Aragão, o autor “escrevia em folha de papel de seda em letras miúdas todas as partes do texto e as embrulhava até o papel ficar bem pequeno, depois o enrolava em celofane de cigarro e fechava com fita durex para ficar impermeável”.<sup>241</sup>

O pai de Tapajós abre os pequenos rolos em casa e datilografa todo o conteúdo inserido nas listas. Em 1974, ao sair da prisão, Tapajós oferece os originais para algumas editoras como, por exemplo, a Ática e a Civilização Brasileira. Porém, não há interesse de ambas para publicar o material. O autor busca contato, então, com a Alfa-Omega. Fernando Mangarielo aceita o desafio da publicação. O título, *Os Mortos Não São Todos Iguais*, é trocado por *Em Câmara Lenta*, uma alternativa encontrada pelo autor para não chamar muito a atenção da censura.<sup>242</sup>

Diferentemente do livro de Fernando Morais que traz uma linguagem jornalística, o livro de Tapajós apresenta um linguagem mais formal e rebuscada. Na visão dos pesquisadores Maria Zilda Ferreira Cury e Rogério Silva Pereira, um texto com uma linguagem até mesmo enigmática, se parecendo como um grande “quebra-cabeça”, podendo ocasionar “pouca adesão imediata ao referente”.<sup>243</sup>

O romance *Em Câmara Lenta* traz a guerrilha urbana como reflexão, assim como evidencia a violência e a tortura que marcam os anos de ditadura militar. Segundo Eloísa Aragão, a obra é “o primeiro romance a abordar diretamente a questão da tortura, produzido por alguém que vivera o cotidiano do combate frontal ao regime militar”.<sup>244</sup>

<sup>240</sup> ARAGÃO, Eloísa. *Censura na Lei e na Marra...*, op. cit., p. 42-46.

<sup>241</sup> Idem. p. 71.

<sup>242</sup> Idem. p. 71-80.

<sup>243</sup> CURY, Maria Zilda Ferreira; PEREIRA, Rogério Silva. *Em Câmara Lenta*, de Renato Tapajós, 40 anos: autocrítica pública e sobrevivência. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 54, pp. 435-454, maio/ago. 2018. Disponível na internet via: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10379/9155>. Acesso em: 10/03/2020.

<sup>244</sup> ARAGÃO, Eloísa. *Censura na Lei e na Marra...*, op. cit., p. 240.

Figura 5 – Livro *Em Câmara Lenta*, de 1977



Fonte: TAPAJÓS, Renato. *Em Câmara Lenta*. SP: Alfa-Omega, 1977

Acervo: Gustavo Orsolon

A figura 5 traz a capa e a contracapa do livro de Tapajós. De Moema Cavalcanti, o desenho da capa destaca três bocas com formas diferentes apresentadas em um rolo de filme de cinema. A alusão aqui é fazer uma associação da obra com a linguagem cinematográfica. As bocas aparecem em sequência, ganhando formas diferentes: a primeira boca aparece aberta e permite a ideia de um momento de liberdade de expressão; a segunda traz uma abertura sutil, quase fechada, e remete a certo silenciamento exigido pelo regime ditatorial; e a terceira e última boca aparece completamente fechada, tendo ainda um sangue sendo vertido por ela, o que traz à ideia do total silêncio e da violência física praticada pelos agentes da tortura. A contracapa, assim como nos dois livros anteriores, também traz a fotografia do autor. Aqui o destaque é para sinopse, que além de apresentar um resumo da obra, traz elementos biográficos do autor.

De acordo com Aragão, o lançamento da obra ocorre em 10 de maio de 1977, na cidade de São Paulo, contendo um grande público no evento. Não conseguimos apurar o número estimado de livros vendidos. Sabemos apenas que a tiragem é de 3.000 exemplares e que o mesmo recebe uma reedição dois anos depois, em 1979. A figura 5 refere-se à capa e a contracapa da primeira edição, embora ela tenha permanecido idêntica na edição de 1979.

Aproximadamente dois meses após o lançamento, Tapajós é preso ao sair da editora Abril, onde exerce atividade laboral na época. O autor fica preso por um pouco mais de um

mês, e tem seus livros apreendidos.<sup>245</sup> Os editores também são convocados para depor. Em entrevista concedida a Maués, Nery e Reimão, o editor afirma que o caso envolvendo o Tapajós “foi o mais forte de repressão, foi o mais truculento de todos”.<sup>246</sup> Sobre esse episódio envolvendo a censura ao livro de Tapajós e os editores da Alfa-Omega, voltaremos a analisar no próximo capítulo.

A prisão de Tapajós leva vários segmentos da sociedade para uma posição de indignação, fazendo uma grande mobilização de “repúdio à prisão de Tapajós”.<sup>247</sup> De acordo com o sociólogo Mário Augusto Medeiros, tal mobilização passa a ser um ato de resistência tanto da imprensa alternativa quanto dos jornais e revistas de grande circulação. Vários “intelectuais” e “associações” são convidados para apresentarem suas intervenções a favor do autor na imprensa.<sup>248</sup>

Para Aragão, “a censura prévia, entretanto, não se efetivou diretamente em relação aos livros (para os quais valeu mais a censura *a posteriori*)”.<sup>249</sup> E o caso do livro de Tapajós chama atenção pelo fato de não apenas ocorrer à apreensão dos exemplares, mas também de ter ocorrido à prisão do autor, episódio único no Brasil, no governo Geisel, em decorrência de uma obra considerada subversiva.<sup>250</sup>

No próximo capítulo, voltaremos ainda à censura do livro de Moraes e de Tapajós. Por ora, vale mencionar o posicionamento de Fernando Mangarielo, ao afirmar que a repercussão do livro *Em Câmera Lenta* traz benefícios para editora, tornando-a mais conhecida. Entretanto, por outro lado, a vendagem acaba prejudicada em decorrência das fotocópias realizadas por tantas pessoas interessadas no tão famoso livro. Nesse sentido, o editor considera que o livro de Tapajós mais reverbera do que vende.<sup>251</sup>

Agora que conhecemos dois livros que fazem parte das primeiras publicações da editora, daremos um salto para o ano de 1984. Na verdade, mergulharemos no catálogo do ano em questão. Através dele, observaremos se as marcas iniciais da editora como, por

<sup>245</sup> ARAGÃO, Eloísa. *Censura na Lei e na Marra...*, op. cit., p. 82-84.

<sup>246</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo aos autores Maués, Nery e Reimão entre os dias 15 de maio e 19 de junho de 2013 apud MAUÉS, Flamarion. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega..., op. cit..

<sup>247</sup> REIMÃO, Sandra. *Repressão e Resistência: censura a livros na ditadura militar*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2019. p. 99.

<sup>248</sup> MEDEIROS, Mário Augusto. Livro de Combate: o caso “Em Câmera Lenta” e sua repercussão pública no contexto da ditadura civil-militar. In: *Leitura: Teoria & Prática*, São Paulo, vol. 35, n. 71, pp. 49-72, 2017. Disponível na internet via: file:///C:/Users/cliog/Downloads/630-1450-2-PB%20(2).pdf. Acesso em: 15/05/2021.

<sup>249</sup> ARAGÃO, Eloísa. *Censura na Lei e na Marra...*, op. cit., p. 25.

<sup>250</sup> Idem. p. 25-26.

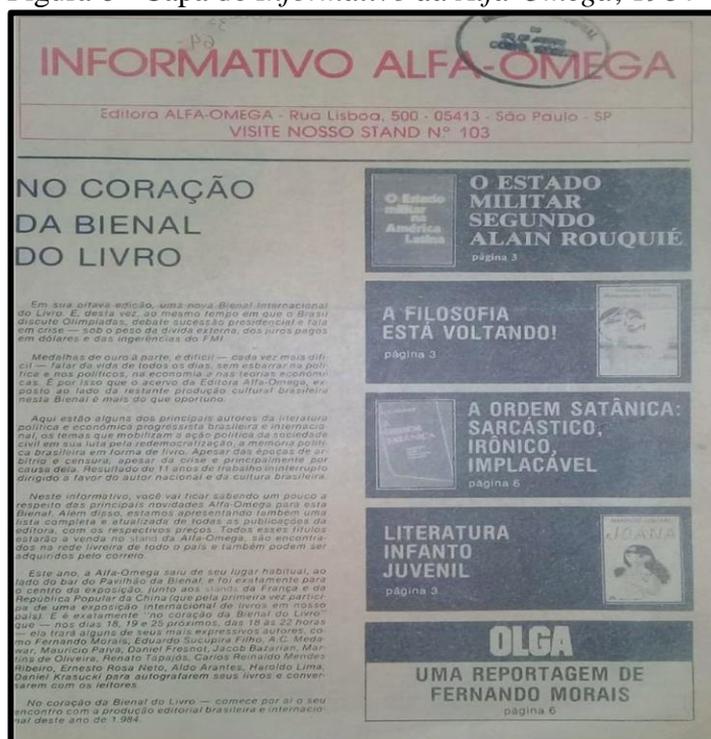
<sup>251</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo aos autores Maués, Nery e Reimão entre os dias 15 de maio e 19 de junho de 2013 apud MAUÉS, Flamarion. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega..., op. cit..

exemplo, a predominância de professores da USP, a tendência por temas político-sociais e o público a ser atingido, permanecem iguais, mesmo depois de onze anos de funcionamento da empresa. Para além disso, verificaremos como os editores apresentam o seu cardápio literário para o público leitor.

### 2.3 O Catálogo de 1984

Até o momento, vimos os primeiros anos da editora e destacamos três obras do seu catálogo inicial: *A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos*, de Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa; *A Ilha: um repórter brasileiro na terra de Fidel Castro*, de Fernando Morais; e *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós. Percebemos, até agora, uma editora ousada e corajosa por publicar títulos com caráter político de oposição que, assim como outras, que seguem a mesma linha editorial na época, torna-se local de acolhimento e de referência para que intelectuais, professores e jornalistas possam publicar suas obras. Mas a Alfa-Omega permanece com essa mesma postura política onze anos após sua inauguração? Que livros e coleções são publicados após *A Ilha* e *Em Câmera Lenta*, que também apresentam temas quentes para o calor da hora? Tentando responder tais questões nos debruçaremos agora no catálogo de 1984.

O catálogo de 1984 é localizado no setor de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Consideramos essa fonte uma ferramenta importante, sendo este o catálogo mais antigo da Alfa-Omega encontrado. Na verdade, este catálogo está inserido em um jornal intitulado *Informativo da Alfa-Omega* que circula como meio de divulgação da editora durante a 8º Bienal do Livro, em São Paulo.

Figura 6 - Capa do *Informativo da Alfa-Omega*, 1984

Fonte: *Informativo da Alfa-Omega*, 1984.

Acervo: Acervo de Periódicos. FBN

Logo na capa, percebe-se que intenção da editora não é apenas divulgar suas publicações, mas trazer seus títulos para o contexto político e econômico da época, como uma espécie de instrumento para ajudar os leitores com suas reflexões ao momento vivido no Brasil:

Em sua oitava edição, uma nova Bienal Internacional do Livro. E desta vez, ao mesmo tempo em que o Brasil discute Olimpíadas, debate sucessão presidencial e fala em crise – sob o peso da dívida externa, dos juros pagos em dólares e das ingerências do FMI.

Medalhas de ouro à parte, é difícil – cada vez mais difícil – falar da vida de todos os dias, sem esbarrar na política e nos políticos, na economia e nas teorias econômicas. É por isso que o acervo da editora Alfa-Omega, exposto ao lado da restante produção cultural brasileira nesta Bienal é mais do que oportuno.<sup>252</sup>

É interessante observar que esse discurso crítico da editora, logo na abertura, mostra uma sensibilidade dos editores em relação aos problemas enfrentados pelo país. Ou seja, a editora se posiciona de forma atenta e preocupada, principalmente, com os embates políticos da época. Vale lembrar que este é momento do movimento das Diretas Já! O deputado federal Dante de Oliveira, lança a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº5, em 1983, com o

<sup>252</sup> *Informativo Alfa Omega*, 1984. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 1984 a 1984. Tombo, I002603713. Localização, 3,051,03,18. Coleção, 1984. Biblioteca, periódicos.

objetivo de restabelecer as eleições diretas para Presidente da República. Assinada por 176 deputados e 23 senadores, a Ementa Dante de Oliveira – como fica conhecida na época – ganha força e mobiliza toda uma nação.<sup>253</sup>

De acordo com a pesquisadora Edileusa Gimenes Moralis, o “slogan Diretas Já!”, explode como uma “bomba benéfica” em todo o Brasil atingindo as mais diferentes classes sociais, ou seja, é um movimento de “união de ricos e pobres, intelectuais e populares num mesmo espaço público”.<sup>254</sup> O momento, portanto, é de tentativa de redemocratização, e este desejo é enaltecido neste jornal da Alfa-Omega:

Aqui estão alguns dos principais autores da literatura política e econômica progressista brasileira e internacional, os temas que mobilizam a ação política da sociedade civil em sua luta pela redemocratização, a memória política brasileira em forma de livro. Apesar das épocas de arbítrio e censura, apesar da crise e principalmente por causa dela. Resultado de 11 anos de trabalho ininterrupto dirigido a favor do autor nacional e da cultura brasileira.<sup>255</sup>

Ao divulgar o seu cardápio no jornal informativo, a editora mostra aos leitores que tem um posicionamento político bem definido e, que esse posicionamento, está refletido em suas publicações. A Alfa-Omega, nessa época, já é conhecida como uma editora de oposição, especializada em publicações voltadas para a “literatura política”. Ela está entre as quarenta editoras que atuam nessa mesma linha, ao lado de casas bastante conhecidas no mercado editorial como, por exemplo, a Brasiliense, a Civilização Brasileira, a Codecri, a Global, a Paz e Terra, a Vozes e a Zahar.<sup>256</sup>

O catálogo, inserido neste informativo, traz uma divisão por áreas de conhecimento, o que facilita bastante a visualização e o entendimento. Vale ressaltar que a divisão também é algo propositivo por parte dos editores, e que não pode passar despercebida por nós pesquisadores. Segundo Sorá, “o conjunto de títulos, autores, gêneros e coleções distribui-se hierarquicamente no interior do catálogo, com base numa ordem que remete ao agente classificador e a gênese de suas razões práticas”.<sup>257</sup>

Em outras palavras o que Sorá quer destacar é que “para a compreensão do significado de um livro, num sistema de livros, é a partir do catálogo daquele agente, que decide as

<sup>253</sup> MORALIS, Edileusa Gimenes. *Enunciação e Representação: na conjuntura das Diretas Já!* Tese de Doutorado em Linguística. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 2008. p. 59,60 e 66.

<sup>254</sup> Idem. p. 101-102.

<sup>255</sup> *Informativo Alfa Omega*, 1984. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 1984 a 1984. Tombo, I002603713. Localização, 3,051,03,18. Coleção, 1984. Biblioteca, periódicos.

<sup>256</sup> MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro..., op. cit..

<sup>257</sup> SORÁ, Gustavo Alejandro. *Brasilianas: José Olympio e a Gênese do Mercado...*, op. cit., p. 271-272.

formas de entregá-lo ao público por meio de sua publicidade”.<sup>258</sup> Nesse sentido, com o catálogo de 1984 da Alfa-Omega, é possível perceber como a editora apresenta os seus títulos e quais classificações são escolhidas para chamar a atenção e atrair o seu público.

Não se pode esquecer que o público também interage nesse processo que envolve o editor e suas escolhas. Como bem lembra o sociólogo português Nuno Medeiros, o catálogo de uma editora não depende apenas de “actos volitivos do editor”, mas conta também com a influência do seu público, através dos “gostos e tendências de leitura sobre os quais o editor procura exercer uma vigilância permanente”.<sup>259</sup>

Para uma análise mais cuidadosa, transcrevemos as informações contidas no *Informativo da Alfa-Omega* para uma tabela, contendo duas colunas, uma para o título e a outra para o autor. Acrescentamos também uma linha contendo o total em cada seção e uma linha final com o total geral, como pode ser conferido no anexo B.<sup>260</sup>

A tabela segue a mesma divisão encontrada no jornal de divulgação: “Marxismo”; “Comunicações”; “Contos”; “Direito”; “Filosofia”; “História”; “Infantil”; “Memórias”; “Pedagogia”; “Poesia”; “Reportagem”; “História Imediata”; “Romance”; “Sociologia”; e “Outros”. Nessas quinze seções o total é de cento e quarenta e três livros publicados até o ano de 1984.

Todos os livros encontrados no catálogo dos pesquisadores Maués, Nery e Reimão, encontram-se no catálogo de 1984. A única observação a ser feita é em relação ao livro *A Luta pela Modernização da Economia Cafeeira* (1976), de Hélio Duque, que aparece no catálogo dos pesquisadores com o título de *A Luta pela Modernização da Economia Brasileira*.

A seção “Marxismo” abre o catálogo. Ela é composta por oito títulos com o destaque para as Obras Escolhidas de Marx e Engels, Mao Tse Tung e V. L. Lenine. Segundo Maués, Nery e Reimão, o editor, Fernando Mangarielo, publica as obras escolhidas de Marx e Engels no ano de 1975, mas por uma questão de segurança – já que estava em um período marcado pela censura – decide adotar como título *Textos*, e um selo também diferente, ao invés de Alfa-Omega, utiliza Edições Sociais.<sup>261</sup>

<sup>258</sup> SORÁ, Gustavo Alejandro. *Brasileiras: José Olympio e a Gênese do Mercado...*, op. cit., p. 272.

<sup>259</sup> MEDEIROS, Nuno. Ações prescritivas estratégicas: a edição como espaço social. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra – Portugal, Centro de Estudos Sociais, n. 85, pp. 131-146, jun. 2009. Disponível na internet via: <https://journals.openedition.org/rccs/363>. Acesso em: 10/12/2020.

<sup>260</sup> *Informativo Alfa Omega*, 1984. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 1984 a 1984. Tombo, I0002603713. Localização, 3,051,03,18. Coleção, 1984. Biblioteca, periódicos.

<sup>261</sup> MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. *Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro...*, op. cit..

A próxima seção é “Comunicações”, onde aparecem apenas dois títulos, *O Bravo Matutino – Imprensa e Ideologia: o jornal O ESP*, de Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato. As duas são doutoras em História Social e professoras da USP; e *Notícia: um produto à venda*, de Cremilda de Araújo Medina, doutora em Ciências da Comunicação e também professora da USP.

A seção seguinte – “Contos” – apresenta quinze títulos com o destaque para uma coleção de Antologias, composta por quatro títulos: *Assim Escrevem os Catarinenses*, do escritor e poeta Emanuel Medeiros Vieira; *Assim Escrevem os Gaúchos*, do filósofo e escritor Janer Cristaldo; *Assim Escrevem os Paranaenses*, do romancista, poeta e publicitário Domingos Pellegrini Jr; e *Assim Escrevem os Paulistas*, do poeta e escritor Hamilton Trevisan.

Essa coleção vem comprovar uma das preocupações de Mangarielo – como veremos no próximo item desse capítulo – que o autor nacional e regional muitas vezes fica esquecido, embora com tamanho potencial e talento em comparação aos autores consagrados. Tal preocupação do editor é lembrada, por exemplo, pelo *Jornal do Brasil* em fevereiro de 1977:

O surgimento recente da antologia de contos *Assim Escrevem os Gaúchos* (Alfa-Omega), concomitante com a publicação de obra idêntica reunindo autores catarinenses, vem comprovar a validade da iniciativa dessa editora em divulgar a produção literária de escritores de várias regiões do país. Paralelamente a nomes já bastante conhecidos, encontramos textos de outros que, por razões diversas, não alcançaram ainda o domínio público. Se a publicação de uma antologia tenta-nos sempre, de imediato, ao questionamento dos critérios que conduziram sua organização, jugo aqui, mais importante do que apontar carências, aplaudir a ideia e reconhecer seus benefícios.<sup>262</sup>

Percebemos que a iniciativa da editora é apreciada pelo jornal, e que a publicação dessa coleção não passa despercebida. O fato de se constituir, em grande parte, de autores desconhecidos, é um ato ousado da jovem editora. Embora sendo uma coleção importante para Alfa-Omega, o editor reconhece a falta de “*feeling*” para a literatura, o que talvez justifique a não continuidade da coleção.<sup>263</sup>

Em seguida a seção “Contos”, vem a seção “Direito”, composta por apenas dois títulos: *Direito, Poder e Opressão* (2ª ed.) e *O Que é Justiça – uma abordagem dialética*.

<sup>262</sup> CARVALHAL, Tânia Franco. Contistas do Sul – “Assim Escrevem os Gaúchos”, org. por Janer Cristaldo. Editora Alfa-Omega, 1976. São Paulo. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 1977. Disponível na internet, no Acervo Digital da Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=155679&Pesq=](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=155679&Pesq=). Acesso em: 02/08/2018.

<sup>263</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo a autora em 19 de agosto e 2 de setembro de 2006 apud MAUÉS, Eloísa Aragão. A Editora Alfa-Omega nos Anos de Chumbo: entrevista com Fernando Mangarielo..., op. cit..

Ambos os títulos são do mesmo autor, Roberto A. R. de Aguiar, advogado, político e professor da PUC-SP.

Logo após, vem a seção “Filosofia” com quatro títulos, sendo dois de autoria do amigo de Fernando Mangarielo, o filósofo e professor Jacob Bazarian. De Bazarian o destaque é para *Intuição Heurística*, que como podemos observar no levantamento de Maués, Nery e Reimão, é publicado ainda no primeiro ano de funcionamento da editora, em 1973; e o outro título é *O Problema da Verdade (Teoria do Conhecimento)*.

A seção mais expressiva é a intitulada “História”, que vem posteriormente a seção “Filosofia”, contemplando trinta e três títulos. A tendência por temáticas de oposição fica bem evidente nesta seção. Para uma ideia geral, a seção é composta por títulos como *Carta aos Comunistas*, do militar e político Luís Carlos Prestes; *A Classe Operária no Brasil (1889-1930)*, do advogado e professor da USP, Paulo Sérgio Pinheiro, e do historiador estadunidense e professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Michael M. Hall; *A Coluna Prestes (3ª ed.)*, do advogado e militante político Lourenço Moreira Lima; *Coronelismo, Enxada e Voto (4ª ed.)*, do advogado e professor da Universidade de Brasília (UnB), Victor Nunes Leal.

Esses dois últimos, por exemplo, têm uma boa recepção. O título *A Coluna Prestes*, fica na lista dos 10 mais vendidos no mês de outubro de 1979.<sup>264</sup> A pesquisa é divulgada pela *Leia Livros*, sendo realizada em seis cidades brasileiras: Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, São Paulo, Recife e Rio de Janeiro. O título *Coronelismo, Enxada e Voto* é destaque logo nos primeiros dias. Segundo o *Jornal do Brasil*, “vendeu três mil exemplares em quatro semanas”.<sup>265</sup>

Ainda nesta seção merece destaque também os quatro volumes de *História Sincera da República*, do médico pernambucano, militante do Partido Comunista, Leôncio Basbaum. Basbaum é um nome importante no cenário editorial. Ele é o responsável pela fundação da editora Vitória, ligada ao PCB. A editora, criada em 1944, permanece em atividade até o ano 1964, sendo fechada após o golpe militar. Na década de 1950, afastado do PCB, escreve alguns livros sobre a história do Brasil, dentre eles *História Sincera da República*. No ano de

---

<sup>264</sup> *Leia Livros*, nº 19, ano III, 15/11/1979 a 15/12/1979. In: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 15/04/1979 a 14/05/1980. Tombo, I0002363062. Localização, 3,031,03,02. Coleção, 1979/1980. Biblioteca, periódicos.

<sup>265</sup> RANGEL, Maria Lúcia; LUPPI, Carlos Alberto; FONSECA, José Ribamar; SOUZA, Hugo de Almeida. O Brasil, Enfim, Reeditado..., op. cit..

1962 funda a sua própria editora, Editora Agência Literária – EDAGLIT, que também sofre com a repressão dos militares, sendo fechada em 1964.<sup>266</sup>

Em seguida à seção “História” vem a seção “Infantil”. Assim como a seção “Comunicações” e a seção “Direito”, esta também é tímida, com apenas dois títulos, *O Jogo do Vadião*, do escritor Ernesto Rosa Neto; e *Joana*, do jornalista, advogado e militante político, Maurício Goulart.

A outra seção é “Memórias”, composta por oito títulos.<sup>267</sup> Mais uma vez aparece uma publicação de Leôncio Basbaum, *Uma Vida em Seis Tempos* (2ª ed.), uma autobiografia não concluída. Outro militante que assim como Basbaum também tem obra publicada é Octávio Brandão, com o título *Batalhas e Combates*.

Em seguida vem a seção “Pedagogia”. Também de forma tímida apresenta dois títulos, *Ciência, Ensino e Aprendizagem*; e *Condicionamento Verbal – Pesquisa e Ensino*, sendo os dois de autoria de Geraldina Porto Witter, pedagoga, doutora em Ciências (Psicologia) e professora da USP na década de 1970.

A seção “Poesia” assim como a seção “Memórias” é composta por oito títulos. O destaque aqui fica com o livro *4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*, do poeta e romancista Álvaro Alves de Faria. O livro, como visto anteriormente, é vetado pelo Departamento de Censura e Diversões Públicas (DCPD) por conter versos que não estão de acordo com as regras do regime vigente da época. Mesmo assim, é publicado em 1973, no primeiro ano de funcionamento da editora.<sup>268</sup>

A próxima seção é a intitulada “Reportagem”, composta por quinze títulos. Nesta seção o destaque fica para os títulos do jornalista e político Fernando Moraes. Ao todo, cinco títulos são de sua autoria: *Freguesia do Ó – O Inquérito que Desmoronou as Brigadas de Paulo Maluf*; *A Ilha – Um Repórter Brasileiro no País de Fidel Castro* (20 ed.); *Primeira Página – As Melhores Entrevistas de Fernando Moraes*; *Socos na Porta*; *Não as Usinas Nucleares*. Como visto neste capítulo, o livro *A Ilha* conquista um número expressivo de venda e torna-se o *best-seller* da Alfa-Omega.

Outra seção que compõem o catálogo de 1984 é a “História Imediata”, composta por cinco títulos: *A Guerrilha do Araguaia*, do jornalista e escritor Palmério Dória, do jornalista

<sup>266</sup> PEREIRA, Luciana Lombardo, op. cit., p. 139-143.

<sup>267</sup> Ainda nesta seção, destacam-se: *Contra o Vento e Maré (Testemunho de Cubanos Retornados)*, de Grupo Areito; *A História Me Absolverá* (4ª ed.), de Fidel Castro; *Mataram o Presidente (Memórias do Pistoleiro que Mudou a História do Brasil)*, de Alcino João do Nascimento e Hamilton Almeida Filho; *Memórias da Loucura*, de Renato Pompeu; *Minha Vida e as Lutas do Meu Tempo*, de Elias Chaves Neto; *Vida de Um Revolucionário* (2ª ed.), de Agildo Barata.

<sup>268</sup> MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro..., op. cit..

Sérgio Buarque de Gusmão, do antropólogo Vincent Carelli e do escritor Jaime Sautchuk; *A Greve na Voz dos Trabalhadores – da Scania a Itu*, de uma empresa de jornalistas chamada Oboré; *Araceli – corrupção em sociedade*, do jornalista Carlos Alberto Luppi; *D. Paulo Evaristo Arns – o Cardeal do povo*, dos jornalistas Getúlio Bittencourt e Paulo Sérgio Markum; e *A Volta da UNE – de Ibiúna a Salvador*, dos jornalistas Luiz Henrique Romagnoli e Tânia Gonçalves.

A coleção, em formato de revista, é publicada no final da década de 1970, com a proposta de apresentar o outro lado da moeda, as histórias do tempo presente, que estão silenciadas do grande público. Essa coleção merece um destaque mais cuidadoso e, portanto, será nosso objeto de estudo no último capítulo.

A seção seguinte é a intitulada “Romance”, composta por treze obras. Um autor bastante editado nesta seção é o jornalista e escritor Renato Pompeu. Pompeu passa por importantes veículos de comunicação como o jornal a *Folha da Manhã* e a revista *Veja*. Quatro títulos são de sua autoria: *A Greve da Rosa*; *Quatro Olhos*; *Samba-Enredo*; e *A Saída do Primeiro Tempo*.

Outro título que integra essa seção, e que merece novamente ser destacado é o *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós. Como mencionado no item anterior, o título ganha uma grande repercussão na época, principalmente por conta da prisão de seu autor e a apreensão dos volumes impressos.

A penúltima seção é a intitulada “Sociologia”, composta por quinze títulos, grande parte de professores da USP. Dentre eles destacam-se: Sedi Hirano, com *Castas, Estamentos e Classes Sociais*; Sérgio Buarque de Holanda com *Monções*; Octávio Ianni com *Sociologia e Sociedade no Brasil*; Florestan Fernandes com *Universidade Brasileira Reforma ou Revolução (2ª ed.)*.

E por último, mas não menos importante, tem a seção “Outros” que traz onze títulos com temas variados, como por exemplo, *Energia Elétrica e Capital Estrangeiro no Brasil*, do engenheiro e político Catullo Branco; *Estatística Básica para as Ciências Humanas (3ª ed.)*, dos professores da USP Bernadete Gatti e Nagib Feres.

Através dessa análise do catálogo de 1984 é possível perceber que a posição política da editora é mantida ao longo de suas atividades. Como na notícia destacada pelo jornal *Folha de São Paulo*, em 1974, as Ciências Humanas predominam nas publicações da editora com as áreas de Sociologia, História, Filosofia e Crítica Literária. Essas mesmas áreas do saber estão inseridas no catálogo de 1984. Porém, onze anos depois, novas áreas ganham destaque como, por exemplo, Contos, Direito e Pedagogia.

O vínculo com o meio acadêmico como noticiado pelo *Jornal do Brasil*, em 1976, e observado pelos pesquisadores Maués, Nery e Reimão, também é uma característica que marca o catálogo de 1984. Grande parte dos autores, publicados pela Alfa-Omega nesses onze anos, está ligada ao círculo universitário.

Outra característica ainda é a tendência política de aproximação com as ideias do PCB. Como mencionado no primeiro capítulo, Fernando Mangarielo não exerce qualquer função em partidos políticos. Portanto, concordamos com Maués ao perceber a Alfa-Omega com uma editora não “partidária” e não “sectária”, visto que a mesma publica livros de autores ou conteúdos vinculados, por exemplo, ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB).<sup>269</sup> Mais uma vez recuperando a entrevista de 2006, de Fernando Mangarielo para Eloísa Aragão, é possível perceber de forma mais clara o posicionamento do editor em relação às suas publicações:

Atuei publicando os meus autores contemporâneos, inicialmente os meus professores, depois os meus contemporâneos, aqueles mais destacados, como foi o caso de *Em Câmara Lenta*, do Renato Tapajós, e tantos outros, toda a literatura dos anos de chumbo que eu publiquei, assim com obras de Rodolfo Konder e tantos outros. Alguns tiveram êxito comercial ou mesmo êxito político, o que permitiu à editora se firmar no mercado. A editora existe há trinta e três anos e meio e nunca deixamos de publicar, nunca saímos do mercado por qualquer motivo – político ou econômico ou de outra ordem –, prosseguimos ativos e estamos ativos, e estaremos por mais uma década e meia, duas décadas, que acho que é o que me restará de força produtiva e capacidade intelectual.<sup>270</sup>

Como indicado no início do capítulo, uma das nossas intenções aqui é perceber a “coerência” nas publicações da Alfa-Omega, como Koracakis realiza com os catálogos da Companhia das Letras; e entender a “totalidade”, assim como Sorá busca nos catálogos da José Olympio. O que se verifica é que a linha de publicação da Alfa-Omega se mantém a mesma desde sua criação, suas marcas política e ideológica se sustentam fiéis ao longo do tempo. Os editores, Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo, não se intimidam com a possibilidade de ter algum livro confiscado pela censura. Pelo contrário, ousam com publicações polêmicas e com temas quentes para o calor da hora. Segundo Fernando Mangarielo, como editor, “acolhia a todos”, ou seja, “todas as correntes que tivessem obras não doutrinárias. Mas denúncias, contribuições, críticas (...)”.<sup>271</sup> Os autores, em grande parte,

<sup>269</sup> MAUÉS, Flamarion. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega..., op. cit..

<sup>270</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo a autora em 19 de agosto e 2 de setembro de 2006 apud MAUÉS, Eloísa Aragão. A Editora Alfa-Omega nos Anos de Chumbo: entrevista com Fernando Mangarielo..., op. cit..

<sup>271</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo aos autores Maués, Nery e Reimão entre os dias 15 de maio e 19 de junho de 2013 apud MAUÉS, Flamarion. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega..., op. cit..

professores, intelectuais e jornalistas, percebem, de fato, este acolhimento, e encontram na Alfa-Omega o espaço ideal para expressar o pensamento crítico, de luta e de resistência.

#### 2.4 Os Intelectuais Editores: em defesa do autor nacional

O catálogo de 1984, inserido no jornal *Informativo da Alfa-Omega* mostra que a editora se consolida e ganha seu espaço em pouco mais de uma década. O trabalho, a dedicação, o círculo de amizades com a intelectualidade são fundamentais para o reconhecimento dos editores no mercado editorial. Além do trabalho e do diálogo com o meio acadêmico, Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo constroem uma identidade, a de “intelectuais mediadores”.

Para apresentar essa identidade dos editores, retomaremos algumas interpretações explicitadas no capítulo anterior que trazem características importantes sobre o editor e que contribuem para melhor compreender a função e a importância deste profissional. Como vimos, Sir Stanley e Roger Chartier tem uma visão parecida. Ambos entendem que esse profissional tem uma função plural. Para Stanley, o editor conta com “múltiplos conhecimentos técnicos e agudeza comercial”.<sup>272</sup> Já Chartier, afirma que a essência do editor está na junção de “natureza intelectual e comercial”.<sup>273</sup>

Nas interpretações de John Brookshire Thompson e do professor Aníbal Bragança essa pluralidade do editor também é evidenciada. Entretanto, nessas interpretações fica nítida a importância do instinto, sendo esta uma característica primordial neste profissional. É através do instinto que o editor consegue perceber, antemão, o livro que agrada o seu público. Para esse olhar peculiar do editor em relação as suas publicações, Thompson propõe pensar em uma combinação de “capacidade crítica, instinto social e bom senso”.<sup>274</sup> Para Bragança, uma combinação também se faz presente: a dos “saberes específicos”. São os saberes como “escolher”, “fabricar” e “distribuir” que fazem o olhar do editor singular, único.<sup>275</sup>

---

<sup>272</sup> UNWIN, Stanley Sir, op. cit., p. 213 e 218.

<sup>273</sup> CHARTIER, Roger, op. cit., p. 50 e 53.

<sup>274</sup> THOMSON. John Brookshire, op. cit., p. 12.

<sup>275</sup> BRAGANÇA, Aníbal, op. cit..

Ainda refletindo sobre instinto, vale acrescentar neste debate a interpretação do editor alemão Kurt Wolff<sup>276</sup>, que também considera essa característica como sendo fundamental em um editor. De acordo com Wolff, para criar a linha editorial, cabe a ele o “gosto”. Este “gosto” vai além da “capacidade de juízo” e de “um sentimento pela qualidade dos trabalhos literários”, é preciso ter “instinto”. Na visão de Wolff, o “instinto” está na sensibilidade do editor em definir a forma de um livro, como, por exemplo, o “formato”, o “design”, a “fonte”, a “encadernação” e a “sobrecapa”. Para além dessas questões visuais, o gosto do editor está relacionado também a sua percepção em relação à aceitação do livro no mercado, ou seja, é preciso ter “instinto” para saber se o título pode interessar a um grupo restrito ou um público mais amplo.<sup>277</sup>

Portanto, é através da “sua natureza intelectual e comercial”, dos seus “saberes específicos” e do seu “instinto”, que o editor torna-se o grande protagonista na produção de um livro. Medeiros faz, até mesmo, uma comparação bem peculiar a esse respeito. O sociólogo compara a função do editor com a de um ator, em suas palavras, um “actor de corpo inteiro”. O sentido atrelado à expressão, destacada por Medeiros, consiste em perceber que o editor atravessa o “mosaico de interstícios funcionais e simbólicos que modelam a casa onde actua e a posição que ocupa no setor perante os vários co-protagonistas”, como, por exemplo, o “leitor”, o “impressor” o “bibliotecário”, o “distribuidor” e o “livreiro”.<sup>278</sup>

Esses atores de corpo inteiro podem ser considerados ainda, na visão de Medeiros, “agentes intermediários” na medida em que “ocupam os lugares de inscrição da cultura impressa que arvoram a articulação social entre o núcleo e a franja, ocorrendo uma alternância entre separação e fluidez de fronteiras”. Isso significa, portanto, que é a partir dessa “elasticidade em que o domínio cultural se firma que o investigador percebe e constata o papel de mediação, cartografando os eixos de consenso e de conflito através de artefatos culturalmente produzidos e utilizados”.<sup>279</sup>

---

<sup>276</sup> Kurt Wolff nasce em Bonn em 03 de março de 1887. No ano de 1908, aos vinte e um anos de idade começa a sua carreira como editor, na Ernst Rowohlt de Leipzig. Hoje é considerado pela imprensa um dos maiores editores do século XX. Cf. WOLFF, Kurt. *Memórias de um Editor*. Tradução de Flávio Quintale. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018. p. 161, 163 e 207.

<sup>277</sup> WOLFF, Kurt, op. cit., p. 14.

<sup>278</sup> MEDEIROS, Nuno. Notas sobre o mundo social do livro: a construção do editor e da edição. In: *Revista Angolana de Sociologia*, Ramada – Portugal, n. 9, pp. 33-48, jun. 2012. Disponível na internet via: <https://journals.openedition.org/ras/412>. Acesso em: 10/12/2020.

<sup>279</sup> MEDEIROS, Nuno. Objecto dúctil: a emergência de uma sociologia histórica da edição. In: *Tempo Social*, São Paulo, vol. 22, n. 2, pp. 242-261, nov. 2010b. Disponível na internet via: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12647>. Acesso em: 12/12/2020.

Como bem lembra Chartier, “tudo gira em torno deste empreendedor singular que se vê também como um intelectual”.<sup>280</sup> Não é possível afirmar que os editores da Alfa-Omega, em algum momento, se enxergam dessa forma, como intelectuais. Talvez isso tenha passado despercebido por eles. Mas todas essas características apresentadas aqui estão inseridas, de alguma forma, em Fernando Mangarielo e em Claudete Machado Mangarielo.

Porém, é preciso dosar essas características em relação ao papel desempenhado por cada um. Sem dúvida, os dois são exemplos de intelectuais que trabalham juntos para construir e consolidar a Alfa-Omega. No entanto, o “instinto” é uma característica mais presente no Fernando Mangarielo. É ele quem dialoga com a intelectualidade, faz as ilações e decide quais autores e temas são merecedores de uma publicação. É dele a decisão final de uma edição. Além disso, a escolha pela tipografia, pelo papel, pelo formato, tudo isso passa pelo seu crivo.

Como diz o próprio editor, é uma atuação de “garimpeiro”. Cabe a ele “tenacidade para remover montanhas, para catar pelotinhas e saber identificar que aquele é o metal precioso, que é o autor, o título...”. E ainda acrescenta, decidir “como deve ser o título, qual deve ser o número de páginas, o preço para o mercado”. Tudo isso deve ser pensando como uma grande orquestra, onde maestro – o editor – deve reger “cem instrumentos” e mais de cem vozes para “fazer que tudo isso entre no tempo certo”.<sup>281</sup>

Em Claudete Machado Mangarielo, “um sentimento pela qualidade dos trabalhos literários”<sup>282</sup> é uma característica mais presente. Como vimos no capítulo anterior, ela fica voltada para a parte burocrática da editora, função tão importante quanto de seu marido. Seu papel é cuidar da administração, das finanças e do nome da editora. Afinal, a Alfa-Omega, embora com uma estrutura pequena em seus primeiros anos, consegue se inserir rapidamente em mercado altamente competitivo. Poder apresentar uma produção literária de qualidade para o seus clientes, certamente traz esse sentimento de satisfação para Claudete Machado Mangarielo que deixa o seu trabalho no Banco Mercantil de São Paulo para se dedicar exclusivamente a Alfa-Omega.

É interessante observar que as características de ambos se somam e resultam no sucesso da editora. Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo não se complementam apenas como casal, mas também como sócios e empreendedores. É como

---

<sup>280</sup> CHARTIER, Roger, op. cit., p. 53.

<sup>281</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo aos autores Maués, Nery e Reimão entre os dias 15 de maio e 19 de junho de 2013 apud MAUÉS, Flamarion. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega..., op. cit..

<sup>282</sup> WOLFF, Kurt, op. cit., p. 14.

imaginar dois pilares unidos por uma mesma base, ou seja, a criação, a consolidação e a permanência da editora Alfa-Omega é possível somente pela sustentação desses dois pilares.

Sem dúvida, essas observações preliminares já mostram os editores da Alfa-Omega como “intelectuais mediadores”. Como afirma o historiador Alex Fernandes Borges, o “intelectual mediador” não é um “condutor isento”, mas sim um indivíduo que interage e que agrega “valores e discursos ao produto cultural que media”.<sup>283</sup> No caso, os produtos mediados pelos editores, são os livros produzidos pela casa.

Mas, avançando um pouco mais nesse debate que envolve os “intelectuais mediadores” e os editores da Alfa-Omega, vale voltar ao próprio catálogo de 1984, analisado neste capítulo. A fonte é um bom indício da atuação dos editores. Ao observar os títulos presentes neste documento, fica evidente que os editores procuram publicar aquilo que, de fato, contribua com os debates e reflexões do momento. Em entrevista, Fernando Mangarielo afirma que edita, na época, “membros da sociedade com espírito crítico”, apostando em uma “missão anticapitalista”.<sup>284</sup>

Realmente, no catálogo de 1984 há uma predominância de autores com engajamento político e com ideias anticapitalistas. São títulos que não trazem uma temática neutra para o contexto político da época. Pelo contrário, as obras, com assuntos fortes e atuais, vêm como uma espécie de ferramenta de utilidade pública. Ao se deparar com as publicações da editora, o leitor da época pode entender os diversos aspectos da conjuntura política, econômica e social do Brasil. Utilizando as palavras de Medeiros, a tentativa aqui é, certamente, “seduzir” e despertar “avidez” em seus leitores para o cenário marcado pela ditadura e pela censura do regime militar.<sup>285</sup>

Ainda caminhando em direção ao entendimento da mediação dos editores, vale voltar às interpretações de Gomes e Hansen, que entendem os “intelectuais mediadores” como “sujeitos conectados entre si, com genealogias e passados imaginados, além de um diálogo com as questões políticas e sociais de seu tempo”.<sup>286</sup> Um desses diálogos pode ser verificado no discurso de Fernando Mangarielo, logo após criar a editora, ao defender e valorizar o autor nacional. Essa é uma questão política do seu tempo, visto que na década de 1970 –

<sup>283</sup> BORGES, Alex Fernandes. O Historiador como Mediador da Cultura. In: *História em Reflexão*, Dourados, vol. 11, n. 21, pp. 33-46, jul./dez. 2017. Disponível na Internet via: file:///C:/Users/cliog/Downloads/7333-22002-1-PB%20(1).pdf. Acesso em: 14/12/2020.

<sup>284</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>285</sup> MEDEIROS, Nuno. Ações prescritivas estratégicas: a edição como espaço social..., op. cit..

<sup>286</sup> GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, Mediação e Projetos Políticos..., op. cit., pp. 07-37.

como mencionado neste estudo – as grandes e renomadas editoras privilegiam autores famosos e as traduções de obras clássicas.

Recuperamos dois periódicos analisados no capítulo anterior que apresentam nítida a atenção de Fernando Mangarielo com o autor nacional. Os dois veículos são publicados no mesmo dia, 14 de março de 1973, três meses após a inauguração. O jornal *Estadão* traz um posicionamento do editor, que defende não só o autor nacional como também o pagamento referente aos honorários deste:

(...) A “Alfa-Omega”, diz ainda que Fernando Mangarielo, procurará defender o autor nacional, particularmente no que diz respeito ao sistema de pagamento. Para ele, a porcentagem de 10% que o escritor recebe por livro vendido, sobre o preço de capa condiciona os honorários do autor ao malogro ou ao êxito da obra. Na “Alfa-Omega” será diferente: na assinatura de contrato de edição de uma obra, seu autor já recebe um terço dos direitos autorais. “É a maneira mais prática que existe para que o escritor seja remunerado, seja qual for o destino do seu livro no mercado”.<sup>287</sup>

Não temos conhecimento se Fernando Mangarielo consegue manter essa forma de pagamento aos seus autores, o que estamos sinalizando apenas é a sua preocupação com esse autor nacional. E, como é possível verificar, a nota deixa claro que a Alfa-Omega é um lugar de defesa e de acolhimento para com aqueles que não têm espaço nas grandes e renomadas editoras.

No periódico, *O Diário da Noite*, o destaque para o autor nacional também é algo mencionado. De acordo com o veículo, Fernando Mangarielo “quer apenas que sua editora se constitua na pedra angular que trará o autor nacional para o *boom* do livro que se inicia no Brasil”. Ainda dando enfoque ao seu pensamento, o editor afirma que a “Alfa-Omega se propõe defender o autor e o livro nacionais, através de uma programação editorial intensiva e voltada quase que exclusivamente para as necessidades do ensino superior, em nosso país”.<sup>288</sup> Assim como visto na nota publicada pelo *Estadão*, aqui é possível perceber também que a recém-criada editora é um lugar de acolhimento e valorização do autor nacional, ou seja, a editora se constrói com uma proposta de ação política e social muito forte.

O interessante é que essa proposta inicial dos editores não se perde ao longo do tempo. Três anos após a inauguração da editora, o posicionamento do editor permanece o mesmo. O *Estadão*, de 24 de abril de 1976, destaca que ele, “ao contrário de seus colegas, que

<sup>287</sup> “Alfa-Omega” Vai Defender Autores. In: *O Estado de São Paulo – Estadão*, São Paulo, 14 de março de 1973. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19730314-30047-nac-0007-999-7-not/tela/fullscreen>. Acesso em: 10/08/2018.

<sup>288</sup> FARIA, Álvaro de. Leitura. In: *Diário da Noite*, São Paulo, 14 de março de 1973. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=221961\\_05&pagfis=22489](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=221961_05&pagfis=22489). Acesso em: 04/08/2018.

consideram a publicação do autor nacional quase um dever cívico ou favor”, visa mostrar o contrário, “provar que o escritor brasileiro vende”.<sup>289</sup> Em suas palavras:

Orgulho-me de jamais ter recorrido a co-edições, com o Instituto Nacional do Livro ou outro órgão. Os editores que se valem disso, são os que não sabem preparar um lançamento, pesquisando as condições de marketing. Os que não entendem que uma boa apresentação gráfica, uma capa bem cuidada, valem mais do que vistosos (ilegível) ou campanhas culturais de tipo “beneficente”, com slogans como “ler é cultura”.

O Brasil, diz Mangarielo, “é um país onde há mais escritores premiados do que publicados”. E ele acha que o editor brasileiro, de um modo geral, por não querer investir em edições que possam ser aprendidas por um motivo qualquer, está-se tornando cúmplice da censura.<sup>290</sup>

Percebe-se nesta nota uma provocação de Fernando Mangarielo para com seus colegas editores, que por temerem o período marcado pela censura militar, optam por publicações que não causam nenhum tipo de problema, ou mesmo preferem editar títulos com uma saída certa; o que contribui muito para restringir a circulação de livros de autores nacionais e desconhecidos.

O periódico carioca *Jornal de Brasil*, de 25 de maio de 1976, também abre espaço para o posicionamento de Fernando Mangarielo. O destaque da matéria é para o grande equívoco que as grandes editoras cometem em não escutar o livreiro para saber como é o “verdadeiro comportamento do livro no mercado”.<sup>291</sup> De acordo com o editor:

Um mergulho em profundidade no mercado editorial mostra que o leitor está começando a se cansar de literatura de lixo, das pornografias, das traduções sem critério e de um certo tipo de autor nacional – em geral premiado – que prefere situar suas angústias, suas vivências, seus dramas, em um clima mais parisiense do que brasileiro. Nós, os editores, temos que valorizar o autor que fala da nossa temática urbana e social, escreve sobre motivos regionais nosso, sintetiza o Brasil em literatura.<sup>292</sup>

Fernando Mangarielo ainda afirma que não é somente a Alfa-Omega que tem essa visão mais acolhedora, outras pequenas editoras estão engrossando seu catálogo, na época, com títulos de autores nacionais, como, por exemplo, a Vertente, a Hucitec, a Pallas e a Garantuja. O editor utiliza até mesmo uma metáfora para explicar o papel desempenhado por

<sup>289</sup> Editor Prova que Autor Nacional é Bom Negócio. In: *O Estado de São Paulo – Estadão*, São Paulo, 24 de abril de 1976. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19760424-31007-nac-0010-999-10-not/busca/Fernando>. Acesso em: 11/08/2018.

<sup>290</sup> Idem.

<sup>291</sup> LUPPI, Carlos Alberto. O Autor Nacional Bem Administrado Vende. In: *Jornal do Brasil*, 25 de maio de 1976. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&pagfis=141141](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=141141). Acesso em: 05/08/2018.

<sup>292</sup> Idem.

essas editoras. Ele as compara como “minhocas” que prepara o “terreno para fertilizá-los”. As pequenas editoras, portanto, ao trazer os novos autores, estão fazendo um trabalho que acabaria “por levar as grandes editoras a tomar conhecimento do escritor da casa, até agora marginalizado”.<sup>293</sup>

Novamente no *Estadão*, porém, agora do dia 15 de agosto de 1976, o editor aparece mais uma vez defendendo o autor nacional:

A insuficiência dos incentivos governamentais, o preconceito do editor brasileiro contra os autores nacionais, a invasão das traduções e dos “*best-sellers*” de comercialização garantidas estão descaracterizando a nossa cultura. Essa é a opinião de Fernando Mangarielo, diretor da editora Alfa-Omega e participante da IV Bienal Internacional do livro, que acredita ser necessária a adoção de medidas urgentes para “salvar a literatura e a indústria editorial nacionais”.<sup>294</sup>

Dentre as medidas sugeridas por Fernando Mangarielo, destaca-se a criação de um “órgão pelo Ministério da Educação e Cultura”, como o objetivo de centralizar a “compra de livros de editores e escritores nacionais, dotando todos os municípios de verba própria para criarem a sua biblioteca”. Dessa forma, na opinião de Fernando Mangarielo, “os editores já teriam uma garantia da tiragem de quatro mil exemplares – considerando um para cada município – e, paralelamente a isso, a possibilidade de baratear o preço do livro”.<sup>295</sup>

Ainda na mesma fonte é possível perceber certo pessimismo do editor, caso nada fosse feito para valorizar o autor nacional:

Caso contrário – diz Mangarielo – continuaremos a assistir a invasão das traduções, que constituem um investimento comercialmente seguro, pois o editor, normalmente, só acredita no autor brasileiro quando este chega em seu escritório com a prova de que, numa edição auto financiada, conseguiu vender dois mil exemplares. O do nacional pode ser pela simples observação das capas – afirma. Enquanto as capas dos livros de escritores estrangeiros são rebuscadas, coloridas, o autor nacional, normalmente, consegue apenas uma capa pobre com duas ou três cores.<sup>296</sup>

Essa atenção para com o autor nacional mostra a atuação de Fernando Mangarielo como um “intelectual mediador”, diante de um cenário marcado por editoras que favorecem publicações de autores renomados ou traduções de grandes clássicos. O editor da Alfa-Omega

<sup>293</sup> LUPPI, Carlos Alberto. O Autor Nacional Bem Administrado Vende. In: *Jornal do Brasil*, 25 de maio de 1976. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&pagfis=141141](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=141141). Acesso em: 05/08/2018.

<sup>294</sup> Na Bienal do Livro, a Indústria da Cultura – Editores Nacionais Lutam pelo Mercado. São Paulo, 15 de agosto de 1976. In: *O Estado de São Paulo – Estadão*. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19760815-31104-nac-0028-999-28-not/busca/Fernando+Mangarielo>.

<sup>295</sup> Idem.

<sup>296</sup> Idem.

vem na contramão ao trabalhar em defesa do reconhecimento dos autores nacionais que, por diversos fatores, estão fora do circuito comercial.

Na entrevista realizada em 2018, quando perguntamos a Claudete Machado Mangarielo sobre as ações de seu marido em 1973, a mesma responde da seguinte maneira:

(...) Quando a editora foi criada, ele não queria autores consagrados, ele queria tornar os autores consagrados. Então ele procurava pessoas (...) e transformava a tese em um livro que ninguém acreditava que isso iria dar certo, e ele acreditava, ele lia achava que tinha conteúdo, que era merecedor de ser publicado, que as outras pessoas tinham que ver, que iria contribuir... Achava sempre que iria contribuir, que iria mudar o mundo.<sup>297</sup>

É possível perceber a partir da fala de Claudete Machado Mangarielo que conceder voz e reconhecer os autores desconhecidos é uma característica forte de Fernando Mangarielo. Mas isso não significa que a Alfa-Omega fica dedicada apenas aos autores novos, pelo contrário, como uma empresa, com fins lucrativos e com a necessidade de manter-se no mercado editorial – mercado esse bastante concorrido na época – Fernando Mangarielo não deixa de editar autores consagrados e conhecidos do grande público, como já sinalizado. Claudete Machado Mangarielo lembra que:

(...) era uma época assim: a Brasiliense, a Civilização Brasileira, estavam deixando de editar os livros marxistas. Aí, o Fernando, paralelo a esses autores novos que ele estava lançando, começou a achar que seria uma perda muito grande deixar morrer os livros de autores importantes que fizeram a cabeça desses professores que estavam aí, e ainda faziam a cabeça de alunos que estavam naquele momento (...). O Fernando começou a ir atrás de Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Maurício Goulart, Afonso Arinos... quantas vezes fomos ao Rio na casa dele. Então, nós vivemos, respirando com esses novos e com esses velhos autores (...).<sup>298</sup>

Essa visão sensível de Fernando Mangarielo em relação ao autor nacional é mais um indício da sua atuação como “intelectual mediador”. Conceder voz e editar autores desconhecidos do grande público é uma ação bastante peculiar de sua essência como editor e que marca o catálogo da Alfa-Omega que tem como lema, “Autor Nacional/Cultura Brasileira”, estampado nas contracapas de seus títulos.

E esta proposta de observar os editores da Alfa-Omega como “intelectuais mediadores” não para por aqui. No próximo capítulo, fazendo jus ao título da tese, a intenção é verificar a relação deles com a censura, já que a editora nos primeiros anos publica

<sup>297</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>298</sup> Idem.

importantes obras de oposição, sendo vítima de alguns episódios de repressão. A partir desta análise, o papel de mediação dos editores fica ainda mais nítido.

### 3 OS EDITORES, OS AUTORES E A CENSURA

(...) os livros são encarados pelos poderes repressivos como algo a ser vigiado e, se possível, impedido de circular. O poder que os livros possuem, a força das ideias impressas, por sua capacidade de difusão, é que dá aos impressos – em especial aos livros – seu significado cultural e político insubstituível na história; e àqueles que os produzem, um papel particular no processo de criação intelectual.

*Sandra Reimão*<sup>299</sup>

A epígrafe que abre este capítulo faz parte da introdução da obra *Livros e Subversão: seis estudos*, da pesquisadora Sandra Reimão, publicado em 2016. Aqui fica nítida a função que os livros desempenham durante o regime militar no Brasil. Sem dúvida, são veículos que incomodam muito os órgãos repressivos da época. Vários livros ficam na mira dos olhares apurados dos censores que buscam encontrar conteúdo considerado impróprio e subversivo.

O trecho em destaque também é bastante propício para este momento, pois vem ao encontro ao que pretendemos refletir neste capítulo: os livros da Alfa-Omega proibidos ou averiguados pela censura no regime militar. Pelo menos quatro títulos ficam nesta situação durante a década de 1970. São eles: *4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*, de Álvaro Alves de Faria; *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós; *Não Passarás o Jordão*, de Luiz Fernando Emediato; e *A Sangue Quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*, de Hamilton Almeida Filho. De acordo com o catálogo de 1984, apresentado no capítulo 2, o primeiro está inserido na categoria Poesia; o segundo na categoria Romance; o terceiro na categoria Contos; e o quarto na categoria Reportagem. Embora em categorias diferentes, os livros são produzidos e ambientados em um momento marcado pela repressão e a tortura do regime militar.

Como bem lembra a historiadora Ana Caroline de Castro, a repressão estatal contra os livros considerados impróprios atinge “diversos níveis”, um controle que passa pelas “editoras

---

<sup>299</sup> REIMÃO, Sandra (org.). *Livros e Subversão: seis estudos*. Cotia- SP: Ateliê Editorial, 2016. p. 11.

e livrarias”, pelos profissionais do “mundo editorial” e pelas “pessoas físicas”.<sup>300</sup> Seguindo a linha de pensamento de Castro, este capítulo além de analisar os livros mencionados, tem também o objetivo de investigar os impactos da censura na produção editorial da Alfa-Omega. Para a construção deste capítulo, contamos fundamentalmente com periódicos; documentos da repressão preservados pelo Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, pelo Arquivo Nacional de Brasília e pelo Arquivo do Estado de São Paulo; periódicos preservados pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; os quatro livros da Alfa-Omega averiguados durante a repressão; e a entrevista com o escritor Luiz Fernando Emediato. A fonte oral é um grande achado em nossa pesquisa. Depois de um longo caminho, localizamos Emediato que, gentilmente, concede uma entrevista<sup>301</sup> e esclarece as nossas dúvidas a respeito do processo de publicação e recepção do seu livro, assim como, sua relação com o Fernando Mangarielo.

Dessa forma, o capítulo é dividido em três partes. Na primeira parte, intitulada “A Repressão está Formada”, tem o intuito de situar os órgãos repressivos com o papel de perseguir e torturar aqueles considerados subversivos. Na segunda parte, intitulada “Os livros da Alfa-Omega e a Censura”, o objetivo é mergulhar e analisar os livros da Alfa-Omega que ficam na mira da censura durante a década de 1970. A intenção é situar os autores e conhecer o conteúdo apresentado em cada livro, de modo a entender o porquê da censura. Por fim, na terceira parte, intitulada “Os Editores em Tempos Sombrios”, o objetivo é analisar como a censura interfere na vida dos editores. Essa é uma indagação importante porque contribui para conhecer um pouco mais da função de mediadores desempenhada por Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo dentro da Alfa-Omega.

### 3.1 A Repressão Está Formada

A Alfa-Omega nasce em 1973, nove anos após o golpe militar e cinco anos após a instauração do AI-5. Vale lembrar mais uma vez que o golpe de 1964 destrói as “organizações

---

<sup>300</sup> CASTRO, Ana Caroline. Livros como Prova de Subversão: um processo judicial. In: REIMÃO, Sandra (org.). *Livros e Subversão: seis estudos*. Cotia- SP: Ateliê Editorial, 2016. p. 88.

<sup>301</sup> No dia 22 de março de 2021, realizamos a entrevista com o escritor e jornalista Luiz Fernando Emediato. Todo o material foi gravado em áudio e vídeo, transcrito e revisto pelo entrevistado. A entrevista está devidamente autorizada para o uso neste trabalho.

políticas” e reprime “os movimentos sociais de esquerda e progressista”.<sup>302</sup> A “Operação Limpeza” é colocada em prática, e um grupo de “oficiais-superiores” são escolhidos para conduzir os “inqueritos policiais militares”, e acabar com todos aqueles contrários à nova política em vigor.<sup>303</sup> A censura, presente desde muito tempo na história do Brasil, torna-se mais forte e violenta, principalmente com o AI-5, de 13 de dezembro de 1968, onde é possível observar uma grande perseguição aos políticos de esquerda, aos intelectuais e aos artistas, considerados subversivos. Costa e Silva, o então presidente, defende com a criação deste ato, o combate ao “inimigo interno” e a “reformulação do aparato repressivo”.<sup>304</sup>

É também Costa e Silva que sanciona, em 21 de novembro de 1968, a Lei nº 5.536, que “dispõe sobre a censura de obras teatrais e cinematográficas” e “cria o Conselho Superior de Censura”. O objetivo é gerar classificações etárias para peças de teatros e obras cinematográficas, assim como, censurar conteúdos contrários “à segurança nacional e ao regime representativo e democrático”. O Conselho Superior de Censura é um órgão diretamente vinculado ao Ministério da Justiça, composto por representantes com nível superior, designados pelo próprio Ministro da Justiça, para atuar na elaboração de “normas de critério que orientem o exercício da censura”.<sup>305</sup>

Segundo a historiadora Maria Aparecida de Aquino, a instauração do AI-5 significa uma grande “guinada de posição” para o regime instaurado em 1964. O “endurecimento político” é um divisor de águas, principalmente para imprensa escrita no Brasil.<sup>306</sup> Esse marco divisório, apontado pela autora, faz com que a imprensa viva períodos bastante difíceis. Para o historiador Carlos Fico, é um momento em que a “censura da imprensa” sistematiza-se e passa “a obedecer as instruções especificadamente emanadas dos altos escalões do poder”.<sup>307</sup> Quando falamos da imprensa, não estamos restringindo apenas aos jornais, mas também às revistas, aos livros, aos editores e aos intelectuais que, de uma maneira geral, fazem da

<sup>302</sup> TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: o golpe contras as reformas e a democracia. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 24, n. 47, pp. 13-28, 2004. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a02v2447.pdf>. Acesso em: 06/01/2021.

<sup>303</sup> FICO, Carlos. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, vol. 03, n. 5, pp. 252-286, jul/dez. 2002. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v3n5/2237-101X-topoi-3-05-00251.pdf>. Acesso em: 21/04/2021.

<sup>304</sup> TAMAS, Elisabete Fernandes Basílio. *A Tortura em Questão: a disputa de memórias entre militares e militantes*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo – SP: Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, 2009. p. 18.

<sup>305</sup> BRASIL. Lei nº 5.536, de 21 de novembro de 1968. Dispõe sobre a censura de obras teatrais e cinematográficas, cria o Conselho Superior de Censura, e dá outras providências. Brasília, DF, 21 de novembro de 1968. Disponível na internet via: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/15536.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%205.536%2C%20DE%2021%20DE%20NOVEMBRO%20DE%201968.&text=Disp%C3%B5e%20s%C3%B4bre%20a%20censura%20de,Art.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/15536.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%205.536%2C%20DE%2021%20DE%20NOVEMBRO%20DE%201968.&text=Disp%C3%B5e%20s%C3%B4bre%20a%20censura%20de,Art.) Acesso em: 28/04/2021.

<sup>306</sup> AQUINO, Maria Aparecida. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência – O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru-SP: EDUSC, 1999. p. 206-207.

<sup>307</sup> FICO, Carlos. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar, op. cit..

palavra escrita ou falada uma ferramenta para expressar o seu pensamento crítico. Mas cabe aqui uma ressalva. Ao tratar da censura entre os anos de 1968 e 1985, é possível observar duas possibilidades. A primeira é a censura à moral, voltada, a princípio, para as diversões públicas, como shows, peças de teatro, programas de televisão e também para os livros e as revistas. A segunda é a censura política, voltada para as atividades jornalísticas, ou seja, para o controle das notícias veiculadas pelos jornais.<sup>308</sup>

Logo no início da tese, acompanhamos um caso típico de censura moral, um ataque à cultura brasileira através do episódio contra a Banca da Cultura do CRUSP, invadida e fechada pelos militares em 17 de dezembro de 1968, quatro dias após a decretação do AI-5. O estudante Fernando Mangarielo fica sem seu emprego na Banca e acaba desabrigado, como tantos outros estudantes que são obrigados a deixar o alojamento universitário. Por falar em estudantes universitários, as instituições de ensino superior, como sabemos, são locais muito visados pelos militares. O interesse aqui está ligado a uma tentativa de controle intelectual. Como salienta o historiador Rodrigo Patto Sá Motta, “a política do regime militar para as Universidades” implica “o combate e a censura às ideias de esquerda e tudo o mais considerado perigoso e desviante”. A intenção dos militares, segundo o autor, é transformar as Universidades em lugar de apoio ao regime, ou seja, formar “elites” e “técnicos necessários à gestão da economia” que possam atender os seus interesses.<sup>309</sup> Portanto, a necessidade de tirar todas as possíveis ameaças consideradas subversivas, para poder implantar, sem restrições, as práticas conservadoras.

Para coibir e combater os considerados subversivos, o governo militar conta com o apoio e o aparato de vários órgãos repressivos. O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) é um deles, com unidades espalhadas em vários estados brasileiros. No Rio de Janeiro, por exemplo, “em termos administrativos”, o órgão é “criado por lei aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado, Lei nº 263, de 24 de dezembro de 1962”.<sup>310</sup> O objetivo do DOPS é espionar, prender e torturar, em articulação direta com Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), órgão ligado ao Exército brasileiro; e também ao Centro de Informação da Aeronáutica (CISA) e ao Centro de

<sup>308</sup> CARVALHO, Lucas Borges de. A Censura Política à Imprensa na Ditadura Militar: fundamento e controvérsias. In: *Revista da Faculdade de Direito*, Curitiba, vol. 59, n. 01, pp. 79-100, 2014. Disponível na internet via: [file:///C:/Users/cliog/Downloads/36349-133768-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/cliog/Downloads/36349-133768-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 21/04/2021.

<sup>309</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Os Olhos do Regime Militar Brasileiro nos Campi. As acessórias de Segurança e Informações das Universidades. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 16, pp. 30-67, jan./jun. 2008. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v9n16/2237-101X-topoi-9-16-00030.pdf>. Acesso em: 06/01/2021.

<sup>310</sup> PRADAL, Fernanda Ferreira. *A “Justiça da Transição” no Brasil: o caso do Departamento da Ordem Política e Social (DOPS) do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Direito. Rio de Janeiro – RJ: Pontifícia Universidade Católica – PUC/Rio, 2017. p. 68.

Informação da Marinha (CENIMAR).<sup>311</sup> A maior parte das apreensões de livros do DOPS, por exemplo, após o golpe de 1964, está ligada à literatura de esquerda, com temas marxistas e ideias do PCB.<sup>312</sup>

Outro órgão bem importante, formado neste momento, é o Serviço Nacional de Informações (SNI), criado com o objetivo de coordenar as atividades de informação de interesse da segurança nacional. O embrião deste órgão aparece antes mesmo do governo militar. Ainda em 1946, no governo de Eurico Gaspar Dutra, é criado o Serviço Federal de Informações e Contrainformações (SFICI), com o objetivo de cuidar de informações importantes sobre o Brasil e, ao mesmo tempo, preparar o país para uma possível guerra. Sem uma estrutura física, como, por exemplo, sala e telefone, o órgão não consegue alçar voo. É somente no governo de Juscelino Kubitschek, entre os anos de 1956 e 1961, que ele é reestruturado, obtendo um papel chave na tarefa da espionagem.<sup>313</sup>

Após o golpe militar de 1964, o órgão ganha uma nova roupagem. Elaborado pelo general Golbery do Couto e Silva, e implantado no governo de Castelo Branco, o SNI absorve o SFICI e se torna subordinado ao Presidente da República. O órgão, então, “contribui efetivamente para o funcionamento da repressão, indicando o caminho para que os supostos ‘inimigos da nação’ fossem encontrados”.<sup>314</sup> Vale ressaltar ainda que o SNI tem uma relação bastante estreita com o Ministério da Justiça (MJ). Segundo o sociólogo Glaucio Soares, o MJ passa ao SNI os materiais com os conteúdos inquietantes. O SNI, por sua vez, entrega ao MJ, os materiais considerados impróprios. O posicionamento de proibição do MJ acaba sendo, na maioria das vezes, uma indicação feita pelo SNI.<sup>315</sup>

Juntos, esses órgãos que aparecem após 1964, agem contra a democracia e a liberdade de expressão. Fico pondera que os mesmos são vistos pela historiografia, durante um bom tempo, como setores homogêneos. A constatação de autor é que há uma grande diferença entre eles, principalmente entre os “órgãos de informações e os órgãos de segurança”.<sup>316</sup> Não cabe aqui enveredar por essa discussão. Apenas precisamos deixar claro que existem

---

<sup>311</sup> PRADAL, Fernanda Ferreira, op. cit., p. 67.

<sup>312</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Ideias Malditas: o DOPS e as minorias silenciadas*. São Paulo: Ateliê; Fapesp, 2002. p. 163-164.

<sup>313</sup> SAMWAYS, Daniel Trivisan. Conhecer o Inimigo é Preciso: o Serviço Nacional de Informação e a comunidade de informação na ditadura civil-militar brasileira. In: *Revista Angelus Novus*. São Paulo, ano IV, n. 5, pp. 83-102, 2013. Disponível na internet via: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/88875/91749>. Acesso em: 16/03/2021.

<sup>314</sup> Idem.

<sup>315</sup> SOARES, Glaucio Ary Dillon. Censura Durante o Regime Autoritário. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 04, n. 10, pp. 01-21, jan./jun. 1989. Disponível na internet via: [http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/10/rbcs10\\_02.pdf](http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/10/rbcs10_02.pdf). Acesso em: 27/04/2021.

<sup>316</sup> FICO, Carlos. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar..., op. cit..

diferenças significativas entre eles, mas que os mesmos trabalham em prol de um objetivo comum que é o de censurar e de coibir a liberdade de expressão. Como lembra a historiadora Maria Luiza Carneiro, “as autoridades policiais procuravam hierarquizar as ideias submetendo-as, diariamente, a um processo seletivo com o objetivo de purificar a sociedade”. Neste sentido, aquele “indivíduo que propusesse mudanças sociais recusando as normas impostas, poderia se transformar num suspeito em potencial”. Assim, “todo intelectual que procurasse ‘fazer revolução’ através da palavra escrita, impressa ou falada, corria o risco de tornar-se um bandido, sendo apontado como um homem ‘sem caráter’ e de ‘maus sentimentos’”.<sup>317</sup> E, em se tratando de livros, autores e editores, esses mesmos órgãos também desempenham um papel forte de combate fazendo uma pressão junto ao DCDP, órgão responsável por examinar livros e revistas.

Durante a ditadura militar, os meios de comunicação, como, “filmes, peças teatrais, discos, apresentações de grupos musicais, cartazes e espetáculos públicos”, passam a ser avaliados pelo “Ministério da Justiça (MJ) por meio do Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), setor do Departamento de Censura de Diversões Públicas (DCDP)”. A partir de 1970, “livros e revistas também passam a ser examinados pelo SCDP-DCDP”.<sup>318</sup> O SCDP é criado na década de 1940 em substituição ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) – posteriormente chamado de Departamento Nacional de Informações (DNI) –, que vigora no governo de Getúlio Vargas, historicamente lembrado como Estado Novo. A atuação do DIP, e depois DNI, age mais diretamente na censura à imprensa, enquanto o novo órgão, o SCDP, visa atuar de forma incisiva nas questões envolvendo “a moral e os bons costumes do povo brasileiro”.<sup>319</sup>

É preciso mencionar também que em 1970, entra em vigor o Decreto-lei nº 1.077, com o objetivo de vetar publicações que ofenda a moral e os bons costumes. É o momento da legalização da censura prévia. O Decreto é elaborado pelo Ministro da Justiça e apoiador do AI-5, Alfredo Buzaid.<sup>320</sup> O documento é sancionado por Emílio Garrastazu Médici, o então presidente da época. O novo instrumento de lei possibilita a censura prévia, o que pode levar a “busca e apreensão” de livros e revistas considerados ofensivos; e também proíbe programas

---

<sup>317</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci, op. cit., p. 21 e 22.

<sup>318</sup> MARCELINO, Douglas Attila. “*Salvando à Pátria da Pornografia e da Subversão*”: a censura de livros e diversões públicas nos anos de 1970. Dissertação de Mestrado em História Social. Rio de Janeiro – RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2006. p. 26.

<sup>319</sup> Idem. Ibidem.

<sup>320</sup> Idem. p. 39.

de rádio e de televisão e espetáculos públicos com conteúdo impróprio.<sup>321</sup> A ideia de Buzaid com essa lei é focar mais nas publicações de livros e revista, e não em jornais. Em relação aos jornais, a censura é praticada através de “proibições determinadas”, com “bilhetinhos” ou telefonemas sendo encaminhados para as redações.<sup>322</sup> Tais “bilhetinhos”, muitas das vezes escritos de próprio punho, podem conter uma ou mais proibições, e cabe ao periódico acatar as orientações para evitar um possível veto da censura.<sup>323</sup> Vale lembrar que a pressão feita aos periódicos não acontece de forma padronizada, pelo contrário, alguns são mais visados e perseguidos do que outros. Aqueles com um perfil político alternativo acabam sofrendo mais, como é o caso do *Pasquim*, *Opinião* e *Politika*.<sup>324</sup> Isso não quer dizer que os jornais de grande circulação fiquem em uma situação mais confortável, o jornal *Estado de São Paulo*, por exemplo, ocupa suas lacunas censuradas com trechos de obras de escritores famosos, como de Luís Vaz de Camões, Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade, assim como também, receitas culinárias.<sup>325</sup>

Voltando ao DCDP e as áreas por ele investigada, podemos destacar pelo menos quatro delas: a televisiva, a cinematográfica, a musical e a literária. A Rede Globo, inserida na área televisiva, por exemplo, é obrigada a encaminhar as sinopses de todas as novelas ao DCDP. Após a averiguação, recebe algumas orientações, geralmente para evitar a abordagem de determinados temas, como, “cenas maliciosas”, “leituras eróticas” e “consumo de álcool”.<sup>326</sup> Em relação aos programas com transmissão ao vivo, como o *Fantástico*, a situação é um pouco diferente. A censura aos quadros gravados é feita previamente, mas já aqueles quadros que seguem ao vivo, são acompanhados por censores do SCDP da Guanabara que ficam dentro das instalações da emissora. Em 1974, por exemplo, o programa é ameaçado de ficar um domingo fora do ar por conta de dificultar o trabalho dos técnicos.<sup>327</sup>

A outra área, a cinematográfica, também passa pelas averiguações da censura. Os filmes, patrocinados pela Embrafilme, empresa destinada a patrocinar e distribuir os filmes brasileiros com recursos públicos, acabam tendo cenas cortadas por orientação do DCDP,

<sup>321</sup> BRASIL. Decreto-lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970. Dispõe sobre a execução do artigo 153, § 8º, parte final, da Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 26 de janeiro de 1970. Disponível na internet via: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/del1077.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del1077.htm). Acesso em: 24/01/2020.

<sup>322</sup> FICO, Carlos. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar..., op. cit..

<sup>323</sup> SOARES, Glaucio Ary Dillon. Censura Durante o Regime Autoritário..., op. cit..

<sup>324</sup> Idem.

<sup>325</sup> FERES, Sheila Maria. *A censura, o censurável, o censurado*. Tese de Doutorado em Ciência Política: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP, 1980. p. 100.

<sup>326</sup> FICO, Carlos. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar..., op. cit..

<sup>327</sup> STEPHANOU, Alexandre Ayub. *O Procedimento Racional e Técnico da Censura Federal Brasileira como Órgão Público: um processo de modernização burocrática e seus impedimentos*. Tese de Doutorado em História. Porto Alegre – RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul – PUC/RS, 2004. p. 254.

como é o caso de *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1976), dirigido por Bruno Barreto; *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia* (1976), dirigido por Hector Babenco; e *A Dama do Lotação* (1978), dirigido por Neville de Almeida.<sup>328</sup>

Na música, nomes como Francisco Buarque de Holanda; Geraldo Vandré; Elis Regina; Gilberto Gil; e Caetano Veloso, famosos por defenderem e interpretarem a Música Popular Brasileira (MPB) se tornam os alvos preferidos da censura. Por fazer protestos claros contra a ditadura militar, através de letras contendo “metáforas” e “alegorias” de oposição, são vistos como um perigo.<sup>329</sup> Francisco Buarque de Holanda, popularmente conhecido como Chico Buarque, por exemplo, cria o pseudônimo Julinho da Adelaide, o que lhe permite o anonimato por algum tempo e o possibilita a continuar gravando suas canções, como, por exemplo, *Apesar de Você*, que traz uma crítica direta ao Presidente Médici.<sup>330</sup>

O teatro, por sua vez, tem no ano de 1968, quatorze peças proibidas, e no ano de 1969 esse número sobe para vinte e sete. São peças que trazem temas políticos ou que discutem questões que atentam contra a moral, na leitura dos censores. Na virada dos anos de 1970, a historiadora Miliandre Garcia afirma que autores e produtores buscam uma alternativa curiosa para evitar a censura. Como estratégia, utilizam-se de “episódios/personagens históricos” e “obras/autores clássicos” para disfarçar e contextualizar o momento da atualidade. É uma maneira de desviar o olhar dos censores para o verdadeiro objetivo da peça. Em 1975, em decorrência de uma pressão do meio artístico, a censura ao teatro começa a enfraquecer, é o início do que a autora chama de “descentralização da censura teatral”.<sup>331</sup> Enquanto o teatro recebe certo alívio da censura a partir de meados da década de 1970, o mesmo não acontece com os livros.

Através de um levantamento feito nos acervo do DCDP, localizado no Arquivo Nacional de Brasília, Reimão chega à conclusão que as atividades de censura a livros são bem fortes entre os anos de 1975 e 1980<sup>332</sup>, em que cerca de 50% daqueles que são submetidos à

<sup>328</sup> CARNEIRO, Ana Marília. *Signos da Política, Representações da Subversão: a Divisão da Censura de Diversões Públicas na Ditadura Militar*. Dissertação de Mestrado em História. Belo Horizonte – MG: Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2013. p. 62-63.

<sup>329</sup> Idem. p. 66.

<sup>330</sup> KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. Tese de Doutorado em História. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2001. p. 189.

<sup>331</sup> GARCIA, Miliandre. *“Ou Vocês Mudam ou Acabam”: teatro e a censura na Ditadura Militar (1964-1985)*. Tese de Doutorado em História Social. Rio de Janeiro – RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2008. p. 306.

<sup>332</sup> Este período coincide com o governo Geisel, considerado o mais perverso com a censura de livros. Como exemplo, destacam-se duas editoras do Rio de Janeiro que aparecem com livros vetados, em 1975: Casa do Livro e Artenova. A Casa do Livro tem nove títulos importados proibidos, enquanto a Artenova amarga o total de onze títulos. Cf. OTERO, Maria Mercedes Dias Ferreira. *Censura de Livros Durante a Ditadura Militar (1964-1978)*. Tese de Doutorado em História. Recife – PE: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2003. p. 145.

averiguação, recebem o veto.<sup>333</sup> Ridenti que faz uma avaliação do ano de 1978, por exemplo, conclui que o órgão chega a apreender “226.641 exemplares de livros e 9.494 de revistas”.<sup>334</sup>

Assim como os autores e produtores teatrais, os editores também tentam driblar o DCDP e adotam uma estratégia bem interessante: publicar parte de um livro em jornais e revistas. Essa estratégia visa perceber a reação do DCDP em relação ao texto. Essa sondagem permite aos editores a quase certeza de que o livro pode ser publicado na íntegra, sem o risco de uma possível censura.<sup>335</sup> Porém, vale ressaltar que esse tipo de manobra não é uma regra, nem mesmo uma garantia total para os editores, é apenas uma possibilidade de acerto na luta contra a censura.

O fato é que os ataques às editoras são fortes após a instauração e a consolidação destes órgãos. No Rio de Janeiro, por exemplo, quatro editoras são alvos constantes, tendo vários títulos apreendidos. São elas: Civilização Brasileira, com 60 livros; a Paz e Terra, com 51 livros; a Zahar, com 30 livros; e a Vitória, com 28 livros.<sup>336</sup> Sobre a Civilização Brasileira, por exemplo, autores como Carlos Heitor Cony, Isaac Deutscher, Elói Dutra, Otavio Ianni, Barbosa Lima Sobrinho, Cláudia de Araújo Lima, Franklin de Oliveira e Nelson Werneck Sodré, são os alvos preferidos do DOPS, tendo mais de uma obra apreendida.<sup>337</sup>

Um exemplo em São Paulo é a editora Global. A editora é considerada eclética até 1976, mas muda o seu perfil em 1977, trazendo temas sexuais e esotéricos como primeira linha. Dentre alguns autores perseguidos, destacam-se: Adelaide Carraro, Cassandra Rios e Plínio Marcos. Esses três autores ganham a fama de “malditos” por abordar temas considerados tabus e imorais para a sociedade brasileira.<sup>338</sup>

Assim como a Civilização Brasileira e a Global, tantas outras editoras têm livros censurados e apreendidos neste período. Não cabe aqui um levantamento detalhado. Talvez em um estudo futuro possamos identificar com mais cuidado essa questão. Vale ressaltar ainda que não é possível chegar a uma conclusão, até o momento, do número total de livros censurados durante o período da ditadura militar no Brasil. Reimão tenta levantar

<sup>333</sup> REIMÃO, Sandra. “Proíbo a publicação e a circulação...” – censura a livros na ditadura..., op. cit..

<sup>334</sup> RIDENTI, Marcelo. Censura e Ditadura no Brasil, do Golpe à Transição Democrática, 1964-1988. In: *Concinnitas*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 33, pp. 86-100, dez. 2018. Disponível na internet via: <file:///C:/Users/cliog/Downloads/39848-134907-1-PB.pdf>. Acesso em: 06/01/2021.

<sup>335</sup> HALLEWELL, Laurence..., op. cit., p. 494-495.

<sup>336</sup> PEREIRA, Luciana Lombardo. *A Lista Negra dos Livros Vermelhos...* op. cit., p. 130.

<sup>337</sup> GALUCIO, Andréa Lemos Xavier, op. cit., p. 141-142.

<sup>338</sup> MAUÉS, Flamarion. Do Erótico ao Político: a trajetória da Global Editora na década de 1970. In: REIMÃO, Sandra (org.). *Livros e Subversão: seis estudos*. Cotia- SP: Ateliê Editorial, 2016. p. 42-43.

parcialmente esses dados, e encontra uma variação de duzentos a quatrocentos e trinta livros, entre 1968 e 1978, uma variação bastante ampla e não conclusiva.<sup>339</sup>

Por ora, vale deixar uma reflexão feita por Carneiro: “(...) O Estado Republicano, censor por excelência, foi responsável pela mutilação da cultura nacional interferindo, negativamente, na construção do conceito de cidadania”.<sup>340</sup> Sem dúvida, o posicionamento da autora se aplica ao momento da ditadura militar, que busca calar, brutalmente, as vozes discordantes do governo em vigor. Mas isso não impede que os intelectuais deixem de desafiar seus próprios limites e continuem a contribuir – “mesmo nos subterrâneos da sociedade” – com as questões políticas e sociais do seu tempo.<sup>341</sup>

No próximo item, portanto, a intenção é conhecer os livros da Alfa-Omega que são avaliados pela censura durante o regime militar. Dois deles são censurados e proibidos, como é caso de *4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*, de Álvaro Alves de Faria; e *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós. Embora censurado e proibido, o livro de Faria não é apreendido, já a situação do livro de Tapajós é bem diferente. Além da proibição, os exemplares são confiscados e o autor preso. No caso de *Não Passarás o Jordão*, de Luiz Fernando Emediato, ocorre a averiguação do material, mas o livro não é proibido, assim como também acontece com o livro *A Sangue Quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*, de Hamilton Almeida Filho.

### 3.2 Os Livros da Alfa-Omega e a Censura

Vale destacar algumas dificuldades enfrentadas para a construção deste item. A primeira delas é que ficamos concentrados em uma documentação restrita, encontrada apenas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e no Arquivo Nacional de Brasília. A segunda questão está relacionada aos autores. Percorremos um longo percurso para tentar localizar os autores dos quatro livros da Alfa-Omega citados no início deste capítulo. Conseguimos localizar apenas um, Luiz Fernando Emediato, autor do livro *Não Passarás o Jordão*, sempre disposto a esclarecer nossas dúvidas. Mesmo diante de algumas lacunas, tentaremos analisar os livros da editora que passam pela averiguação da censura.

<sup>339</sup> REIMÃO, Sandra. *Repressão e Resistência...* op. cit., p. 31.

<sup>340</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci..., op. cit., p. 167.

<sup>341</sup> Idem.

Em 1973, ainda no primeiro ano de funcionamento, a Alfa-Omega lança o livro *4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*, do poeta Álvaro Alves de Faria. Faria nasce na cidade de São Paulo, em 1942. Ainda bem jovem dedica-se a escrever poesias, novelas e romances. O primeiro romance é escrito aos 11 anos, e o primeiro livro, *Noturno Maior*, aos 16 anos, sendo publicado em 1963 pela editora Portugal Ilustrado, de São Paulo.<sup>342</sup> O autor fica conhecido por fazer parte da “Geração 60 da poesia de São Paulo”, ao lado de nomes como o de Carlos Felipe Moisés, Jorge Mautner, Eunice Arruda e Cláudio Willer. Sua obra ampla e rica, voltada para o “extremo lirismo” e para a “contestação social e política”, faz com que se torne um poeta famoso também fora do Brasil, tendo livros publicados em Portugal e na Espanha.<sup>343</sup> Ainda na década de 1960, ingressa no jornal *Diário de São Paulo*, contribuindo com vários suplementos. Além disso, o poeta leva para as ruas a poesia, cantando seus versos para a grande massa, junto com outros colaboradores. Vários recitais são realizados no Viaduto do Chá, lugar bastante movimentado da capital paulista. A sua exposição em lugar público faz com que se torne uma pessoa conhecida e também alvo fácil para os órgãos da repressão, sendo preso por cinco vezes pelo DOPS, por ato subversivo. Os anos de 1969 e 1973 também são bem difíceis para o poeta. Em 1969 fica preso por 11 meses por militar e “desenhar os cartazes do Partido Socialista Brasileiro”. Em 1973, é “alvejado com um tiro na cabeça”, tendo a bala alojada até os dias de hoje.<sup>344</sup>

A formação acadêmica de Álvaro Alves de Faria acontece nas décadas de 1970 e 1980, com a graduação em Ciências Sociais e o mestrado em Comunicação Social. Atualmente possui no seu currículo diversos prêmios literários e mais de 50 livros publicados nas áreas de poesia, romance, ensaio literário e peça de teatro.<sup>345</sup>

---

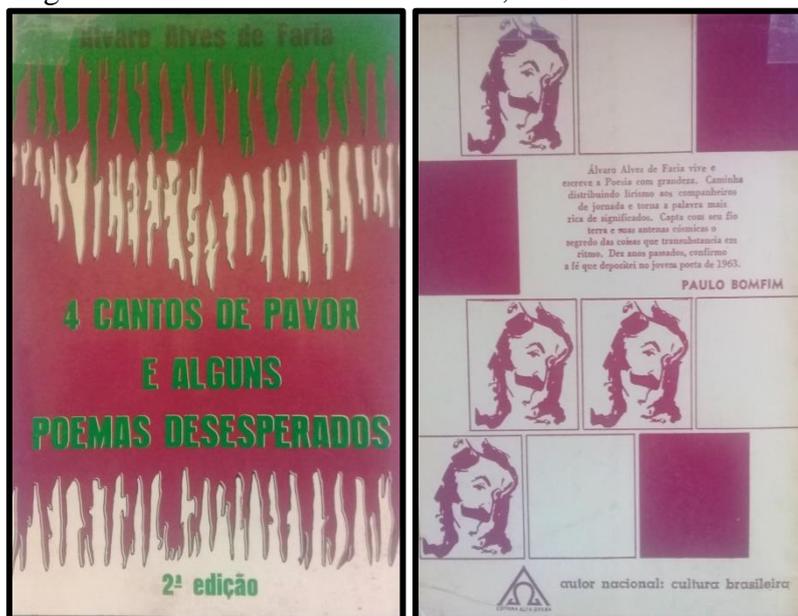
<sup>342</sup> Para outras informações sobre a vida e a carreira de Álvaro Alves de Faria, conferir o site pessoal do poeta: <http://www.alvaroalvesdefaria.com/o-poeta/4594470265>. Acesso em: 13/03/2021.

<sup>343</sup> FÁRIA, Álvaro Alves de. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível na internet via: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa254932/alvaro-alves-defaria>. Acesso em: 04/05/2021. Verbetes da Enciclopédia.

<sup>344</sup> Para outras informações sobre a vida e a carreira de Álvaro Alves de Faria, conferir o site pessoal do poeta: <http://www.alvaroalvesdefaria.com/o-poeta/4594470265>. Acesso em: 13/03/2021.

<sup>345</sup> Idem.

Figura 7 – Livro *4 Cantos de Pavor...*, de 1973



Fonte: FARIA, Álvaro A. de. *Quatro Cantos de Pavor...* SP: Alfa Omega, 1973.  
Acervo: Gustavo Orsolon

A figura 7 traz a capa e a contracapa do livro de Faria. A capa, de João Suzuki, apresenta um desenho interessante que nos permite algumas interpretações. Em uma primeira visão, os contornos do desenho podem nos levar a pensar nas formações rochosas presentes em algumas cavernas, conhecidas como estalactites e estalagmites. Sendo que a primeira é a formação do teto em direção ao chão; e a segunda, do chão em direção ao teto. Ao mudar o ângulo de análise, é possível ver outra imagem, a boca de um grande monstro, de dentro para fora, com seus dentes afiados.

Não é possível saber se essas interpretações estão de acordo com as ideias de Suzuki, mas elas se encaixam bem à obra de Faria. A escuridão e o vazio, características típicas de uma caverna repleta de estalactites e estalagmites, estão presentes em alguns poemas que tratam da solidão e do medo em tempos sombrios e de pouca esperança. Essa pouca esperança pode ser mastigada pelos dentes afiados do monstro da repressão, que engole rapidamente tudo o que vê para que não reste qualquer resquício de ilusão.

Na contracapa o destaque é para a qualidade do trabalho de Faria. Complementando os quatro desenhos da imagem do autor, uma pequena observação de Paulo Bomfim mostra para o leitor a grandeza do poeta, que “caminha distribuindo lirismo aos companheiros de jornada e torna a palavra mais rica e significativa”.<sup>346</sup>

<sup>346</sup> BOMFIM, Paulo. Contracapa. In: FARIA, Álvaro Alves de. *4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*. São Paulo: Alfa-Omega, 1973.

O lirismo de Faria, no sentido de entusiasmo e ardor, também é mencionado nos textos de abertura do livro. O jornalista José Geraldo Nogueira Moutinho, no primeiro texto, afirma que o “poeta não se nega, não se refugia em nenhuma ilha, não postula a condenação do homem em nome de reflexões abstratas e dessangradas”.<sup>347</sup> Para a escritora Lygia Fagundes Telles, no segundo texto, o livro de Faria é “impregnado de forte sopro lírico”. Entretanto, é um lirismo “agudo e energético de quem aceita o desafio e de olhos enxutos embora feridos nos faz sentir na carne a carne de sua palavra”.<sup>348</sup>

De acordo com nota veiculada pelo jornal *Estadão*, de 03 de fevereiro de 1974, o livro é lançado em dezembro de 1973, e marca os 10 anos de poesia de Álvaro de Faria.<sup>349</sup> A obra possui vinte e quatro poemas: “Primeiro Canto de Pavor”; “O Morto”; “A Sala”; “O Ofício”; “A Semana”; “Pequena História sem Importância...”; “A Fotografia”; “Segundo Canto de Pavor”; “A Catástrofe”; “O Velório”; “O Tango”; “Terceiro Canto de Pavor”; “A Cidade”; “Exercício”; “O Futebol”; “Paisagem”; “A Elaboração e Possível Explicação do Poema”; “Poema em Transe Invertido”; “Anúnciação”; “O Coito”; “Quarto Canto de Pavor”; “Noturno – Maior (1963)”; “Tempo – Final (1964)”; “O Sermão do Viaduto (1965)”.<sup>350</sup>

Em relação a esta obra existe uma particularidade a ser considerada. O autor chega a encaminhar os originais, por vontade própria, ao DCDP<sup>351</sup>. No ofício nº 511/73, encaminhado pelo General Antônio Bandeira, Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal, para Alfredo Buzaid, Ministro da Justiça, em 04 de julho de 1973, lê-se:

“Senhor Ministro: tenho a honra de submeter à elevada apreciação de Vossa Excelência o texto do livro “Quatro Cantos de Pavor e Alguns Poemas

<sup>347</sup> MOUTINHO, José Geraldo Nogueira. Dez Anos de Criação. In: FARIA, Álvaro Alves de, op. cit., p. 16.

<sup>348</sup> TELLES, Lygia Fagundes. Dez Anos de Poesia. In: FARIA, Álvaro Alves de, op. cit., p. 18.

<sup>349</sup> S/A. Dez Anos de Poesia. In: *O Estadão*. São Paulo, 03 de fevereiro de 1974. Disponível na internet, no Acervo Digital do Estadão, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19740203-30323-nac-0263-lit-3-not>. Acesso em: 17/05/2021.

<sup>350</sup> FARIA, Álvaro Alves de. *4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*. São Paulo: Alfa-Omega, 1973. p. 101-102.

<sup>351</sup> De acordo com a historiadora Maria Otero, é muito burocrático o processo para emitir os originais para apreciação no DCDP. O autor precisa ter em mãos um ofício e três cópias dos originais para enviar ao órgão. Os pareceres aguardam certo tempo, até que o Ministro da Justiça encaminhe a palavra final de aceitação ou veto, uma média de três meses de espera. Cf. OTERO, Maria Mercedes Dias Ferreira. *Censura de Livros Durante a Ditadura Militar (1964-1978)*. Tese de Doutorado em História. Recife – PE: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2003. p. 139.

Sobre o episódio com o livro de Álvaro de Faria, Sandra Reimão faz uma análise no seu estudo *Repressão e Resistência: censura a livros na ditadura militar*, de 2019. Inclusive, a autora, reproduz na íntegra o processo nº 57.308/73, que trata da proibição do livro. Este documento está localizado no Arquivo Nacional de Brasília. Em contato com a instituição, também acessamos o documento, assim como também, localizamos mais dois importantes: o Ofício nº 511/73, que trata do encaminhando do pedido de censura prévia; e o Despacho de 28/05/1976, que mostra que autor não comparece a DCDP para buscar o parecer sobre o seu livro.

Desesperados”, de Álvaro de Faria, atendendo solicitação do autor que apresentou a este Departamento com pedido de censura prévia”.<sup>352</sup>

Aproximadamente cinco meses depois, em 21 de dezembro de 1973, o processo nº 57.308/73, assinado por Clovis L. Garcia e encaminhado para o Ministro da Justiça, traz os versos do livro de Faria considerados impróprios. Um exemplo é o verso presente no poema “Fotografia”: “duas mulheres se beijam na boca/e se enfiam as mãos pernas a dentro”. Em outro poema, “O Coito”, vários versos incomodam a censura, como estes: “Vida em largos pelos/engolindo a carne/e leves sonhos/nas bocas?/ De gemer,/Aí,/ou engolir orgasmos, enfiar a vida/no gemido?”.<sup>353</sup>

Apresentando esses e outros versos, o documento é finalizado com a seguinte ordem: “Os versos supra, dado que atentam contra a moral e os bons costumes, impedem se autorize a publicação da obra. Nessas condições, opino no sentido de ser proibida a publicação do livro intitulado ‘*Quatro Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*’ (...)”.<sup>354</sup>

O conhecimento deste parecer não chega ao autor e aos editores. O livro é publicado em 1973 e ganha uma segunda edição ainda no mesmo ano. Segundo Reimão, como o pedido de censura prévia é feito pelo próprio o autor, o mesmo deveria buscar a informação junto ao DCDP, ação que não acontece.<sup>355</sup> O não conhecimento do autor sobre a proibição do seu livro pode ser visto no Despacho de 28 de maio de 1976, assinado por Rogério Nunes, Diretor do DCDP: “aguarda-se, pois, em arquivo, que o interessado venha em busca do resultado”.<sup>356</sup>

As informações sobre as consequências desta proibição são escassas e, portanto, algumas perguntas ficam sem respostas neste momento. De acordo com Claudete Mangarielo, os exemplares não são apreendidos, e como já mencionamos, uma segunda edição é lançada ainda no mesmo ano, a mesma utilizada como referência neste estudo.<sup>357</sup> Nada mais encontramos para responder as nossas perguntas: por que o autor não busca o parecer junto ao DCDP, visto que é o próprio quem solicita a censura prévia? Como o autor e sua obra chegam à editora Alfa-Omega? Como se constrói a relação do autor com os editores? Como é a recepção do livro em meio à crítica e ao público leitor?

<sup>352</sup> *Ofício* nº 511/73, de 04 de julho de 1973. Acervo do Arquivo Nacional de Brasília – Brasil. Fundo: Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCDP). Código de Referência: BR DFANBSB NS.CPR.PUB.058.

<sup>353</sup> *Processo* nº 57.308/73, de 21 de dezembro de 1973. Acervo do Arquivo Nacional de Brasília – Brasil. Fundo: Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCDP). Código de Referência: BR DFANBSB NS.CPR.PUB.058.

<sup>354</sup> *Idem*.

<sup>355</sup> REIMÃO, Sandra. *Repressão e Resistência...*, op. cit., p. 55.

<sup>356</sup> *Despacho* de 28 de maio de 1976. Acervo do Arquivo Nacional de Brasília – Brasil. Fundo: Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCDP). Código de Referência: BR DFANBSB NS.CPR.PUB.058.

<sup>357</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

São perguntas sem respostas porque não houve a possibilidade de averiguação, sendo esta uma das limitações para quem estuda o passado. Até contactamos o autor, mas sem sucesso para a realização de uma entrevista. Neste caso, as lacunas ficam abertas e demonstram para o leitor que nem tudo sobre o passado é possível de respostas e soluções.

Três anos depois, em 1976, a editora lança o livro que torna-se o seu grande *best-seller*, *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Morais. Como vimos no capítulo anterior, é uma obra que trata de um país que adota o socialismo como forma de governo. Com um tema tão candente e com uma repercussão tão positiva nas vendas, a pergunta que fizemos é se a obra de Morais em algum momento também passa pela averiguação da censura. Não encontramos qualquer documento referente ao caso. Mas, segundo o historiador Douglas Attila Marcelino, o livro de Morais, assim como vários de outras editoras brasileiras, entram em uma espécie de fila de espera para uma avaliação da censura. Devido a fragilidade do DCDP, como, por exemplo, a carência de funcionários, faz com que alguns processos fiquem esperando um parecer da Polícia Federal e do Ministério da Justiça, como é o caso do livro *A Ilha*. Então, sabemos que o livro não passa despercebido, mas tem seu processo de avaliação parado devido organização interna do DCDP.<sup>358</sup>

Como também abordamos no segundo capítulo, o livro *A Ilha* alcança pela editora vinte e nove edições, o que prova que não houve qualquer interferência direta dos órgãos repressivos sobre ele. É bem possível que outros livros da Alfa-Omega tenham ficado em uma situação parecida ao livro de Morais. Mas devido aos limites documentais ficam fora de uma avaliação neste momento.

Enquanto o livro *A Ilha* nos deixa algumas dúvidas e questionamentos, a obra *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós, publicado em 1977, tem a sua história exposta na imprensa, o que faz com que tenhamos um maior entendimento sobre o seu processo de produção e publicação. A análise parcial sobre ele, também é abordado no segundo capítulo. Retomaremos ao tema para tentar entender como o livro chega à editora Alfa-Omega e quais são as consequências depois da prisão do autor. Para isso, existem alguns trabalhos importantes sobre essa problemática, como, por exemplo, o estudo da historiadora Eloisa Aragão, *Censura na Lei e na Marra: como a ditadura quis calar as narrativas sobre suas violências*, publicado em 2013; e o artigo de Mário Augusto Medeiros, *Livro de Combate: o caso Em Câmera Lenta e sua repercussão pública no contexto da ditadura Civil-Militar*,

---

<sup>358</sup> MARCELINO, Douglas Attila, op. cit., p. 60.

publicado em 2017<sup>359</sup>. É partir destes e de outros estudos que estamos investindo nossa atenção para levantar alguns dados importantes sobre o livro e situar o autor neste momento em que a Alfa-Omega é averiguada pelos órgãos da repressão.

O livro de Tapajós chega à Alfa-Omega depois do autor percorrer outras editoras. Fernando Mangarielo fica animado com o material que tem em suas mãos, e investe em pesquisas sobre a obra. Isso porque o trabalho de Tapajós, na visão do editor, é pioneiro, ou seja, é um trabalho de ficção dentro de um contexto de tantos ensaios sobre o tema.<sup>360</sup>

A publicação ocorre em 10 de maio de 1977. Após o lançamento, os exemplares são confiscados e seu autor preso. Tapajós, depois de passar pelo interrogatório do DOPS/SP, fica “dez dias incomunicável”, sendo “indiciado por crime de incitação à subversão, com base na Lei de Segurança Nacional (LSN)”.<sup>361</sup> Como vimos no capítulo anterior, a prisão causa grande repercussão na imprensa, o que faz com que vários veículos de comunicação veiculem notas em prol do escritor.

O então secretário de segurança pública, Antônio Erasmo Dias, classifica o livro “como ‘uma verdadeira cartilha de guerrilha urbana’”.<sup>362</sup> Em um parecer do Ministério da Aeronáutica, do dia 04 de agosto de 1977, com informações vindas do DOPS/SP, é possível observar outros dados da classificação feita ao livro de Tapajós:

“A obra *Em Câmera Lenta*”, de Renato Tapajós, Editora Alfa-Omega, 1977, é uma apologia do terrorismo, da subversão e da guerrilha em todos os seus aspectos. É um “romance” lírico, apaixonado e fanático em que se emula e se venera o terrorismo, o guerrilheiro, e ao mesmo tempo que se execra o policial e o militar!<sup>363</sup>

Percebe-se que o livro de Tapajós é visto como uma obra que defende o terrorismo e desqualifica o poder militar. Essa visão também pode ser percebida no final do documento com uma frase taxativa, definindo que “a obra é realmente subversiva por excelência”.<sup>364</sup> O

<sup>359</sup> Ver: ARAGÃO, Eloísa. *Censura na Lei e na Marra...*, op. cit.; e MEDEIROS, Mário Augusto. Livro de Combate..., op. cit..

<sup>360</sup> ARAGÃO, Eloísa. *Censura na Lei e na Marra...*, op. cit., p. 78-79.

<sup>361</sup> Idem. p. 128.

<sup>362</sup> MARCELINO, Douglas Attila, op. cit., p. 117.

<sup>363</sup> Ministério da Aeronáutica. Informação nº 147/A-2/IV COMAR. Assunto: “*Em Câmera Lenta*”, livro de Renato Tapajós, 04 de agosto de 1977. Fundo: Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. Código de Referência: BR DFANBSB VAZ. 0.0.5279 – Dossiê. Disponível na internet, Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=2131192&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=2131192&v_aba=1). Acesso em: 06/03/2021.

<sup>364</sup> Idem.

curioso, neste caso, é que quando o ministro Armando Falcão interrompe a circulação do livro, a primeira edição já está completamente esgotada.<sup>365</sup>

Depois de alguns dias incomunicável, Tapajós tem a prisão preventiva decretada por mais 30 dias. Neste momento, é lançado na capital paulista um manifesto, em forma de abaixo assinado, contendo em torno de 800 assinaturas dos mais diversos seguimentos da sociedade, como, por exemplo, “escritores”, “atores”, “cineastas”, “jornalistas”, e “artistas plásticos”.<sup>366</sup> O manifesto defende a liberdade de pensamento e de expressão e o fim da prisão de Tapajós. A pressão parece ter dado certo, pois no dia 23 de agosto Tapajós é solto:

O jornalista e escritor Renato Tapajós foi solto ontem, às 17 e 30, por ordem da justiça militar. Renato Tapajós estava detido desde o dia 7 de julho, por ter escrito o livro ‘Em Câmera Lenta’, considerado ‘incitação à guerrilha’ pelo secretário da Segurança Pública de São Paulo, Erasmo Dias. O promotor Henrique Villatti, da Justiça Militar, opinou anteontem contra a prisão preventiva do jornalista, por não ver motivos para isto, e autorizou o alvará de soltura, elaborado e cumprido ontem à tarde.<sup>367</sup>

O motivo exato da prisão não fica muito claro, nem mesmo para o próprio escritor que sugere uma hipótese:

A explicação que o jornalista encontra para sua prisão é a de que, talvez ‘uma tentativa de compreender os guerrilheiros urbanos em sua humanidade. Esta visão generosa a respeito destas pessoas possivelmente deixou irritada certas autoridades’. Tapajós acrescentou, também, que ‘o livro não é, de modo nenhum, a favor do governo’ – o que pode ter aumentado esta irritação.<sup>368</sup>

A pressão feita pela sociedade certamente contribui com o desfecho do caso de Tapajós. Depois da soltura, em 23 de agosto de 1977, o processo contra o escritor continua em andamento até abril de 1978, quando é finalmente absolvido em primeira instância.<sup>369</sup>

Seguindo ainda a ordem de publicação, em 1977, é lançado pela Alfa-Omega outro livro que fica na mira da censura. O título é *Não Passarás o Jordão*, de Luiz Fernando Emediato. O lançamento acontece em 27 de maio, dezessete dias após o livro de Tapajós. Esse dado é bastante importante. Afinal, a censura com o livro de Tapajós faz com que o

<sup>365</sup> MARCELINO, Douglas Attila, op. cit., p. 118.

<sup>366</sup> MEDEIROS, Mário Augusto. Livro de Combate..., op. cit..

<sup>367</sup> S/A. Libertado Renato Tapajós. In: *O Estadão*. São Paulo, 24 de agosto de 1977. Disponível na internet, no Acervo Digital do Estadão, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19770824-31421-nac-0011-999-11-not/busca/Renato+Tapaj%C3%B3s>. Acesso em: 18/05/2021.

<sup>368</sup> Idem.

<sup>369</sup> MEDEIROS, Mário Augusto. Livro de Combate..., op. cit..

Ministério da Justiça fique mais atento às publicações da Alfa-Omega; e o livro de Emediato passa a ser, então, o próximo alvo de investigação.<sup>370</sup>

Emediato nasce em Belo Vale, Minas Gerais, em 1952. Desde muito jovem dedica-se ao mundo literário. Aos 19 anos fica em primeiro lugar no IV Concurso Nacional de Contos do Paraná, na categoria Estreante.<sup>371</sup> A partir deste prêmio, Emediato não tem mais dúvida em relação a sua carreira. Deixa de lado o vestibular para Medicina, contra vontade de seu pai, e parte para o Jornalismo. Ingressa no curso de Jornalismo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no início dos anos de 1970. Dentro da Universidade, Emediato entra para o movimento estudantil. Segundo ele, é o momento em que toma consciência política da repressão e da censura. Com um pouco mais de um ano de faculdade, Emediato inicia seu estágio no *Jornal do Brasil*, na sucursal de Belo Horizonte, e passa a conviver diretamente com jornalistas e escritores renomados.<sup>372</sup>

O livro *Não Passarás o Jordão* começa a ser escrito no ano de 1973, e é concluído por volta do ano 1975. Quando chega a ser publicado em 1977, pela Alfa-Omega, o jovem autor tem em mãos mais duas obras: *Os Lábios Úmidos de Marilyn Monroe* e *A Rebelião dos Mortos*. O primeiro é publicado também em 1977, pela editora Ática; e o segundo é publicado em 1978, pela editora Codecri.<sup>373</sup>

Além de escrever suas obras, cursar Jornalismo e trabalhar como estagiário no *Jornal do Brasil*, Emediato também é responsável por editar, em 1974, uma revista chamada *Silêncio*, impressa clandestinamente na Gráfica do Diretório Central dos Estudantes, da UFMG. A impressão de dois mil exemplares, distribuídas em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, rende, para Emediato, uma visita surpresa da Polícia Federal em sua casa, que o intima a comparecer a delegacia para depor.<sup>374</sup>

Na delegacia, Emediato é interrogado sobre a revista *Silêncio*, e é orientado a registrar o periódico no Departamento de Censura de Brasília. Resultado: o periódico é proibido e deixa de circular. Mas isso não impede Emediato de lançar três meses depois uma nova revista, na verdade, a mesma *Silêncio*, com um nome diferente, *Circus*. Resultado: o escritor é intimado a depor novamente e a revista proibida de circular.<sup>375</sup>

<sup>370</sup> MARCELINO, Douglas Attila, op. cit., p. 118.

<sup>371</sup> EMEDIATO, Luiz Fernando. *Não Passarás o Jordão: tortura, terror e morte na ditadura militar brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Geração, 2013. p. 10.

<sup>372</sup> Entrevista concedida por Luiz Fernando Emediato ao autor, em São Paulo, no dia 22 de março de 2021.

<sup>373</sup> Idem.

<sup>374</sup> Idem.

<sup>375</sup> Idem.

Voltando a história do livro *Não Passarás o Jordão* e a relação do autor com editora Alfa-Omega, vale entender como acontece o primeiro contato. De acordo com Emediato, Fernando Mangarielo escreve uma carta para ele. Em seguida, no segundo encontro, Emediato viaja para São Paulo para conhecer pessoalmente o editor. O interesse de Fernando Mangarielo, naquele momento, é transformar Emediato em um autor famoso, como o Jorge Amado. Emediato afirma que infelizmente não consegue corresponder à expectativa do editor: “nem virei o novo Jorge Amado, nem ele continuou publicando livro meu”.<sup>376</sup>

Desconhecemos o motivo exato sobre a não permanência do autor dentro da editora. Uma hipótese talvez seja o fracasso comercial do livro. Emediato afirma que, embora com críticas positivas em periódicos como a *Veja*, o *Jornal do Brasil* e o *Estadão*; o livro não chega a vender dois mil exemplares, dos três mil editados.<sup>377</sup> Vejamos o que o *Estadão*, de 24 de julho de 1977, traz sobre o autor e sua obra:

(...) Fernando Emediato representa, na literatura brasileira de hoje, a juventude sacrificada, que a si mesma se dilacera, na tristura e no desengano, situada nos antípodas da adjetivação de outrora (...). Positivamente, o excelente livro de Luiz Fernando Emediato, figura entre as respostas cabias aos que descrevem dos jovens escritores de hoje. Se continuar aplicando-se, consciente do ofício dificultoso, circunstancialmente dificultado, o autor irá muito longe para proveito dos leitores e alegria da crítica, circunscrita à limitada condição de aplaudir.<sup>378</sup>

Interessante observar o destaque dado à jovialidade do escritor. Embora com pouca idade, seu trabalho já é reconhecido pela crítica. Vejamos, agora, como o livro é apresentado ao público leitor:

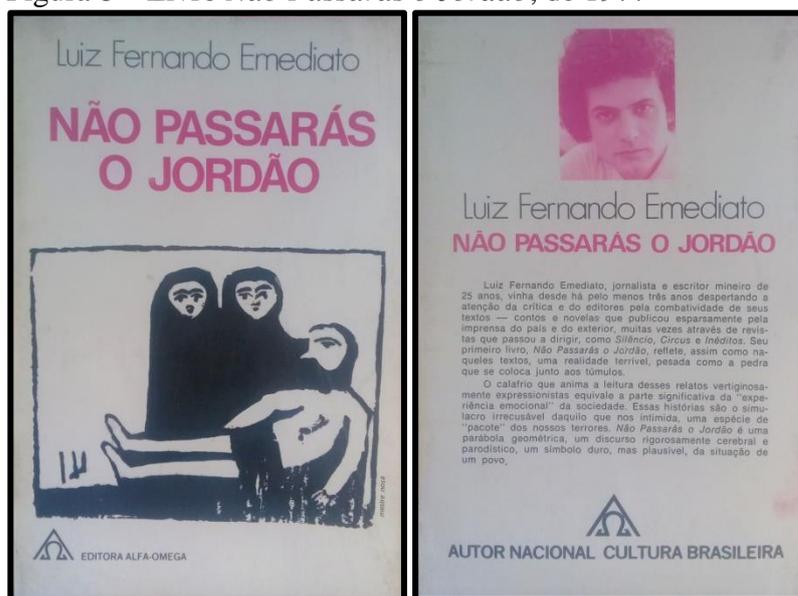
---

<sup>376</sup> Entrevista concedida por Luiz Fernando Emediato ao autor, em São Paulo, no dia 22 de março de 2021.

<sup>377</sup> Idem.

<sup>378</sup> FILHO, Aires Mata Machado. Uma Ficção Madura e Implacável. In: *O Estadão*. São Paulo, 24 de julho de 1977. Disponível na internet, no Acervo Digital do Estadão, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19770724-31395-nac-0010-999-10not/busca/Luiz+Fernando+Emediato>. Acesso em: 18/05/2021.

Figura 8 – Livro *Não Passarás o Jordão*, de 1977



Fonte: EMEDIATO, Luiz Fernando. *Não Passarás o Jordão*. SP: Alfa-Omega, 1977.  
Acervo: Gustavo Orsolon

A figura 8 traz a capa e a contracapa do livro de Emediato. A capa, de Norma Cavalcanti, traz três personagens em primeiro plano: um homem seminu deitado e duas mulheres vestidas com túnicas pretas próximas a ele. A imagem faz uma associação clara com personagens bíblicos. Certamente, o homem deitado é uma referência a Jesus Cristo, depois de passar por todo o sofrimento de tortura até o seu martírio final. Sobre as mulheres é provável que uma delas seja Maria, a mãe, que vê desolada a morte do filho; e a outra, Maria Madalena, uma das mais fiéis seguidoras do filho de Maria. O próprio título também faz referência ao contexto bíblico. Jordão é um rio bastante famoso, localizado na divisa entre Israel e a Jordânia. É mencionado em várias passagens da Bíblia por ter sido o local onde João Batista batiza Jesus.

Na contracapa, a fotografia de Luiz Fernando Emediato é acompanhada de uma sinopse com dados da sua vida profissional. A contracapa tem um padrão bem parecido com a do livro *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós, onde também uma fotografia e uma breve apresentação do autor são destacadas.<sup>379</sup>

A imagem de capa parece ser bem assertiva com o conteúdo da obra, já que o livro também apresenta o sofrimento humano diante de um regime de autoritarismo, traição, ódio e medo, muito parecido com aquele que Jesus Cristo vive séculos atrás. O livro é dividido em duas partes: “Os Dragões do Trigésimo Primeiro Dia” e “Não Passarás o Jordão”. A primeira parte é subdividida em 10 contos: “Mondoro”; “Na Torre”; “A Testemunha”; “O Criador e

<sup>379</sup> A capa e a contracapa do livro de Renato Tapajós estão no capítulo 2.

sua Criatura”; “A Mecânica do Imutável”; “Ilhas”; “Das Várias Fases de se Erguerem Palácios Presidenciais”; “Os Dragões do Trigesimo Primeiro Dia”; “Emanuel”; e “O Reinado de Artaroth”.

De acordo com Emediato, em 1978, a primeira parte tem o objetivo de tratar do “terror e da barbárie presente nos regimes de força, nas ditaduras do Terceiro Mundo”.<sup>380</sup> Hoje, o autor destaca que são contos “simbólicos”, influenciados pelo “realismo mágico” de García Márquez, e com uma linguagem metafórica para despistar a repressão. Em um dos contos, “Na Torre”, que retrata a prisão de vários estudantes, Emediato afirma ter deixado uma única pista que leva ao entendimento de se tratar de um episódio da repressão presente no regime militar do Brasil. A pista é o cigarro Continental, uma marca bastante famosa no país.<sup>381</sup> Vejamos, a seguir, o trecho:

(...) O vesgo estava desolado.  
 \_ Nunca gostei de matar ninguém – falou em voz baixa, talvez para si mesmo. –  
 Tem um cigarro? – pediu, em voz alta, ao da cicatriz.  
 \_ Claro – respondeu o outro. – E podemos até usá-lo.  
 Tirou o Continental sem filtro, ascendeu uma para si e jogou o maço para o outro.<sup>382</sup>

Na segunda parte, o objetivo do autor é descer “os casos mais particulares, para falar das agressões aos direitos humanos” na ditadura.<sup>383</sup> Como é abordado no prefácio pelo crítico literário e ensaísta José Maria Cançado, o autor constrói “com rigor de quem esquadrinha e com o ímpeto de quem se indigna”. Cançado faz uma associação do conteúdo com um grande espiral. Neste percurso circular e vicioso, “cada volta a opressão mostra uma face diferente, vai se formando uma unidade pesada como a pedra que se coloca junto aos túmulos”.<sup>384</sup>

Um dos espirais nos leva a história de Cláudia B., estudante sequestrada na porta de casa e submetida a sessões de tortura. O caso é destacado na segunda parte do livro e nos chama bastante atenção, principalmente pela narração da jovem em carta sugerida ao Conselho Nacional de Defesa dos Direitos Humanos. Cláudia B., de 22 anos de idade, é ligada ao Partido Comunista. Após ser sequestrada na porta de casa, em São Paulo, no dia 5 de agosto de 1974, é levada para um lugar não conhecido e submetida as mais cruéis formas de agressão física e psicológica. O relato é forte. A seguir, um pequeno trecho:

<sup>380</sup> CRUZ, Domingo Gonzalez. Luiz Fernando Emediato sem Vertigens na Língua. In: *Tribuna da Imprensa*, 18 de fevereiro de 1978. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_03&pesq=%22n%C3%A3o%20passar%C3%A1s%20o%20jord%C3%A3o%22&pasta=ano%20197&pagfis=30443](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_03&pesq=%22n%C3%A3o%20passar%C3%A1s%20o%20jord%C3%A3o%22&pasta=ano%20197&pagfis=30443). Acesso em: 06/03/2021.

<sup>381</sup> Entrevista concedida por Luiz Fernando Emediato ao autor, em São Paulo, no dia 22 de março de 2021.

<sup>382</sup> EMEDIATO, Luiz Fernando. *Não Passarás o Jordão*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977. p. 32.

<sup>383</sup> CRUZ, Domingo Gonzalez. Luiz Fernando Emediato sem Vertigens na Língua..., op. cit..

<sup>384</sup> CANÇADO, José Maria. Prefácio. In: EMEDIATO, Luiz Fernando. *Não Passarás o Jordão*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977. p. XV e XVI.

Ainda nesta primeira sessão interrogatória desmaiei em virtude da extrema violência dos golpes, após o que, ao que tudo indica, me conduziram, ainda inconsciente, para um local onde me jogaram água, por todo o corpo. Quando acordei estava em outra sala, deitada sobre uma mesa inteiramente nua (...).<sup>385</sup>

Além dos golpes e das restrições na alimentação, a estudante é vítima de constantes estupros, o que leva a mesma a engravidar. O aborto é feito na própria prisão. O caso de Cláudia B. nos faz pensar sobre quantas mulheres são submetidas, nesta época, a esse mesmo tipo de covardia e crueldade.

Como lembra Emediato, seu livro é de ficção, mas baseado em histórias reais. Portanto, a personagem Cláudia B. é fictícia, mas a sua história não. A ideia, segundo o autor, é justamente criar essa dúvida e indagação no leitor sobre a veracidade das personagens.<sup>386</sup> Ideia essa que parece ter dado muito certo na época, pois o SNI fica intrigado, e começa a investigar a possível existência de Cláudia B.. No parecer sobre o lançamento do livro, mais especificamente no quarto item, consta a seguinte afirmação:

Os estudantes Cláudia B., Antonio de Oliveira Mayer, e o MNL – Movimento Nacional de Libertação – que o autor procura apresentar, na 2ª parte do livro, não foram identificados no primeiro processamento pela AC/SNI; assim também, a “denúncia” de Cláudia B. ao “Conselho Nacional de Defesa dos Direitos Humanos” não foi encontrada entre as muitas encaminhadas a esta Agência”.<sup>387</sup>

Para construir essa segunda parte do livro, o autor, então, se baseia em relatórios e testemunhos inseridos em livros. Alguns casos ganham um tom de ficção, como vimos no caso da personagem Cláudia B., mas outros são reais, como o caso do jornalista Vladimir Herzog, assassinado no DOI-CODI, em São Paulo. Isso talvez leve, realmente, os órgãos de segurança a ficarem na dúvida. O fato é que o que SNI, no dia 05 de julho de 1977, apresenta um parecer que caracteriza o autor como um subversivo, que tem uma atuação clara contra o governo militar:

“(…) observa que o escritor não esconde sua intenção em criticar o governo e, além do mais, em outra ocasião afirmara que os ‘verdadeiros escritores não devem temer

<sup>385</sup> EMEDIATO, Luiz Fernando, op. cit., p. 114.

<sup>386</sup> Entrevista concedida por Luiz Fernando Emediato ao autor, em São Paulo, no dia 22 de março de 2021.

<sup>387</sup> Serviço Nacional de Informações. Informação nº 461/16/AC/77. Assunto: *Propaganda Adversa – Lançamento do livro “Não Passarás o Jordão”, de Luiz Fernando Emediato*, 19 de julho de 1977. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.77107713 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1833123&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1833123&v_aba=1). Acesso em: 06/03/2021.

a censura e devem continuar escrevendo, pois haverá sempre uma maneira de divulgar sua obra”<sup>388</sup>.

O parecer ainda conta com outras observações, mas o trecho em destaque já é suficiente para perceber o quanto a obra de Emediato é considerada perigosa para aquele momento. O órgão ainda sugere a apreensão dos exemplares e o enquadramento do autor na Lei de Segurança Nacional: “as considerações dos itens anteriores seriam suficientes para permitir a apreensão do livro e uma investigação preliminar, visando a um futuro enquadramento do autor na LSN (...)”<sup>389</sup>.

A especulação de uma possível apreensão faz com o *Pasquim* veicule uma nota, em setembro de 1977, alertando aqueles interessados na obra para correrem logo para comprar o material: “se você ainda não leu este livro, é bom fazê-lo rapidinho. Antes que seja tarde demais. Isto é um aviso sério. Procure nas livrarias – ainda deve estar por lá. É um livro quente, mas que prefiro quente nas mãos dos leitores”<sup>390</sup>.

O fato é que o livro não tem a sua circulação proibida, nem mesmo o autor recebe qualquer intimação para depor por conta dele.<sup>391</sup> O livro, *Não Passarás o Jordão*, ganha uma nova edição ampliada e revisada no ano de 2013, pela Geração Editorial, de São Paulo. Para o cientista político e professor da USP, Paulo Sérgio Pinheiro, que assina um breve comentário na orelha, mesmo passado mais de três décadas, *Não Passarás o Jordão* é uma obra importante para se entender os horrores após o golpe de 1964.<sup>392</sup>

Outro título do catálogo da Alfa-Omega que não passa despercebido é *A Sangue Quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*, de Hamilton Almeida Filho, publicado em

<sup>388</sup> Serviço Nacional de Informações. Informação nº 346/ABH/SNI/77. Assunto: *Lançamento do livro “Não Passarás o Jordão”, de Luiz Fernando Emediato*, 05 de julho de 1977. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.77107713 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1833123&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1833123&v_aba=1). Acesso em: 06/03/2021.

<sup>389</sup> Serviço Nacional de Informações. Informação nº 461/16/AC/77. Assunto: *Propaganda Adversa – Lançamento do livro “Não Passarás o Jordão”, de Luiz Fernando Emediato*, 19 de julho de 1977. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.77107713 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1833123&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1833123&v_aba=1). Acesso em: 06/03/2021.

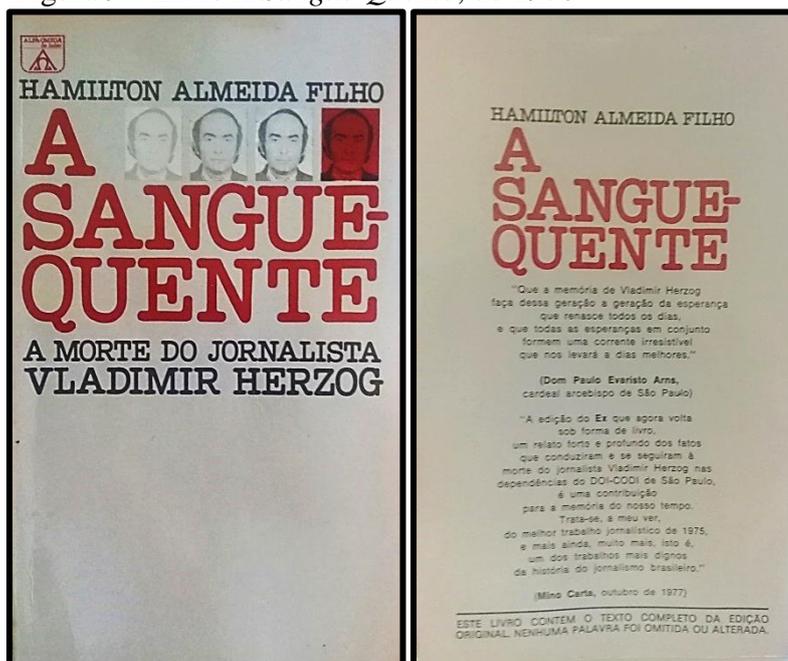
<sup>390</sup> ANDRADE, Jeferson Ribeiro de. Tilê. In: *Pasquim*, Rio de Janeiro, 09 a 15 de setembro de 1977. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=124745&pesq=%22n%C3%A3o%20passar%C3%A1s%20o%20jord%C3%A3o%22&pasta=ano%20197&pagfis=15347>. Acesso em: 06/03/2021.

<sup>391</sup> Entrevista concedida por Luiz Fernando Emediato ao autor, em São Paulo, no dia 22 de março de 2021.

<sup>392</sup> PINHEIRO, Paulo Sérgio. Orelha. In: EMEDIATO, Luiz Fernando. *Não Passarás o Jordão: tortura, terror e morte na ditadura militar brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Geração, 2013.

1978.<sup>393</sup> Hamilton Almeida Filho nasce em Taubaté, interior de São Paulo, em 20 de janeiro de 1946. Sua carreira como jornalista também começa cedo. Aos quinze anos de idade ingressa na redação do jornal *A Noite*. Em seguida, segue para outros periódicos já bastante famosos, como, *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde*, *Última Hora*, *Veja* e *Bondinho*. Em 1975, passa a trabalhar na Ex-Editora Ltda, empresa de jornalistas independentes.<sup>394</sup>

Figura 9 – Livro *A Sangue Quente*, de 1978



Fonte: FILHO, Hamilton A. *A Sangue Quente...* SP: Alfa-Omega, 1979.  
Acervo: Gustavo Orsolon

A figura 9 traz a capa e a contracapa do livro Hamilton Filho. A capa, de autoria de Moema Cavalcanti, é marcada pela objetividade. Quatro fotos do jornalista, em formato 3x4, são destacadas na parte superior, sendo que a última aparece encoberta de vermelho, uma referência ao sangue, também presente no título. A cor vermelha e preta contrasta com a cor cinza de fundo, dando destaque ao título da obra.

A contracapa traz dois pequenos trechos. O primeiro é de D. Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo; e o segundo é de Demétrio Carta, conhecido como Mino Carta, jornalista e escritor. Em seu relato, D. Paulo Arns espera “que a memória de Vladimir Herzog faça dessa geração a geração da esperança que renasce todos os dias, e que todas as esperanças em conjunto formem uma corrente irresistível que nos levará a dias melhores”. A

<sup>393</sup> FILHO, Hamilton Almeida. *A Sangue Quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

<sup>394</sup> SILVA, Mylton Severiano da. *A Sangue-Quente*. In: FILHO, Hamilton Almeida. *A Sangue Quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. p. XI.

defesa de uma memória sobre o caso de Herzog também está presente no relato de Carta. Para ele, além do livro ser “uma contribuição para memória do nosso tempo”, é também “um dos trabalhos mais dignos da história do jornalismo brasileiro”.<sup>395</sup>

O livro é dividido em três partes: “A Morte de Vlado”; “Cartas a um Ex-Jornal”; e “Notas dos Redatores”. O prefácio é também de autoria do jornalista Mino Carta. Nele, o autor ressalta que a publicação, ocorrida anteriormente pela *EX*, agora ganha o formato de livro, sendo um “relato forte e profundo dos fatos que conduziram e se seguiram à morte do jornalista Vlado Herzog nas dependências do DOI-CODI de São Paulo”.<sup>396</sup>

Como é indicado nas apresentações, o livro faz menção da morte de Vladimir Herzog – filósofo, jornalista, militante do PCB e redator do telejornal da TV Cultura – ocorrida em 25 de outubro de 1975. Depois de intimado a comparecer ao DOI-CODI para esclarecer sobre seu envolvimento com o PCB, Herzog é torturado até a morte. Na versão dos militares, o jornalista comete suicídio, o que não convence a opinião pública na época.

O desfecho trágico de Herzog é narrado pelos seus pares na tentativa de manter viva a sua memória e o seu legado. O trabalho, realizado por Hamilton Almeida Filho, Narciso Kalili e Mylton Severiano da Silva, conta com “depoimentos, notas oficiais, observações pessoais, frases soltas, documentos, editoriais, laudos e notícias de jornais e revistas”.<sup>397</sup> Todo esse esforço é publicado na revista alternativa *EX*, e reeditado em formato de livro, em 1978, pela Alfa-Omega.

O SNI emite ao Ministro da Justiça, Armando Falcão, um pedido para que a Polícia Federal avalie o livro. O documento, de 17 de fevereiro de 1978, é assinado pelo assessor José Carlos Silva de Meira Mattos. A seguir, um pequeno trecho:

Vem o SNI através dessa informação dar conhecimento ao Senhor Ministro do Estado do fato de estar no prelo o livro “A Morte de Vlado”. Complementa ainda a informação os dados de que o autor é Hamilton Almeida Filho e a editora Alfa-Omega a responsável pela edição.  
Somos pelo envio ao Departamento de Polícia Federal que se providencie o envio de um exemplar do livro em apreço à Comissão criada com o fio de verificar o teor das obras publicadas neste país.<sup>398</sup>

<sup>395</sup> Contracapa do livro. Cf. FILHO. Hamilton Almeida..., op. cit..

<sup>396</sup> CARTA. Mino. Prefácio. In: FILHO. Hamilton Almeida..., op. cit., p. VII.

<sup>397</sup> SILVA, Mylton Severiano da. A Sangue-Quente. In: FILHO. Hamilton Almeida..., op. cit., p. XII.

<sup>398</sup> Serviço Nacional de Informações. Processo MJ-100 118-S/78. Assunto: *Processo GAB nº 100.118*, de 17 de fevereiro de 1978. Fundo: Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça. Código de Referência: BR RJANRIO TT.O.MCP, PRO.1169 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1025306&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1025306&v_aba=1). Acesso em: 07/03/2021.

Três dias depois, em 20 de fevereiro de 1978, o pedido é aceito pelo Ministro da Justiça. O documento é assinado pelo assessor especial Fernando B. Falcão, e traz com objetividade a seguinte informação: “De acordo. Proceda-se, conforme propõe, de ordem do Ministro do Estado”.<sup>399</sup>

Algum tempo depois, em 28 de abril de 1978, o Departamento da Polícia Federal/Superintendência Regional em São Paulo emite o parecer sobre o livro Hamilton Almeida Filho. O documento é bem detalhado, mas o parecer final isenta a obra de ser proibida: “considero tolerável a circulação deste livro, porém, acompanhadas de medidas reorientadoras da opinião pública”.<sup>400</sup>

Como destacado por Reimão na epígrafe de abertura, os livros são vistos pelos órgãos de repressão como um objeto a ser “vigiado” ou mesmo proibido de “circular”. Essa vigilância traz a Alfa-Omega para a lista de averiguações. Mesmo sendo proibidos ou considerados impróprios, essas obras, ocupam um lugar muito particular, que na visão de Reimão, pode ser considerado um lugar “cultural e político insubstituível na história”.<sup>401</sup>

### 3.3 Os Editores em Tempos Sombrios

O livro *4 Contos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*, de Álvaro Alves de Faria, é proibido pelo DCDP, em 1973, sendo esta a primeira censura que a Alfa-Omega recebe. Entretanto, acreditamos que o maior problema enfrentado pelos editores veio com o livro *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós, publicado em 1977. Isso porque ocorre não somente a apreensão dos exemplares, mas também a prisão do autor e a intimação dos editores para depor no DOPS de São Paulo. Logo após o depoimento, os mesmos são orientados pelo advogado Aldo Lins e Silva a ficarem afastados de casa e da editora por aproximadamente

<sup>399</sup> Serviço Público Federal. Processo MJ-100 118-S/78. Assunto: *Parecer*, de 20 de fevereiro de 1978. Fundo: Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça. Código de Referência: BR RJANRIO TT.O.MCP, PRO.1169 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1025306&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1025306&v_aba=1). Acesso em: 07/03/2021.

<sup>400</sup> Departamento da Polícia Federal/Superintendência em São Paulo. Assunto: *Exame do Livro*, 28 de abril de 1978. Fundo: Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça. Código de Referência: BR RJANRIO TT.O.MCP, PRO.1169 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1025306&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1025306&v_aba=1). Acesso em: 07/03/2021.

<sup>401</sup> REIMÃO, Sandra (org.). *Livros e Subversão: seis estudos...*, op. cit., p. 11.

trintas dias para evitar uma possível prisão.<sup>402</sup> Portanto, neste item a ideia é entender como os editores lidam com a censura e com a possibilidade de um enfretamento mais duro com os órgãos repressivos; e como a identidade de mediadores fica ainda mais nítida, complementando a constatação do capítulo anterior.

Após o episódio com o livro de Tapajós, o editor Fernando Mangarielo, em entrevista para a historiadora Eloísa Aragão, explica com detalhes sua ação diante de uma possível ameaça de prisão. Segundo ele, sua presença na editora ocorre de forma esporádica, ou seja, em “horários incertos”, como forma de despistar. E acrescenta: “fiquei um tempo na casa de um grande industrial que nunca se envolveu com política, mas como a mulher dele era amiga de infância da minha mulher, então me acolheu”. Os dois ficam escondidos por certo tempo, mas sem deixar de tocar as atividades da editora. Fernando Mangarielo ainda afirma: “eu trabalhava de duas a três horas, fazia os contatos por telefone, e saía, ia para as gráficas produzir os livros que estavam em andamento, porque nas gráficas a repressão não me encontrava”. O editor ainda lança mão de algum tipo de disfarce para pisar na editora: “(...) eu entrava incerto, de uma maneira diferente: botava um chapéu (os amigos me ensinavam essas coisas), entrava e saía, ficava uma, duas horas e ia embora”.<sup>403</sup>

A tentativa de despistar os órgãos repressivos não é uma atitude adotada somente após o caso do livro de Tapajós. Dois anos antes, em 1975, Fernando Mangarielo investe nas publicações marxistas e utiliza uma façanha bastante interessante para não ser pego pela censura. Tal façanha exige alguns cuidados extras do editor para publicar as *Obras Escolhidas* de Karl Marx e Friedrich Engels, em três volumes. O título é alterado para *Textos* e um selo diferente, intitulado Edições Sociais, é colocado no lugar do nome original da Alfa-Omega. Além dessa mudança externa, o editor também tem a preocupação com a parte interna. As disposições dos conteúdos também são alteradas. O “Manifesto Comunista”, por exemplo, encontrado originalmente no volume I, passa a compor o volume III, na edição da Alfa-Omega. Além de Marx e Engels, também são editadas em três volumes as *Obras Escolhidas* de Vladimir Ulianov, mas conhecido como Lenin; e em quatro volumes, as *Obras Escolhidas* de Mao Tsé-Tung.<sup>404</sup>

Aos poucos o disfarce com o selo Edições Sociais é deixado de lado, e a editora assume o selo original. Assim como os livros vistos no item anterior, as obras marxistas também são notadas e, desta vez, por uma agência do SNI de Porto Alegre. Em parecer de

<sup>402</sup> Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>403</sup> Entrevista concedida por Fernando Mangarielo à autora em 19 de agosto de 2008 apud ARAGÃO, Eloísa. *Censura na Lei e na Marra...*, op. cit., p. 100.

<sup>404</sup> MAUÉS, Flamarion. *Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega...*, op. cit..

outubro de 1978, o órgão chama atenção deste material que está sendo utilizado como uma espécie de “doutrinação” de “militantes” na região sul do país. Vejamos o que diz o item 1 do documento:

1. Estão sendo utilizadas na doutrinação dos militantes da Convergência Socialista no RS, entre outras, as seguintes obras: Textos I, II e III de Marx e Engels (edição especial para a Editora Alfa-Omega LTDA, rua Cristiano Vieira, 302 – Tel. 2809932 – São Paulo-SP).<sup>405</sup>

O documento ainda conta com mais duas observações. No item 2, o destaque é para os autores potencialmente “subversivos” da editora: “na lista (...), estão presentes autores atingidos por atos institucionais, além de outros que registram antecedentes por subversão (...)”. Já no item 3, o destaque é para uma futura publicação da editora, um livro sobre o “pensamento” e as “opiniões” de João Baptista de Oliveira Figueiredo, material que, de acordo com o parecer do SNI, é muito parecido com a obra de Mao Tsé-Tung, um “livrinho vermelho que o chinês comunista lançou durante a Revolução Cultural”.<sup>406</sup>

Toda essa repercussão com as publicações da Alfa-Omega, como, por exemplo, o livro *4 Contos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados; Em Câmera Lenta; Não Passarás o Jordão; A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro; A Sangue Quente: morte de jornalista Vladimir Herzog*; e as *Obras Escolhidas* marxistas ajudam a projetar o nome da editora no mercado nacional e também internacional. Um dos resultados dessa projeção é quando Fernando Mangarielo junto com outros nomes importantes do meio intelectual e artístico, como, por exemplo, Francisco Buarque de Holanda, Antonio Callado, Fernando Morais e Ignácio de Loyola Brandão são convidados para participarem de um evento de premiação de literatura em Cuba, conhecido como Prêmio *Casa de Las Americas*, no ano de 1978.

A viagem dos intelectuais a Cuba é percebida pelo SNI, e faz novamente com que os editores da Alfa-Omega fiquem na mira da repressão. Antes do embarque, o órgão já tem o conhecimento do evento, através de informações colhidas no jornal *Folha de São Paulo*, de setembro de 1977. O documento do SNI é do dia 24 de janeiro de 1978, e traz os nomes dos

---

<sup>405</sup> Serviço Nacional de Informações. Informação nº 136/119/APA/78. Assunto: *Publicação – Editora Alfa-Omega*, 02 de outubro de 1978. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR FFANBSB V8.MIC, GNC.GGG.84008387 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1922699&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1922699&v_aba=1). Acesso em: 07/04/2021.

<sup>406</sup> Idem.

intelectuais convidados a participarem do júri. Além dos nomes já citados, ainda aparece o de Nubia Morais e o de Maria Ruth dos Santos.<sup>407</sup>

De acordo com a fonte, o embarque acontece no dia 15 de janeiro de 1978, tendo como destino Lima-Havana. Neste voo, estão presentes: Fernando Morais, Rubia Morais, Ignácio Loyola Brandão e Fernando Mangarielo. A fonte ainda traz uma ressalva em relação à Mangarielo: “este último não possui nenhum dado de qualificação em nossos arquivos até o momento”.<sup>408</sup>

A fonte também evidencia um esquema proposto por Fernando Morais a Maria Ruth dos Santos na tentativa de despistar a Polícia Federal: “marcar duas passagens com escalas em Lima e Kingston e de um desses locais alterá-la para Havana, ou marcá-la para qualquer capital estrangeira onde haja voos para Cuba”.<sup>409</sup>

Ao retornarem da viagem, todos são detidos ainda no aeroporto. Através de documento complementar do SNI, de 21 de fevereiro de 1978, Fernando Morais e sua esposa Nubia Morais, são encaminhados para depor na ala internacional do Aeroporto de Congonhas, São Paulo. Após passarem pela Polícia, são direcionados para depor no DOPS/SP, e liberados no mesmo dia. Francisco Buarque de Holanda e Antonio Callado, acompanhados de suas respectivas esposas, no desembarque no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, no dia 19 de fevereiro de 1978, também são submetidos ao interrogatório da Polícia e liberados no mesmo dia.<sup>410</sup>

No dia 24 de fevereiro de 1978, desembarca no Aeroporto de Congonhas, Fernando Mangarielo, vindo de Lisboa, Portugal. Assim como acontece com todos os outros, o editor também passa pela averiguação da Polícia. Dois periódicos noticiam o ocorrido, o *Jornal do Brasil* e o *Diário Pernambucano*, publicados em 25 de fevereiro de 1978. O *Jornal do Brasil* traz como título da matéria “Fernando Mangarielo Depõe 2 horas em São Paulo na Volta da

---

<sup>407</sup> Serviço Nacional de Informações. Informe nº: 0378/119 ASP/SNI. Assunto: *Cuba, Viagem de Brasileiros*, 24 de janeiro de 1978. Fundo Serviço Nacional de Informação. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.EEE.81007361 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1902706&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1902706&v_aba=1). Acesso em: 06/03/2021.

<sup>408</sup> Idem.

<sup>409</sup> Idem.

<sup>410</sup> Serviço Nacional de Informações. Complemento ao Informe 0378/119/ASP/78. Assunto: *Cuba, Viagem de Brasileiros*, 21 de janeiro de 1978. Fundo Serviço Nacional de Informação. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.EEE.81007361 Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1902706&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1902706&v_aba=1). Acesso em: 06/03/2021.

Viagem a Cuba”<sup>411</sup>, e o *Diário Pernambucano*, traz como título “Editor que foi a Cuba é Detido”<sup>412</sup>.

Depois de permanecer por dezessete dias em Cuba, Fernando Mangarielo segue viagem para Nova York, Londres, Madri e Lisboa, permanecendo fora do Brasil por mais de 20 dias.<sup>413</sup> Ao regressar, o editor é detido na Alfândega do aeroporto por quatro agentes da Polícia Federal. É interrogado por aproximadamente duas horas, e tem alguns objetos confiscados. Após o depoimento, Fernando Mangarielo recebe uma intimação para comparecer ao DOPS/SP, às 17 horas, para prestar um novo depoimento. Porém, ao chegar em casa, um telefonema do mesmo órgão cancela a intimação e permite o editor recuperar os objetos confiscados no aeroporto.<sup>414</sup>

Ainda sobre o seu depoimento, o editor em entrevista para o *Jornal do Brasil*, afirma que sua viagem tem como proposta apenas assuntos de negócios:

Fiz uma viagem exclusivamente de negócios. Inclusive com uma editora americana. Devo editar na língua inglesa o livro *A Ilha*, de Fernando Morais; *Cadeira Para os Mortos*, de Rodolfo Konder, e *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós. Fui para Cuba através de Lima, no Peru (...). E lá fiz importantes contatos para a edição de vários livros de autores brasileiros em países latino-americanos e também trouxe alguns para ver se edito no Brasil.<sup>415</sup>

O episódio, certamente, abala emocionalmente Fernando Mangarielo. Afinal, ele já tem conhecimento de outros casos de perseguições a editores. Um caso, por exemplo, é o de Ênio Silveira, proprietário da editora Civilização Brasileira. Silveira é um homem muito visado pela censura, principalmente entre os anos de 1964 e 1968. Em 1964, a editora passa por uma perícia para averiguação da existência de “dinheiro do governo deposto ou de algum organismo internacional de ‘esquerda’”. Em 1965, o editor é preso sob a acusação de esconder o ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes, “deposto pelo regime militar”.<sup>416</sup> E as perseguições não param por aí. Na década de 1970, o editor é preso novamente pela publicação de livros considerados subversivos, dentre eles: *Brasil, Guerra-Quente na*

<sup>411</sup> S/A. Fernando Mangarielo Depõe 2 horas em São Paulo na Volta da Viagem a Cuba. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1978. Disponível na internet, no Acervo Digital da Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=175790&Pesq=](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=175790&Pesq=). Acesso em: 04/08/2018.

<sup>412</sup> S/A. Editor que foi a Cuba é Detido. In: *Diário Pernambucano*, Recife, 25 de fevereiro de 1978. Disponível na internet, no Acervo Digital da Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033\\_15&pagfis=113612](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_15&pagfis=113612). Acesso em: 03/08/2018.

<sup>413</sup> S/A. Fernando Mangarielo Depõe 2 horas em São Paulo na Volta da Viagem a Cuba..., op. cit..

<sup>414</sup> S/A. Editor que foi a Cuba é Detido..., op. cit..

<sup>415</sup> S/A. Fernando Mangarielo Depõe 2 horas em São Paulo na Volta da Viagem a Cuba..., op. cit..

<sup>416</sup> REIMÃO, Sandra. *Repressão e Resistência...*, op. cit., p. 21.

*América Latina*, de João Maia Neto; *Os Condenados da terra*, de Frantz Fanon; e *Fundamentos da Filosofia*, de Víktor Afanasiev.<sup>417</sup>

Um segundo caso que Fernando Mangarielo certamente tem conhecimento é o de Caio Graco da Silva Prado, que desde 1964, com o afastamento de seu pai Caio Prado Jr, ocupa os cargos mais importantes dentro da Brasiliense. Caio Graco fica preso no DOPS por dez dias pela publicação de uma coleção intitulada *A História Nova do Brasil*<sup>418</sup>, dirigida por Nelson Werneck Sodré. Para além disso, a gráfica Urupés, responsável pela impressão da *Revista Brasiliense* é invadida ainda em 1964, e todos os exemplares destruídos.<sup>419</sup>

Ainda podemos citar um terceiro caso, que provavelmente também é de conhecimento de Fernando Mangarielo, o do editor da Livraria Ciências Humanas, Raul Mateos Castell. No ano de 1974, alguns livros com conteúdo político ficam apreendidos nos Correios de São Paulo. Mais de trinta caixas são perdidas pelo editor. Um mês após esse episódio, Raul Castell sofre um sequestro. Dois homens que se identificam como “agentes do Serviço Secreto do Exército”, chegam em sua residência dizendo que ele precisa depor no quartel. Colocam-no, encapuzado, dentro de um carro e, chegando ao local, praticam tortura física e psicológica contra ele, como, por exemplo, a exposição a uma luz intensa e constante para perder a noção do tempo.<sup>420</sup>

Sem dúvida esses episódios contra editores mexem com Fernando Mangarielo e com as atividades dentro da editora, o que faz com que o editor tome certos cuidados para driblar a censura. Mas, por outro lado, os episódios não engessam o mesmo e sua sócia e esposa, Claudete Mangarielo, ao ponto de não publicar um determinado livro. Pelo contrário,

<sup>417</sup> HALLEWELL, Laurence..., op. cit., p. 495-496.

<sup>418</sup> Segundo a historiadora Elaine Lourenço, a coleção é uma produção do Ministério da Educação e Cultura, de 1964. Além de Nelson Werneck Sodré, outros escritores colaboram na obra, como, por exemplo: Joel Rufino dos Santos, Maurício Martins de Mello, Pedro de Alcântara Figueira, Pedro Celso Uchoa Cavalcanti Neto e Rubem César Fernandes. Todos esses colaboradores fazem parte do Departamento de História do Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB. Cinco volumes são editados até o ano de 1964, antes de serem proibidos pela censura do regime militar. Ainda sobre os olhares apurados da censura, a Brasiliense publica alguns deles, entre 1965 e 1966. A editora opta por reeditar os volumes de forma agrupada, contemplando dois volumes do original. O projeto com um total de seis volumes, não é concluído na íntegra. Cf. LOURENÇO, Elaine. História Nova do Brasil: revisitando uma obra polêmica. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 28, n. 56, pp. 385-406, dez. 2008. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v28n56/06.pdf>. Acesso em: 09/10/2020. A partir de documentação analisada do DOPS do Rio de Janeiro e São Paulo, a historiadora Lucileide Cardoso afirma que os investigadores, da época, viam os autores da *História Nova* como articuladores que tentam mudar a “face da nossa história”. Sodré e os demais colaboradores sofrem com a censura, sendo perseguidos por grupos considerados “anticomunistas”. Sodré e outros companheiros chegam a ser interrogados por conta da coleção. De acordo com a pesquisadora, Sodré considera o episódio como um dos mais difíceis de sua vida. Cf. CARDOSO, Lucileide Costa. Nelson Werneck Sodré: Censura, Repressão e Resistência. In: *Anos 90*, Porto Alegre, vol. 20, n. 37, pp. 237-267, jul. 2013. Disponível na internet via: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/28620/26954>. Acesso em: 09/10/2020.

<sup>419</sup> GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. *Civilização Brasileira e Brasiliense...*, op. cit., p. 178.

<sup>420</sup> MAUÉS, Flamarion. *Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*, op. cit., p. 62-65.

continuam firmes no propósito de editar o pensamento crítico e científico. Portanto, entendemos essa atuação de Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo como sendo mais uma prática de atuação mediadora desempenhada por eles.

Além disso, consideramos outra ação dos editores muito importante, e que soma a esta percepção de atuação mediadora. Como entende Maués, “a detenção, as ameaças e a intimidação”, principalmente após a publicação do livro de Tapajós, geram “novos contratemplos ao editor”, porém, não faz com que a Alfa-Omega modifique a “sua linha editorial de oposição”.<sup>421</sup> Concordamos com o posicionamento de Maués, e acreditamos ser este mais um item a somar na característica mediadora do casal, pois como é possível observar nas publicações após 1977, vários títulos com conteúdo de oposição e denúncias são lançados, como, é o caso da coleção História Imediata, composta por cinco volumes, publicada entre os anos de 1978 e 1979. Portanto, no próximo e último capítulo, a ideia é conhecer mais de perto esta coleção que vem também com papel político e social muito forte dentro do catálogo da editora.

---

<sup>421</sup> MAUÉS, Flamarion. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega..., op. cit..

#### 4 A COLEÇÃO HISTÓRIA IMEDIATA

“A História não é patrimônio do Estado – é patrimônio do povo. É processo, é movimento que retém, num desenrolar tenso, a ação de todos e não só de alguns (...).”

*José Martins*<sup>422</sup>

A epígrafe que abre este capítulo, e que valoriza a História como um patrimônio de todos, faz parte do texto de abertura do volume 1 da revista *História Imediata*, que tem como título *A Guerrilha do Araguaia*. A revista, de autoria de Palmério Dória, Sérgio Buarque de Gusmão, Vincent Carelli e Jaime Sautchuk, é a primeira de cinco volumes, publicados pela Alfa-Omega, entre os anos de 1978 e 1979.

Como destacado no segundo capítulo, os volumes estão inseridos no catálogo de 1984, na seção que leva o mesmo nome: História Imediata. Além de *A Guerrilha do Araguaia*, a seção é composta por: *A Greve na Voz dos Trabalhadores – da Scania a Itu*, da Oboré; *Araceli – corrupção em sociedade*; de Carlos Alberto Luppi, *D. Paulo Evaristo Arns – o Cardeal do povo*, de Getúlio Bittencourt e Paulo Sérgio Markum; e *A Volta da UNE – de Ibiúna a Salvador*, de Luiz Henrique Romagnoli e Tânia Gonçalves.<sup>423</sup>

Como é possível observar são temas quentes e polêmicos para um período marcado pelo autoritarismo militar. Apesar da revogação do AI-5, em dezembro de 1978, a censura aos meios de comunicação e informação permanece até pelo menos no início da década de 1980, quando o “Poder Judiciário” decide “excluir do regime de verificação prévia as publicações que abordassem temas relacionados ao sexo, à moralidade pública, contrário aos bons costumes ou que apresentasse fotografias de nus, eróticos ou não”.<sup>424</sup>

Os volumes são elaborados de forma distinta, onde cada número apresenta um tema diferente. Porém, comungam do mesmo padrão de análise. Produzidos por jornalistas, eles

<sup>422</sup> MARTINS, José de Souza. Apresentação. In: DÓRIA, Palmério. *et. al. A Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. p. 07.

<sup>423</sup> Alguns volumes da coleção História Imediata estão esgotados. Fernando Mangarielo, gentilmente, vasculha o arquivo da editora e consegue encontrar toda a coleção, e nos envia sem qualquer custo.

<sup>424</sup> SETEMY, Adrianna Cristina Lopes. Vigilantes da Moral e dos Bons Costumes: as condições sociais e culturais para a estruturação política da censura durante a ditadura militar. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, vol. 19, n. 37, pp. 171-197, jan./abr. 2018. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/hphSyQc6TDYyWfBj5gkVMWD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01/06/2021.

ganham o rigor científico da área e traz a informação imediata de uma maneira clara e objetiva para atender um público sedento por respostas para as questões que marcam a década de 1970. Além disso, são volumes reinventados a cada novo número. Com capas, contracapas e textos introdutórios atraentes e funcionais, a editora e seus capistas conseguem imprimir uma marca para o produto e levar – logo no primeiro contato com o leitor – a sua mensagem principal.

Neste capítulo, tentaremos responder as seguintes indagações: o que os autores e editores estão considerando como História Imediata? Que temas são abordados em cada volume? Como ocorre o lançamento e a recepção deste material? Quais aspectos marcam a originalidade de cada volume? São perguntas que estão longe de mostrar uma análise completa da coleção, mas ajudam a entender a sua materialidade. Para além disso, uma breve análise dos dois primeiros volumes se faz justa, de modo, a conhecer a forma de construção desse material. Aqui vale lembrar uma afirmação da historiadora Maria Helena Capelato que diz existir uma lacuna em relação a estudos que tenham como temática os próprios veículos de comunicação como os jornais e as revistas. É muito comum, segundo ela, a utilização dos periódicos como fontes para análises de outros temas. Mas a utilização desse tipo de fonte, como “objetos específicos de estudos”, ainda é pouco explorado. A historiadora lembra que jornais e revistas têm um papel importante, principalmente durante o período da ditadura militar e que, portanto, podem contribuir bastante “para a compreensão de aspectos dessa história recente ainda não explorados nas pesquisas sobre o tema”.<sup>425</sup>

Tendo, portanto, como inspiração o posicionamento de Capelato, a ideia é trazer a coleção para o primeiro plano, relacionando-a ao debate político da época e ao mesmo tempo, perceber a atuação mediadora dos editores diante deste material. Sendo assim, a principal fonte explorada neste capítulo é própria coleção, analisada em sete partes. Na primeira parte, intitulada “História Imediata: uma coleção do agora”, o conceito de “História Imediata” é discutido de forma a contextualizar o sentido do título da coleção. Na segunda parte, intitulada “Um Contexto de Transformação Político-Social”, a ideia continua sendo a de contextualização, porém, com o destaque para o momento político do Brasil naquela época e para os principais atores sociais que buscam, pela luta política, alcançar a democracia. Na terceira parte, intitulada “Lançamento e Recepção”, a ideia é entender a coleção no mercado, observando o lançamento dos cinco volumes e a receptividade dos mesmos diante da crítica.

---

<sup>425</sup> CAPELATO, Maria Helena. História do Tempo Presente: a grande imprensa como fonte e objeto de estudo. In: NEVES, Lucília de Almeida; Ferreira, Marieta Dias de Moraes (org.). *História do Tempo Presente*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 300.

Na quarta parte, “A Revista na Mira dos Órgãos Repressivos”, a intenção é verificar como os órgãos repressivos reagem ao lançamento da coleção. Na quinta parte, intitulada “A Apresentação da Coleção: uma leitura além da obra”, a intenção é conhecer como a coleção é apresentada e reinventada a cada volume. Esta parte ganha uma subdivisão: “As Capas da Coleção”; “As Contracapas da Coleção”; e “Os Textos Introdutórios da Coleção: outra perspectiva de leitura”. O intuito é verificar como esses elementos contribuem para a originalidade do material. Na sexta parte, intitulada “A *Guerrilha do Araguaia* e *A Greve na Voz dos Trabalhadores*: breve análise”, o objetivo é fazer uma análise dos dois primeiros volumes da coleção, observando como os autores constroem a narração sobre a Guerrilha do Araguaia e a greve dos operários no ABC paulista. Na sétima e última parte, intitulada “O Término da Coleção”, a ideia é entender o porquê do fim da História Imediata.

#### 4.1 História Imediata: uma coleção do agora

Quando se pensa no título da coleção – História Imediata – logo vem a mente o que os autores e editores estão considerando como uma história imediata. Já podemos adiantar que se trata de uma história do agora, do presente. Mas o que vem a ser uma história do tempo presente ou história imediata?

Carlos Fico afirma que a história do tempo presente é praticada desde a Antiguidade, mas recusada no século XIX pelos cientistas por falta de uma teoria consistente e da necessidade de certo distanciamento em relação ao objeto. Entretanto, ela é reconhecida no final da década de 1970, mais precisamente em 1978, após a criação *Institut d’Histoire du Temps Présent*, na França. Tal instituto visa estabelecer uma nova configuração teórica e metodológica diferente da praticada em outros tempos criando, assim, um moderno “campo disciplinar”.<sup>426</sup>

Hoje, a história do tempo presente ocupa o seu lugar merecido e impulsiona historiadores em vários países. De acordo com as historiadoras Lucília de Almeida Neves Delgado e Marieta de Moraes Ferreira, a história do tempo presente traz uma “revitalização da história política, ampliação do uso das fontes, valorização da interdisciplinaridade, maior

---

<sup>426</sup> FICO, Carlos. História Que Temos Vivido. In: VARELLA, Flávia; MOLLO, Helena Miranda; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MATA, Sérgio da. (orgs.). *Tempo Presente & Usos do Passado*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 67 e 70.

diálogo com as ciências sociais, recusa de explicações deterministas e totalizantes”, assim como também, a “valorização de atores individuais e coletivos” e a “relação dialética entre história e memória”.<sup>427</sup>

Sobre o uso das fontes na história do tempo presente, vale um destaque especial para as orais. O historiador Robert Frank entende essas fontes como “marcadas pelo próprio presente, inerentes a ele”, como os “testemunhos”, que trazem uma “contemporaneidade intrínseca entre o historiador e a testemunha”.<sup>428</sup> Já em relação ao recorte do tempo presente, a historiadora Raquel Glezer propõe pensar nos estudos que têm como período de análise os anos posteriores a Segunda Guerra Mundial (1945) até a atualidade.<sup>429</sup> O que diferencia a história do tempo presente em relação à história de longa duração é justamente a aproximação do historiador com o seu objeto de investigação.<sup>430</sup>

Essa aproximação pode ser encarada até com certa “dificuldade” por alguns historiadores, pois eles são ao mesmo tempo “testemunha e ator”, o que é menos comum acontecer quando se trata de um estudo de longa duração, onde ocorre um distanciamento maior.<sup>431</sup> Por outro lado, o historiador tem uma facilidade ímpar quando estuda o tempo presente, ele mesmo pode criar as suas fontes, como, por exemplo, as orais e as iconográficas.<sup>432</sup>

Pensando um pouco a partir da semântica das locuções “história do presente, história próxima e história imediata”, os pesquisadores Agnès Chauveau e Philippe Tétard chegam à conclusão que elas “não fazem referência às mesmas cronologias”, embora estejam inseridas em um mesmo campo: o contemporâneo. Sobre a história do presente e a história próxima, os pesquisadores afirmam ser pouco relevante a escolha de um ou outro termo, embora a história do tempo presente seja mais utilizada por conta do nome do *Institut d'Histoire du Temps Présent*. As duas locuções têm as mesmas funções e também “características comuns”, sendo

---

<sup>427</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves Delgado; FERREIRA, Marieta de Moraes. Introdução. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves Delgado; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *História do Tempo Presente*, op. cit., p. 07.

<sup>428</sup> FRANK, Robert. Questões para as Fontes do Presente. CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (orgs.). *Questões para a História do Presente*. Tradução de Ilka Stern Cohen. São Paulo: EDUSC, 1999. p. 103.

<sup>429</sup> GLEZER, Raquel. Passado e Presente: autores de fortuna variada. In: VARELLA, Flávia; MOLLO, Helena Miranda; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MATA, Sérgio da. (orgs.)..., op. cit., p. 158-159.

<sup>430</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves Delgado; FERREIRA, Marieta de Moraes. Introdução..., op. cit., p. 08.

<sup>431</sup> FERREIRA, Marieta. Demandas Sociais e História do Tempo Presente. In: VARELLA, Flávia; MOLLO, Helena Miranda; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MATA, Sérgio da. (orgs.)..., op. cit., 2012. p. 107.

<sup>432</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves Delgado; FERREIRA, Marieta de Moraes. Introdução..., op. cit., p. 08.

elas: “a natureza dos arquivos e sua forma de acessibilidade, a natureza dos métodos, o círculo dos historiadores, a continuidade cronológica num século”.<sup>433</sup>

Sobre a história imediata, os pesquisadores entendem que está mais ligada aos jornalistas, tendo seu impulso na metade dos anos de 1950. As técnicas utilizadas para construção dos estudos estão mais próximas com as do Jornalismo do que com as da História. O que não quer dizer que falte rigor científico nesses trabalhos, e que os conceitos históricos não estejam presentes.<sup>434</sup>

A análise forjada no calor dos acontecimentos, seja por um jornalista ou por um historiador, “deve ser considerada, antes de tudo como testemunho, como objeto histórico”. O que Chauveau e Tétard deixam claro é que “aquele que escreve história imediata é testemunha e historiador”, isso porque ele está diretamente relacionado ao seu tema, e “sua obra pode se tornar tomada de posição ideológica, moral, benevolente ou combativa”.<sup>435</sup>

A essência da história imediata está na sua “função social”, ela consegue responder a um público afoito por respostas urgentes.<sup>436</sup> A coleção da História Imediata da Alfa-Omega vem justamente neste sentido: trazer uma história do agora, trazer uma resposta para um público ansioso pela verdade em relação aos temas apagados – escondidos – pela história oficial do estado.

Neste material, construído por jornalistas experientes, as fontes orais são amplamente utilizadas como recurso metodológico, assim como também os iconográficos, como as fotografias. A coleção pode ser caracterizada como jornalística por estar mais ancorada na metodologia utilizada pela área e também pela atuação dos próprios autores. Mas a inspiração histórica está presente em todos eles. É visível a preocupação dos autores com a contextualização temporal e com os aspectos da conjuntura política, econômica e social.

#### 4.2 Um Contexto de Transformação Político-Social

Agora que já sabemos o sentido do termo História Imediata e também a intenção da coleção da Alfa-Omega, nos cabe voltar novamente ao contexto político em que ela é lançada.

---

<sup>433</sup> CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. Questões para a História Presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (orgs.)..., op. cit., p. 20, 27 e 28.

<sup>434</sup> Idem. p. 22.

<sup>435</sup> Idem. p. 25.

<sup>436</sup> Idem. p. 27.

Em meados dos anos de 1970, inicia-se no governo Geisel uma “abertura política lenta, gradual e restrita”, assim como também surge uma movimentação – essencialmente entre os grupos contra o autoritarismo – de campanha pela convocação de uma Assembleia Constituinte.<sup>437</sup>

A historiadora Maria Paula Araújo resume a “conjuntura” de “luta política” dos anos de 1970 em “dois pólos”. O primeiro é “o projeto de abertura do governo”; e o segundo é “a atuação de um movimento de oposição, reunindo amplos setores da sociedade e com forte presença dos partidos e organizações de esquerda” que buscam “alargar e implodir os limites do projeto de abertura do governo”.<sup>438</sup>

Ainda de acordo com a autora, alguns “atores” que lutam pela liberdade democrática se tornam mais evidentes, principalmente em meados da década de 1970. Araújo destaca, por exemplo, o “Movimento Democrático Brasileiro (MDB)”; a “Igreja Católica”; o “Movimento Estudantil”, a “Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)”; e a “Associação Brasileira de Imprensa (ABI)”.<sup>439</sup> Para além dessas instituições maiores, há o destaque de outros atores, considerados “minorias políticas”, mas que têm uma participação muito importante nesse período como, por exemplo, o “movimento das mulheres”, o “movimento negro”; o “movimento gay”; a “luta pela causa indígena”, e o “movimento sindical”, que ganha força na região do ABC paulista, com suas “campanhas salariais e de greves”.<sup>440</sup>

A coleção História Imediata da Alfa-Omega, portanto, surge nesse momento de abertura democrática onde todos esses “atores” políticos destacados por Araújo estão em evidência. Curiosamente, alguns volumes da revista são dedicados a esses “atores”. O volume 2, *A Greve na Voz dos Trabalhadores*, trata das lutas sindicais no ABC paulista; o volume 4, *D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo*, um religioso da Igreja católica que luta pelos direitos humanos; e o volume 5, *A Volta da UNE*, traz a trajetória do “Movimento Estudantil” nos últimos dez anos.

A Alfa-Omega, quando publica a coleção História Imediata, vive também um momento favorável no mercado editorial. Como visto no capítulo anterior, mesmo na mira dos olhares da censura, a editora não deixa de fazer o seu trabalho, e nem mesmo muda a sua linha editorial. O periódico *Jornal de Caxias* ajuda a pensar essa fase próspera da editora no

<sup>437</sup> VERSIANI, Maria Helena. A Sociedade Brasileira Vive a Democracia (1985-1987). In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves Delgado; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.)..., op. cit., p. 213.

<sup>438</sup> ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. A Luta Democrática Contra o Regime Militar na Década de 1970. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O Golpe e a Ditadura Militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru-SP: EDUSC, 2004. p. 162.

<sup>439</sup> Idem. p. 167-168.

<sup>440</sup> Idem. Ibidem.

final da década de 1970. O periódico classifica o primeiro semestre de 1979, por exemplo, como “fecundo” em relação às suas publicações. No primeiro período deste ano, por exemplo, a editora chega a produzir 21 livros, sendo 15 deles de autores nacionais.<sup>441</sup>

A coleção História Imediata é vendida em bancas de jornal. Este é mais um indício de que a editora, por estar em uma situação financeira um pouco mais confortável, decide arriscar em revistas e livros de bolso que possam ser vendidos através de um veículo novo e, desta forma, conquistar um público diferente, mais popular. Vale lembrar que o formato de bolso é uma tendência forte na década de 1970. A editora Melhoramentos lança a coleção Prisma, com temas variados que vão desde a eletricidade até a exploração dos planetas. A editora espanhola Bruguera, com filial no Brasil, traz em suas publicações a literatura nacional e estrangeira. A editora Artenova aposta nos clássicos internacionais. E ainda tem a editora Tecnoprint (atual Ediouro), com a coleção Edições de Ouro.<sup>442</sup> Com um material bastante diverso, como, por exemplo, “passatempos, manuais práticos, vulgarização científica, autoajuda, romances açucarados, novelas policiais e até mesmo clássicos da literatura universal”<sup>443</sup>, a coleção consegue ultrapassar três décadas de vida, o que leva Tecnoprint a se tornar uma referência, no Brasil, neste tipo de formato.<sup>444</sup>

A primeira investida da Alfa-Omega com o formato de bolso acontece no final de 1977, com o título *A Prisão: histórias dos homens que vivem no maior presídio do mundo*, de Percival de Souza. Em 1978, outros dois títulos ganham o mesmo formato, são eles: *A Sangue-Quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*, de Hamilton Almeida Filho; e *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Moraes. Mesmo com o aparente sucesso do primeiro lançamento, que tem uma tiragem de vinte mil exemplares e uma vendagem de doze mil em quarenta e cinco dias, a editora encerra as suas atividades com

---

<sup>441</sup> Trajetória da UNE nos Últimos Dez Anos, no Livro Reportagem “História Imediata” nº 05. In: *Jornal de Caxias*, Rio Grande do Sul, 01 de setembro de 1979. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882470&pesq=coleção%20história%20imediata&pasta=ano%20197>. Acesso em: 10/04/2019.

<sup>442</sup> SOUZA, Willian Eduardo Righini de.; CRIPPA, Giulia. A Diversificação e a Polarização do Livro e o Surgimento e Desenvolvimento de Coleções de Bolso no Brasil. In: *FAMECOS*, Porto Alegre-RS, vol. 21, n. 01, pp. 186-207, jan./abr. 2014. Disponível na internet via: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/14486/11330>. Acesso em: 26/01/2021.

<sup>443</sup> LABANCA, Gabriel Costa. Relações e Edições de Ouro: a Tecnoprint na expansão do mercado editorial brasileiro durante os primeiros anos da Ditadura Militar. In: *Em Tempos de Histórias*, Brasília-DF, n. 14, pp. 125-145, jan./jul. 2009. Disponível na internet via: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/20016/18431>. Acesso em: 26/01/2021.

<sup>444</sup> LABANCA, Gabriel Costa. *Dos Anos Dourados às Edições de Ouro: a Tecnoprint e o livro de bolso no Brasil (1930-1970)*..., op. cit., p. 11.

apenas os três títulos publicados neste formato.<sup>445</sup> Segundo Fernando Mangarielo, a esperança de alcançar uma vendagem mais alta, em decorrência do preço mais baixo, não acontece.<sup>446</sup>

Ainda como tentativa de conquistar novos consumidores/leitores através das bancas de jornal, e antes de desistir do formato de bolso, a editora aposta na coleção *História Imediata*. Veremos, no próximo item, como esta coleção, em formato de revista – confeccionada em papel jornal – é lançada e recepcionada.

### 4.3 Lançamento e Recepção

Sobre a periodicidade da *História Imediata* temos poucas informações, apenas algumas pistas dos anos em que as revistas são publicadas, entre 1978 e 1979. Mas os meses em que isso ocorre não são identificados com precisão em todos os números. O volume 1 é uma exceção, pois é possível saber o dia, o ano e até mesmo o horário do lançamento através de um documento do SNI, do dia 26 de dezembro de 1978. Consta nesta fonte que o evento de lançamento ocorre no dia 21 de dezembro de 1978, no Clube de Imprensa de Brasília, às 21h e 50 min., com a presença de sessenta pessoas, dentre elas, dois autores da revista: Palmério Dória e Jaime Sautchuk.<sup>447</sup> Encontra-se também em um parecer do SNI, de 1979, que o volume 4 é lançado no mês de julho deste mesmo ano.<sup>448</sup> Sobre o volume 5 é encontrada uma informação importante sobre sua publicação no *Jornal de Caxias*. O lançamento ocorre no final de agosto de 1979, pois o periódico noticia a publicação do volume no dia 01 de

<sup>445</sup> MAUÉS, Flamarion. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega..., op. cit..

<sup>446</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

<sup>447</sup> Serviço Nacional de Informação. Informação nº 5113/31/AC/78. Assunto: *Lançamento Oficial do Livro “A Guerrilha do Araguaia”*, 26 de dezembro de 1978. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC. AAA.79001691 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_79001691\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79001691_d0001de0001.pdf). Acesso em: 11/04/2021.

<sup>448</sup> Serviço Nacional de Informação. Informação nº 2475/119/ASP/79. Assunto: *Publicação: “D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo”*, 26 de julho de 1979. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79002892 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_79001691\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79001691_d0001de0001.pdf). Acesso em: 12/04/2021.

setembro de 1979, informando que o lançamento acontece na última semana de agosto, ou seja, aproximadamente um mês depois do volume 4.<sup>449</sup>

Sendo assim, o volume 1 é publicado em dezembro de 1978; o volume 4, em julho de 1979; e o volume 5, em agosto de 1979. Mesmo não encontrando datas referentes aos lançamentos dos volumes 2 e 3, é possível perceber que não há regularidade nas publicações. Acreditamos na hipótese de que os lançamentos acontecem de acordo com as finalizações do material pelos autores.

Sobre a recepção e a tiragem da coleção também há uma lacuna. No texto de apresentação “Nota da Editora”, presente no livro *Diário da Guerrilha do Araguaia*, de Clóvis Moura, publicado pela Alfa-Omega, em 1979, aparece uma informação importante sobre a recepção do primeiro volume da coleção. Para a editora, “a resposta do público leitor foi surpreendente”, sendo “um grande sucesso editorial”, mesmo com pouca “promoção publicitária”.<sup>450</sup> Embora não tendo encontrado mais informações sobre a receptividade dos demais volumes, verificamos alguns indícios sobre a tiragem da revista que podem sugerir a boa aceitação do material produzido pela Alfa-Omega.

Ainda na mesma “Nota da Editora” é destacado que *A Guerrilha do Araguaia* alcança a vendagem de vinte e cinco mil exemplares em apenas uma semana nas bancas.<sup>451</sup> Não é possível identificar a tiragem total feita pela editora em relação a esse primeiro volume, mas acreditamos que a média é de trinta mil exemplares, visto que no volume 5, *A Volta da UNE*, a tiragem de trinta mil aparece na folha de rosto, informação que não é encontrada nos demais volumes. O que tudo indica é que esse número é bem expressivo para a época. A *Revista Civilização Brasileira*, um periódico bastante famoso, publica essa média na década de 1960. O historiador Ozias Neves chega à conclusão que o primeiro volume da *Revista Civilização Brasileira* alcança a marca de dez mil exemplares em apenas vinte e cinco dias, já os volumes cinco e seis comemoram a vendagem de vinte mil exemplares. E ainda, segundo o historiador, a mesma chega alcançar o número de quarenta mil exemplares, número este muito parecido com o volume 5 da coleção História Imediata.<sup>452</sup>

<sup>449</sup> Trajetória da UNE nos Últimos Dez Anos, no Livro Reportagem “História Imediata” nº 05. In: *Jornal de Caxias*, Rio Grande do Sul, 01 de setembro de 1979. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882470&pesq=coleção%20história%20imediata&pasta=ano%20197>. Acesso em: 10/04/2019.

<sup>450</sup> MOURA, Clóvis. *Diário da Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. VII.

<sup>451</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>452</sup> NEVES, Ozias Paese. *Revista Civilização Brasileira (1965-1968): uma cultura de esquerda no cenário político editorial*. Dissertação de Mestrado em História. Curitiba – PR: Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2006. p. 48-49.

O *Jornal de Caxias* é a outra fonte que sugere pensar que a tiragem da revista *História Imediata* é bem expressiva para época. Segundo o periódico, a coleção da Alfa-Omega “além de apresentar à opinião pública temas inéditos e da maior importância no debate político e social brasileiro, tem o mérito de ser a primeira publicação do tipo produzida em grandes tiragens, a preços e em formato de revista”.<sup>453</sup> Embora não precisando números, há a informação de que a coleção é “distribuída em bancas de jornal de 120 das mais importantes cidades brasileiras”.<sup>454</sup>

Sobre os lançamentos, alguns periódicos se dedicam a noticiar. O primeiro volume, *A Guerrilha do Araguaia*, o *Movimento* traz logo no título a importância do material: “Notícias Proibidas Há 6 Anos Viram Livro: quase completo o retrato da Guerrilha do Araguaia”. Ao trazer essa mensagem, o periódico já indica o teor do conteúdo a ser tratado pela revista de estreia da coleção da Alfa-Omega.<sup>455</sup>

O texto que segue ao título também traz informações bem relevantes. Segundo o periódico, uma guerra que envolve “5 mil homens das Forças Armadas” e aproximadamente “70 guerrilheiros” é silenciada, escondida do grande público. Mas os tempos são outros, e “agora, 6 anos depois de iniciada, a Guerrilha do Araguaia ganha o seu principal documento histórico, o que reúne e amplia o que já foi divulgado pela imprensa”.<sup>456</sup> Podemos perceber que o *Movimento* valoriza a revista da Alfa-Omega a ponto de considerá-la como o “principal documento histórico” sobre a guerrilha. A fonte deixa transparecer que a abordagem feita pela revista é bem ampla e detalhada, como podemos observar no próprio título, que destaca como um retrato quase completo.<sup>457</sup>

A divulgação do volume 1 pelo *Movimento*, se complementa com a entrevista do jornalista Sérgio Buarque de Gusmão, um dos autores, que relata que o trabalho vem como resposta ao silenciamento sobre o assunto. Vejamos um trecho de sua fala:

O livro é uma reportagem que desbanca um dos maiores tabus da imprensa brasileira nos últimos anos. Não faz apologia da guerrilha e nem do Exército. Apenas registra as informações que obtivemos, no velho estilo da reportagem ‘imparcial’ e do jornalismo de investigação, tão antigo quanto a verdade dos fatos.<sup>458</sup>

<sup>453</sup> Trajetória da UNE nos Últimos Dez Anos, no Livro Reportagem “História Imediata” nº 05..., op. cit..

<sup>454</sup> Idem.

<sup>455</sup> Notícias Proibidas Há 6 Anos Viram livro: quase completo o retrato da Guerrilha do Araguaia..., op. cit..

<sup>456</sup> Idem.

<sup>457</sup> Idem.

<sup>458</sup> Idem.

Percebe-se que Gusmão não quer que o livro seja visto como instrumento de apoio a qualquer um dos grupos envolvidos, mas mostrar o trabalho como um veículo de informação, que rompe com um “tabu” imposto pela imprensa. Este posicionamento é reiterado mais à frente quando afirma que não é a intenção discutir determinados “méritos políticos”, embora tenha noção de que muitos grupos utilizam desse tipo de evento para reivindicar descontentamentos em relação à situação político-econômica da época:

Nessa altura, o livro ia se tornando mais importante como meio de aprofundar as informações dadas pelos jornais – mas sem a intenção de dar a última palavra sobre a guerrilha, não só pela falta da versão oficial, como porque não entramos no mérito político da iniciativa dos guerrilheiros, nem sequer discutimos questões como as táticas militares etc, que fatalmente devem compor o universo de uma análise desse tipo. Mas achamos que o livro é, sem dúvida, uma contribuição ao debate sobre as formas que vários grupos políticos encontraram para combater o atual regime político e o sistema econômico vigentes no país.<sup>459</sup>

Interessante observar no depoimento de Gusmão, que o mesmo tem a preocupação em construir um lugar para a obra. Nesse sentido, ele a enquadra como jornalística e com o objetivo apenas de ser informativa. Isso pode até sugerir um possível receio por parte do autor de criar uma polêmica na época, preferindo se manter neutro, para garantir a circulação da revista sem qualquer tipo de rótulo.

Sobre o lançamento do volume 2, *A Greve na Voz dos Trabalhadores*, o *Jornal de Caxias* traz uma pequena nota, destacando a conquista dos trabalhadores do ABC paulista:

Os operários paulistas da região do ABC começaram a paralisar suas atividades, reivindicando aumentos salariais e melhores condições de trabalho e obtiveram sucesso, em seu desafio às leis protetoras do arrocho salarial, mesmo depois da justiça haver considerado ilegal o movimento reivindicatório.<sup>460</sup>

O periódico é do dia 12 de maio de 1979, mas não é possível perceber se a revista é publicada neste mesmo mês. O que levanta mais uma vez a dúvida da periodicidade do veículo. Por que um espaço tão longo, de aproximadamente cinco meses de um volume para o outro? Infelizmente até o momento esta dúvida permanece.

O volume 3, *Araceli – corrupção em sociedade*, também é noticiado por alguns periódicos. O *Jornal de Caxias*, em 02 de junho de 1979, destaca que o volume 3 da revista “*História Imediata* marcará época como livro reportagem sobre o episódio da realidade

<sup>459</sup> Notícias Proibidas Há 6 Anos Viram livro: quase completo o retrato da Guerrilha do Araguaia..., op. cit..

<sup>460</sup> “A Greve na Voz dos Trabalhadores da Scania a Itu”. In: *Jornal de Caxias*, Rio Grande do Sul, 12 de maio de 1979. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882470&pesq=a%20greve%20na%20voz%20dos%20trabalhadores&pasta=ano%201979>. Acesso em: 19/04/2019.

brasileira e sua história recente”.<sup>461</sup> Outro periódico que também destaca, é o *Leia Livros*, publicado pela editora Brasiliense entre as décadas de 1970 e 1980.<sup>462</sup> O periódico é do dia 15 de julho. O crítico Aguinaldo Silva afirma que Luppi, autor da obra, “reconta com rigor de detalhes” a história da menina brutalmente assassinada em Vitória-ES. Silva utiliza o verbo “recontar” porque a história de Araceli é contada no ano de 1976, pelo jornalista José Louzeiro, no título *Araceli, Meu Amor*<sup>463</sup>. O crítico salienta também a preocupação de Luppi, no seu texto, em “marcar com traços fortes os retratos dos carrascos” envolvidos no crime.<sup>464</sup>

O mesmo *Leia Livros* noticia o volume 4, *D. Paulo Evaristo Arns – o cardeal do povo*. Segundo o crítico Louzada Filho, o que tem de mais importante no volume é “mostrar, através da coleção de documentos jornalísticos, o necessário entrelaçamento da personalidade do religioso e da história em determinados momentos”. Essa relação entre o homem público e religioso é o que chama a sua atenção. Ainda na mesma nota, ele considera que o volume retrata muito bem a figura pública “por não ter manipulada pelo trabalho jornalístico a multiplicidade de suas dimensões e o poder de centralizá-las na sua característica de homem religioso”.<sup>465</sup>

Sobre o volume 5, *A Volta da UNE*, o *Jornal de Caxias*, de 01 de setembro de 1979, destaca o trabalho de vários anos dos jornalistas paulistas, Luiz Romagnolli e Tânia Gonçalves, na busca para reconstruir parte da trajetória do movimento estudantil, considerado também um tabu na imprensa brasileira, ficando “ausente das páginas dos jornais de 1968 até meados de 1974”.<sup>466</sup>

Duas semanas depois, em 15 de outubro, o periódico *Leia Livros*, também noticia o volume 5. O sociólogo e ex-presidente da UNE, Vinícius Caldeira Brant, comenta a qualidade dos autores, mas ressalta não ser uma “história completa da UNE”, mas sim uma “cobertura

---

<sup>461</sup> Uma Reportagem Sobre Corrupção e Violência. In: *Jornal de Caxias*, Rio Grande do Sul, 02 de junho de 1979. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882470&pesq=araceli%20corrupção%20em%20sociedad e&pasta=ano%201977>. Acesso em: 19/04/2019.

<sup>462</sup> Não encontramos no periódico *Leia Livros*, que estão preservados na Biblioteca Nacional, informações sobre o lançamento dos dois primeiros volumes da coleção.

<sup>463</sup> CF. LOUZEIRO, José. *Araceli, Meu Amor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

<sup>464</sup> *Leia Livros*, ano II, 15/07/1979 – 14/08/1979. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 1979/04/15 a 1980/05/14. Tombo, I0002363062. Localização, 3,031,03,02. Coleção, 2 (12-21). Biblioteca, periódicos.

<sup>465</sup> *Leia Livros*, ano II, 15/09/1979 – 14/10/1979. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 1979/04/15 a 1980/05/14. Tombo, I0002363062. Localização, 3,031,03,02. Coleção, 2 (12-21). Biblioteca, periódicos.

<sup>466</sup> Trajetória da UNE nos Últimos Dez Anos, no Livro Reportagem “História Imediata” nº 05..., op. cit..

jornalística” do Congresso ocorrido na cidade de Salvador-BA. Para Brant, o trabalho não é completo, visto que muitas testemunhas não são ouvidas para a construção da revista.<sup>467</sup>

Observa-se, portanto, que a revista *História Imediata* não passa despercebida. Ela é noticiada pela imprensa, na tentativa de mostrar um trabalho com temas recentes e silenciados do grande público. O periódico *A Luta Democrática*, por exemplo, afirma logo após o lançamento do volume 2, que o material publicado pela Alfa-Omega, “é revista para se guardar com cuidado pela massa de informação que nos fornece, o que raramente encontramos em livros ou muito menos em jornais”, se referindo, portanto, a especificidade e a originalidade do material lançado pela Alfa-Omega.<sup>468</sup>

#### 4.4 A Coleção na Mira dos Órgãos Repressivos

Assim como os órgãos repressivos têm um olhar para os livros da Alfa-Omega, o mesmo ocorre com a coleção *História Imediata*, que tem os seus volumes averiguados. A diferença aqui talvez seja a postura menos autoritária em relação aos livros avaliados no capítulo anterior, visto que, não há referência de uma possível apreensão dos exemplares ou enquadramento dos autores. São pareceres que sugerem refletir que os órgãos estão cientes dos lançamentos. Vejamos a seguir os comentários apresentados nesses documentos.

Sobre o volume 1, *A Guerrilha do Araguaia*, o parecer do SNI de 26 de dezembro de 1978, mencionado anteriormente, mostra que o evento ocorre em Brasília sem “debates, pronunciamentos ou qualquer manifestação política”.<sup>469</sup> O volume 2, *A Greve na Voz dos Trabalhadores – da Scania a Itu*, tem um parecer do Ministério da Aeronáutica, de 07 de maio de 1979. No parecer, o órgão aponta a Oboré Serviços Jornalísticos LTDA como a autora responsável pelo livro da Alfa-Omega, e acrescenta os nomes dos colaboradores,

<sup>467</sup> *Leia Livros*, ano II, 15/10/1979 – 14/11/1979. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 1979/04/15 a 1980/05/14. Tombo, I0002363062. Localização, 3,031,03,02. Coleção, 2 (12-21). Biblioteca, periódicos.

<sup>468</sup> *A Greve*. In: *A Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1979. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030678&pesq=história%20imediata&pasta=ano%201979>. Acesso em: 19/04/2019.

<sup>469</sup> Serviço Nacional de Informações. Informação nº 5113/31/AC/78. Assunto: *Lançamento Oficial do Livreto “A Guerrilha do Araguaia”*, 26 de dezembro de 1978. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8. MIC, GNC. AAA.79001691 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_79001691\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79001691_d0001de0001.pdf). Acesso em: 11/04/2021.

alguns vinculados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), sendo eles: Sérgio Gomes da Silva, Laerte Coutinho, José Vida P. Galé, Ricardo de Carvalho, Lourdes Fernandes, Violeta de Almeida, Luciano Delion, Alfredo Nastari, Wanda Teresinha Martins, João Pedro Pinto Filho e Sérgio Lopes. De acordo com o parecer, todos eles com antecedentes no Centro da Aeronáutica.<sup>470</sup>

Sobre o volume 4, *D. Paulo Evaristo Arns – o Cardeal do povo*, são encontrados dois pareceres do SNI, sendo o primeiro da agência de São Paulo e o segundo da agência de Brasília. O parecer de São Paulo, de 26 de julho de 1979, traz aspectos gerais do conteúdo abordado na obra, assim como algumas características biográficas dos autores:

(...) a maior parte da obra procura mostrar o envolvimento do Cardeal na luta pela defesa dos presos políticos, seus contatos com autoridades civis e militares, sua intransigência quanto à atuação dos órgãos de segurança, sua preocupação com a miséria da periferia de São Paulo e a ‘sua posição como homem que nunca nutriu simpatia pelo regime militar’.<sup>471</sup>

Em relação aos autores, o parecer mostra que Paulo Sérgio Markum, “figura como coordenador de base dos jornalistas do Partido Comunista Brasileiro (PCB), tendo sido incurso na Lei de Segurança Nacional”. Já Getúlio de Moura Bittencourt trabalha na *Folha de São Paulo*, sendo responsável por “diversas matérias referentes à sucessão presidencial”.<sup>472</sup>

O parecer do SNI de Brasília, de 28 de agosto de 1979, traz informações semelhantes ao parecer de São Paulo. O diferencial neste documento está no penúltimo item: “a publicação *D. Paulo Evaristo Arns – o Cardeal do Povo*, se caracteriza pela forma injuriosa como retrata a revolução de 1964”.<sup>473</sup> Curioso observar que o órgão chama de “revolução” o golpe de estado de 1964, e que a publicação da Alfa-Omega é uma ofensa ao episódio.

<sup>470</sup> Ministério da Aeronáutica. Informação nº 0093/CISA-RJ. Assunto: “*Oboré S. J. LTDA*” – Livro “*A Greve na Voz dos Trabalhadores*”, de 07 de maio de 1979. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC. AAA.790011594 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/790011594/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_790011594\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/790011594/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_790011594_d0001de0001.pdf). Acesso em: 11/04/2021.

<sup>471</sup> Serviço Nacional de Informação. Informação nº 2475/119/ASP/79. Assunto: *Publicação: “D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo”*, 26 de julho de 1979. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79002892 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_79001691\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79001691_d0001de0001.pdf). Acesso em: 12/04/2021.

<sup>472</sup> Idem.

<sup>473</sup> Serviço Nacional de Informação. Informação nº 0417/119/AC/79. Assunto: *Publicação: “D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo”*, 28 de agosto de 1979. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79002892 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via:

O volume 5, *A Volta da UNE – de Ibiúna a Salvador*, também é alvo de atenção do SNI de São Paulo. O parecer, de 05 de outubro de 1979, frisa as “incoerências” encontradas no livro que tem como autores Luiz Fernando Ramagnoli e Tânia Gonçalves. O primeiro ponto destacado pelo órgão está no prefácio, de autoria da Diretoria Provisória da UNE: “realizamos um congresso amplo e democrático, o mais representativo de toda a história da UNE (...)”.<sup>474</sup> De acordo com o órgão, a informação é “inverídica” porque “foi negada a participação efetiva dos estudantes de direita”. Mais a frente, outro ponto é destacado: “a consolidação da unidade dos estudantes foi, talvez, o saldo mais importante do Congresso”. Para o órgão, isto é “inverossímil” porque “exceto as questões gerais, nada mais foi definido, particularmente o problema da escolha das chapas que concorriam às eleições da UNE”.<sup>475</sup>

A fonte ainda salienta quatro passagens do prefácio que tem o “objetivo de denigrir a imagem do governo e os órgãos de segurança”. Dentre elas, destaca-se: “(...) A UNE que agora renasce é, portanto, uma UNE do compromisso. Poderemos até ser novamente destroçados pela repressão – como fomos em 1969”.<sup>476</sup> Além do prefácio, o órgão aponta outras passagens da revista que expõe o seu caráter de oposição em relação ao regime militar. De acordo com o órgão, “tais matérias buscam impressionar o leitor no que se refere a força do movimento estudantil e à violência policial, assunto abordado com insistência (...)”.<sup>477</sup>

Como é possível observar, os pareceres não apresentam qualquer tipo de ameaça de apreensão dos exemplares. No capítulo anterior, vimos que pelo menos dois livros são proibidos de circular. O que tudo indica é que a revista não sofre uma repressão mais dura do regime militar e, portanto, consegue permanecer no mercado sem maiores percalços.

---

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_79001691\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79001691_d0001de0001.pdf). Acesso em: 12/04/2021.

<sup>474</sup> Serviço Nacional de Informação. Informação nº 3258/119/ASP/79. Assunto: Livro “A Volta da UNE – de Ibiúna a Salvador”, 05 de outubro de 1979. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79003916 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/79003916/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_79003916\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/79003916/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79003916_d0001de0001.pdf). Acesso em: 13/04/2021.

<sup>475</sup> Idem.

<sup>476</sup> Serviço Nacional de Informação. Informação nº 3258/119/ASP/79. Assunto: Livro “A Volta da UNE – de Ibiúna a Salvador”, 05 de outubro de 1979..., op. cit..

<sup>477</sup> Idem.

## 4.5 A Apresentação da Coleção: uma leitura além da obra

### 4.5.1 As Capas da Coleção

A ideia neste item é observar como a revista *História Imediata* é apresentada ao seu público leitor. Pensando na perspectiva das capas e das contracapas – também chamada de quarta capa –, nos apropriaremos da interpretação do historiador inglês Peter Burke, que afirma que poucos historiadores se dedicam a estudar imagens ou fotografias, preferindo os “documentos escritos e datilografados”. E, quando os mesmos utilizam algumas imagens em seu trabalho, acabam tendo como “meras ilustrações”, sem qualquer análise mais apurada.<sup>478</sup> A visão de Burke ajuda a refletir sobre o quanto é importante perceber e analisar as imagens. Nesse sentido, a busca aqui é de um olhar especial para as imagens presentes nas capas e nas contracapas da revista *História Imediata*, de modo a perceber as escolhas feitas pelos capistas e pela editora para conquistar esse público mais amplo, se reinventando a cada número.

Para o professor Andrew Haslam, da *Kingston University London*, “a capa, a lombada, a quarta capa e as folhas preliminares formam a experiência inicial de leitura”, nesse sentido, é o primeiro contato que o leitor tem com o material e, portanto, ele é sempre muito bem pensado pelas editoras.<sup>479</sup> Ainda segundo o autor, algumas capas veem com o intuito de impulsionar a marca, o que são bem comuns em coleções. Elas possuem duas funções: a primeira é promover um determinado título e, a segunda é informar ao leitor sobre a existência de outros números.<sup>480</sup>

---

<sup>478</sup> BURKE, Peter. *Testemunha Ocular – História e Imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru-SP: EDUSC, 2004. p. 12.

<sup>479</sup> HASLAM, Andrew. *O Livro e o Designer II – Como criar e Produzir Livros*. Tradução de Juliana A. Saad e Sérgio Rossi Filho. São Paulo: Edições Rosari, 2007. p. 162.

<sup>480</sup> Idem. p. 165.

Figura 10 - Capas da Coleção História Imediata, 1978-1979



Fonte: Coleção História Imediata. São Paulo: Alfa-Omega, 1978-1979.  
Acervo: Gustavo Orsolon

Percebemos que essas funções defendidas por Haslam estão presentes nas capas da coleção História Imediata. Como vemos na figura 7, em todos os volumes aparece à numeração na parte superior, ao lado de uma espécie de carimbo com a inscrição “*História Imediata*” valorizando, portanto, o título e indicando para o leitor a existência de outros.<sup>481</sup>

No volume 1, a capa é de autoria de Paulo Orlando Láfer de Jesus, já os outros volumes são de autoria de Vera Altenburg. As capas seguem o mesmo padrão estético. As cores predominantes são o preto e o branco. A variação de cor – verde, vermelha e azul – vem em alguns detalhes como no título e no número de cada volume.

As cores básicas são contrastadas com as imagens que compõem cada volume. Em todas elas aparecem fotografias em preto e branco. Haslam também sinaliza que algumas

<sup>481</sup> É também nas capas que aparecem os preços dos volumes. O primeiro é vendido no valor de Cr\$ 35,00; o segundo no valor de Cr\$ 38,00; o terceiro e quarto no valor de Cr\$ 45,00; e o quinto no valor de Cr\$ 50,00. Existe uma variação destes preços para algumas cidades do Norte do país. Neste caso, os volumes são vendidos no valor de Cr\$ 46,00, Cr\$ 50,00, Cr\$ 58,00, Cr\$ 58,00, Cr\$ 65,00, respectivamente.

capas “buscam, simplesmente, registrar aquilo que o livro contém”.<sup>482</sup> Em outras palavras, o leitor olhando para a imagem, já sabe exatamente do que se trata. Analisando os cinco volumes, percebe-se que as capas indicam imediatamente o conteúdo da revista, além de apresentar um padrão nas estampas, uma marca.

No volume 1, o primeiro plano é ocupado por um guerrilheiro armado, em posição de ataque. Trata-se de uma ilustração<sup>483</sup> em preto e branco. Logo, nesse primeiro contato, o leitor tem condições de perceber que o conteúdo da revista está relacionado a um possível combate. Ainda compõem a capa uma foto de Osvaldão, um dos líderes da Guerrilha do Araguaia. A foto vem do lado direito, através da ampliação de um formato 3x4.

A presença de Osvaldão não é gratuita. Ele é um dos primeiros a chegar à região do Araguaia, fixando residência próxima a margem do Rio Gameleira. Natural de Passa Quatro, Minas Gerais, Osvaldão conclui, no início da década de 1950, o curso Industrial Básico de Cerâmica, na Escola Técnica de São Paulo. Na capital carioca, já no final da década de 1950, conclui o curso Técnico de Construção de Máquinas e Motores, na Escola Técnica Federal. Após o golpe militar, em 1964, Osvaldão é obrigado a viver na clandestinidade.<sup>484</sup> No Araguaia se torna uma figura muito conhecida, “o mais temido entre os militares – e ao mesmo tempo o mais amado entre os moradores da região”.<sup>485</sup>

No volume 2, a capa é reinventada, mas seguindo o mesmo padrão estético do volume 1. Uma fotografia<sup>486</sup> retrata o movimento da greve dos trabalhadores, e ocupa praticamente todo o espaço central. Vera Altenburg é muito talentosa em trazer uma imagem como essa para compor o volume intitulado *A Greve na Voz dos Trabalhadores*. Isso porque na fotografia aparecem dezenas de operários com um semblante de indignação e descontentamento. Homens e mulheres dividem o mesmo espaço, unidos por uma mesma causa. Neste caso, a busca é por melhores condições de salário e trabalho. Mudando o ângulo da interpretação, é possível pensar também a reunião desses operários como um ato de bravura diante das imposições feitas por aqueles que os exploram, no caso, os patrões e o governo autoritário.

---

<sup>482</sup> HASLAM, Andrew, op. cit., p. 165.

<sup>483</sup> A ilustração é de Jaime Leão.

<sup>484</sup> SOUSA, Deusa Maria de. *Lágrimas e Luta: a reconstrução do mundo de familiares de desaparecidos políticos do Araguaia*. Tese de Doutorado em História. Florianópolis – SC: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2011. p. 227-228.

<sup>485</sup> CORRÊA, Carlos Hugo Studart. *Em Algum Lugar das Selvas Amazônicas: as memórias dos guerrilheiros do Araguaia (1966-1974)*. Tese de Doutorado em História. Brasília – DF: Universidade de Brasília – UNB, 2013. p. 79.

<sup>486</sup> A fotografia de capa é de Juca Martins.

No volume 3, a fotografia<sup>487</sup> da menina Araceli ocupa também a parte central da capa do título que leva o seu nome. A revista traz o caso da menina que é brutalmente assassinada no estado do Espírito Santo, e tem sua história silenciada por muito tempo. Na fotografia de capa, Araceli aparece com um olhar vago – ou mesmo triste – segurando uma rosa que encobre sua boca. A imagem sugere uma associação da menina com a sua história ocultada e, por isso, o detalhe da rosa cobrindo a boca.

No volume 4, a fotografia<sup>488</sup> de D. Paulo Evaristo Arns aparece em destaque. A imagem traz a simplicidade e a sutileza de um padre, como é realmente D. Paulo Evaristo Arns. O religioso apresenta um leve sorriso e veste roupas simples. Pensando no subtítulo do volume, *o cardeal do povo*, fica evidente que a escolha pela fotografia também é intencional. Nesse sentido, ela revela um homem comum, um homem do povo.

Assim como no volume 2, a fotografia<sup>489</sup> que estampa o volume 5 também traz um movimento popular, nesse caso, a luta pela volta da União Nacional dos Estudantes (UNE). O espaço é totalmente ocupado por manifestantes. Diferentemente da fotografia do volume 2, em que é possível observar o semblante das pessoas que estão em primeiro plano, nesta fotografia não há essa possibilidade. A imagem não deixa nítidas as fisionomias. Mas é possível observar uma grande aglomeração de pessoas também unidas por uma mesma causa. Segundo os autores da revista, Romagnoli e Gonçalves, mais de sete mil estudantes se reuniram no Centro de Convenções da Bahia, entre os dias 29 e 30 de maio de 1979, para o congresso de reconstrução da UNE.<sup>490</sup> Portanto, embora a fotografia não seja datada e não possua legenda, podemos identificar que a mesma é tirada em Salvador, no Centro de Convenções, no final de maio de 1979.

Ainda na fotografia vemos duas faixas estendidas ao fundo que chamam a atenção, uma com a inscrição “*por liberdades democráticas*”, e a outra com a inscrição cortada, “... *dos trabalhadores. Viva o 1 de maio*”. Isso permite outra reflexão, que o movimento não é um ato exclusivo dos estudantes. Como destacam os próprios autores da revista, o retorno da UNE não se resume apenas a mobilização dos estudantes, mas também a mobilização dos trabalhadores, das greves dos operários e da luta de outros setores por melhores condições de vida e de trabalho.<sup>491</sup>

---

<sup>487</sup> Não é mencionado na ficha técnica o nome do fotógrafo de capa.

<sup>488</sup> A fotografia de capa é de Darci Lopes.

<sup>489</sup> Não é mencionado na ficha técnica o nome do fotógrafo de capa. Mas todas as fotos presentes no volume são de Newton Vita Aguiar, Tânia Gonçalves, Luiz Henrique Romagnoli, Abril Press e Carlos Namba.

<sup>490</sup> ROMAGNOLI, Luiz Henrique; GONÇALVES, Tânia. *A Volta da UNE – De Ibiúna a Salvador*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. 03.

<sup>491</sup> Idem. *Ibidem*.

Através das capas conseguimos perceber duas estratégias de marketing da Alfa-Omega junto aos capistas. A primeira estratégia está relacionada à tentativa de imprimir uma marca para coleção História Imediata. Esta marca está vinculada a uma identidade visual. Como mencionado anteriormente, a revista é um material para ser vendido em bancas de jornal, distribuídas em mais de cem cidades brasileiras. Para atingir esse público é preciso ter uma capa atraente, que possa transmitir a mensagem principal, imediatamente no primeiro contato. A segunda estratégia acaba sendo um desdobramento da primeira e está ancorada na interpretação do editor e escritor italiano Roberto Calasso. De acordo com Calasso, a função da capa não termina depois do primeiro contato, pelo contrário, ela “deve ser adequada mesmo depois de o desconhecido ter lido o livro, ao menos para que não pense que o editor não sabe o que publica”.<sup>492</sup> Concordamos com Calasso e acreditamos que as capas da coleção História Imediata têm essa função, adequar-se ao enredo de modo que tenha sentido, mesmo depois da leitura ter sido feita.

#### 4.5.2 As Contracapas da Coleção

Mas não é somente a capa da coleção História Imediata que traz uma leitura a parte da própria obra. Outro elemento com informações importantes é a contracapa. De acordo com a especialista em Design Gráfico e Industrial, Aline Haluch, é na contracapa que “entram alguns textos que podem ser depoimentos de personalidades ou formadores de opinião no assunto do qual trata o livro”, ou ainda pode conter “trechos do próprio livro e notícias que abonem o livro ou o autor”.<sup>493</sup>

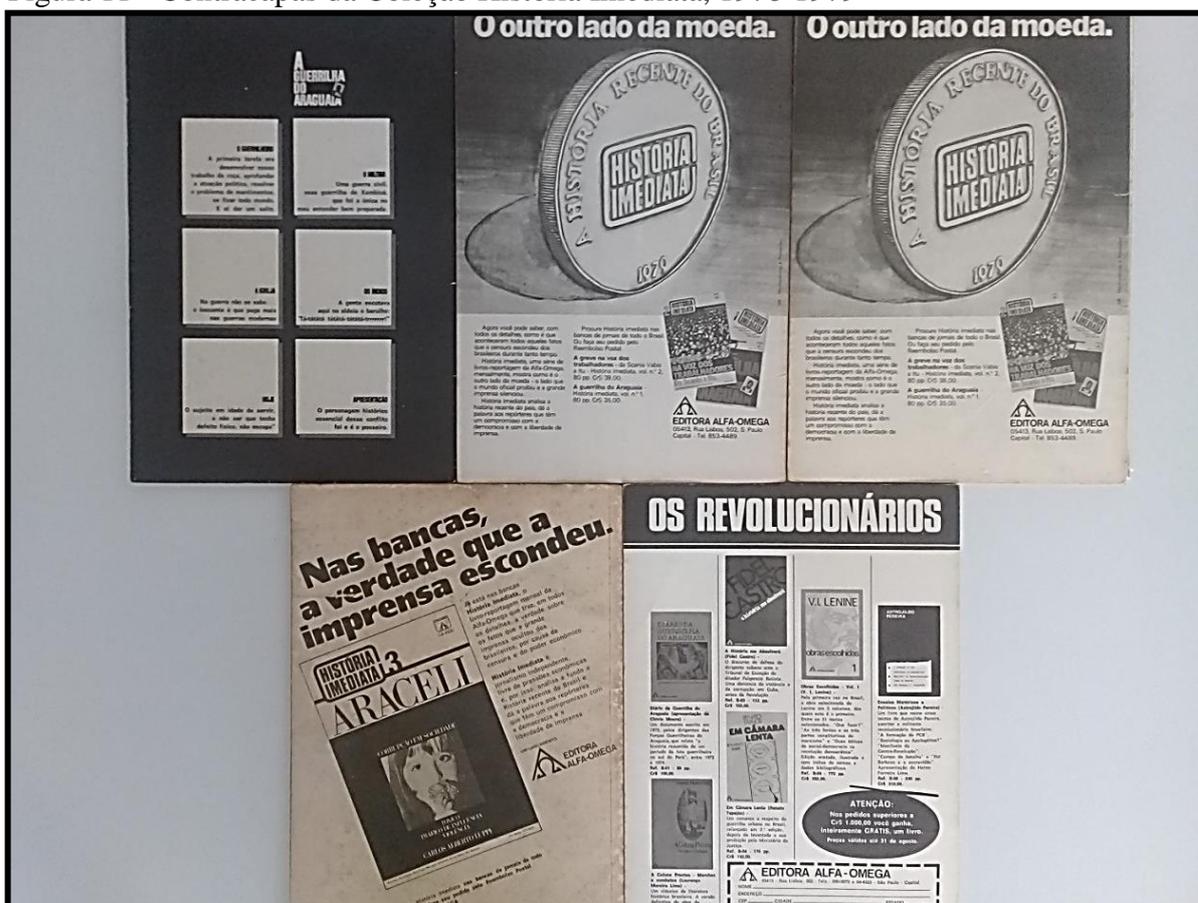
Na revista *História Imediata* isso não é diferente, os elementos defendidos por Haluch estão presentes. Porém, outros aspectos também estão inseridos, o que torna a contracapa tão atraente quanto à própria capa, resultado de todo um cuidado por parte dos capistas e dos editores da Alfa-Omega. Consideramos, portanto, as contracapas mais uma particularidade que soma a originalidade da revista e que ajuda a reinventar a própria coleção.

---

<sup>492</sup> CALASSO, Roberto. *A Marca do Editor*. Tradução de Pedro Fonseca. Belo Horizonte, Veneza: Editora Âyiné, 2020. p. 21.

<sup>493</sup> HALUCH, Aline. *Guia Prático de Design Editorial: criando livros completos*. Teresópolis-RJ: 2AB Editora, 2013. p. 92.

Figura 11 - Contracapas da Coleção História Imediata, 1978-1979



Fonte: Coleção História Imediata. São Paulo: Alfa-Omega, 1978-1979.

Acervo: Gustavo Orsolon

A contracapa do volume 1 traz as informações sobre o conteúdo da revista. Nela é possível observar pequenos fragmentos de depoimentos dos principais personagens que compõem a revista: o guerrilheiro, a igreja, o militar e os índios. Estes depoimentos não estão por acaso na contracapa, eles têm uma função importante no enredo da revista, que é construída através dos diversos olhares daqueles que vivem o episódio da Guerrilha do Araguaia, como veremos ainda neste capítulo.

Mas consideramos que a ousadia maior da capista e dos editores aparece nos volumes 2 e 3. Metade da contracapa é tomada por uma grande moeda, posicionada em pé. Nela encontra-se no centro a inscrição em forma de carimbo, “História Imediata”, e a inscrição “A História Recente do Brasil – 1979”. Com o símbolo da moeda, a proposta é conhecer o outro lado, aquilo que está escondido na outra face.

O texto que vem logo em seguida, abaixo da moeda, não deixa dúvida e ajuda a complementar essa interpretação:

Agora você pode saber, com todos os detalhes, como é que aconteceram todos aqueles fatos que a censura escondeu dos brasileiros durante tanto tempo. História Imediata, uma série de livros-reportagem da Alfa-Omega, mensalmente, mostra como é o outro lado da moeda – o lado que o mundo oficial proibiu e que a grande imprensa silenciou. História Imediata analisa a história recente do país, dá a palavra aos repórteres que têm um compromisso com a democracia e com a liberdade de imprensa.<sup>494</sup>

Fica clara a intenção da revista: dar a luz àquilo que está escuro e apresentar ao público histórias silenciadas. Como lembra o sociólogo austríaco Michael Pollak, existem lembranças que ficam a “sombra”, e por não fazerem parte de uma “memória oficial”, acabam ocultas.<sup>495</sup> Essa memória considerada não oficial é marginalizada durante a ditadura. O objetivo da editora, como informado neste fragmento, é descortinar essa memória através de uma abordagem jornalista e preocupada com valores como a “democracia” e a “liberdade”, ou seja, vem com a intenção de quebrar com o total silêncio.

Este desejo da editora fica ainda mais nítido na contracapa do volume 4: “Nas bancas, a verdade que a imprensa escondeu”.<sup>496</sup> Além dessa frase de impacto, há um texto complementar que informa que a Alfa-Omega traz com todos os “detalhes, a verdade sobre os fatos que a grande imprensa ocultou dos brasileiros, por causa da censura e do poder econômico”, e acrescenta que a “História Imediata é jornalismo independente, livre de pressões econômicas e, por isso, analisa a fundo a História recente e dá a palavra aos repórteres que têm o compromisso com a democracia e a liberdade de imprensa”.<sup>497</sup>

Observa-se que a editora caracteriza a coleção como um produto de “jornalismo independente”, sugerindo ao leitor uma obra sem pressões políticas. Também é deixado explícito nesse texto que não há “pressões econômicas” envolvidas, o que sugere também maior liberdade para os autores, sem pressões externas ou mesmo internas da própria editora.

Na contracapa do volume 5 o próprio catálogo da editora é valorizado. Ao todo, seis títulos são anunciados. A apresentação dessas obras também é bem interessante do ponto de vista político da editora. Como título de apresentação, a editora escolhe “Os Revolucionários”. As seis obras apresentadas são: *Diário da Guerrilha do Araguaia* (apresentação de Clóvis Moura); *A Coluna Prestes – Marchas e Combates*, de Lourenço

<sup>494</sup> Texto encontrado na quarta capa dos volumes 2 e 3 da coleção História Imediata. Cf. Oboré. *A Greve na Voz dos Trabalhadores - Da Scania a Itu*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979. LUPPI, Carlos Alberto. *Araceli – Corrupção em Sociedade*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.

<sup>495</sup> POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 03, pp. 03-15, 1989. Disponível na internet via: file:///C:/Users/cliog/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge\_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloadds/2278-3757-1-PB%20(1).pdf. Acesso em: 11/02/2019.

<sup>496</sup> Texto encontrado na quarta capa do volume 4 da coleção História Imediata. Cf. *D. Paulo Evaristo Arns – o cardeal do povo*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.

<sup>497</sup> Idem.

Moreira Lima; *A História me Absolverá*, de Fidel Castro; *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós; *Obras Escolhidas – vol. I*, de V. L. Lenine; e *Ensaio Históricos e Políticos*, de Astrogildo Pereira. A editora, portanto, com essa contracapa, chama atenção para o seu próprio catálogo fortemente enraizado nos temas de oposição política.

Para o professor Haslam, as capas provocam um “impacto maior do que a quarta capa”.<sup>498</sup> Concordamos parcialmente com ele. Verificamos que as capas da coleção História Imediata tem sim um papel importante, funcionando, como ele mesmo diz, em “arma de sedução”.<sup>499</sup> As fotografias, muito bem selecionadas, permitem uma conexão com o leitor, reforçando a ideia de realidade proposta pelo material. Mas a contracapa da coleção também é muito bem pensada, pois traz informações tão importantes quanto à própria capa. Elas não trazem apenas sinopses (o que é muito comum nos livros em geral), mas são enriquecidas com elementos pouco usuais de reflexão, como, por exemplo, a moeda presente em dois volumes, sendo este um grande acerto da capista e da editora, por trazer justamente o objetivo da coleção: desvendar o outro lado da moeda, aquilo que é desconhecido do grande público por conta de uma forte censura insaturada no país principalmente após a decretação do AI-5.

#### 4.5.3 Os Textos Introdutórios da Coleção: outra perspectiva de leitura

No item anterior, fica evidente que as capas e as contracapas trazem uma perspectiva de leitura à parte, que soma ao conteúdo inserido nos cinco volumes da coleção. Essa leitura da obra vai além dos recursos visuais. As folhas iniciais, com seus textos preliminares e prefácios<sup>500</sup>, são extremamente importantes nesta coleção e também ajudam a revelar para o leitor o lugar que a revista pretende ocupar, contribuindo para reinventar a coleção a cada novo volume. Dessa forma, consideramos as folhas preliminares como mais um recurso

---

<sup>498</sup> HASLAM, Andrew, op. cit., p. 160-161.

<sup>499</sup> Idem. Ibidem.

<sup>500</sup> Vale definir o que estamos considerando como textos preliminares e prefácios. Os textos preliminares são “aqueles que surgem antes do texto principal da obra, apresentando com frequência paginação própria, muitas vezes em numeração romana, e geralmente incluem peças como a introdução, o prefácio, a epígrafe, a dedicatória, as censuras, as licenças, as aprovações, a errata, alguns textos em louvor do autor ou do patrocinador da obra, a taxa, a bibliografia e, por vezes, as instruções destinadas a facilitar o manejo do livro; páginas prefaciais”. Já os prefácios “são palavras de apresentação, esclarecimento ou justificação que antecedem a um texto; advertência; antelóquio; exórdio; preâmbulo; proêmio; prólogo; introdução; prolegômenos; *proefatio*. Sintetiza aquilo que o livro se propõe demonstrar e deve ser sempre mantido na reedição posterior da obra”. Cf. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça, op. cit., p. 699 e 592.

importante adotado pelos autores e pela editora na intenção de mostrar a originalidade e a função político-social do material.

Para entender essa relação dos textos preliminares com o objeto explorado em cada volume, Haslam continua sendo uma referência importante. De acordo com sua interpretação, as “folhas preliminares” têm como missão ser o primeiro contato com o leitor.<sup>501</sup> Para o historiador Fernando Nicolazzi, que dedica atenção especial em sua tese aos prefácios do livro *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, os prefácios têm a função de “escrever a história do texto”, podendo mostrar “um caminho fecundo onde se torna evidente a própria dimensão que a obra assume em um contexto particular”.<sup>502</sup> Concordamos com esses autores, e acreditamos que as folhas preliminares da coleção História Imediata apresentam o tamanho da obra e o alcance que a mesma deve atingir dentro do cenário político da época.

No volume *A Guerrilha do Araguaia*, dois textos preliminares apresentam a obra e destacam o silenciamento do evento pela censura do regime militar. O primeiro texto é intitulado “Nota dos Autores”, de autoria de Palmério Dória, Sérgio Buarque de Gusmão, Vincent Carelli e Jaime Sautchuk. O segundo texto é intitulado “Apresentação”, do sociólogo e professor, José de Souza Martins<sup>503</sup>, que faz parte da epígrafe de abertura deste capítulo.

No primeiro texto, os autores chamam a atenção para os “negros e mudos anos” da imprensa durante o regime militar, sendo proibida de tratar sobre a guerrilha. A ideia, segundo eles, é através de uma pesquisa minuciosa de cinco anos, com a coleta de informações de dados – entrevistas e documentos encontrados em arquivos – quebrar com esse silêncio e trazer uma material inédito sobre a guerrilha.<sup>504</sup>

Martins, no segundo texto, endossa esse posicionamento dos autores e defende que o material apresentado é “jornalismo responsável e sério”, onde os mesmos “procuram resgatar do *nada* da censura o *tudo* da História, já que os censores se incumbiram de impedir que a imprensa desse a conhecer o que vinha acontecendo no Norte do país”.<sup>505</sup>

O professor ainda lembra que o trabalho não é uma abordagem sociológica e explicativa sobre o tema. Embora os autores se preocupem em abordar o assunto por

<sup>501</sup> HASLAM, Andrew, op. cit., p. 162.

<sup>502</sup> NICOLAZZI, Fernando. *Um Estilo de História: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa Grande & Senzala e representação do passado*. Tese de Doutorado em História. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2008. p. 80.

<sup>503</sup> José de Souza Martins é graduado, mestre e doutor em Sociologia pela USP. No momento em que escreve o texto de abertura para a revista da Alfa-Omega leciona na mesma instituição de formação tendo, nesta época, três livros publicados: *Empresário e Empresa na Biografia de Conde Matarazzo* (1967); *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário* (1973); *Capitalismo e Tradicionalismo* (1975).

<sup>504</sup> DÓRIA, Palmério. *et. al. A Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. p. 04.

<sup>505</sup> MARTINS, José de Souza. Apresentação. In: DÓRIA, Palmério. *et. al. A Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. p. 06 e 07.

completo, permitindo um entendimento, até mesmo, “totalizador”; o trabalho é, segundo ele, jornalístico e com um alto grau de dificuldade para os autores: “fazer-se de correspondentes de guerra agora que a guerra acabou, agora que é impossível testemunhar diretamente os fatos da guerra ocorrida numa região do Araguaia”.<sup>506</sup>

Fica explícito nos textos preliminares da revista o caráter de ineditismo e, ao mesmo tempo, de autenticidade do material, principalmente com a fala de um importante acadêmico, como é o caso do professor José Martins que, nesta época, leciona na USP. Essa ideia de trazer a legitimidade para o material perpassa para o segundo volume, *A Greve na Voz dos Trabalhadores*. Neste, três textos apresentam e significam a obra: “Nota”, de autoria D. Paulo Evaristo Arns, Cardeal Arcebispo de São Paulo; “Nota dos Editores”, da Oboré; e “Prefácio” de Marcelo Gato, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos.

A presença de D. Paulo Evaristo Arns – um religioso respeitado, defensor dos direitos humanos e crítico das atrocidades do regime militar – não deixa dúvida de que a Oboré busca legimitar o material com a voz de uma importante referência no cenário religioso e político.<sup>507</sup> Para além disso, os textos preliminares deste volume figuram em forma de apelo, um chamado para a luta. O que é proposto pelo cardeal e pelo ex-sindicalista é que a revista ultrapasse a fronteira da leitura e se torne um veículo de discussão e debate, que possa influenciar decisões coletivas, e beneficiar aqueles que são marginalizados pela sociedade, principalmente o trabalhador.

D. Paulo Evaristo Arns, por exemplo, faz um convite: debater o livro. A intenção é que o leitor não fique limitado apenas à leitura, mas que possa refletir, discutir e propagar as ideias contidas ali.<sup>508</sup> O religioso ainda faz uma provocação bem curiosa ao sugerir que os cientistas (economistas e sociólogos) participem também da discussão não apenas como intelectuais distantes da realidade, sentados em seus gabinetes, mas que percebam, de fato, a fala daqueles que estão na linha de frente, na luta.

Esse sentido amplo, de longo alcance, proposto pelo cardeal para a revista da Alfa-Omega também está presente na fala e na percepção de Marcelo Gato. Para ele, é preciso que se “leia, releia e debata” o conteúdo inserido na revista. Gato entende que a revista – com seus depoimentos “impressionantes em sua simplicidade isenta de hermetismos e fricotes de

<sup>506</sup> MARTINS, José de Souza. Apresentação. In: DÓRIA, Palmério, op. cit., p. 06 e 07.

<sup>507</sup> Vale lembrar que o próprio D. Paulo Evaristo Arns é tema do quarto volume da coleção História Imediata.

<sup>508</sup> ARNS, D. Paulo Evaristo. Nota. In: OBORÉ. *A Greve na Voz dos Trabalhadores*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. 03.

linguagem, repletos da poesia dura e seca da vida nas fábricas, do dia a dia de milhões de brasileiros”<sup>509</sup> – tem algo a mais para oferecer para além da simples informação.

Esse lugar que a revista pretende ocupar é complementado com uma “Nota dos Editores”, onde é exaltada parte da metodologia utilizada para a construção do material. Assim como acontece no primeiro volume, os editores da Oboré, também destacam o tempo de pesquisa e as fontes utilizadas. Diferentemente da coleta sobre a Guerrilha do Araguaia que demora um tempo maior, cerca de cinco anos, para este volume quatro meses são necessários para ouvir os trabalhadores, analisar as folhas “datilografadas com seus depoimentos”, de modo a trazer para a revista um “retrato”, mesmo que “incompleto”, da situação de vida dos trabalhadores no ano de 1978.<sup>510</sup>

Assim como acontece nos dois primeiros volumes, o terceiro – *Araceli – Corrupção em Sociedade*, de Carlos Alberto Luppi – também há um texto de apresentação assinado por nomes importantes do meio acadêmico e jornalístico: Boris Kassoy<sup>511</sup> e Odon Pereira<sup>512</sup>. O prefácio deste volume reforça a nossa afirmação de que autores e editores buscam trazer uma autenticidade para a coleção, através do reconhecimento de intelectuais e personalidades famosas.

Kassoy e Pereira lembram que a “liberdade de imprensa” é um grande problema para o jornalismo, “severamente castigado”, no período da ditadura militar. Luppi, autor da obra traz um trabalho que, segundo ele, recupera o jornalismo massacrado, através de um “jornalismo forte, másculo, vigoroso, capaz de levar a denúncia até os seus pontos extremos”. O diferencial deste autor é dignificar “a reportagem em seu melhor momento: aquela reportagem de denúncia, que não se conforma com a aparência dos fatos e busca penetrá-los em toda a sua inteireza”.<sup>513</sup>

O quarto volume – *D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo*, de Getúlio Bittencourt e Sérgio Markum – é apresentado e legitimado de outra forma: através de cartas emitidas pelo Presidente norte-americano Jimmy Carter e sua família.

---

<sup>509</sup> GATO, Marcelo. Prefácio. In: OBORÉ. *A Greve na Voz dos Trabalhadores*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. 04.

<sup>510</sup> OBORÉ. Nota dos Editores. In: OBORÉ. *A Greve na Voz dos Trabalhadores*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. 05.

<sup>511</sup> Boris Kassoy é graduado em Arquitetura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre e doutor em Ciências pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Leciona na mesma instituição quando escreve o texto para a revista da Alfa-Omega. Neste momento, tem dois livros publicados: *Viagem pelo Fantástico* (1971); e *Hercules Florence 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil* (1977).

<sup>512</sup> Odon Pereira é jornalista. No momento em que contribui com o texto de abertura da revista da Alfa-Omega exerce a função de secretário da redação do periódico a *Folha de São Paulo*.

<sup>513</sup> KASSOY, Boris; PEREIRA, Odon. Prefácio. In: *Araceli – Corrupção em Sociedade*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. 03.

As correspondências, logo nas primeiras páginas, todas traduzidas para o português, sinalizam para o leitor a importância do personagem que é tratado na revista. O cardeal é um homem conhecido internacionalmente, principalmente por sua luta pelas vítimas do regime militar.

A primeira carta que abre a revista é do presidente Jimmy Carter, de 28 de dezembro de 1977, onde o mesmo destaca e reconhece o grande trabalho realizado pelo religioso no Brasil com aqueles que têm seus direitos básicos de cidadania violados pelo sistema de repressão.<sup>514</sup>

(...) Seu trabalho de socorro à dignidade humana me fez orgulhoso de poder compartilhar consigo o pódio, na Universidade de Notre Dame. Desejo-lhe o maior sucesso em seus esforços para assegurar os direitos básicos a todos os seres humanos. Para auxiliar aqueles cujos direitos têm sido violados e para confortar suas famílias (...).<sup>515</sup>

O pódio que o presidente Carter está se referindo é em relação ao título recebido de Doutor Honoris Causa. Além de Carter e D. Evaristo Arns, recebem o título nesta mesma cerimônia outras duas personalidades, o cardeal Kim, da Coreia, e o reverendo Lamont, da Rodésia.

As duas outras cartas são de agradecimentos, datadas de 1978. Os agradecimentos referem-se a uma viagem feita pela família Carter ao Rio de Janeiro. Jimmy Carter reconhece a hospitalidade do cardeal, e sua filha Amy L. Carter, agradece o presente recebido na viagem, um “bule de chá feito a mão”. A outra carta é de Rosalynn Carter e destaca a luta do Cardeal para preservar os direitos humanos no Brasil.<sup>516</sup>

Esses primeiros documentos no início da obra causam um impacto bastante positivo no leitor, pois além de trazer uma personalidade política internacional, como é o caso do Presidente Carter, chama a atenção para a própria temática do volume, que é também uma outra grande personalidade.

Enquanto o quarto volume muda a sua forma de apresentação, o quinto e último – *A Volta da UNE*, de Luiz Henrique Romagnoli e Tânia Gonçalves – volta ao modelo dos demais, com textos preliminares, trazendo as mesmas ideias: a falta de liberdade de expressão

---

<sup>514</sup> BITTENCOURT, Getúlio; MARKUM, Paulo Sérgio. *D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. 03.

<sup>515</sup> Carta de Jimmy Carter para D. Paulo Evaristo Arns, 28/12/1977. In: BITTENCOURT, Getúlio; MARKUM, Paulo Sérgio. *D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

<sup>516</sup> BITTENCOURT, Getúlio; MARKUM, Paulo Sérgio, op. cit., p. 04-06.

e as dificuldades de atuação dos movimentos de oposição ao governo, como, o movimento estudantil.

O texto “Apresentação” é construído pelos próprios autores, Romagnoli e Gonçalves. Eles destacam que o objetivo da obra é “reconstruir a trajetória do movimento estudantil nos últimos dez anos”, recorrendo “aos depoimentos de testemunhas, aos arquivos de algumas entidades estudantis e a ex-líderes do movimento”.<sup>517</sup>

Esse trabalho cuidadoso de investigação e de pesquisa, realizado pelos dois, é reiterado no “Prefácio”. O texto, construído pela Diretoria Provisória da UNE, evidencia que a revista, organizada por competentes jornalistas, tem um papel social forte: “prestar um importante serviço à população e, em especial, aos estudantes brasileiros, quanto à divulgação e o debate do que foi o 31º Congresso da União Nacional dos Estudantes”.<sup>518</sup>

O que é interessante nos textos introdutórios da coleção História Imediata é que eles ultrapassam a função de apresentar a obra para o leitor. Os textos procuram significar a revista como um veículo de comunicação, informação, reflexão e debate. A proposta é mostrar que a revista não deve ser descartada após a leitura. Seu conteúdo deve servir para uma conscientização mais ampla, e que as ideias contidas ali sejam compartilhadas com outras pessoas e grupos, ou seja, que se tornem, de fato, uma ferramenta eficaz no combate ao silenciamento de tantos temas e personagens.

Partindo dessa premissa, optamos por analisar brevemente os dois primeiros volumes da coleção: *A Guerrilha do Araguaia* e *A Greve na Voz dos Trabalhadores*. Estamos considerando uma breve investigação pelo fato de estarmos mais preocupados em apresentá-las, de modo a entender como os temas estão amarrados na ideologia política da revista e na própria atuação mediadora dos editores que, nesta altura, final dos anos de 1970, já apresentam uma investida mais incisiva com as questões políticas e sociais.

#### 4.6 *A Guerrilha do Araguaia* e *A Greve na Voz dos Trabalhadores*: breve análise

Alguns motivos nos chamam a atenção para a escolha dos volumes *A Guerrilha do Araguaia* e *A Greve na Voz dos Trabalhadores*. Dentre esses motivos, destacam-se: o

---

<sup>517</sup> ROMAGNOLI, Luiz Henrique; GONÇALVES, Tânia. *A Volta da UNE – De Ibiúna a Salvador*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. 03.

<sup>518</sup> Diretoria Provisória. Prefácio. In: ROMAGNOLI, Luiz Henrique; GONÇALVES, Tânia. *A Volta da UNE – De Ibiúna a Salvador*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. 04-05.

ineditismo dos temas abordados; o silenciamento dado a guerrilha do Araguaia; e a cobertura de um fato em plena efervescência, como é o caso da greve na região do ABC paulista.

Esses volumes possuem características que ajudam a revelar um pouco dos traços ideológicos da coleção. Partindo, primeiramente, da ideia de semelhança, ou seja, daquilo que é comum aos dois e que, de certa forma, caracteriza a coleção História Imediata, tem-se a forma de como as temáticas são tratadas. Em ambos, os temas são desenvolvidos através das vozes daqueles que vivem ou participam dos respectivos episódios. Nesse sentido, os depoimentos são as chaves para o desenrolar do enredo. Como apontado no início deste capítulo, as fontes orais ganham um espaço todo especial, sendo amplamente utilizadas na coleção.

Outra semelhança que merece destaque, sendo este mais um método apreciado nos dois volumes, é a utilização de imagens fotográficas. No volume sobre a Guerrilha do Araguaia, por exemplo, embora não haja disponível, na época, registros dos ataques, os autores procuram enfatizar o enredo através das fotografias dos depoentes, como, a do coronel Jarbas Passarinho; a do militante José Genoíno Neto; a do padre Humberto Rialland; e a do indígena Areni. No volume sobre a greve na região do ABC Paulista, as imagens fotográficas de alguns depoentes sindicalistas também são evidenciadas, como, a de Luís Inácio Lula da Silva; a de Miguel Galhardo; e a de Joaquim dos Santos Andrade.

É interessante observar que ao mesmo tempo que o uso das imagens fotográficas é uma característica comum e que aproxima os dois volumes – e também a coleção como um todo – acaba diferenciando um volume do outro. Com a escassez de fontes sobre a Guerrilha do Araguaia, as imagens se resumem basicamente aos depoentes, o que não acontece no volume sobre a greve do ABC paulista. Neste, a gama de possibilidades é maior, os autores da Oboré possuem em mãos um maior número de imagens fotográficas. Assim, o volume apresenta não somente as imagens de depoentes, como também, imagens do próprio movimento, ou seja, dos trabalhadores em greve.

Outra diferença – e talvez o ponto que mais distancie os dois volumes – é o recorte cronológico. A Guerrilha do Araguaia tem a sua história encerrada em 1974. Isso significa que quando o tema é abordado pela coleção História Imediata, os autores já têm a ideia de todas as fases do movimento. Como afirma o historiador Wellington Sampaio da Silva, “os jornalistas agiriam enquanto correspondentes de uma guerra que já havia sido concluída pelas armas, mas que em termos de disputa por meio da escrita estava apenas começando”.<sup>519</sup> Já em

---

<sup>519</sup> SILVA, Wellington Sampaio da. *Livros em Guerra: a escrita e a disputa do passado sobre a Guerrilha do Araguaia*. Tese de Doutorado em História. Fortaleza-CE: Universidade Federal do Ceará– UFC, 2019. p. 33.

relação às greves dos operários paulistas, a história ainda acontece no momento do lançamento da revista, ou seja, os desdobramentos das greves são ainda desconhecidos. Neste caso, o volume 2, tem uma história contada no calor da hora, embora também seja um trabalho pioneiro que serve de referência para outros estudos.

A partir desses dois volumes já é possível afirmar que se trata de uma coleção que procura narrar os fatos, através do olhar daqueles que vivem o episódio. Sobre a Guerrilha do Araguaia, o professor José de Souza Martins lembra que os autores

(...) empenharam-se na coleta de testemunhos, no registro mais minucioso dos depoimentos que foi possível ouvir. Não enriqueceram ainda mais esta coletânea porque oficiais militares envolvidos no combate à guerra não quiseram falar, informar, esclarecer. Tentaram a reconstituição por meio indiretos, ouvindo a palavra de quem pudesse dizer uma coisa ou outra. Agiram com exemplar imparcialidade. Pode-se imaginar as dificuldades que encontraram.<sup>520</sup>

Mesmo com a escassez de fontes, devido ao silenciamento de diversas pessoas com medo de represálias, os autores conseguem estabelecer um limite para a revista e informar para o leitor que o trabalho não é uma investigação completa a respeito da guerrilha. A tentativa é, sem dúvida, apresentar o episódio com a maior riqueza de detalhes, embora fique claro também que a proposta é trazer uma versão parcial. Neste sentido, a revista é construída em sete seções, intituladas: “Entrando na História”, “O Militar – Entrevista com Jarbas Passarinho”, “O Guerrilheiro – Depoimento de José Genuíno Neto”, “Os Combates na Selva, Segundo o *Araguaia*”, “Os Índios Suruí Contam o Fim da Guerra”, “A Igreja – Depoimento do Padre Humberto Riolland” e “Araguaia Hoje – Volta ao Centro da Guerrilha”. Para além dessas seções mais direcionadas, a revista também conta com “Nota dos Autores”, “Apresentação – José de Souza Martins” e “Anexos”.

A Guerrilha do Araguaia ocorre entre os anos de 1972 até 1974, na região do Araguaia, “localizada nos limites territoriais do sudeste do Pará, norte do Tocantins (à época, estado de Goiás) e oeste do Maranhão”, uma área com mais de “40 mil quilômetros quadrados de extensão territorial”.<sup>521</sup> Nas palavras do historiador Jacob Gorender, uma “área que se caracterizava pelo povoamento recente, baixo nível de conflitos sociais e insignificância econômica”.<sup>522</sup> Na interpretação do arqueólogo Rafael de Abreu Souza, uma região marcada

<sup>520</sup> MARTINS, José de Souza. Apresentação. In: DÓRIA, Palmério. *et. al. A Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. p. 06.

<sup>521</sup> REIS, Naurinete Fernandes Inácio. *Memória Social e Guerrilha do Araguaia*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Goiânia – GO: Universidade Federal de Goiás – UFG, 2013. p. 57.

<sup>522</sup> GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas – A Esquerda Brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Editora Ática, 1987. p. 208.

pela “marginalização e violência do Estado para com a população camponesa”, essencialmente “indígenas e migrantes vindos do Centro-Oeste e dos estados do Nordeste”.<sup>523</sup>

O Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que vive na clandestinidade no momento, é o idealizador deste movimento de guerrilha, com o objetivo de implantar um plano de resistência contra o regime de ditadura civil-militar.<sup>524</sup> Este partido surge através de uma ruptura com o PCB, na década de 1960. Aproximadamente três anos após a morte Josef Stalin, líder da União Soviética, acontece, em 1956, o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, onde Nikita Krushev, sucessor de Stalin, denuncia algumas das atrocidades cometidas pelo seu antecessor. Tal denúncia causa grande desconforto entre os militantes. Os chineses, por exemplo, não acreditam em Krushev e decidem romper com o Partido Comunista Soviético. Aqui no Brasil, o silenciamento de Luís Carlos Prestes – líder do PCB – a despeito do debate soviético, causa também estranhamento entre os militantes. Algum tempo depois, em carta aberta, Prestes decide se posicionar a favor do Partido Comunista da União Soviética e, logo depois, acata as ideias de Krushev. Por outro lado, afasta dos cargos quatro nomes importantes do Partido: Maurício Grabois, João Amazonas, Pedro Pomar e Calil Chad.<sup>525</sup> Os dois primeiros nomes tornam-se os líderes do futuro novo partido, o PCdoB, criado em 1962, alinhado as ideias do Partido Comunista Chinês, de Mao Tse-tung.

Vale destacar que a ideia de luta armada não é uma exclusividade do PCB ou do PCdoB, outras organizações – Ação Libertadora Nacional (ANL), o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e o Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8) – também comungam deste mesmo objetivo no período em questão. Talvez, o destaque maior da época, fique com o Partido Comunista.<sup>526</sup>

É por volta de 1966 que os primeiros paulistas chegam à região conhecida como Bico do Papagaio. Osvaldo Orlando Costa, o famoso Osvaldão, aquele apresentado por retrato na capa da revista, instala-se como posseiro em Gameleira, um dos três destacamentos. Os outros dois destacamentos são conhecidos como Faveira e Caianos. Entre os anos de 1970 e 1972,

<sup>523</sup> SOUZA, Rafael de Abreu. *A Materialidade da Repressão à Guerrilha do Araguaia e do Terrorismo de Estado no Bico de Papagaio, TO/PA: noite e nevoeiro na Amazônia*. Tese de Doutorado em Arqueologia. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2019. p. 60.

<sup>524</sup> Idem. p. 59-60.

<sup>525</sup> CORRÊA, Carlos Hugo Studart. *Em Algum Lugar das Selvas Amazônicas: as memórias dos guerrilheiros do Araguaia (1966-1974)*. Tese de Doutorado em História. Brasília – DF: Universidade de Brasília – UNB, 2013. p. 134,135, 138 e 141.

<sup>526</sup> SILVA, Wellington Sampaio da. *A Guerrilha Silenciada: memória histórica dos moradores do Bico do Papagaio sobre a Guerrilha do Araguaia*. Dissertação de Mestrado em História. João Pessoa – PB: Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2008. p. 20-21.

chegam também à região vários outros militantes, com diferentes profissões: “operários, camponeses, bancários, enfermeiras, engenheiros, geólogos e, principalmente estudantes universitários que viam na luta armada uma forma de resistência ao regime militar vigente no Brasil”.<sup>527</sup> A orientação dada pelo PCdoB é a conquista da população local, através do ensino, da assistência médica e da ajuda com as tarefas da roça. Em outras palavras, a intenção é cercar a cidade a partir do campo, fazendo com que o “campesinato” se torne a “base social e política fundamental no processo revolucionário e o Partido como dirigente nesse processo”.<sup>528</sup>

É a partir da chegada à região do Araguaia de Osvaldão e dos outros militantes como, Maurício Grabois e Ângelo Arroyo que a revista da Alfa-Omega tem o seu ponto de partida. A seção intitulada “Entrando na História” traz Osvaldão como uma personalidade importante nesse processo e, portanto, bastante enfatizado pelos autores:

Osvaldo ficou mais conhecido de todos. O Osvaldão era o que mais circulava. É uma lenda. Tornou-se padrinho de crianças em vários lugares, se dava com políticos, caçava com a população (...). Virou garimpeiro outro tempo, mas acabou se fixando como lavrador entre a serra das Andorinhas e a serra dos Carajás, na localidade da Gameleira, município de São João do Araguaia, às margens do rio Gameleira.<sup>529</sup>

A figura de Osvaldão fica presente em toda a revista, principalmente na memória dos indígenas. Mas sobre isso falaremos mais adiante. Vale ainda ressaltar que Osvaldão finca suas raízes na localidade. Tal fato é provado pelos autores quando afirmam que é ele, Osvaldão, quem recebe os que chegam à localidade apresentado-os para a comunidade.

Não demora muito para que Osvaldão, os demais militantes e o plano do PCdoB sejam descobertos pelas autoridades do Estado. Em 1971, o governo começa sua investida contra eles. Mas é entre os anos de 1972 e 1974 que as companhias tornam-se mais fortes e incisivas. Através de um expressivo contingente militar, o governo investe em três campanhas “orquestradas por meio de uma sequência de operações militares com grau crescente de violência e violações dos direitos humanos que atingiram militantes, camponeses e indígenas, indiscriminadamente”.<sup>530</sup>

As duas primeiras tentativas de acabar com os guerrilheiros não alcança o sucesso esperado pelo Exército. Na primeira, em abril de 1972, os guerrilheiros conseguem maior êxito, visto que, o conhecimento da mata faz com que eles consigam se movimentar com mais

<sup>527</sup> SILVA, Wellington Sampaio da, op. cit., p. 27 e 28.

<sup>528</sup> REIS, Naurinete Fernandes Inácio, op. cit., p. 55.

<sup>529</sup> DÓRIA, Palmério. *et. al. A Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. p. 15.

<sup>530</sup> SOUZA, Rafael de Abreu, op. cit., p. 62-63.

facilidade, dificultando as tropas militares. Na segunda, entre setembro e outubro do mesmo ano, com efetivo maior de aproximadamente cinco mil soldados, o Exército também não leva a melhor. As tropas são retiradas do local e os guerrilheiros conseguem migrar para outros povoados. É somente na terceira e última investida que as tropas militares conseguem atingir o objetivo de acabar com a guerrilha. Em 1973, após um treinamento secreto no Sul do país com profissionais especializados em guerrilhas e com a inserção de “agentes de inteligência” na região, é que os militares conseguem fazer uma investida mais precisa, derrotando os guerrilheiros até o ano de 1974.<sup>531</sup>

Dos 79 guerrilheiros que iniciam o conflito, em 1972, 59 são mortos ou ficam desaparecidos.<sup>532</sup> Um desses mortos é Osvaldão, que tem seu corpo pendurado ao “esqui de um helicóptero e desfilado por São Domingos e outros lugarejos do Araguaia”, para que todos possam ver o fim de um dos mais famosos líderes da guerrilha.<sup>533</sup>

Essa imagem marca a memória dos indígenas daquela época. A revista da Alfa-Omega traz essas memórias, através do relato dos índios da tribo Suruí, sendo Massu o principal narrador. Na seção intitulada “Os Índios Suruís Contam o Fim da Guerra”, o depoimento explicita a violência praticada de ambos os lados: “nós esperava na mata... esperava... esperava... Tinha muito avião... hericópire voando baixinho. Demorou, até que quebrou o pau. Terrorista mandou uma brasa: ‘tá-tá’. Soldado também mandou uma brasa: ‘trrrrr!’”. Sobre alguns líderes da guerrilha, Massu também se recorda da morte de Dina e Osvaldão: “a Dina (...) foi pegada lá em Marabá: ia atravessar pro São Félix, mataram ela. O Osvaldão morreu sozinho – foi ali (...), morto, pendurado pela corda no hericópire, por corda.”<sup>534</sup>

A escolha em trazer o depoimento dos indígenas para compor a revista é uma grande sacada dos autores, visto que, os índios, em especial os da tribo Suruí, são obrigados a participar do evento. De acordo com o jornalista Fernando Portela, eles não são poupados em nada, além de terem suas terras cortadas por uma estrada “operacional” para facilitar a movimentação das tropas do Exército, também são “recrutados” como guias para conduzir essas mesmas tropas mata adentro.<sup>535</sup> O trauma e as memórias sombrias sobre a guerrilha ainda pairam sobre os moradores da tribo, como é possível observar nesse breve depoimento de Massu, colido pelos autores da revista, sobre a morte de Osvaldão.

<sup>531</sup> GORENDER, Jacob, op. cit., p. 209.

<sup>532</sup> CORRÊA, Carlos Hugo Studart, op. cit., p. 18 e 306.

<sup>533</sup> PORTELA, Fernando. *Guerra de Guerrilhas no Brasil*. São Paulo: Global Editora, 1981. p. 22.

<sup>534</sup> DÓRIA, Palmério, op. cit., p. 56.

<sup>535</sup> PORTELA, Fernando, op. cit., p. 53.

Ainda é possível observar no mesmo depoimento como os índios são orientados agir juntos às tropas militares:

Os soldado entravam de seis com a gente no mato. Ele avisava pra nós:  
 \_ É escutar barulho, vocês passa pra trás de mim.  
 Agora o soldado, na hora que vê o barulho dele vai andando mesmo: ‘taaaaaá’!  
 Quebrou tudinho cabeça, saiu tudinho o miolo: ‘paaaaaaá’. A gente escutava aqui na aldeia o barulho: ‘tá-tátátá tátátá-tátátá-trrrrrrr!’.  
 Antes era difícil achar. Agora, não: é fácil. Soldado falou:  
 \_ Tem que acabar com esse terrorista: ele quer tomar o Brasil, esse terrorista não presta.<sup>536</sup>

O episódio do Araguaia também marca a memória de membros da Igreja católica da região. Afinal, a instituição também é alvejada pelos militares. Neste caso, os autores lançam mão de trechos dos depoimentos publicados no jornal *Movimento*. Esses depoimentos são de: Dom Alano Maria Pena, bispo de Marabá; Dom Pedro Casaldáliga, bispo do Mato Grosso; e do padre francês Humberto Rialland. As memórias dos religiosos são evidenciadas na seção “A Igreja – Depoimento do Padre Humberto Rialland”. Dom Alano Pena, destaca a existência e o esquecimento da guerrilha: “foi um movimento que de fato existiu por aí e eu admito que foi totalmente aniquilado”.<sup>537</sup> O reconhecimento de Dom Alano Pena perpassa a ideia da existência do movimento. Para ele, o ideal de democracia é o mais importante e que está vivo entre os guerrilheiros; e duvida que ainda hoje haja indivíduos com esse espírito de resistência, capaz de nutrir por um ideal, dando a vida por ele.

O relato de Dom Pedro Casaldáliga é mais voltado para repressão exercida pelos soldados sobre a população local e a própria pastoral. Segundo ele, bispos, padres, agentes da pastoral e povo são considerados pelo Exército como guerrilheiros, ou seja, terroristas. Ainda segundo o religioso, os soldados “visitavam casa por casa no sertão, e caíam sobre a população, criando um clima de autêntico terror, apreendendo até facas de cozinha”.<sup>538</sup>

O depoimento do padre Humberto Rialland segue a mesma linha de interpretação de Dom Pedro Casaldáliga. Através dos relatos que escuta dos moradores quando chega à região, Rialland traz elementos que ajudam a compor o cenário de terror. Segundo ele: “Na guerra não se sabe... o inocente é que paga mais nas guerras modernas. Teve um isolamento do povo com o povo, através de prisões arbitrárias, castigos físicos, torturas”.<sup>539</sup> Ainda no depoimento do padre aparece a memória de Osvaldão que, segundo ele, “era muito simpático, o povo

<sup>536</sup> DÓRIA, Palmério, op. cit., p. 56.

<sup>537</sup> Idem. p. 59.

<sup>538</sup> Idem. p. 59-60.

<sup>539</sup> Idem. p. 61.

gostava muito dele, dava muitas sementes, tratava de ajudar as pessoas a fazer horta – um homem excessivamente agradável de encontro”.<sup>540</sup>

É interessante observar nessas duas seções – “Os Índios...” e “A Igreja...” – que os depoimentos têm algo em comum: eles trazem a ideia da violência que marca o episódio e as consequências disso tudo para a poluição local, que é atacada direta ou indiretamente com os resquícios desse combate. A proposta dos autores de ouvir várias vozes é autêntica porque traz um quadro mais justo sobre as interpretações do episódio, fugindo da dicotomia militar versus guerrilheiro, visto que, neste época, não há estudos específicos sobre o tema.

Mesmo fugindo de uma visão dicotômica, os depoimentos de um militar e de um militante guerrilheiro também compõem a revista, em seções intituladas “O Militar – Entrevista com Jarbas Passarinho” e “O Guerrilheiro – Depoimento de José Genuíno Neto”, respectivamente. Na seção “O Militar...”, é apresentado o depoimento do coronel Jarbas Passarinho<sup>541</sup>, que exerce a função de Ministro do Trabalho, no governo Costa e Silva; e Ministro da Educação, no governo Médici. Além disso, Passarinho é um político influente no estado do Pará e um dos poucos que fala sobre a guerrilha. Os autores deixam claro que a entrevista de Passarinho também é uma reprodução do jornal *Movimento*, ou seja, não é um depoimento exclusivo para a revista. Além disso, não é uma versão oficial do Exército, apenas um ponto de vista de um militar e político com forte participação no governo.

Em 1976, Passarinho fala brevemente sobre a guerrilha em um debate no Congresso com o senador Marcos Freire, do MDB-PE. Neste ano, o militar e político contesta as “acusações de torturas e desaparecimentos de presos políticos”.<sup>542</sup> Mas é no ano de 1978 que Passarinho decide falar um pouco mais sobre o episódio para o jornal *Movimento*, sendo esta entrevista reproduzida na íntegra pelos autores da revista *A Guerrilha do Araguaia*. Em um depoimento curto, em que o próprio depoente afirma ser apenas uma “pista” do evento, visto que, na época, como Ministro, as informações não chegam completas para ele, observa-se como o militar e político vê a guerrilha.

<sup>540</sup> DÓRIA, Palmério, op. cit., p. 61.

<sup>541</sup> Jarbas Gonçalves Passarinho nasce em 11 de janeiro de 1920, em Xapuri-AC. Inicia sua carreira militar cursando a Escola Preparatória de Cadetes, em Porto Alegre. Em seguida, em 1940, muda-se para o Rio de Janeiro para ingressar na Escola Militar de Realengo. Torna-se major em 1953 e alcança o posto de tenente-coronel em 1962. Na vida política o ingresso acontece em 1964, quando é indicado por Castelo Branco a assumir o governo do Pará. Dois anos depois, em 1966, torna-se senador pelo mesmo estado. Em 1967, é convidado pelo atual presidente, Artur da Costa e Silva, a assumir a pasta do Ministério do Trabalho. Em 1969, já no governo de Emílio Garrastazu Médici, assume a pasta da Educação. Cf. <https://www.senado.gov.br/senado/grandesmomentos/passarinho.shtm>. Acesso em: 24/04/2022.

<sup>542</sup> DÓRIA, Palmério. *et. al. A Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. p. 21.

Para Passarinho, as estratégias dos guerrilheiros são bem interessantes para a população local, o que faz com que o Exército, na época, repense a sua conduta. O depoente se refere as práticas de ações sociais exercidas pelos guerrilheiros, que se aproximam da população através de assistência médica, como, por exemplo, oferecendo medicamentos e cuidando dos partos das mulheres grávidas. Como já apontado neste item, a região em questão é carente, onde o Estado não se faz presente, o que permite que a guerrilha ganhe uma projeção jamais vista no Brasil. Na visão de Passarinho, o “apoio da população civil local” é fundamental para o êxito do movimento. Percebendo a estratégia dos guerrilheiros, o Exército muda a sua conduta e começa a investir também nesse tipo de ação. Segundo Passarinho, os soldados passam a agir da mesma maneira reduzindo, até mesmo, seus grupos para conquistar a “simpatia da população”.<sup>543</sup>

O que mais chama atenção no depoimento é como ele caracteriza a guerrilha. Embora não desenvolva muito o posicionamento, Passarinho afirma que, a “guerrilha, a guerra subversiva, ela é uma guerra suja. Eu acho que ela termina suja de ambos os lados. Porque é uma guerra do terrorismo. É uma guerra suja, uma guerra porca”.<sup>544</sup> Aqui, o depoente faz referência as Convenções de Genebra<sup>545</sup>, assinadas em 12 de agosto de 1949, com o objetivo de assegurar proteção às vítimas de guerra. Ao considerar a Guerrilha do Araguaia, como “subversiva”, “suja” e “porca”, ele mostra que houve uma quebra com esse acordo, embora o Exército treine em sintonia com as ideias afirmadas no documento suíço.

Em outro trecho, no segundo posicionamento, o jornal questiona sobre o silenciamento do episódio. Em resposta, ele considera ser uma estratégia tática, para não correr o risco de multiplicar o caso:

porque uma divulgação disso, na medida por exemplo em que uma guerrilha de Xambioá durasse um ano, para ser combatida ela poderia, pelo noticiário feito a respeito dela, induzir a ações semelhantes. A grande massa desconheceu pura e simplesmente o assunto e sobre ela não se fez o efeito multiplicador da propaganda.<sup>546</sup>

---

<sup>543</sup> DÓRIA, Palmério, op. cit., p. 22.

<sup>544</sup> Idem. p. 23.

<sup>545</sup> BRASIL. Lei nº 42.121, de 21 de agosto de 1955. Promulga as Convenções concluídas em Genebra, a 12 de agosto de 1949, destinadas a proteger as vitimas da guerra. Brasília, DF, 21 de agosto de 1957. Disponível na internet via: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1950-1969/D42121.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D42121.htm). Acesso em: 21/04/2022.

<sup>546</sup> DÓRIA, Palmério, op. cit., p. 24.

Enquanto Passarinho traz uma versão crítica em relação aos dois lados da guerrilha, considerando um evento terrorista, o próximo depoente, o militante José Genoíno Neto<sup>547</sup>, traz outra versão. O depoimento é longo, com detalhes da sua rotina diária junto ao seu grupo. Vale mencionar que Genoíno Neto ao chegar ao Araguaia, ingressa nas atividades do destacamento B, junto com Osvaldão e mais três companheiros:

Eu estava curioso para saber quem era aquele tal de ‘Osvaldão’, ‘negão’, ‘mineirão’, que todo mundo perguntava para o Bronca durante a viagem de barco, queria saber se era da cidade ou da região. Ao chegar na casa, um pequeno rancho numa região de capoeira, vou encontrar um ‘negão’ mesmo, fritando bife de veado, e um velhinho de 60 anos, que estavam esperando pela gente lá. Foi uma recepção calorosa.<sup>548</sup>

A memória de Osvaldão retorna no depoimento do militante, e com elementos novos. Nesta “recepção calorosa” de Osvaldão, os recém chegados recebem ferramentas importantes de sobrevivência, como, o “facão” e a “botina”. Afinal, é um momento de transição em que a “Universidade” é trocada pela “vida no campo”.<sup>549</sup>

Destacamos dois posicionamentos de Genoíno Neto nesta entrevista. Assim como no depoimento de Jarbas Passarinho, aqui também identificamos como o militante caracteriza a guerrilha. Na sua visão, embora os resultados não tenham sido os esperados,

a guerrilha do Araguaia se incorporou à História. Mostrou a importância das lutas camponesas e deixou evidente os objetivos democráticos, em defesa dos direitos do povo pobre contra a dominação estrangeira. Na defesa disso, mostraram coragem e decisão, reconhecidas por figuras do próprio Exército (...).<sup>550</sup>

Em outro trecho, sendo este o segundo posicionamento, Genoíno Neto faz uma crítica direta a entrevista de Jarbas Passarinho para o jornal *Movimento*. Para ele, a “guerra do Araguaia não foi uma guerra do terrorismo ‘uma guerra suja dos dois lados’. Os guerrilheiros foram atacados, tiveram que fugir para o mato, a maioria da população ficou sendo perseguida”. Além disso, continua ele, as “Forças Armadas entraram na região com muitas armas, bombas e ordem de matar quem resistisse, sem levar em conta qualquer respeito aos

---

<sup>547</sup> José Genoíno Neto nasce Quixeramobim-CE, em 03 de maio de 1946. A carreira de militante tem início em 1967, no Movimento Estudantil, nas Faculdades de Filosofia e Direito da Universidade Federal do Ceará. Em 1967, já na capital paulista, ingressa na UNE, e logo se torna uma liderança importante, sendo até mesmo preso pelo DOPS/SP. Após a decretação do AI-5 pelos militares, Genoíno Neto decide deixar os estudos e começa a viver na clandestinidade, até o momento que ingressa na Guerrilha do Araguaia, em 1970. Em 1972, é capturado pelos soldados e preso, cumprindo pena de cinco anos. Cf. <http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/jose-genoino-neto/>. Acesso em: 24/04/2022.

<sup>548</sup> DÓRIA, Palmério, op. cit., p. 28.

<sup>549</sup> Idem. Ibidem.

<sup>550</sup> Idem. p. 45.

direitos humanos ou até mesmo às leis de execução vigentes no país”.<sup>551</sup> Neste caso, na visão do depoente, não é uma “guerra suja”, mas sim uma “guerra de resistência”. Como analisa Silva, uma resistência que é justificada pela “forma violenta pela qual os militares atuaram na região da guerrilha, não respeitando, por exemplo, as convenções internacionais no caso de guerra”.<sup>552</sup>

A revista ainda é finalizada com depoimentos de dois moradores e ex-guias, Venâncio de Jesus e Alexandre de Oliveira. Após três anos do término do guerrilha, Palmério Dória, Sérgio Burque de Gusmão, Vincent Carelli e Jaime Sautchuk, retornam a região do conflito e percebem que o “clima de trauma” ainda persiste naquele lugar.<sup>553</sup> Venâncio de Jesus e Alexandre de Oliveira ainda guardam em suas lembranças imagens da ação do Exército e dos guerrilheiros, destacando suas vivências durante o conflito. São marcas profundas que ainda causam dor naqueles que de alguma forma participam do conflito. Como lembra a historiadora Janaína de Almeida Teles, a Guerrilha do Araguaia fica registrada na História como um evento de “brutal violência exercida pelas Forças Armadas contra os suspeitos e pela utilização da repressão em larga escala contra a população”. Em outras palavras, “camponeses e indígenas foram aterrorizados com a prática generalizada da violência, sob a justificativa de se evitar ‘os efeitos multiplicadores’ da guerrilha”.<sup>554</sup> Concordamos com a historiadora e acreditamos que a revista *A Guerrilha do Araguaia* consegue, através desses diversos depoimentos, demonstrar para o leitor o clima de tensão na região durante o conflito armado.

Ainda como uma última questão que gostaríamos mencionar é o fato de que a derrota dos militantes demora certo tempo para ser reconhecida pelo PCdoB. Como lembra o historiador Carlos Hugo Studart Corrêa, após o fim do conflito, em 1974, militares e militantes decidem manter certo “segredo” sobre o desfecho do evento, ou seja, nem o Exército conta como vence os guerrilheiros, muito menos o partido conta como acontece a derrota.<sup>555</sup> Duas hipóteses são levantadas pelo historiador Jean Rodrigues Sales para esse silenciamento. A primeira é o “duro impacto da derrota”; e a segunda, é a dúvida do que realmente acontece com os militantes desaparecidos. São hipóteses que causam dúvidas e

---

<sup>551</sup> DÓRIA, Palmério, op. cit., p. 45.

<sup>552</sup> SILVA, Wellington Sampaio da, op. cit., p. 46.

<sup>553</sup> DÓRIA, Palmério, op. cit., p. 65.

<sup>554</sup> TELES, Janaína de Almeida. Os Segredos e os Mitos sobre a Guerrilha do Araguaia (1972-1974). In: *História Unisinos*, São Leopoldo, vol.18, n. 3, pp. 464-480, set./dez. 2014. Disponível na internet via: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2014.183.03/4371>. Acesso em: 14/06/2021.

<sup>555</sup> CORRÊA, Carlos Hugo Studart, op. cit., p. 15.

estranhamento, até mesmo, entre os próprios membros do Partido. Neste caso, o PCdoB só reconhece a derrota em 1976.<sup>556</sup>

Mesmo a derrota sendo reconhecida anos depois, houve também uma demora para a temática ser comentada ou tratada em estudos específicos. Antes disso, quase nada é falado sobre o assunto. Isso não é estranho, como lembra os historiadores Patrícia Sposito Mechi e Michel Justamand, uma das características do período político é “esconder as práticas repressivas” que se desenvolvem “tanto contra militantes quanto contra a população comum”.<sup>557</sup> Até ocorre um ensaio, em 1972, pelo jornal *O Estado de São Paulo*, ao noticiar a guerrilha. Mas a censura logo trata de proibir o assunto. Por outro lado, o jornal alternativo *O Araguaia*, editado no Rio de Janeiro, entre os anos de 1973 e 1974, consegue permanecer por um tempo maior noticiando o movimento da guerrilha. Embora com a vida um pouco mais longa, o jornal mimeografado contendo, em média, 15 páginas, não alcança grande público, circulando mais entre seus pares. Por parte do governo, a guerrilha é mencionada uma única vez, em 1975, quando o Presidente Ernesto Geisel cita-a na mensagem em que envia ao Congresso, em um “capítulo” que apresenta “o esforço oficial para conter a subversão”.<sup>558</sup>

Para o final do ano de 1975, após o Exército decretar oficialmente por encerrada a guerrilha, algumas informações são veiculadas pela imprensa, como, por exemplo, no *Coojornal*, de Porto Alegre; no *Movimento* e na *Isto É*, de São Paulo.<sup>559</sup> Entretanto, as primeiras aparições, com uma discussão mais cuidadosa do tema veem com as publicações da Alfa-Omega: a revista que acabamos de analisar, *A Guerrilha do Araguaia*, de 1978; e o livro *Diário da Guerrilha do Araguaia*, de 1979, organizado por Clóvis Moura. Concordamos com o historiador Silva ao caracterizar a revista da Alfa-Omega, em plena década de 1970, como uma espécie de documento, visto que, o movimento, até aquele momento, “dispunha de poucos registros escritos”.<sup>560</sup> O livro organizado por Moura também é uma referência importante por trazer “um documento oficial elaborado pela direção das Forças Guerrilheiras do Araguaia”, uma espécie de “balanço do movimento”, desde o momento em que os

<sup>556</sup> SALES, Jean Rodrigues. Entre o Fechamento e a Abertura: a trajetória do PCdoB da Guerrilha do Araguaia à Nova República (1974-1985). In: *História – São Paulo*, São Paulo, vol. 26, n. 2, pp. 340-365, 2007. Disponível na Internet via: <https://www.scielo.br/j/his/a/Nt5W8jPS8mttCCZsTwrLZPH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 06/06/2021.

<sup>557</sup> MECHI, Patrícia Sposito; JUSTAMAND, Michel. Arqueologia em Contextos de Repressão e Resistência: a guerrilha do araguaia. In: *Revista de Arqueologia Pública*. Campinas, n. 10, pp. 108-120, dez. 2014. Disponível na internet via: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8635642>. Acesso em: 23/04/2022.

<sup>558</sup> DÓRIA, Palmério, op. cit., p. 04.

<sup>559</sup> MARTINS, José de Souza. Apresentação. In: DÓRIA, Palmério, op. cit., p. 07.

<sup>560</sup> SILVA, Wellington Sampaio da., op.cit., p. 34.

primeiros guerrilheiros chegam à região do Araguaia, até o sufocamento do episódio.<sup>561</sup> Ainda no ano de 1979, algumas reportagens do jornalista Fernando Portela são publicadas no *Jornal da Tarde*. Essas reportagens, contendo um pouco da violência sofrida pelos militantes, são publicadas em forma de livro pela Global Editora, ainda no mesmo ano, com o título *Guerra de Guerrilhas no Brasil*. O trabalho de Portela é bastante cuidadoso, pois autor narra a história a partir de vários documentos consultados, como, por exemplo, testemunhos, processos, periódicos do exterior e visitas a presídios.

Assim como *A Guerrilha do Araguaia*, o volume *A Greve na Voz dos Trabalhadores* também é pioneiro por se tratar de uma obra construída ainda no desenrolar do seu acontecimento. Para sermos mais precisos, o dia 12 de maio 1978 é a data emblemática para a classe operária do Brasil, pois é quando os funcionários da Scania, em São Bernardo do Campo, decidem parar as máquinas e protestar contra os baixos salários e as péssimas condições de trabalho.

A greve nasceu de uma decisão espontânea do pessoal do diurno da ferramentaria. O pessoal do noturno estava saindo, quando o turno do dia entrou e não ligou as máquinas. Ninguém começou a trabalhar. Não se ouvia o menor barulho na fábrica. Eram sete horas da manhã do dia 12 de maio. Uma sexta-feira.<sup>562</sup>

É desta forma que Gilson Menezes, operário da SAAB Scania e delegado de base do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, relata o início da greve, movimento este que se expande rapidamente para outras regiões paulistas e do Brasil. Este depoimento de Gilson abre a primeira seção – “A Surpresa” – da revista da Alfa-Omega.

Além de Gilson, vários outros sindicalistas e operários concedem depoimentos para os autores da revista produzida pela Obore<sup>563</sup>. O volume é dedicado ao movimento grevista do ABC paulista, região composta pelas municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, no interior de São Paulo. A revista está dividida em 10 seções intituladas: “A Surpresa”, “Repressão e Medo”, “Solidariedade Internacional”, “A Greve Chega a São Paulo”, “Osasco: dez anos depois”, “Os personagens”, “A Força da Mulher”, “Desorganização e Derrota”, “A Vitória da Resistência” e “A Greve Continua”. Para além

<sup>561</sup> MOURA, Clóvis (ap.). *Diário da Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. VIII.

<sup>562</sup> OBORÉ. *A Greve na Voz dos Trabalhadores*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. 07.

<sup>563</sup> Obore é inaugurado em 1978, em São Paulo, sendo uma empresa de comunicação e políticas públicas sociais. Funciona como uma espécie de cooperativa de jornalistas e artistas com o objetivo de “colaborar com os movimentos sociais e de trabalhadores urbanos na montagem de seus departamentos de imprensa e na produção de jornais, boletins, revistas, campanhas e planejamento de comunicação”. Cf. <https://obore.com/historico>. Acesso em: 26/04/2022.

desses capítulos mais direcionados, a revista conta com “Nota de D. Paulo Evaristo Arns”. “Prefácio” e “Nota dos Editores”.

Segundo o cientista político Eduardo Noronha, os metalúrgicos da região do ABC, no ano de 1978, abrem um ciclo de greves “sem precedentes na história dos conflitos brasileiros”, tendo como característica marcante a “incorporação crescente de categorias ou segmentos de trabalhadores que jamais haviam experimentado o confronto direto”.<sup>564</sup> Esse evento, na visão do professor e sociólogo Marco Aurélio Santana, causa “impactos sentidos em variadas esferas da vida nacional”, afinal, a greve de 1978 e, depois, as de 1979 e 1980, estão inseridas no contexto ditatorial, o que contribui para desconstruir os mecanismos de “ação do regime para o mundo do trabalho”.<sup>565</sup>

De acordo com Noronha, é possível observar pelo menos três fases deste conflito, sendo o primeiro entre os anos de 1964 e 1977; o segundo entre os anos de 1978 e 1984; e o terceiro, entre os anos de 1985 e 1989. No primeiro período, marcado pelo golpe militar de 1964, os sindicalistas são excluídos do cenário político através de uma lei criada – Lei nº 4.725 – em 1965 com o objetivo inibir qualquer discussão acerca de questões salariais com os sindicatos. Assim, empresas ajustam os salários diretamente com o governo, sem qualquer tipo de interferência, e os sindicatos acabam se tornando simplesmente uma espécie prestador de serviços médicos e jurídicos.<sup>566</sup> Com lembra o cientista político Armando Boito Jr, há nesta época, até mesmo, um “estatuto padrão” com regras arbitrárias para regulamentar os sindicatos, ou seja, segundo Boito Jr, os “sindicalistas estavam legalmente subordinados à política econômica da ditadura militar”.<sup>567</sup> Essa situação é bastante confortável para o patronato que se beneficia da falta de liberdade política para controlar a força do trabalho no país.<sup>568</sup>

Isso não significa que alguns trabalhadores e sindicalistas tenham ficado calados ao longo desses anos. O trabalho é feito, de acordo com Santana, de forma pequena e silenciosa, no “chão da fábrica”.<sup>569</sup> Tal esforço dos trabalhadores ganha maior projeção entre os anos de 1974 e 1977. Em 1974, ocorre o I Congresso de Metalúrgicos de São Bernardo do Campo,

<sup>564</sup> NORONHA, Eduardo. A Explosão das Greves na Década de 80. In: BOITO, Armando (org.). *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 95.

<sup>565</sup> SANTANA, Marco Aurélio. Classe Trabalhadora, Confronto Político e Democracia: o ciclo de greves e os desafios do sindicalismo atual. In: *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 104, pp. 19-65, 2018. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/j/ln/a/f77DLNRZ6wnwtgcsfpnyFMr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29/04/2022.

<sup>566</sup> NORONHA, Eduardo, op. cit., p. 102.

<sup>567</sup> BOITO, Armando. Reforma e Persistência da Estrutura Sindical. In: BOITO, Armando (org.). *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 46-47.

<sup>568</sup> SANTANA, Marco Aurélio, op. cit..

<sup>569</sup> Idem.

sob a liderança de Paulo Vidal, que define os rumos do sindicato e as questões a serem discutidas entre os trabalhadores.<sup>570</sup> Ainda no mesmo ano, é iniciada uma Campanha Salarial, que defende aumento salarial justo e procura demonstrar para o trabalhador o quanto a empresa ganha com sua a força de trabalho. Algum tempo depois, outro movimento reforça a atuação dos sindicatos em prol do trabalhador, através da Campanha Salarial de 1977. Nesta campanha, sob a liderança de Luiz Inácio Lula da Silva no cargo de presidente do sindicato, a ideia é continuar defendendo as mesmas questões de 1974. Entretanto, agora, o sindicato se apresenta mais consciente das possíveis amarras e negativas, principalmente da Justiça do Trabalho, sempre apoiando a política salarial defendida pelo governo.<sup>571</sup>

No segundo período defendido por Noronha, e também analisado pelo historiador Elder Procopio Venuto, ocorre uma mudança importante na função dos sindicatos, que voltam a defender a classe trabalhadora, e fazem da greve um símbolo de “reconquista da cidadania política”.<sup>572</sup> É sobre o início deste período que a revista *A Greve na Voz dos Trabalhadores* se debruça trazendo, através de diversos depoimentos, a realidade dentro das fábricas. Mas antes de avançar nos detalhes dessa revista, vale mencionar que o terceiro e último período salientado por Noronha, é marcado pela reação dos empresários e do governo diante das greves e protestos, levando a derrotas e demissões de muitos grevistas.<sup>573</sup>

Voltando a questão do ciclo de greves de 1978, tema da revista da Alfa-Omega, o sociólogo Iram Jácome Rodrigues destaca uma característica importante sobre o movimento: a “greve por fábrica”.<sup>574</sup> Isso significa que o processo começa aos poucos, por empresa, e vai se alastrando para outros lugares. Tal afirmação pode ser observada na estrutura da revista, onde cada seção é dedicada a uma empresa, dentre elas: a Scania, a Pirelli, a Constanta, a Ford e a GE. Ou seja, os autores da Oboré observam a evolução das greves, acompanhando empresa por empresa.

Além disso, uma outra característica salientada por Rodrigues e que também está presente na revista da Alfa-Omega é o “trabalho ‘miúdo’”, realizado no “interior das fábricas”. Na visão de Santana, já destacado neste item, um trabalho no “chão de fábrica”.<sup>575</sup> Essa

<sup>570</sup> SANTANA, Marco Aurélio, op. cit..

<sup>571</sup> VENUTO, Elder Procopio. *“Agora é Nossa Vez”*: cultura política do operariado urbano na formação do Partido dos Trabalhadores. Dissertação de Mestrado em História. Franca-SP: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2017. p. 55 e 76.

<sup>572</sup> NORONHA, Eduardo. A Explosão das Greves na Década de 80. In: BOITO, Armando (org.). *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 103.

<sup>573</sup> Idem. p. 105.

<sup>574</sup> RODRIGUES, Iram Jácome. As Comissões de Empresa e o Movimento Sindical. In: BOITO, Armando (org.). *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 148.

<sup>575</sup> SANTANA, Marco Aurélio, op. cit..

prática, nem sempre fácil, é fundamental para o sucesso do movimento. Em depoimento para a seção “Derrubando o Arrocho”, Euzébio Silva, operário da Pirelli e Delegado de base do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, destaca o papel dos companheiros. Segundo ele, os “trabalhadores com maior clareza dentro da Pirelli” se organizam para mobilizar e levar posições do sindicato para os outros colegas dentro da empresa. No depoimento para a seção “Na Hora Certa”, Estevaldo Santiago de Araújo, operário da Constanta e Delegado de base do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, deixa evidente esse “trabalho miúdo” ao afirmar que a mobilização acontece até mesmo dentro dos banheiros:

“A organização não foi tão grande como devia. Teve muito furo, mas no geral até que foi positiva. De qualquer jeito, a coisa estava esquentando bastante e, para comprovar isso, bastava entrar no banheiro e ver os cartazes que os companheiros colocavam nas portas. Era um tal de aparecer recorte de jornal falando de greve e cartazes dizendo ‘Nós Vamos Parar!’”.<sup>576</sup>

É através desse “trabalho miúdo”, de empresa por empresa, que a mobilização ganha força e forma na região. Extima-se que no ABC paulista cerca de quarenta e uma empresas entram em greve no ano de 1978.<sup>577</sup> Mas isso não significa que as reivindicações tenham sido atendidas imediatamente e de forma satisfatória. Sobre isso, os autores da Oboré procuram analisar com atenção. Ainda de acordo com o depoimento de Araújo, os trabalhadores são intimidados pelo diretor, que ordena a volta dos grevistas ao trabalho imediatamente. A ameaça causa certo desconforto em alguns setores que, logo, voltam ao serviço. Araújo ainda frisa uma frase expressada pelo diretor: “se vocês têm amor à vida, voltem ao trabalho”.<sup>578</sup>

Gilson Menezes, da Scania, também relata sobre as intimidações. A reivindicação de um aumento de 20%, não é atendida pela empresa, que concede apenas 6,5%. Isso causa descontentamento entre os trabalhadores, mas diante das ameaças da chefia, acabam voltando ao trabalho:

Mas, debaixo de ameaça, alguns setores voltaram a trabalhar. Então, pareceu que todo mundo tinha aceito os 6,5%, menos ferramenteiros e chassis. A chefia quis jogar o trabalhador contra o Sindicato (...). O pessoal ficou meio desnorreado. Do jeito que a Scania foi pega de surpresa pela greve, ela agora queria inventar e devolver uma surpresa para o trabalhador, dizendo que o Sindicato não está lá. Falaram também que iriam chamar o DOPS.<sup>579</sup>

<sup>576</sup> OBORÉ, op. cit., p. 16.

<sup>577</sup> MOURA, Alessandro de. Movimento Operário do ABC Paulista (1978-2010): contestação, intermediação e colaboracionismo. In: *Aurora*, São Paulo, vol. 03, n. 02, pp. 36-58, agosto, 2010. Disponível na internet via: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/1230>. Acesso em: 27/04/2022.

<sup>578</sup> OBORÉ, op. cit., p. 17.

<sup>579</sup> Idem. p. 09-10.

Percebe-se na fala do sindicalista que além da pressão da chefia, existe também uma ameaça baseada na repressão militar, ao sugerir a vinda do DOPS para resolver as questões com os grevistas. Santana afirma que esse tipo de prática é muito comum neste início das greves no ABC paulista, pois continua “servindo como limitador” para as “ações operárias”. Desse modo, o medo com “represálias do patronato” e com a própria ditadura é uma presença constante entre sindicalistas e trabalhadores.<sup>580</sup>

O fato é que as greves ultrapassam os limites territoriais brasileiros, sendo reconhecidas internacionalmente. A revista da Alfa-Omega traz uma seção intitulada “Solidariedade Internacional” para demonstrar o quanto o movimento brasileiro é importante e repercute até mesmo no exterior. Um exemplo, destacado pelos autores da Oboré, é sobre a Scania. Três dias após a fábrica brasileira entrar em greve, Jan Olson, secretário da Federação Metalúrgica Sueca, faz contato, por telefone, com Severino Alves da Silva, secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Neste telefonema, o secretário sueco demonstra apoio aos grevistas brasileiros e promete também parar a fábrica sueca caso as reivindicações não sejam atendidas por aqui. Outro exemplo presente na seção da revista é o telefonema da *United Auto Workers*, sindicato industrial norte-americano, para Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Neste contato, o sindicato norte-americano informa sobre a mensagem enviada a Joseph O’Neill, presidente da Ford do Brasil, em que solicita solucionar as reivindicações dos grevistas.<sup>581</sup>

Por falar em Luiz Inácio Lula da Silva, ele já é uma liderança importante neste momento. Seu ingresso como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema acontece no ano de 1975, exercendo a função por dois mandatos, até o ano de 1981.<sup>582</sup> Em entrevista para os autores da Oboré, na seção “Os Personagens”, Lula afirma que o “arrocho salarial” faz com que os trabalhadores percebam, de fato, a importância da sua força de trabalho. Em outras palavras, o sindicalista salienta que negar a força de trabalho é a “única forma que os operários” têm “para recuperar o padrão salarial, ou melhor, para entrar no caminho da sua recuperação”. Lula vê ainda o processo de greve como algo além de reivindicações salariais. Para ele, a luta que acontece na região do ABC é por salário, mas traz

---

<sup>580</sup> SANTANA, Marco Aurélio, op. cit..

<sup>581</sup> OBORÉ, op. cit., p. 33-34.

<sup>582</sup> VENUTO, Elder Procopio, op. cit., p. 41 e 43.

uma consciência, principalmente em relação a “capacidade de luta do trabalhador brasileiro”.<sup>583</sup>

Ainda na mesma seção, “Os Personagens”, os autores trazem depoimentos de mais dois sindicalistas: Miguel Galhardo, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fumo de São Paulo; e Joaquim dos Santos Andrade, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Esses são chamados de “pelegos”, uma expressão utilizada para definir aqueles sindicalistas que se dizem defensores dos trabalhadores, mas que abacam defendendo o lado do governo.

Miguel Galhardo não vê sua atuação dessa forma. Ao observar as greves do ABC paulista, decide solicitar a Souza Cruz um aumento de 10% para os trabalhadores, aumento esse acatado pela empresa, mas não suficiente para impedir uma greve. Muitos o consideram um “pelego” por ter atuado pouco nas reivindicações dos 25% de aumento sugerido pelos grevistas. Questionado pelos autores da revista da Alfa-Omega sobre ser um “pelego”, o depoente afirma: “se ser pelego é lutar como eu luto, e aqui na entrevista já demonstrei, pelo trabalhador, podem me chamar de pelego”.<sup>584</sup>

O outro depoente, Joaquim dos Santos Andrade, acredita que contribui de forma satisfatória com o Sindicato, fazendo um trabalho importante de conscientização junto aos trabalhadores, que passam a entender que sua força de trabalho só faz enriquecer as grandes multinacionais. E esse trabalho de conscientização, segundo ele, não é fácil, sendo necessário praticar todos os dias, ao longo dos anos, para “consolidar o pensamento” da classe trabalhadora. Sobre ser um pelego, o depoente afirma que não há em seu movimento qualquer interferência externa, embora isso seja falado pela imprensa da época. A vitória de sua chapa pode contribuir para mostrar que não é um pelego, 25 mil votos contra 7 mil da oposição.<sup>585</sup>

Independente dos julgamentos oferecidos aos sindicalistas, o que fica evidente em seus depoimentos e também em toda a revista é a importância do movimento de conscientização da classe trabalhadora. Em todas as empresas, enfatizadas pelos autores da Oboré, aparece esse trabalho de conscientização, como visto ao longo deste item, feito no “chão da fábrica”, quase sempre de forma “miúda”. O resultado de tudo isso é que as greves são “suficientemente fortes e eloquentes para permitir aos dirigentes sindicais reafirmarem a legalidade de participação dos trabalhadores na vida política”.<sup>586</sup> Para além disso, serve de estímulo para outros movimentos grevistas, como aqueles que acontecem entre anos de 1979 e 1980,

---

<sup>583</sup> OBORÉ, op. cit., 1979. p. 56.

<sup>584</sup> Idem. p. 59-60.

<sup>585</sup> Idem. p. 59-61.

<sup>586</sup> Idem. p. 78.

também na região do ABC paulista. Em março de 1979, “mais de 50 mil trabalhadores (as) metalúrgicos (as) decidiram paralisar o trabalho”, reivindicando “reajuste salarial”, “garantia de emprego” e também “a implantação de delegados sindicais no interior das empresas”. Já em abril de 1980, a “garantia do emprego” e a “redução da jornada de trabalho para 40 horas, sem redução salarial”, estão na pauta dos grevistas.<sup>587</sup>

No encerramento da revista, a seção “E a Greve Continua”, os autores comprovam essa evidência de conscientização quando afirmam que a greve da Scania serve de referência para tantos outros movimentos que ocorrem tanto na região do ABC paulista quanto nas demais regiões paulistas e do Brasil. De São Bernardo do Campo e Diadema, a greve se expande para Santo André, Mauá, Ribeirão Pires, São Caetano do Sul, Osasco, Jandira, Cotia, Taboão da Serra, Embu, São Paulo, Guarulhos, chegando rapidamente no interior – Campinas, Piracicaba, Sorocaba, Jundiaí e Itu – e também em outros estados, como, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco.

Como mencionando neste item, a revista *A Greve na Voz dos Trabalhadores* é produzida no calor de hora. Nem os atores envolvidos nos atos iniciados em maio de 1978, nem mesmo os autores da Oboré sabem das consequências desses movimentos para os anos de 1979 e 1980. O fato é que o alcance é grande, e não somente cria uma consciência de força política, como também marca a inauguração do Partido dos Trabalhadores (PT), em 1980; da Central Única dos Trabalhadores, em 1983; e dos Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em 1984.<sup>588</sup>

Assim como concordamos com Silva ao considerar a revista *A Guerrilha do Araguaia* um documento em seu tempo – visto que, até aquele momento, apenas algumas escassas notícias são veiculadas pela imprensa – também trazemos essa mesma consideração para a revista *A Greve na Voz dos Trabalhadores* sendo, portanto, um documento bastante original em seu tempo, produzido na calor dos acontecimentos. Tanto a revista sobre a Guerrilha do Araguaia quanto esta sobre as greves de 1978, são trabalhos inéditos, e que também trazem explícito o perfil da própria editora, que é levar e discutir com o grande público as questões político-sociais do país.

---

<sup>587</sup> SANTANA, Marco Aurélio, op. cit..

<sup>588</sup> MOURA, Alessandro de, op. cit..

#### 4.7 O Término da Coleção

Após o revista sobre a greve na região do ABC paulista, a editora lança o terceiro volume, *Araceli – corrupção em sociedade*; de Carlos Alberto Luppi. A revista retrata a história de Araceli Cabrera Sanchez, de oito anos, que é “raptada no dia 18 de maio de 1973, seviciada, drogada, espancada, assassinada e imersa em ácido nos dias seguintes, e cujo corpo apareceu jogado num matagal atrás do Hospital Infantil”, em Vitória-ES. Esse caso bárbaro, que choca a capital capixada e todo o Brasil, traz à tona várias outras questões que envolvem “tóxicos, desagregação familiar, tara sexual, impunidade, tráfico de influência, acobertamento da verdade, pressões, ameaças, corrupção, interesse político e sobretudo medo, muito medo”.<sup>589</sup> O trabalho construído por Luppi enfatiza elementos do processo criminal, como, por exemplo, as duas versões existentes sobre o caso: a do promotor da Justiça de Vitória, Wolmar Bermudes; e a dos peritos Carlos de Melo Éboli e Asdrúbal de Lima Cabral. Versões que o autor procura demonstrar como complementares, trazendo coincidências sobre os acusados do crime.<sup>590</sup> Mesmo com tantas evidências no caso, os acusados são absolvidos e o processo arquivado. Recentente, em homenagem a menina, é criada no dia 17 de maio de 2000, a lei nº 9.970 que “institui o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes”<sup>591</sup>, uma data destinada a lembrar da impunidade do assassinato de Araceli, assim como, para discutir com a sociedade o tema da violência sexual no país.

Em seguida ao volume sobre a menina Araceli, a editora Alfa-Omega lança *D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo*, sendo este o quarto volume da coleção História Imediata. A revista traz a história do cardeal de São Paulo, D. Paulo Evaristo, através de uma narração biográfica, com elementos da sua infância até sua atuação como religioso e defensor dos direitos humanos durante a ditadura militar. Paulo Evaristo nasce em Forquilha, lugarejo localizado no município de Criciúma, em Santa Catarina.<sup>592</sup>

<sup>589</sup> LUPPI, Carlos Alberto. *Araceli – Corrupção em Sociedade*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979, p. 05 e 17.

<sup>590</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>591</sup> BRASIL. Lei nº 9.970, de 17 de maio de 2000. Institui o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Brasília, DF, 17 de maio de 2000. Disponível na internet via:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19970.htm#:~:text=L9970&text=LEI%20No%209.970%2C%20DE%2017%20DE%20MAIO%20DE%202000.&text=Institui%20o%20dia%2018%20de%20de%20Sexual%20de%20Crian%20C3%20A7as%20e%20Adolescentes](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19970.htm#:~:text=L9970&text=LEI%20No%209.970%2C%20DE%2017%20DE%20MAIO%20DE%202000.&text=Institui%20o%20dia%2018%20de%20de%20Sexual%20de%20Crian%20C3%20A7as%20e%20Adolescentes). Acesso em: 30/04/2022.

<sup>592</sup> BITTENCOURT, Getúlio; MARKUM, Paulo Sérgio. *D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. 13.

Ainda criança, Paulo Evaristo muda-se para o Paraná. É no novo estado que ingressa na vida religiosa, frequentando o Seminário Menor no Paraná e o Seminário Maior, de Filosofia, em Curitiba. Logo em seguida, ingressa no curso de Teologia em Petrópolis, no Instituto dos Franciscanos, tornando-se sacerdote em 1947. Ainda no mesmo ano, segue para França para estudar Letras em Sorbonne. No ano de 1970, torna-se arcebispo e, três anos depois, em 1973, ocupa o cargo de cardeal.<sup>593</sup>

Sua atuação religiosa é marcada pela atenção dada aos presos políticos. No ano de 1973, por exemplo, “indignado com as repetidas violações dos direitos humanos e o desrespeito à integridade de presos políticos”, o cardeal decide realizar uma semana dedicada aos Direitos Humanos. Neste evento, são produzidos “150 mil folhetos com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, da Organização das Nações Unidas”. Ainda como parte do evento, o cardeal utiliza a rádio Nove de Julho, de responsabilidade da Cúria Metropolitana, para palestrar sobre o tema. O resultado é cassação da licença da rádio pelo Governo Federal, provocando grande reação, na época, da sociedade católica e também de importantes nomes da sociedade civil, porém, sem sucesso de reversão do caso junto ao Governo Federal.<sup>594</sup>

Na sequência, o último volume da coleção é mais um produzido no calor da hora. *A Volta da UNE – De Ibiúna a Salvador*, de Luiz Henrique Romagnoli e Tânia Gonçalves, é construído através de depoimentos, consultas à documentos e pesquisas de campo, para retratar história do retorno das atividades da União Nacional dos Estudantes, uma entidade estudantil criada em 1937 e extinta após o golpe de 1964.<sup>595</sup>

Após a extinção, a UNE é obrigada a viver na clandestinidade. Neste momento mais duro, os estudantes não esmorecem e continuam acreditando que a organização coletiva é a melhor forma para manifestar a sua luta. Nos anos vindouros, o cenário político marcado pelo governo Geisel, a situação começa a ficar mais amena e as instituições estudantis voltam a se reorganizar, como, os Centros Acadêmicos e os Diretórios Centrais de Estudantes. Segundo a historiadora, Angélica Müller, no ano de 1976, acontecem dois Encontros Nacionais de Estudantes, organizado pelo Diretório Central de Estudantes da USP, iniciando a volta dos movimentos organizados por estudantes no Brasil. Embora o alcance se limite a região de São Paulo, fica claro nesses encontros a necessidade do retorno da UNE.<sup>596</sup>

---

<sup>593</sup> BITTENCOURT, Getúlio; MARKUM, Paulo Sérgio, op. cit., p. 15.

<sup>594</sup> Idem. p. 20-21.

<sup>595</sup> ROMAGNOLI, Luiz Henrique; GONÇALVES, Tânia. *A Volta da UNE – De Ibiúna a Salvador*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

<sup>596</sup> MÜLLER, Angélica. No Caminho à Democracia: o processo de reconstrução da União Nacional dos Estudantes. In: *Dimensões*, Vitória, n. 32, pp. 128-147, 2014. Disponível na internet via: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/8372>. Acesso em: 01/05/2022.

Os anos seguintes são de tentativa para fortalecer ainda mais o movimento estudantil. O terceiro encontro, marcado para acontecer em Belo Horizonte, não é realizado. O governo, sabendo do evento, se prepara para impedir a realização do mesmo, prendendo estudantes que chegam a capital mineira. Uma nova tentativa é feita em São Paulo, onde o evento também é frustrado pelo impedimento das forças policiais. Percebendo a falta de trégua das forças policiais, uma assembleia ocorre na PUC, com a presença de delegados de diversos estados, que definem a formação de uma comissão Pró-UNE.<sup>597</sup>

No quarto congresso, realizado na FAU/USP, em 1978, a situação é um pouco melhor, pois as forças do governo estão envolvidas com as greves dos operários do ABC paulista e, com isso, o encontro acontece de forma mais aberta, sem grandes interferências. Neste encontro, fica definida a reestruturação da UNE, e o local para a realização do evento do retorno da mesma, sendo Salvador-BA, a cidade escolhida.<sup>598</sup>

O Centro de Convenções da Bahia, certamente não poderia ser qualificado com o local ideal para o Congresso. Longe do centro da cidade e de difícil acesso para quem não dispõe de carro particular, problema apenas parcialmente resolvido pelos ônibus que o governador colocou à disposição dos estudantes, o local apresentava problemas de acústica, o que dificultou a discussão.<sup>599</sup>

Mesmo com os problemas apresentados pelos jornalistas Romagnoli e Gonçalves, o evento acontece no Centro de Convenções, entre os dias 29 e 30 de maio, com a participação de inúmeros políticos, líderes camponeses, e os quase 10 mil estudantes que compareceram ao evento, evidenciando, segundo Müller, “a importância da reconstrução da entidade para a luta pela redemocratização do país”.<sup>600</sup>

Como visto, a coleção História Imediata é publicada em um momento extremamente importante na história do Brasil. Ainda é uma fase marcada pela ditadura civil-militar, onde os órgãos de censura e repressão continuam desempenhando suas funções. Os intelectuais envolvidos nesse clima de sufocamento, buscam registrar esse momento, e trazer para o conhecimento do grande público temas e fatos silenciados, como esses apresentados pela coleção. Os cinco volumes permitem não apenas informar a população, como também, chamar a sociedade para refletir e debater sobre os assuntos em que o governo teima em esconder, ou mesmo, ignorar.

---

<sup>597</sup> MÜLLER, Angélica, op. cit..

<sup>598</sup> Idem.

<sup>599</sup> ROMAGNOLI, Luiz Henrique; GONÇALVES, Tânia, op. cit., p. 39.

<sup>600</sup> MÜLLER, Angélica, op. cit..

Embora com uma importante função política e social, a coleção História Imediata tem o seu encerramento em 1979. Fernando Mangarielo associa o término a uma “espécie de censura”. Quem faz a distribuição dos exemplares para as bancas é a editora Abril. Sobre o último volume, *A Volta da UNE*, Fernando Mangarielo se recorda que a mesma não coloca a venda mais do que oito mil exemplares dos vinte e cinco mil que são encaminhados para ela. Neste caso, a Alfa-Omega fica com o prejuízo dos exemplares encalhados e, assim, o editor decide não mais continuar investindo no material. Como ele mesmo afirma: “(...) não fiz mais, porque não tinha outra distribuidora, era só a Abril na época. Eu estava nas mãos deles”.<sup>601</sup>

O desfecho da coleção História Imediata não faz com que os editores desistam por completo deste formato de material. Alguns anos depois, em 1984, a Alfa-Omega publica uma nova coleção de revistas com o título de *Socialismo & Democracia*. Esta revista alcança maior longevidade em relação à coleção História Imediata. Ao todo, treze volumes são lançados até o ano de 1988.

A revista – com a direção de Jacob Bazarian, filósofo e amigo de Fernando Mangarielo – tem o objetivo de tratar de “debates políticos e ideológicos”, ou seja, colocar em pauta essa nova conjuntura dos anos de 1980.<sup>602</sup> Ao noticiar a publicação do volume 4, em 4 de fevereiro de 1985, o *Jornal de Caxias* assim descreve o perfil da nova revista: “*Socialismo & Democracia* é uma publicação independente e pluralista, aberta a todas correntes de pensamento que lutam pelo socialismo.”<sup>603</sup>

---

<sup>601</sup> Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo aos autores Maués, Nery e Reimão entre os dias 15 de maio e 19 de junho de 2013 apud MAUÉS, Flamarion. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega..., op. cit.

<sup>602</sup> MAUÉS, Flamarion. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega..., op. cit..

<sup>603</sup> S/A. “Socialismo & Democracia”: um projeto editorial que amadurece com segurança. In: *Jornal de Caxias*. Caxias do Sul, 04 de fevereiro de 1985. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882470&pesq=revista%20Socialismo%20e%20democracia%20da%20alfa%20omega&pasta=ano%20198&pagfis=19770>. Acesso em: 14/01/2021.

## CONCLUSÃO

“Editora Alfa-Omega: desde 1973 publicando o pensamento crítico brasileiro”.

*Catálogo de 2021*<sup>604</sup>

A epígrafe que abre este item encontra-se no catálogo de 2021<sup>605</sup>. Neste catálogo, encontram-se duzentos e oito títulos. Diferente do catálogo de 1984, em que os títulos estão divididos por seções, neste, os editores optam por apresentar os títulos por ordem alfabética. Ainda como diferencial, estão as áreas de interesse da editora, apresentadas logo na primeira página: “História; Sociologia; Política; Filosofia; Economia; Clássicos do Marxismo; Pluralismo Jurídico; Literatura Brasileira; Literatura Estrangeira”.<sup>606</sup>

O autor de maior destaque neste catálogo é o jornalista carioca Ivan Godoy, com sete títulos. São eles: *Argélia – 50 Anos de Independência*; *Argélia – Tradição e Modernidade*; *Argélia – Tradición y Modernidad*; *Bulgária – Autogestão e Socialismo*; *Glanost e Petistroika – A Era Gorbachov*; *Polônia*; *O Socialismo na Terra de Marx: RDA hoje*.

Godoy tem uma trajetória profissional ampla, trabalhando “em emissoras de rádio, jornais e agências de notícias”.<sup>607</sup> Hoje é colaborador da Rádio Senado. O livro *Argélia – Tradição e Modernidade*, é fruto de várias pesquisas e viagens do jornalista ao país árabe. Segundo o autor, o resultado do seu trabalho não fica restrito as esferas política e econômica, trazendo também percepções do cotidiano, como, a culinária e o desenvolvimento educacional, que é uma referência no país. Ainda de acordo com o autor, a obra é “diversificada” e “sem preconceitos”, destinada a todos que tenham interesse na história dos argelinos.<sup>608</sup>

Jacob Bazarian e Leôncio Basbaum também aparecem com um número expressivo de publicação. Cada um marca cinco títulos no catálogo. De Bazarian, os títulos são: *Introdução à Sociologia – As Bases Materiais da Sociedade*; *Intuição Heurística: uma análise científica da intuição criadora*; *Por que Nós, os Brasileiros, Somos Assim?*; *Por uma Sociedade Melhor – Para Onde Marcha a Humanidade*; e *O Problema da Verdade – Teoria da Conhecimento*. De

<sup>604</sup> Cf. Site: <https://alfaomega.com.br/>. Acesso em: 26/09/2021.

<sup>605</sup> O catálogo de 2021 pode ser conferido na íntegra no Anexo C.

<sup>606</sup> Catálogo de 2021. Disponível na internet via: <https://alfaomega.com.br/>. Acesso em: 26/07/2021.

<sup>607</sup> Cf. Site: <https://alfaomega.com.br/>. Acesso em: 26/09/2021.

<sup>608</sup> Idem.

Basbaum, os títulos são: *História Sincera da República (Vol. 1): das origens a 1888*; *História Sincera da República (Vol. 2): de 1889 a 1930*; *História Sincera da República (Vol. 3): de 1930 a 1960*; *História Sincera da República (Vol. 4): de 1961 a 1967*; e *Uma Vida em Seis Tempos*.

No catálogo de 1984, ambos autores aparecem também com uma marca expressiva. Bazarian tem, naquele ano, três livros: *Introdução à Sociologia – As Bases Materiais da Sociedade*; *Intuição Heurística: uma análise científica da intuição criadora*; e *O Problema da Verdade – Teoria da Conhecimento*. Já Basbaum tem os mesmos cinco livros encontrados no catálogo de 2021.

Ainda neste catálogo recente, vale destacar as obras marxistas. Elas continuam fazendo parte do cardápio da Alfa-Omega. De Marx e Engels, *Obras Escolhidas*, em três volumes. De Lenine, *Obras Escolhidas*, em três volumes. De Mao Tsé Tung, *Obras Escolhidas*, em cinco volumes. Mao Tsé Tung, no catálogo de 1984, aparece apenas com dois volumes, o terceiro e o quarto. Agora, em 2021, seu pensamento pode ser conferido na íntegra, desde o primeiro volume.

O catálogo de 2021 reforça a ideia apresentada nesta tese de que a Alfa-Omega é uma editora de oposição, fortemente voltado para temas políticos e com um perfil nitidamente marxista. Como constatamos, é um perfil que não muda ao longo dos anos, mesmo diante da adversidade política e econômica do Brasil, principalmente durante o endurecimento da repressão do regime militar.

A tese tem como ponto de partida o debate histográfico sobre os estudos dedicados a temática editorial. Não são muitos os estudos, o que prova ser um campo ainda carente e merecedor de uma atenção maior dos pesquisadores. O que é possível avaliar nesta breve análise é a forte preferência pela investigação de editoras de esquerda, com um papel político importante na reflexão crítica da sociedade brasileira. Muitas dessas editoras são perseguidas ou mal vistas pelos órgãos repressivos do governo por possuírem em seus catálogos livros considerados impróprios, autores de oposição ou pelo fato de seus próprios editores possuírem algum tipo de engajamento político, portanto, alvos de constantes ameaças. Na avaliação final deste debate, verifica-se a falta de um estudo detalhado sobre a editora Alfa-Omega, que também é uma casa de oposição e responsável por publicações críticas ao sistema político conservador.

Sendo assim, o primeiro esforço é conhecer os jovens, Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo, os responsáveis por dar vida a Alfa-Omega. Ele, aos dezoito anos de idade sai de Recife para trabalhar e estudar na capital paulista. Sem o traquejo para o

negócio da família, logo percebe que o seu lugar é dentro do mundo dos livros. A experiência adquirida na Banca da Cultura do CRUSP, assim como, a vida de estudante na USP, faz com que o jovem Fernando perceba, ainda nos primeiros anos morando na capital paulista, a sua real vocação. Ela, Claudete, professora primária de formação e bancária na capital paulista, não imagina que o encontro com o jovem Fernando faça com que o rumo de sua vida pessoal e profissional ganhe um novo caminho, neste caso, o de esposa de Fernando e o de sócia da editora Alfa-Omega.

A Alfa-Omega nasce em 1973, aproximadamente dois anos após o primeiro encontro entre os jovens Fernando e Claudete. A empresa, sediada no pequeno apartamento do casal, lança *A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos*, de Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, como a sua primeira publicação. Em aproximadamente uma década a Alfa-Omega alcança o seu lugar ao sol, ficando próxima às editoras já renomadas do mercado. Com um catálogo bastante rico e promissor, a editora supera a marca de cento e quarenta títulos em onze anos de atividades. Títulos esses que são agrupados em quinze seções no catálogo de 1984, sendo a seção intitulada “História” a mais expressiva, contemplando trinta e três títulos.

Ainda nesta parte do trabalho fica nítida a tendência dos editores em publicar autores nacionais e temas ligados as Ciências Humanas. Essa é uma característica que marca o perfil dos editores e da Alfa-Omega. Ainda sobre o catálogo de 1984, verifica-se a presença de autores preocupados com as questões políticas e sociais que afligem a sociedade brasileira. Em outras palavras, é possível verificar os editores publicando obras com uma contribuição forte para os debates e as reflexões daquele momento.

Identificamos essa marca, de trazer temas atuais e também conceder voz aos autores nacionais, como uma característica de mediação presente nos editores. O leitor ao se deparar com uma publicação da Alfa-Omega, pode ter a certeza de encontrar um material consistente, sobre os diversos aspectos da conjuntura política, econômica e social do Brasil. Como também verificado, esses mesmos leitores passam a ter em mãos não apenas um livro, mas uma espécie de ferramenta de utilidade pública.

Sem querer dar conta de analisar a rica e polêmica produção bibliográfica da editora, alguns títulos são projetados na tese em decorrência da repercussão depois de editados. Isso traz para o nosso estudo uma visão um pouco mais ampla da importância da Alfa-Omega na construção de um pensamento crítico em um momento de censura e repressão política. São livros que marcam a história da editora, como é o caso da obra *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Morais, publicado em 1976. O livro é tão bem aceito e consumido, que se torna o *best-seller* da editora, com mais de cento e cinquenta mil

exemplares vendidos. Além do livro de Morais, outras obras permitem o reconhecimento da editora e dos editores no mercado. São obras polêmicas que ficam na mira dos órgãos repressivos, como é o caso de *4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*, de Álvaro Alves de Faria, publicado em 1973; e *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós, publicado em 1977. Sendo o primeiro considerado impróprio por conter versos que atentam contra a pudica sociedade brasileira, e o segundo por ser considerado subversivo e por fazer apologia ao terrorismo.

O que é curioso observar é que mesmo diante dos olhares apurados da censura, os editores não mudam o perfil ideológico da Alfa-Omega. Mesmo após o polêmico livro de Tapajós e de outros que também são averiguados pelos órgãos repressivos, como é caso de *Não Passarás o Jordão*, de Luiz Fernando Emediato, publicado em 1977; e *A Sangue Quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*, de Hamilton Almeida Filho, publicado em 1978, os editores mantem-se firmes na tarefa de publicar o pensamento crítico, sendo, na nossa concepção, mais uma característica que marca o papel de mediadores dos editores da Alfa-Omega.

O fato é que após a publicação desses livros considerados impróprios pelos órgãos repressivos, e mesmo causando algum tipo de transtorno para os editores, a Alfa-Omega não desiste de levar para os leitores temas considerados tabus. Neste caso, o investimento dos editores também é feito através dos livros de bolso e das revistas – com um preço mais baixo – para levar clássicos e temas silenciados do grande público, como, por exemplo, a coleção de revista intitulada História Imediata. Esta coleção, com o total de cinco volumes, é mais um indício da preocupação dos editores em permitir que um maior número de pessoas ao acesso às informações e ao pensamento crítico.

Sendo reinventada a cada volume e com a proposta de mostrar o outro lado da História, a revista História Imediata chega, no final de 1978, para apresentar temas ocultados pela imprensa como, a Guerrilha do Araguaia, movimento guerrilheiro liderado pelos militantes do PCdoB no norte do país; a greve operária ocorrida na região do ABC paulista; o caso da menina Araceli, brutalmente torturada e assassinada em Vitória; D. Paulo Evaristo Arns, um religioso reconhecido pela defesa dos direitos humanos e pela luta contra a repressão política no Brasil; e ainda a volta da União Nacional dos Estudantes (UNE), após ser dissolvida durante o governo militar.

Como também verificado neste estudo, são revistas que ocupam um lugar bastante particular no catálogo da editora, o de romper com o emudecimento de uma história ocultada por um estado autoritário, que tem a censura como arma política e ideológica para calar a

história. Com capas e textos introdutórios atraentes e funcionais, cada volume é reinventado, resignificando a própria obra. A originalidade desse material jornalístico da Alfa-Omega está em trazer a informação imediata, através da investigação cuidadosa de profissionais experientes.

Gostaríamos de registrar resumidamente, que a ideia de construir um estudo de história editorial parece ter sido alcançada. A trajetória dos editores, assim como, a criação e consolidação da Alfa-Omega – dois temas que norteiam a primeira parte do trabalho – são sistematicamente analisadas e possibilitam entender que lugar esta editora ocupa no mercado de livros na década de 1970. A partir desta análise, conhecemos a importância desta casa e sua contribuição no debate político e social do período marcado pela censura da ditadura civil-militar. Em outras palavras, o trabalho veio não apenas apresentar um esboço biográfico, mas identificar o papel social dos editores como “intelectuais mediadores”<sup>609</sup>, no processo de construção de um pensamento crítico em meio a uma repressão estatal.

Ainda estamos longe de uma análise totalizadora sobre a editora Alfa-Omega. É um tema que necessita de outros estudos. Mas acreditamos que diante das nossas possibilidades acadêmicas e das fontes pesquisadas, demonstramos parte de sua história, e contribuimos com a historiografia no debate que consiste apurar o papel das editoras na construção de um pensamento crítico em um momento duro da repressão política no Brasil.

Por fim, vale lembrar que o Brasil hoje vive um período político bastante delicado: divulgação ampla dos discursos de ódio, defesa da volta da ditadura militar, ataques diversos às instituições democráticas e tantas outras manifestações irresponsáveis. É preciso que editoras como Alfa-Omega, que fazem um belíssimo trabalho de resistência, continuem firmes, alertando a população sobre as atrocidades políticas do país, e levando ao conhecimento de todos os princípios democráticos. É somente através do respeito aos direitos sociais e políticos que conquistaremos uma sociedade mais justa, humana e íntegra.

---

<sup>609</sup> GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (orgs.), op. cit., pp. 07-37.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luís. Carro-Zero e Pau de Arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ANDRADES, Marcelo Ferreira de. *Do Claustro à Universidade: as estratégias editoriais da Editora Vozes na gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro (1964-1986)*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2001.

AQUINO, Maria Aparecida. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência – O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

ARAGÃO, Eloísa. *Censura na Lei e na Marra: como a ditadura quis calar as narrativas sobre suas violências*. São Paulo: Humanistas: FAPESP, 2013.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. A Luta Democrática Contra o Regime Militar na Década de 1970. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O Golpe e a Ditadura Militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. *Editar Livros, Sonho de Livrinhos: os Zahar e o livro no Brasil (1940-1970)*. Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro – RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2018.

BATISTA, Karina Ribeiro. *A Trajetória da Editora Globo e sua Inserção no Campo Literário Brasileiro nas Décadas de 1930 e 1940*. Tese de Doutorado em Teoria da Literatura. Porto Alegre – RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS, 2008.

BOITO, Armando. Reforma e Persistência da Estrutura Sindical. In: BOITO, Armando (org.). *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BORGES, Alex Fernandes. O Historiador como Mediador da Cultura. In: *História em Reflexão*, Dourados, vol. 11, n. 21, pp. 33-46, jul./dez. 2017. Disponível na Internet via: [file:///C:/Users/cliog/Downloads/7333-22002-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/cliog/Downloads/7333-22002-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 14/12/2020.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Uso & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o Editor. Notas para sua História. In: *Em Questão*, Porto Alegre, vol. 11, n. 2, pp. 219-237, julho-dezembro, 2015. Disponível na internet via: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/119/77>. Acesso em: 21/09/2019.

BUFREM, Leilah Santiago. *Editoras Universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática*. São Paulo – SP: EDUSP; Com-Arte; Curitiba – PR: Editora da Universidade/UFPR, 2001.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular – História e Imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

CABRAL, Neyde A. Joppert. *A Recuperação do CRUSP*. São Paulo: USP, 2009. Disponível na internet via: <file:///C:/Users/cliog/OneDrive/Documentos/Tese%20de%20Doutorado/Sobre%20o%20CRUSP.pdf>. Acesso em: 25/08/2019.

CALASSO, Roberto. *A Marca do Editor*. Tradução de Pedro Fonseca. Belo Horizonte, Veneza: Editora Âyiné, 2020.

CAPELATO, Maria Helena. História do Tempo Presente: a grande imprensa como fonte e objeto de estudo. In: NEVES, Lucília de Almeida; Ferreira, Marieta Dias de Moraes (org.). *História do Tempo Presente*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. Maria Antônia – a interrogação sobre um lugar a partir da dor. In: *Tempo Social*. São Paulo, vol. 8, n. 02, pp. 01-10, 1996. Disponível na internet via: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86289/88955>. Acesso em: 24/08/2019.

CARDOSO, Lucileide Costa. Nelson Werneck Sodré: Censura, Repressão e Resistência. In: *Anos 90*, Porto Alegre, vol. 20, n. 37, pp. 237-267, jul. 2013. Disponível na internet via: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/28620/26954>. Acesso em: 09/10/2020.

CARNEIRO, Ana Marília. *Signos da Política, Representações da Subversão: a Divisão da Censura de Diversões Públicas na Ditadura Militar*. Dissertação de Mestrado em História. Belo Horizonte – MG: Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2013.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Ideias Malditas: o DOPS e as minorias silenciadas*. São Paulo: Ateliê; Fapesp, 2002.

CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

CARRIJO, Maicon Vinícius da Silva. *Cientistas Sociais e Historiadores no Mercado Editorial do Brasil: a coleção Estudos Brasileiros da editora Paz e Terra (1974-1987)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2013.

CARVALHO, Lucas Borges de. A Censura Política à Imprensa na Ditadura Militar: fundamento e controvérsias. In: *Revista da Faculdade de Direito*, Curitiba, vol. 59, n. 01, pp. 79-100, 2014. Disponível na internet via: [file:///C:/Users/cliog/Downloads/36349-133768-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/cliog/Downloads/36349-133768-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 21/04/2021.

CASTRO, Ana Caroline. Livros como Prova de Subversão: um processo judicial. In: REIMÃO, Sandra (org.). *Livros e Subversão: seis estudos*. Cotia- SP: Ateliê Editorial, 2016.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de Chumbo ou Anos de Ouro? A Memória Social Sobre o Governo Médici. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 22, n. 43, pp. 85-104, jan./jun. 2009. Disponível na internet via: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1546/1008>. Acesso em: 02/11/2019.

CORRÊA, Carlos Hugo Studart. *Em Algum Lugar das Selvas Amazônicas: as memórias dos guerrilheiros do Araguaia (1966-1974)*. Tese de Doutorado em História. Brasília – DF: Universidade de Brasília – UNB, 2013.

CURY, Maria Zilda Ferreira; PEREIRA, Rogério Silva. Em Câmera Lenta, de Renato Tapajós, 40 anos: autocrítica pública e sobrevivência. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 54, pp. 435-454, maio/ago. 2018. Disponível na internet via: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10379/9155>. Acesso em: 10/03/2020.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

EMEDIATO, Luiz Fernando. *Não Passarás o Jordão: tortura, terror e morte na ditadura militar brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Geração, 2013.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro – Da Escrita ao Livro Eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.

FERES, Sheila Maria. *A censura, o censurável, o censurado*. Tese de Doutorado em Ciência Política: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP, 1980.

FERREIRA, Jerusa Pires. A Proposta. In: FILHO, Plínio Martins (org.). *Livros, Editoras & Projetos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como Ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, Tempo Presente e História Oral. In: *Topoi*. Rio de Janeiro, vol. 3, n. 05, pp. 314-332, jul./dez. 2002. Disponível na internet via: <http://revistatopoi.org/site/topoi5/>. Acesso em: 06/12/2020.

FICO, Carlos. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, vol. 03, n. 5, pp. 252-286, jul/dez. 2002. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v3n5/2237-101X-topoi-3-05-00251.pdf>. Acesso em: 21/04/2021.

\_\_\_\_\_. História Que Temos Vivido. In: VARELLA, Flávia; MOLLO, Helena Miranda; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MATA, Sérgio da. (orgs.). *Tempo Presente & Usos do Passado*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

FILHO, Plínio Martins. *EDUSP – de Co-Editora a Editora: um projeto editorial*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 1991.

FRANK, Robert. Questões para as Fontes do Presente. CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (orgs.). *Questões para a História do Presente*. Tradução de Ilka Stern Cohen. São Paulo: EDUSC, 1999.

FRANZINI, Fábio. *À Sombra das Palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2006.

FURTADO, André Carlos. *Das Fortunas Críticas e Apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, Historiador Desterrado*. Tese de Doutorado em História. Niterói – RJ: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2018.

GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. *Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias intelectuais, empresários e militância política*. Tese de Doutorado em História. Niterói – RJ: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2009.

GARCIA, Miliandre. *“Ou Vocês Mudam ou Acabam”:* teatro e a censura na Ditadura Militar (1964-1985). Tese de Doutorado em História Social. Rio de Janeiro – RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2008.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009.

GINZBURG, Natália. *Léxico Familiar*. Tradução de Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (orgs.). *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONÇALVES, Paulo Celso Costa. *Políticas Públicas de Livro Didático: elementos para a compreensão da agenda de políticas públicas em educação no Brasil*. Tese de Doutorado em Educação. Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2017.

GONTIJO, Rebeca. *O Velho Vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Tese de Doutorado em História Social. Niterói – RJ: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2006.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas – A Esquerda Brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil – sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985.

HALUCH, Aline. *Guia Prático de Design Editorial: criando livros completos*. Teresópolis-RJ: 2AB Editora, 2013.

HARFUCH, Carlos Alberto Cury. *Um Estudo sobre as Políticas Editoriais da Editora da Universidade Estadual de Londrina (EDUEL) e da Editora da Universidade Estadual de Maringá (EDUEM)*. Dissertação de Mestrado Profissional em Políticas Públicas. Maringá – PR: Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2014.

HASLAM, Andrew. *O Livro e o Designer II – Como criar e Produzir Livros*. Tradução de Juliana A. Saad e Sérgio Rossi Filho. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do Século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

KORACAKIS, Teodoro. *A Companhia e as Letras: um estudo sobre o papel do editor na literatura*. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Rio de Janeiro – RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2006.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. Tese de Doutorado em História. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2001.

LABANCA, Gabriel Costa. *Dos Anos Dourados às Edições de Ouro: a Tecnoprint e o livro de bolso no Brasil (1939-1970)*. Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro – RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2009.

LABANCA, Gabriel Costa. Relações e Edições de Ouro: a Tecnoprint na expansão do mercado editorial brasileiro durante os primeiros anos da Ditadura Militar. In: *Em Tempos de Histórias*, Brasília-DF, n. 14, pp. 125-145, jan./jul. 2009. Disponível na internet via: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/20016/18431>. Acesso em: 26/01/2021.

LOPES, Moacir Costa. *A Situação do Escritor e do Livro no Brasil*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

LOURENÇO, Elaine. História Nova do Brasil: revisitando uma obra polêmica. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 28, n. 56, pp. 385-406, dez. 2008. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v28n56/06.pdf>. Acesso em: 09/10/2020.

LOUZEIRO, José. *Araceli, Meu Amor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

MARCELINO, Douglas Attila. “*Salvando à Pátria da Pornografia e da Subversão*”: a censura de livros e diversões públicas nos anos de 1970. Dissertação de Mestrado em História Social. Rio de Janeiro – RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2006.

MARIZ, Ana Sofia. *Editores Civilização Brasileira: o design gráfico de um projeto editorial (1959-1970)*. Dissertação de Mestrado em Design. Rio de Janeiro – RJ: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC – Rio, 2005.

MARTINS, Éder; GUERRA, Tiago Cavalcanti. Mobra, Tecnoprint e Educadores: trajetórias de uma experiência de alfabetização no Brasil. In: *Revista Cantareira*, Niterói, vol. 29, pp. 53-64, 2018. Disponível na internet via: <https://revistacantareiracom.files.wordpress.com/2019/06/e29a05.pdf>. Acesso em: 22/04/2020.

MAUÉS, Flamarion. *A Edição Política no Brasil e em Portugal: ação editorial e engajamento político no combate às ditaduras*. São Paulo: USP/FAPESP, 2016.

MAUÉS, Flamarion. Do Erótico ao Político: a trajetória da Global Editora na década de 1970. In: REIMÃO, Sandra (org.). *Livros e Subversão: seis estudos*. Cotia- SP: Ateliê Editorial, 2016.

\_\_\_\_\_. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega. In: *História (São Paulo)*, São Paulo, vol. 39, s/n, pp. 01-27, 2020. Disponível na Internet via: <http://historiasp.franca.unesp.br/edicao-politica-e-ditadura-dois-livros-de-oposicao-da-editora-alfa-omega/>. Acesso em: 27/12/2020.

\_\_\_\_\_. *Editoras de Oposição no Período de Abertura (1974-1985): negócio e política*. Dissertação de Mestrado em História Econômica. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2006.

\_\_\_\_\_. *Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

\_\_\_\_\_. Livros, Editoras e Oposição à Ditadura. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 28, n. 80, pp.91-104, jan. 2014. Disponível na internet via: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79685/83687>. Acesso em: 21/01/2020.

\_\_\_\_\_. Os Livros de Denúncia da Tortura Após o Golpe de 1964. In: *Cadernos do CEDEM*, São Paulo, vol. 02, n. 01, pp. 47-59, out. 2011. Disponível na internet via: <http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/cedem/article/view/691>. Acesso em: 21/01/2020.

\_\_\_\_\_; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro. In: *Intercom*, São Paulo, vol. 38, n. 01, pp. 169-190, jan./jun. 2015. Disponível na Internet via: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2210>. Acesso em: 19/01/2019.

MECHI, Patrícia Sposito; JUSTAMAND, Michel. Arqueologia em Contextos de Repressão e Resistência: a guerrilha do araguaia. In: *Revista de Arqueologia Pública*. Campinas, n. 10, pp. 108-120, dez. 2014. Disponível na internet via: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8635642>. Acesso em: 23/04/2022.

MEDEIROS, Mário Augusto. Livro de Combate: o caso “Em Câmera Lenta” e sua repercussão pública no contexto da ditadura civil-militar. In: *Leitura: Teoria & Prática*, São Paulo, vol. 35, n. 71, pp. 49-72, 2017. Disponível na internet via: [file:///C:/Users/cliog/Downloads/630-1450-2-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/cliog/Downloads/630-1450-2-PB%20(2).pdf). Acesso em: 15/05/2021.

MEDEIROS, Nuno. Acções prescritivas estratégicas: a edição como espaço social. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra – Portugal, Centro de Estudos Sociais, n. 85, pp. 131-146, jun. 2009. Disponível na internet via: <https://journals.openedition.org/rccs/363>. Acesso em: 10/12/2020.

\_\_\_\_\_. Notas sobre o mundo social do livro: a construção do editor e da edição. In: *Revista Angolana de Sociologia*, Ramada – Portugal, n. 9, pp. 33-48, jun. 2012. Disponível na internet via: <https://journals.openedition.org/ras/412>. Acesso em: 10/12/2020.

MEDEIROS, Nuno. Objecto dúctil: a emergência de uma sociologia histórica da edição. In: *Tempo Social*, São Paulo, vol. 22, n. 2, pp. 242-261, nov. 2010b. Disponível na internet via: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12647>. Acesso em: 12/12/2020.

MICELI, Sérgio. O Cenário Institucional das Ciências Sociais no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Editora Sumaré/FAPESP, 1995.

MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a Banca de Revistas: o caso da editora Abril*. Tese de Doutorado em Sociologia. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1997.

MORAES, Didier Dominique Dias de. *Uma Trajetória do Design do Livro Didático no Brasil: a Companhia Editora Nacional, 1926-1980*. Tese de Doutorado em Design e Arquitetura. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2016.

MORALIS, Edileusa Gimenes. *Enunciação e Representação: na conjuntura das Diretas Já!*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2008.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Os Olhos do Regime Militar Brasileiro nos Campi. As acessórias de Segurança e Informações das Universidades. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 16, pp. 30-67, jan./jun. 2008. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v9n16/2237-101X-topoi-9-16-00030.pdf>. Acesso em: 06/01/2021.

MOURA, Alessandro de. Movimento Operário do ABC Paulista (1978-2010): contestação, intermediação e colaboracionismo. In: *Aurora*, São Paulo, vol. 03, n. 02, pp. 36-58, agosto, 2010. Disponível na internet via: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/1230>. Acesso em: 27/04/2022.

MOURA, Clóvis (ap.). *Diário da Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

MÜLLER, Angélica. No Caminho à Democracia: o processo de reconstrução da União Nacional dos Estudantes. In: *Dimensões*, Vitória, n. 32, pp. 128-147, 2014. Disponível na internet via: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/8372>. Acesso em: 01/05/2022.

NASCIMENTO, Carina Cristina do. *Editoras Universitárias e as Novas Oportunidades de Comunicação*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2009.

NEVES, Ozias Paese. *Revista Civilização Brasileira (1965-1968): uma cultura de esquerda no cenário político editorial*. Dissertação de Mestrado em História. Curitiba – PR: Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2006.

NICOLAZZI, Fernando. *Um Estilo de História: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa Grande & Senzala e representação do passado*. Tese de Doutorado em História. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2008.

NORONHA, Eduardo. A Explosão das Greves na Década de 80. In: BOITO, Armando (org.). *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

NORONHA, Mateus Silva. *Mercado em Revista: a estratégia da editora Abril para a segmentação do público masculino*. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Teresina – PI: Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2014.

OTERO, Maria Mercedes Dias Ferreira. *Censura de Livros Durante a Ditadura Militar (1964-1978)*. Tese de Doutorado em História. Recife – PE: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2003.

PAUL, Danielle Rosa. *História em Catálogos: um estudo da política editorial da Zahar de 2001 a 2014*. Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro – RJ: Fundação Getúlio Vargas – FGV, 2015.

PAULA, Eurípides Simões de. Breve Nota Sobre o Curso de Estudos Orientais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade São Paulo. In: *Revista de História da USP*. São Paulo, vol. 33, n. 67, pp. 201-208, 1966. Disponível na internet via: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/124671>. Acesso em: 24/10/2019.

PEREIRA, Francisca Sirleide. *Memória da Produção Editorial Científica da UDUFRN: 1962-1980*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. João Pessoa – PB: Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2012.

PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. *A Lista Negra dos Livros Vermelhos: uma análise etnográfica dos livros apreendidos pela polícia política no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro – RJ: Museu Nacional/UFRJ, 2010.

PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro – Da Escrita ao Livro Eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 03, pp. 03-15, 1989. Disponível na internet via: [file:///C:/Users/cliog/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge\\_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/2278-3757-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/cliog/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/2278-3757-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 11/02/2019.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “Coleção Brasileira” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989.

PORTELA, Fernando. *Guerra de Guerrilhas no Brasil*. São Paulo: Global Editora, 1981.

PRADAL, Fernanda Ferreira. *A “Justiça da Transição” no Brasil: o caso do Departamento da Ordem Política e Social (DOPS) do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Direito. Rio de Janeiro – RJ: Pontifícia Universidade Católica – PUC/Rio, 2017.

PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O “Milagre” Brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano. O Tempo da Ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Vol. 4. Rio de Janeiro, 2003.

RAMOS, Paula Viviane. *A Experiência da Modernidade na Seção de Desenho da Editora Globo: Revista do Globo (1929-1939)*. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. *Artistas Ilustradores: a editora Globo e a constituição de uma visualidade moderna pela ilustração*. Tese de Doutorado em Artes Visuais. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2007.

REIMÃO, Sandra (org.). *Livros e Subversão: seis estudos*. Cotia- SP: Ateliê Editorial, 2016.

\_\_\_\_\_. “Proíbo a publicação e a circulação...” – censura a livros na ditadura. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 28, n. 80, pp.75-90, jan. 2014. Disponível na internet via: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79684/83686>. Acesso em: 24/01/2020.

\_\_\_\_\_. *O Mercado Editorial Brasileiro (1960-1990)*. São Paulo: Com-Arte: Fapesp, 1996.

\_\_\_\_\_. *Repressão e Resistência: censura a livros na ditadura militar*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2019.

\_\_\_\_\_; MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias. A Livraria Banca da Cultura do CRUSP: uma história. Congresso de Ciências da Comunicação, XXXVII, 2014, Foz do Iguaçu. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2014. Disponível na Internet via: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0110-1.pdf>. Acesso em: 25/08/2019.

REIS, Naurinete Fernandes Inácio. *Memória Social e Guerrilha do Araguaia*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Goiânia – GO: Universidade Federal de Goiás – UFG, 2013.

RIDENTI, Marcelo. Censura e Ditadura no Brasil, do Golpe à Transição Democrática, 1964-1988. In: *Concinnitas*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 33, pp. 86-100, dez. 2018. Disponível na internet via: <file:///C:/Users/cliog/Downloads/39848-134907-1-PB.pdf>. Acesso em: 06/01/2021.

RODRIGUES, Iram Jácome. As Comissões de Empresa e o Movimento Sindical. In: BOITO, Armando (org.). *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROSA, José Antônio. *Análise do Livro como Produto e como Negócio no Contexto Brasileiro Atual*. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2008.

ROSA, Michele Rossoni. *Esquerdisticamente Afinados: os intelectuais, os livros e as revistas das editoras Civilização Brasileira e Paz e Terra*. Tese de Doutorado em História. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2011.

SALES, Jean Rodrigues. Entre o Fechamento e a Abertura: a trajetória do PCdoB da Guerrilha do Araguaia à Nova República (1974-1985). In: *História – São Paulo*, São Paulo, vol. 26, n. 2, pp. 340-365, 2007. Disponível na Internet via: <https://www.scielo.br/j/his/a/Nt5W8jPS8mttCCZsTwrLZPH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 06/06/2021.

SALGADO, Gilberto Barbosa. *O Imaginário em Movimento. Crescimento e Expansão da Indústria Editorial no Brasil (1960-1994)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Rio de Janeiro – RJ: IUPERJ/Universidade Cândido Mendes, 1994.

SAMWAYS, Daniel Trvisan. Conhecer o Inimigo é Preciso: o Serviço Nacional de Informação e a comunidade de informação na ditadura civil-militar brasileira. In: *Revista Angelus Novus*. São Paulo, ano IV, n. 5, pp. 83-102, 2013. Disponível na internet via: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/88875/91749>. Acesso em: 16/03/2021.

SANTANA, Marco Aurélio. Classe Trabalhadora, Confronto Político e Democracia: o ciclo de greves e os desafios do sindicalismo atual. In: *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 104, pp. 19-65, 2018. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/j/ln/a/f77DLNRZ6wnwtgcsfpnyFMr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29/04/2022.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SETEMY, Adrianna C. Lopes. Vigilantes da Moral e dos Bons Costumes: as condições sociais e culturais para a estruturação política da censura durante a ditadura militar. In: *Topoi*, RJ, vol. 19, n. 37, pp. 171-197, jan./abr. 2018. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/hphSyQc6TDYyWFbJ5gkVMWD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01/06/2021.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da História Intelectual Entre Questionamentos e Perspectivas*. Campinas-SP: Papyrus Editora, 2002.

SILVA, Wellington Sampaio da. *A Guerrilha Silenciada: memória histórica dos moradores do Bico do Papagaio sobre a Guerrilha do Araguaia*. Dissertação de Mestrado em História. João Pessoa – PB: Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2008.

\_\_\_\_\_. *Livros em Guerra: a escrita e a disputa do passado sobre a Guerrilha do Araguaia*. Tese de Doutorado em História. Fortaleza-CE: Universidade Federal do Ceará– UFC, 2019.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: Rémond, René (org.). *Por Uma História Política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SOARES, Denise Ribeiro. *Editora UFMG: avaliação de sua trajetória*. Dissertação de Mestrado Profissional em Administração. Pedro Leopoldo – MG: Fundação Pedro Leopoldo, 2016.

SOARES, Glaucio Ary Dillon. Censura Durante o Regime Autoritário. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, RJ, vol. 04, n. 10, pp. 01-21, jan./jun. 1989. Disponível na internet via: [http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/10/rbcs10\\_02.pdf](http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/10/rbcs10_02.pdf). Acesso em: 27/04/2021.

SORÁ, Gustavo Alejandro. *Brasileiras: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010.

SORÁ, Gustavo Alejandro. Tempo e Distâncias na Produção Editorial de Literatura. In: *Revista Mana*, Rio de Janeiro, vol. 03, n. 02. pp. 151-181, out. 1997. Disponível na internet via: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n2/2443.pdf>. Acesso em: 20/01/2020.

\_\_\_\_\_. *Brasileianas. A Casa José Olympio e a Instituição do Livro Nacional*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro – RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 1998.

SOUSA, Deusa Maria de. *Lágrimas e Luta: a reconstrução do mundo de familiares de desaparecidos políticos do Araguaia*. Tese de Doutorado em História. Florianópolis – SC: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2011.

SOUZA, Gustavo Orsolon. *“Rebeliões da Senzala”: diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro*. Dissertação de Mestrado em História. Seropédica – RJ. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, 2013.

SOUZA, Rafael de Abreu. *A Materialidade da Repressão à Guerrilha do Araguaia e do Terrorismo de Estado no Bico de Papagaio, TO/PA: noite e nevoeiro na Amazônia*. Tese de Doutorado em Arqueologia. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2019.

SOUZA, Willian Righini de.; CRIPPA, Giulia. A Diversificação e a Polarização do Livro e o Surgimento e Desenvolvimento de Coleções de Bolso no Brasil. In: *FAMECOS*, RS, vol. 21, n. 01, pp. 186-207, jan./abr. 2014. Disponível na internet via: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/14486/11330>. Acesso em: 26/01/2021.

STASIO, Angela Maria Torres Di. *José Olympio: o homem e a editora – a construção discursiva da imagem do editor e da editora na memória social*. Dissertação de Mestrado em Memória Social. Rio de Janeiro – RJ: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2012.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. *O Procedimento Racional e Técnico da Censura Federal Brasileira como Órgão Público: um processo de modernização burocrática e seus impedimentos*. Tese de Doutorado em História. Porto Alegre – RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul – PUC/RS, 2004.

TAMAS, Elisabete Fernandes Basílio. *A Tortura em Questão: a disputa de memórias entre militares e militantes*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo – SP: Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, 2009.

TELES, Janaína de A.. Os Segredos e os Mitos sobre a Guerrilha do Araguaia (1972-1974). In: *História Unisinos*, São Leopoldo, vol.18, n. 3, pp. 464-480, set./dez. 2014. Disponível na internet via: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2014.183.03/4371>. Acesso em: 14/06/2021.

THOMPSON, John Brookshire. *Mercadores de Cultura: o mercado editorial no século XXI*. Tradução de Alzira Allegro. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

THOMSON, Alistair. Aos Cinquenta Anos: uma perspectiva internacional da História oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: o golpe contras as reformas e a democracia. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 24, n. 47, pp. 13-28, 2004. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a02v2447.pdf>. Acesso em: 06/01/2021.

UNWIN, Stanley Sir. *O Que é uma Editora*. 6 ed. Tradução de José Francisco dos Santos. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1960.

VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de Papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 02, n. 28, pp. 23-47, 2001. Disponível na internet via: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2146/1285>. Acesso em: 10/02/2020.

VENUTO, Elder Procopio. “*Agora é Nossa Vez*”: cultura política do operariado urbano na formação do Partido dos Trabalhadores. Dissertação de Mestrado em História. Franca-SP: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2017.

VIEIRA, Luiz Renato. *Consagrados e Malditos: os intelectuais e a editora Civilização Brasileira*. Tese de Doutorado em Sociologia. Brasília – DF: Universidade de Brasília – UnB, 1996.

VIEIRA, Luiz Renato. *Consagrados e Malditos: os intelectuais e a editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus Editora. 1998.

WITTER, José Sebastião. *USP 50 Anos: registros de um debate*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

WOLFF, Kurt. *Memórias de um Editor*. Tradução de Flávio Quintale. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

## Fontes Primárias:

### 1) Acervo Digital da *Folha*

NADER, Wladyr. O Círculo Vicioso do Livro no Brasil. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 de setembro de 1974. Disponível na internet, no Acervo Digital da *Folha*, via: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=5238&anchor=4372120&pd=562219d58c8f707f63b42a145a23b926>. Acesso em: 04/08/2018.

S/A. Brasil Republicano. In: *Folha*, 29 de julho de 1973. Disponível na internet, no Acervo Digital da *Folha de São Paulo*, via: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4830&keyword=Republicana%2CBrasil%2CAtrav%C3%A9s%2Cdocumentos&anchor=4404801&origem=busca>. Acesso em: 18/08/2018.

### 2) Acervo Digital da JUCESP

*Ficha Cadastral Simplificada*, 1973. Disponível na internet, no Acervo Digital da Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP) – Brasil, via: [https://www.jucesponline.sp.gov.br/Pre\\_Visualiza.aspx?nire=35204984393&idproduto=](https://www.jucesponline.sp.gov.br/Pre_Visualiza.aspx?nire=35204984393&idproduto=). Acesso em: 21/08/2019.

### 3) Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

Dep. da Polícia Federal/Superintendência em São Paulo. Assunto: *Exame do Livro*, 28 de abril de 1978. Fundo: Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça. Código de Referência: BR RJANRIO TT.O.MCP, PRO.1169 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1025306&v\\_abas=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1025306&v_abas=1). Acesso em: 07/03/2021.

Ministério da Aeronáutica. Informação nº 0093/CISA-RJ. Assunto: “*Oboré S. J. LTDA*” – Livro “*A Greve na Voz dos Trabalhadores*”, de 07 de maio de 1979. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8. MIC, GNC. AAA.790011594 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/790011594/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_790011594\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/790011594/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_790011594_d0001de0001.pdf). Acesso em: 11/04/2021.

Ministério da Aeronáutica. Informação nº 147/A-2/IV COMAR. Assunto: “*Em Câmera Lenta*”, livro de Renato Tapajós, 04 de agosto de 1977. Fundo: Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. Código de Referência: BR DFANBSB VAZ. 0.0.5279 – Dossiê. Disponível na internet, Acervo Digital do Arquivo Nacional do RJ – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=2131192&v\\_abas=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=2131192&v_abas=1). Acesso em: 06/03/2021.

Serviço Nacional de Informação. Informação nº 0417/119/AC/79. Assunto: *Publicação*: “*D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo*”, 28 de agosto de 1979. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79002892 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_79001691\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79001691_d0001de0001.pdf). Acesso em: 12/04/2021.

Serviço Nacional de Informação. Informação nº 2475/119/ASP/79. Assunto: *Publicação*: “*D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo*”, 26 de julho de 1979. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79002892 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_79001691\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79001691_d0001de0001.pdf). Acesso em: 12/04/2021.

Serviço Nacional de Informação. Informação nº 3258/119/ASP/79. Assunto: Livro “A Volta da UNE – de Ibiúna a Salvador”, 05 de outubro de 1979. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79003916 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Dig. do Arq. Nacional do RJ – Brasil, via: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/79003916/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_79003916\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/79003916/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79003916_d0001de0001.pdf). Acesso em: 13/04/2021.

Serviço Nacional de Informação. Informação nº 5113/31/AC/78. Assunto: *Lançamento Oficial do Livreto “A Guerrilha do Araguaia”*, 26 de dezembro de 1978. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.79001691 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_79001691\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79001691_d0001de0001.pdf). Acesso em: 11/04/2021.

Serviço Nacional de Informações. Complemento ao Informe 0378/119/ASP/78. Assunto: *Cuba, Viagem de Brasileiros*, 21 de janeiro de 1978. Fundo Serviço Nacional de Informação. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.EEE.81007361 Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Dig, do Arq. Nacional do RJ – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1902706&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1902706&v_aba=1). Acesso em: 06/03/2021.

Serviço Nacional de Informações. Informação nº 136/119/APA/78. Assunto: *Publicação – Editora Alfa-Omega*, 02 de outubro de 1978. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR FFANBSB V8.MIC, GNC.GGG.84008387 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Dig. do Arq. Nacional do RJ – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1922699&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1922699&v_aba=1). Acesso em: 07/04/2021.

Serviço Nacional de Informações. Informação nº 346/ABH/SNI/77. Assunto: *Lançamento do livro “Não Passarás o Jordão”, de Luiz Fernando Emediato*, 05 de julho de 1977. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.77107713 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1833123&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1833123&v_aba=1). Acesso em: 06/03/2021.

Serviço Nacional de Informações. Informação nº 461/16/AC/77. Assunto: *Propaganda Adversa – Lançamento do livro “Não Passarás o Jordão”, de Luiz Fernando Emediato*, 19 de julho de 1977. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.77107713 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1833123&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1833123&v_aba=1). Acesso em: 06/03/2021.

Serviço Nacional de Informações. Informação nº 5113/31/AC/78. Assunto: *Lançamento Oficial do Livreto “A Guerrilha do Araguaia”*, 26 de dezembro de 1978. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Código de Referência: BR DFANBSB V8. MIC, GNC. AAA.79001691 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_79001691\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/79001691/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79001691_d0001de0001.pdf). Acesso em: 11/04/2021.

Serviço Nacional de Informações. Informe nº: 0378/119 ASP/SNI. Assunto: *Cuba, Viagem de Brasileiros*, 24 de janeiro de 1978. Fundo Serviço Nacional de Informação. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.EEE.81007361 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Dig. do Arq. Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1902706&v\\_abas=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1902706&v_abas=1). Acesso em: 06/03/2021.

Serviço Nacional de Informações. Processo MJ-100 118-S/78. Assunto: *Processo GAB nº 100.118*, de 17 de fevereiro de 1978. Fundo: Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça. Código de Referência: BR RJANRIO TT.O.MCP, PRO.1169 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Dig. do Arq. Nacional do RJ – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1025306&v\\_abas=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1025306&v_abas=1). Acesso em: 07/03/2021.

Serviço Público Federal. Processo MJ-100 118-S/78. Assunto: *Parecer*, de 20 de fevereiro de 1978. Fundo: Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça. Código de Referência: BR RJANRIO TT.O.MCP, PRO.1169 – Dossiê. Disponível na internet, no Acervo Digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – Brasil, via: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1025306&v\\_abas=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1025306&v_abas=1). Acesso em: 07/03/2021.

#### **4) Acervo Digital do *Estadão***

“Alfa-Omega” Vai Defender Autores. In: *O Estado de São Paulo – Estadão*, São Paulo, 14 de março de 1973. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19730314-30047-nac-0007-999-7-not/tela/fullscreen>. Acesso em: 10/08/2018.

Editor Prova que Autor Nacional é Bom Negócio. In: *O Estado de São Paulo – Estadão*, São Paulo, 24 de abril de 1976. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19760424-31007-nac-0010-999-10-not/busca/Fernando>. Acesso em: 11/08/2018.

FILHO, Aires Mata Machado. Uma Ficção Madura e Implacável. In: *O Estadão*. São Paulo, 24 de julho de 1977. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19770724-31395-nac-0010-999-10not/busca/Luiz+Fernando+Emediato>. Acesso em: 18/05/2021.

Na Bienal do Livro, a Indústria da Cultura – Editores Nacionais Lutam pelo Mercado. São Paulo, 15 de agosto de 1976. In: *O Estado de São Paulo – Estadão*. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19760815-31104-nac-0028-999-28-not/busca/Fernando+Mangarielo>. Acesso em: 10/08/2018

S/A. “Alfa-Omega” Vai Defender Autores. In: *O Estado de São Paulo – Estadão*, São Paulo, 14 de março de 1973. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19730314-30047-nac-0007-999-7-not/tela/fullscreen>. Acesso em: 10/08/2018.

S/A. Dez Anos de Poesia. In: *O Estadão*. São Paulo, 03 de fevereiro de 1974. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19740203-30323-nac-0263-lit-3-not>. Acesso em: 17/05/2021.

S/A. Libertado Renato Tapajós. In: *O Estadão*. São Paulo, 24 de agosto de 1977. Disponível na internet, no Acervo Digital do *Estadão*, via: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19770824-31421-nac-0011-999-11-not/busca/Renato+Tapaj%C3%B3s>. Acesso em: 18/05/2021.

## **5) Acervo Pessoal de Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo**

*Certidão de Casamento* de Fernando e Claudete, concedida ao autor em 12 de novembro de 2019.

## **6) Arquivo Público de Brasília**

*Ofício* nº 511/73, de 04 de julho de 1973. Acervo do Arquivo Nacional de Brasília – Brasil. Fundo: Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCDP). Código de Referência: BR DFANBSB NS.CPR.PUB.058.

*Processo* nº 57.308/73, de 21 de dezembro de 1973. Acervo do Arquivo Nacional de Brasília – Brasil. Fundo: Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCDP). Código de Referência: BR DFANBSB NS.CPR.PUB.058.

*Despacho* de 28 de maio de 1976. Acervo do Arquivo Nacional de Brasília – Brasil. Fundo: Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCDP). Código de Referência: BR DFANBSB NS.CPR.PUB.058.

## **7) Arquivo Público do Estado de São Paulo**

*Prontuário* nº 145.702, de 21 de dezembro de 1968. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo – Brasil. Fundo: Departamento de Ordem Política e Social (DOPS/SP). Código de Referência: SSP/DEOPS-SP/PRONTUÁRIOS/PRT\_145702.

## **8) Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**

### **8.1) Boletim e Informativo**

*Boletim de Informação da Editora Alfa Omega*, 1987. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 22/04/1987 a 31/08/1987. Tombo, I0002345250. Localização, 1,244,05,04. Coleção, 1987. Biblioteca, periódicos.

*Informativo Alfa Omega*, 1984. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 1984 a 1984. Tombo, I002603713. Localização, 3,051,03,18. Coleção, 1984. Biblioteca, periódicos.

## 8.2) Periódicos

A Greve na Voz dos Trabalhadores da Scania a Itu. In: *Jornal de Caxias*, Rio Grande do Sul, 12 de maio de 1979. Disponível na internet, no Acervo Dig. da FBN – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882470&pesq=a%20greve%20na%20voz%20dos%20trabalhadores&pasta=ano%20197>. Acesso em: 19/04/2019.

A Greve. In: *A Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1979. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030678&pesq=história%20imediate&pasta=ano%20197>. Acesso em: 19/04/2019.

ANDRADE, Jeferson Ribeiro de. Tilê. In: *Pasquim*, Rio de Janeiro, 09 a 15 de setembro de 1977. Disponível na internet, no Acervo Digital da FBN – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=124745&pesq=%22n%C3%A3o%20passar%C3%A1s%20o%20jord%C3%A3o%22&pasta=ano%20197&pagfis=15347>. Acesso em: 06/03/2021.

BÁRBARA, Danusia. A Safra dos Novos Editores: um traço em comum apesar dos objetivos diferentes: a busca da qualidade. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1976. Disponível na internet, no Acervo Digital da FBN – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=148865&Pesq=](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=148865&Pesq=). Acesso em: 05/08/2018.

CARVALHAL, Tânia Franco. Contistas do Sul – “Assim Escrevem os Gaúchos”, org. por Janer Cristaldo. Editora Alfa-Omega, 1976. SP. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 1977. Disponível na internet, no Acervo Dig. da FBN – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=155679&Pesq=](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=155679&Pesq=). Acesso em: 02/08/2018.

CRUZ, Domingo Gonzalez. Luiz Fernando Emediato sem Vertigens na Língua. In: *Tribuna da Imprensa*, 18 de fevereiro de 1978. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_03&pesq=%22n%C3%A3o%20passar%C3%A1s%20o%20jord%C3%A3o%22&pasta=ano%20197&pagfis=30443](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_03&pesq=%22n%C3%A3o%20passar%C3%A1s%20o%20jord%C3%A3o%22&pasta=ano%20197&pagfis=30443). Acesso em: 06/03/2021.

Cultura. In: *Movimento*, Rio de Janeiro, 03 a 09 de agosto de 1981. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=318744&pesq=revista%20teoria%20e%20política&pasta=ano%20198>. Acesso em: 28/04/2019.

FARIA, Álvaro de. Leitura. In: *Diário da Noite*, São Paulo, 14 de março de 1973. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=221961\\_05&pagfis=22489](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=221961_05&pagfis=22489). Acesso em: 04/08/2018.

II Exército Apreende Armas e Propaganda Subversiva ao Fazer Diligência no CRUSP. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1968. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_08&pasta=ano%20196&pesq=crusp](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_08&pasta=ano%20196&pesq=crusp). Acesso em: 18/08/2018.

*Leia Livros*, ano II, 15/07/1979 – 14/08/1979. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 1979/04/15 a 1980/05/14. Tombo, I0002363062. Localização, 3,031,03,02. Coleção, 2 (12-21). Biblioteca, periódicos.

*Leia Livros*, ano II, 15/09/1979 – 14/10/1979. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 1979/04/15 a 1980/05/14. Tombo, I0002363062. Localização, 3,031,03,02. Coleção, 2 (12-21). Biblioteca, periódicos.

*Leia Livros*, ano II, 15/10/1979 – 14/11/1979. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 1979/04/15 a 1980/05/14. Tombo, I0002363062. Localização, 3,031,03,02. Coleção, 2 (12-21). Biblioteca, periódicos.

*Leia Livros*, nº 19, ano III, 15/11/1979 a 15/12/1979. In: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 15/04/1979 a 14/05/1980. Tombo, I0002363062. Localização, 3,031,03,02. Coleção, 1979/1980. Biblioteca, periódicos.

Livros. In: *Correio Braziliense*, Brasília - DF, 07 de junho de 1978. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274\\_02&PagFis=105413&Pesq=revista%20temas](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_02&PagFis=105413&Pesq=revista%20temas). Acesso em: 28/04/2019.

LUPPI, Carlos Alberto. O Autor Nacional Bem Administrado Vende. In: *Jornal do Brasil*, 25 de maio de 1976. Disponível na internet, no Acervo Digital da FBN – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&pagfis=141141](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=141141). Acesso em: 05/08/2018.

O II Exército Comunica. In: *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1969. Disponível na internet, no Acervo Digital da FBN – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961\\_04&pasta=ano%20196&pesq=crusp](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_04&pasta=ano%20196&pesq=crusp). Acesso em: 18/08/2018.

RANGEL, Maria Lúcia; LUPPI, Carlos Alberto; FONSECA, José Ribamar; SOUZA, Hugo de Almeida. O Brasil, Enfim, Reeditado. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 de maio de 1976. Disponível na internet, no Acervo Digital da FBN – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=139895&Pesq=http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=139895&Pesq=](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=139895&Pesq=http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=139895&Pesq=). Acesso em: 05/08/2018.

S/A. “Socialismo & Democracia”: um projeto editorial que amadurece com segurança. In: *Jornal de Caxias*. Caxias do Sul, 04 de fevereiro de 1985. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882470&pesq=revista%20Socialismo%20e%20democracia%20da%20alfa%20omega&pasta=ano%20198&pagfis=19770>. Acesso em: 14/01/2021.

S/A. Editor que foi a Cuba é Detido. In: *Diário Pernambucano*, Recife, 25 de fevereiro de 1978. Disponível na internet, no Acervo Digital da Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033\\_15&pagfis=113612](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_15&pagfis=113612). Acesso em: 03/08/2018.

S/A. Fernando Mangarielo Depõe 2 horas em São Paulo na Volta da Viagem a Cuba. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1978. Disponível na internet, no Acervo Digital da Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&PagFis=175790&Pesq=](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=175790&Pesq=). Acesso em: 04/08/2018.

S/A. Painel. In: *Diário Pernambucano*, Recife, 15 de maio de 1987. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_16&pesq=revista%20Socialismo%20e%20democracia%20da%20alfa%20omega&pasta=ano%20198&pagfis=119439](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pesq=revista%20Socialismo%20e%20democracia%20da%20alfa%20omega&pasta=ano%20198&pagfis=119439). Acesso em: 14/01/2021.

Trajetória da UNE nos Últimos Dez Anos, no Livro Reportagem “História Imediata” nº 05. In: *Jornal de Caxias*, Rio Grande do Sul, 01 de setembro de 1979. Disponível na internet, no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882470&pesq=coleção%20história%20Imediata&pasta=ano%201979>. Acesso em: 10/04/2019.

Uma Reportagem Sobre Corrupção e Violência. In: *Jornal de Caxias*, RS, 02 de junho de 1979. Disponível na internet, no Acervo Digital da FBN – Brasil, via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882470&pesq=araceli%20corrupção%20em%20sociedade&pasta=ano%201979>. Acesso em: 19/04/2019.

## 9) Entrevistas

Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

Entrevista concedida por Fernando Mangarielo a autora em 19 de agosto e 2 de setembro de 2006 apud MAUÉS, Eloísa Aragão. A Editora Alfa-Omega nos Anos de Chumbo: entrevista com Fernando Mangarielo. In: *Oralidades: Revista de História Oral*, Sp, n. 02, pp. 155-174, jul./dez. 2007. Disponível na internet via: [http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%202\\_0.pdf](http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%202_0.pdf). Acesso em: 19/01/2020.

Entrevista concedida por Fernando Mangarielo a autora em 19 de agosto de 2008 apud ARAGÃO, Eloísa. *Censura na Lei e na Marra: como a ditadura quis calar as narrativas sobre suas violências*. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2013.

Entrevista concedida por Fernando Mangarielo aos autores em 15 de maio e 19 de junho de 2013 apud MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro. In: *Intercom*, São Paulo, vol. 38, n. 01, pp. 169-190, jan./jun. 2015. Disponível na Internet via: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2210>. Acesso em: 19/01/2019.

Entrevista concedida por Luiz Fernando Emediato ao autor, em São Paulo, no dia 22 de março de 2021.

## 10) Fundação Karnig Bazarian

*Declaração*, 24 de setembro de 2019, sobre o tempo de trabalho de Jacob Bazarian na FKB.

## 11) Leis e Decreto

BRASIL. Decreto-lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970. Dispõe sobre a execução do artigo 153, § 8º, parte final, da Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 26 de janeiro de 1970. Disponível na internet via: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/del1077.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del1077.htm). Acesso em: 24/01/2020.

BRASIL. Lei nº 42.121, de 21 de agosto de 1955. Promulga as Convenções concluídas em Genebra, a 12 de agosto de 1949, destinadas a proteger as vítimas da guerra. Brasília, DF, 21 de agosto de 1957. Disponível na internet via: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1950-1969/D42121.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D42121.htm). Acesso em: 21/04/2022.

BRASIL. Lei nº 5.536, de 21 de novembro de 1968. Dispõe sobre a censura de obras teatrais e cinematográficas, cria o Conselho Superior de Censura, e dá outras providências. Brasília, DF, 21 de novembro de 1968. Disponível na internet via: [CÂMARA MUNICIPAL DE ITAPETININGA. Decreto Legislativo nº 13/79, de 17 de setembro de 1979. Concede o título de “Cidadão Itapetiningano” ao Prof. Jacob Bazarian. Itapetininga, SP, pp. 01-28, 06 de agosto de 1979. Disponível na internet via: <https://consulta.siscam.com.br/camaraitapetininga/arquivo?Id=36928>. Acesso em: 22/09/2019.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/15536.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%205.536%2C%20DE%2021%20DE%20NOVEMBRO%20DE%201968.&text=Disp%C3%B5e%20s%C3%B4bre%20a%20censura%20de,Art. Acesso em: 28/04/2021.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

## 12) Livros e Revistas da Alfa-Omega

BITTENCOURT, Getúlio; MARKUM, Paulo Sérgio. *D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

DÓRIA, Palmério. *et. al. A Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

EMEDIATO, Luiz Fernando. *Não Passarás o Jordão*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

FARIA, Álvaro Alves de. *4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*. São Paulo: Alfa-Omega, 1973.

FILHO, Hamilton Almeida. *A Sangue Quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

LUPPI, Carlos Alberto. *Araceli – Corrupção em Sociedade*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.

MORAIS, Fernando. *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

OBORÉ. *A Greve na Voz dos Trabalhadores – Da Scania a Itu*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.

PESSOA, Reynaldo Xavier Carneiro. *A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos*. São Paulo: Alfa-Omega. 1973.

ROMAGNOLI, Luiz Henrique; GONÇALVES, Tânia. *A Volta da UNE – De Ibiúna a Salvador*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

#### **Sites:**

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa254932/alvaro-alves-de-faria>

<http://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/jose-genoino-neto/>

<http://www.alvaroalvesdefaria.com/o-poeta/4594470265>

[http://www.institucional.jucesp.sp.gov.br/institucional\\_sobre.php](http://www.institucional.jucesp.sp.gov.br/institucional_sobre.php)

<https://alfaomega.com.br/>

<https://obore.com/historico>

<https://www.senado.gov.br/senado/grandesmomentos/passarinho.shtm>

## ANEXO A – Catálogo da Editora entre os Anos de 1973 e 1976

O catálogo a seguir, construído pelos pesquisadores Flamarion Maués, João Elias Nery e Sandra Reimão, contempla os títulos publicados entre os anos de 1973 a 1976. O material encontra-se na revista *Intercom – RBCC* de 2015.<sup>610</sup>

Tabela 1 – Alfa-Omega - Primeiros Títulos: títulos publicados de 1973 a 1976.

1. A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos (1973), Reinaldo Xavier Carneiro Pessoa (org.).
2. Intuição Heurística: uma análise científica da intuição criadora (1973), Jacob Bazarian.
3. Quatro Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados (1973), Álvaro Alves de Faria.
4. Café e Ferrovias (2ª. ed.) (1974), Odilon Nogueira de Matos.
5. Castas, Estamentos e Classes Sociais: introdução ao pensamento de Marx e Weber (2ª. ed.) (1974), Sedi Hirano.
6. Política e Segurança. Força Pública do Estado de São Paulo: fundamentos histórico-sociais (1974), Heloísa Rodrigues Fernandes.
7. História e Teoria dos Partidos Políticos no Brasil (2ª ed.) (1974), Afonso Arinos de Melo Franco (sobrinho).
8. Condicionamento Verbal: pesquisa e ensino (1974), Geraldina Porto Witter, Maria Cecília Manzolli e Euza Maria de Rezende Bonamigo.
9. Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana (1975), José Carlos Mariátegui.
10. A Verdade sobre a Revolução de Outubro de 1930 (2. ed.) (1975), Barbosa Lima Sobrinho.
11. Universidade Brasileira: reforma ou revolução? (1975), Florestan Fernandes.
12. Estatística Básica para Ciências Humanas (2. ed.) (1975), Bernadete Gattie Nagib L. Feres.
13. Ciência, Ensino e Aprendizagem (1975), Geraldina Porto Witter.
14. Energia Elétrica e Capital Estrangeiro no Brasil (1975), Catullo Branco.
15. Sociologia e Sociedade no Brasil (1975), Octavio Ianni.

<sup>610</sup> MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro. In: *Intercom*, São Paulo, vol. 38, n. 01, pp. 169-190, jan./jun. 2015. Disponível na Internet via: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2210>. Acesso em: 19/01/2019.

16. Violência: uma análise do homo brutalis (1975), José Pereira.
17. Coronelismo, Enxada e Voto (1975), Victor Nunes Leal.
- 18 a 20. Textos I (1975) II (1976) e III (s/d) (Obras escolhidas), Karl Marx e Frederich Engels (selo Edições Sociais).
21. A Luta pela Industrialização no Brasil (1975), Nícia Vilela Luz.
22. Escravidão Africana no Brasil (3ª ed.) (1975), Maurício Goulart.
23. O Sentido do Tenentismo (3ª ed.) (1976), Virgínio Santa Rosa.
- 24 a 27. História Sincera da República, volumes 1, 2, 3 e 4 (1976), Leôncio Basbaum.
28. Monções (2ª. ed.) (1976), Sérgio Buarque de Holanda.
29. A Tecocracia na História (1975), Carlos Estevam Martins.
30. Uma Vida em Seis Tempos (memórias) (1976), Leôncio Basbaum.
31. Mandonismo Local na Vida Política Brasileira e Outros Ensaio (2ª ed.) (1976), Maria Isaura Pereira de Queiroz.
32. Três industrialistas Brasileiros: Mauá, Rui Barbosa, Roberto Simonsen (1976), Heitor Ferreira Lima.
33. Para te Comer Melhor (1976), Eduardo Gudino Kiefler.
34. A Luta pela Modernização da Economia Brasileira (1976), Hélio Duque.
35. A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro (1976) (1ª ed. agosto 1976, 6ª ed. janeiro 1977), Fernando Morais.
36. Quatro-Olhos: romance (1976), Renato Pompeu.
37. O Túnel (1976), Ernesto Sabato.
38. Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil (1976), Sergio Silva.
39. Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930-1964) (1976), Maria do Carmo Campello de Souza.
40. O Cérebro Consciente (1976), Steven Rose.
41. Tango Fantasma (1976), Márcia Denser.
42. Testamento Político de D. Luis da Cunha (1976), Nanci Leonzo (Nota introdutória).
43. Assim Escrevem os Gaúchos (1976), Janer Cristaldo (org.).
44. Assim Escrevem os Catarinenses (1976), Emanuel Medeiros Vieira (org.).

## ANEXO B – Catálogo da editora do ano de 1984

A tabela abaixo foi construída a partir do *Informativo da Alfa-Omega*<sup>611</sup>, de agosto de 1984, encontrado no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Mantivemos a mesma classificação feita pela editora. Melhoramos apenas a visualização, criando duas colunas, uma para o título, e a outra para o autor. Além disso, acrescentamos também uma coluna com o número de títulos em cada seção.

Tabela 2 - Livros Publicados Pela Alfa-Omega Até o Ano de 1984

Livros Publicados Pela Alfa-Omega Até o Ano de 1984	
<b>MARXISMO</b>	
Obras Escolhidas vol. I	Marx e Engels
Obras Escolhidas vol. II	Marx e Engels
Obras Escolhidas vol. III	Marx e Engels
Obras Escolhidas vol. III	Mao Tsé-Tung
Obras Escolhidas vol. IV	Mao Tsé-Tung
Obras Escolhidas vol. I	V. L. Lenine
Obras Escolhidas vol. II	V. L. Lenine
Obras Escolhidas vol. III	V. L. Lenine
Total: 08	
<b>COMUNICAÇÕES</b>	
O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal <i>O Estado de São Paulo</i>	Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato
Notícia: um produto à venda	Cremilda de Araújo Medina
Total: 02	
<b>CONTOS</b>	
Alçapão para Gigantes	Péricles Prade
Assim Escrevem os Catarinenses	Emanuel Medeiros Vieira (org.)
Assim Escrevem os Gaúchos	Janer Cristaldo (org.)
Assim Escrevem os Paranaenses	Domingos Pellegrini Jr. (org.)

<sup>611</sup> *Informativo Alfa Omega*, 1984. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 1984 a 1984. Tombo, I0002603713. Localização, 3,051,03,18. Coleção, 1984. Biblioteca, periódicos.

Assim Escrevem os Paulistas	Hamilton Trevisan (org.)
Cadeia para os Mortos	Rodolfo Konder
O Cerco de Nova York e Outras Histórias	Daniel Fresnot
Ciriaco Martins e Outras Histórias	Roniwalter Jatobá de Almeida
Contos de Esquina	Furio Lonza
A Força dos Mitos	Janer Cristaldo
Na Mão Grande	Ariosto Augusto de Oliveira
Não Passarás o Jordão	Luiz Fernando Emediato
No Caminho do Vento	Jorge de Sá Earp
Pedras de Calcutá	Caio Fernando Abreu
Tango Fantasma	Márcia Maria Denser
Total: 15	
<b>DIREITO</b>	
Direito, Poder e Opressão (2ª ed.)	Roberto A. R. de Aguiar
O Que é Justiça – uma abordagem dialética	Roberto A. R. de Aguiar
Total: 02	
<b>FILOSOFIA</b>	
A Dialética Materialista – categorias e leis da dialética	Alexandre Cheptulin
Introdução ao Pensamento Dialético	Eduardo Sucupira Filho
Intuição Heurística	Jacob Bazarian
O Problema da Verdade (Teoria do Conhecimento)	Jacob Bazarian
Total: 04	
<b>HISTÓRIA</b>	
Café e Ferrovias	Odilon Nogueira Matos
Carta aos Comunistas	Luís Carlos Prestes
O Caso eu Conto como o Caso Foi – Da Coluna Prestes a Queda de Arraes	Paulo Cavalcanti
A Classe Operária no Brasil (1889 – 1930)	Paulo Sérgio Pinheiro e Michael M. Hall

A Coluna Prestes (3ª ed.)	Lourenço Moreira Lima
Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil	Hermínio Linhares
Coronelismo, Enxada e Voto (4ª ed.)	Victor Leal Nunes
Diário da Guerrilha do Araguaia (2 ed.)	Apres. Clóvis Moura
Ensaio Histórico e Político	Astrojildo Pereira
Os Exilados	Cristina Pinheiro Machado
Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil (5ª ed.)	Sérgio Silva
A Grande Revolução de Outubro e a América Latina	Boris Koval
A Guerrilha do Caparaó	Gilson Rebello
História da Ação Popular - da Juc ao PC do B	Haroldo Lima e Aldo Arantes
História do Proletariado Brasileiro (1857 a 1967)	Boris Koval
História e Teoria dos Partidos Políticos no Brasil (3 ed.)	Afonso Arinos de Melo Franco
História Sincera da República vol. I (Das Origens a 1889)	Leôncio Basbaum
História Sincera da República vol. II (1889 a 1930)	Leôncio Basbaum
História Sincera da República vol. III (1930-1960)	Leôncio Basbaum
História Sincera da República vol. IV (1961 a 1967)	Leôncio Basbaum
A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos	Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa
A Luta pela Industrialização no Brasil (3ª ed.)	Nícia Vilela Luz
A Luta pela Modernização da Economia Cafeeira	Hélio Duque
Momentos da História do Povo Romeno	Nicolae Ceausescu

O Problema do Sindicato Único no Brasil (2ª ed.)	Evaristo de Moraes Filho
O Sentido do Tenentismo	Virgínio Santa Rosa
Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana	José Carlos Mariátegui
A Tecocracia na História	Carlos Estavam Martins
Testamento Político de D. Luiz da Cunha	Reynaldo Pessoa, J. S. Wilter, M. L. Janotti (org.)
Transição ao Socialismo: as lições do Chile	Maurício Paiva
Três Industrialistas Brasileiros: Mauá, Rui Barbosa, Simonsen	Heitor Ferreira Lima
A Verdade Sobre a Revolução de Outubro de 1930	Barbosa Lima Sobrinho
História das Lutas Sociais no Brasil (2ª ed.)	Everardo Dias
Total: 33	
<b>INFANTIL</b>	
O Jogo do Vadião	Ernesto Rosa Neto
Joana	Maurício Goulart
Total: 02	
<b>MEMÓRIAS</b>	
Combates e Batalhas	Octávio Brandão
Contra o Vento e Maré (Testemunho de Cubanos Retornados)	Grupo A.
A História me Absolverá (4ª ed.)	Fidel Castro
Mataram o Presidente (Memórias do Pistoleiro que Mudou a História do Brasil)	Alcino João do Nascimento e Hamilton Almeida Filho
Memórias da Loucura	Renato Pompeu
Minha Vida e as Lutas do meu Tempo	Elias Chaves Neto
Vida de um Revolucionário (2ª ed.)	Agildo Barata
Uma Vida em Seis Tempos (2ª ed.)	Leôncio Basbaum

Total: 08	
<b>PEDAGOGIA</b>	
Ciência, Ensino e Aprendizagem	Geraldina Porto Witter
Condicionamento Verbal – Pesquisa e Ensino	Geraldina Porto Witter
Total: 02	
<b>POESIA</b>	
Acidente	Gildo Magalhães
Catavento Mágico	Gildo Magalhães
Na Margem sem Rótulos	Luiz Carlos Granadeiro
Noite das Almôndegas	Ronaldo Hein
Quatro Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados	Álvaro Alves de Farias
Solidão Provisória	Luiz de Miranda
Um Partido Chamado Coragem	Carlos Alberto Luppi
Três Continentes	Daniel Fresnot
Total: 08	
<b>REPORTAGEM</b>	
Cuba: anotações sobre uma revolução	Eric Nepomuceno
Cuba Hoje	Jorge Escosteguy
Dez Dias que Abalaram o Mundo (5ª ed.)	John Reed
Freguesia do O – O Inquérito que Desmascarou as Brigadas de Paulo Maluf	Fernando Morais
A Ilha – Um Repórter Brasileiro no País de Fidel Castro (20 ed.)	Fernando Morais
Isto é um Assalto (Defesa do Consumidor)	Demócrito Moura
Os Palestinos – Judeus da 3ª Guerra Mundial	Fausto Wolff
Primeira Página – As Melhores Entrevistas de Fernando Morais	Fernando Morais
A Sangue Quente – A Morte do Jornalista Vladimir Herzog	Hamilton Almeida Filho

O Socialismo na Albânia (2 ed.)	Jaime Sautchuk
Socos na Porta	Fernando Morais
União Soviética Hoje – Um Repórter Brasileiro no País dos Sovietes	Carlos A. L. Salum
Violência – Uma Análise do Homo Brutalis	J. Pereira
Não as Usinas Nucleares	Fernando Morais
A Prisão (2ª ed.)	Percival de Souza
Total: 15	
<b>REVISTA HISTÓRIA IMEDIATA</b>	
A Guerrilha do Araguaia	Vários
A Greve na Voz dos Trabalhadores	Vários
Araceli – Corrupção em Sociedade	Carlos Alberto Luppi
D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo	Vários
A Volta da UNE	Vários
Total: 05	
<b>ROMANCE</b>	
Atentado em Itaipú	Martins de Oliveira
Crônicas de Bustos Domecq	Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy
Em Câmera Lenta (2 ed.)	Renato Tapajós
Ensaio Geral	Antonio Marcelo
Exílio da Paixão	Daniel Krasucki
Os Fornos Quentes	Reynaldo Guarany Simões
A Greve da Rosa	Renato Pompeu
Para te Comer Melhor	Eduardo Gudino Kieffer
Quatro Olhos	Renato Pompeu
Samba-Enredo	Renato Pompeu
Tempo de Ameaça	Rodolfo Konder
O Túnel	Ernesto Sabato
A Saída do Primeiro Tempo	Renato Pompeu
Total: 13	
<b>SOCIOLOGIA</b>	

Castas, Estamentos e Classes Sociais	Sid Hirano
Escravidão Africana no Brasil	Maurício Goulart
O Estado Militar na América Latina	Alain Rouquié
Estado e Partido Político no Brasil (1930-1964)	Maria do Carmo Campelo de Souza
A Expressão Amazonense do Colonialismo	Márcio de Souza
Fronteiras – Viagem Pelo Brasil Desconhecido	Cláudio Bojunga e Fernando Portela
Introdução a Sociologia/As Bases Materiais da Sociedade	Jacob Bazarian
O Jogo do Poder no Brasil (2 ed.)	Miguel Arraes
O Mandonismo Local na Vida Política Brasileira e Outros Ensaio	Maria Isaura Pereira de Queiroz
Monções	Sérgio Buarque de Holanda
Política e Segurança	Heloísa Rodrigues Fernandes
A Produção Capitalista da Casa (2 ed.)	Ermínia Maricato (org.)
Sociologia e Sociedade no Brasil	Octávio Ianni
Universidade Brasileira – Reforma ou Revolução (2ª ed.)	Florestan Fernandes
O Messianismo no Brasil e no Mundo (2ª ed.)	Maria Isaura Pereira de Queiroz
Total: 15	
<b>OUTROS</b>	
Caso Rubem Fonseca – Violência e Erotismo em Feliz Ano Novo	Dionísio Silva
O Cérebro Consciente	Steven Rose
Energia Elétrica e Capital Estrangeiro no Brasil	Catullo Branco
Estatística Básica para as Ciências Humanas (3ª ed.)	Bernadete A. Gatti e Nagib Lima Feres
O Livro dos Pensamentos do Gal. Figueiredo	Carlos Wagner Morais (org.)

O Mercado de Trabalho e Você	Dominick Vari
A Ordem Satânica – Reflexões Sobre a Moralidade Burguesa	A. C. Medawar
Sobre a Emancipação da Mulher	V. I. Lenine
Socialismo & Democracia nº 1	Vários
Socialismo & Democracia nº 2	Vários
Socialismo & Democracia nº 3	Vários
Total: 11	
Total de livros publicados no período: 143	

Fonte: *Informativo Alfa Omega*, São Paulo, 1984.

Acervo: Setor de Periódicos da FBN.

## ANEXO C – Catálogo da editora do ano de 2021



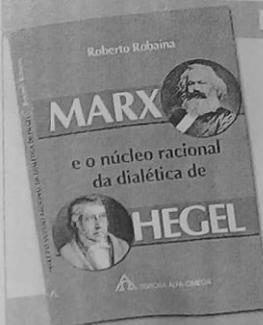
# EDITORA ALFA OMEGA

DESDE 1973 PUBLICANDO O PENSAMENTO CRÍTICO BRASILEIRO

**HISTÓRIA • SOCIOLOGIA • POLÍTICA • FILOSOFIA • ECONOMIA • CLÁSSICOS DO MARXISMO • PLURALISMO JURÍDICO • LITERATURA BRASILEIRA • LITERATURA ESTRANGEIRA**

**LISTA DE PREÇOS em 01/01/2021**  
(em ordem alfabética de títulos)

<b>Acidente – Poesia</b> Gildo Magalhães – 64 pp. ....	R\$ 18,00	<b>Brasil Rumo à Democracia</b> Anatoli Sosnovski – 112 pp. ....	R\$ 60,00
<b>Alma, Gesto – Poesia</b> Marcelo Maccaferri – 68 pp. ....	R\$ 28,00	<b>Brasileiro na Guerra Civil Espanhola, Um</b> José Gay da Cunha – 234 pp. – Edição Ilustrada .....	R\$ 98,00
<b>Alexandra Kollontai: Feminismo e Socialismo</b> <b>Uma Abordagem Crítica do Direito</b> Paula Loureiro da Cruz – 308 pp. ....	R\$ 198,00	<b>Brasil Canalha, Um</b> Dural Clemente – 180 pp. ....	R\$ 70,00
<b>Amazônia: Ecologia e Degradação Social</b> Argemiro Procópio – 264 pp. ....	R\$ 72,00	<b>Breve História do Canadá</b> Desmond Morton – 320 pp. ....	R\$ 130,00
<b>Apartheid de Israel, O – Racismo, Agressão e Usurpação: Os Focos do Conflito Atual</b> Nathaniel Braia – 214 pp. – Edição Ilustrada .....	R\$ 110,00	<b>Bulgária – Autogestão e Socialismo – Reportagem</b> Ivan Godoy – 112 pp. – Edição Ilustrada .....	R\$ 60,00
<b>Araceli – Corrupção em Sociedade – Reportagem</b> Carlos Alberto Luppi – 80 pp. – Edição Ilustrada .....	R\$ 15,00	<b>Caso Rubem Fonseca, O – Violência e Erotismo em Feliz Ano Novo</b> Deonísio Silva – 112 pp. ....	R\$ 55,00
<b>Argélia – 50 Anos de Independência</b> Ivan Godoy – com cad. de ilust., 27 fotos a cores – 240 pp. ....	R\$ 145,00	<b>Catavento Mágico – Poesia</b> Gildo Magalhães – 64 pp. ....	R\$ 22,00
<b>Argélia – Tradição e Modernidade</b> Ivan Godoy – 160 pp. – Edição Ilustrada .....	R\$ 80,00	<b>Céu de Ninguém – Saga de uma Vocação</b> Abel Pereira Leite – 576 pp. – Edição Ilustrada .....	R\$ 75,00
<b>Argélia – Tradición y Modernidad</b> Ivan Godoy – 176 pp. – Edición Ilustrada en Colores .....	R\$ 80,00	<b>Chapéu de Palha – O Segundo Governo Arraes</b> Edson Miranda – 136 pp. ....	R\$ 60,00
<b>Assim Escrevem os Catarinenses – Antologia de Contos</b> Org. Emanuel Medeiros Vieira – 192 pp. ....	R\$ 75,00	<b>Cidadania Plena – A Cidadania Modelando o Estado</b> Marcos Alcyr Brito de Oliveira – 168 pp. ....	R\$ 90,00
<b>Assim Escrevem os Gaúchos – Antologia de Contos</b> Org. Janer Cristaldo – 208 pp. ....	R\$ 75,00	<b>Ciriaco Martins e Outras Histórias – Contos</b> Ronivalter Jabotá de Almeida – 120 pp. ....	R\$ 33,00
<b>Assim Escrevem os Paranaenses – Antologia de Contos</b> Org. Domingos Pellegrini Jr. – 154 pp. ....	R\$ 75,00	<b>Coluna Prestes, A – Marchas e Combates</b> Lourenço Moreira Lima – 680 pp. – Edição Ilustrada .....	R\$ 242,00
<b>Assim Escrevem os Paulistas – Antologia de Contos</b> Org. Hamilton Trevisan – 208 pp. ....	R\$ 80,00	<b>Combates e Batalhas – Memórias – Vol. 1</b> Octavio Brandão – 408 pp. ....	R\$ 130,00
<b>Assim Nasceu Mococa</b> Carlos Alberto Paladini – 304 pp. – Edição Ilustrada .....	R\$ 98,00	<b>Condicionamento Verbal – Pesquisa e Ensino</b> Geraldina Porto Witter – 184 pp. ....	R\$ 60,00
<b>Atentado em Itaipu – Romance</b> Martins de Oliveira – 184 pp. ....	R\$ 75,00	<b>Conflitos Internacionais num Mundo Globalizado – Palestina, Iraque, Venezuela e a Hegemonia Americana</b> José Reinaldo Carvalho / Lejeune Mato Grosso de Carvalho – 344 pp. ....	R\$ 120,00
<b>Autoritarismo e Impunidade – Um Perfil do Democratismo Brasileiro</b> Paulo Napoleão Nogueira da Silva – 216 pp. ....	R\$ 75,00	<b>Consórcio Intermunicipal – Ferramenta para o Desenvolvimento Regional</b> Pedro Motta de Barros – 136 pp. ....	R\$ 70,00
<b>Banco: Um Inimigo do Povo</b> Ebenézer W. A. Nascimento – 152 pp. ....	R\$ 42,00	<b>Constituição de 1988 – Uma Análise Marxista</b> Benedito de Campos – 128 pp. ....	R\$ 70,00
<b>Bastião Albanês, O – Reportagem</b> Bernardo Joffly – 128 pp. ....	R\$ 50,00	<b>Contencioso Brasil x Estados Unidos da Informática, O</b> Tullio Vigevani – 352 pp. ....	R\$ 135,00
<b>Brasil e as Novas Dimensões da Segurança Internacional</b> Gilberto Dupas / Tullio Vigevani – 200 pp. ....	R\$ 100,00	<b>Contos de Esquina – Contos</b> Furio Lonza – 116 pp. ....	R\$ 40,00
<b>Brasil e seu Futuro, O – Um Estudo das Fragilidades Nacionais</b> Messias Costa – 192 pp. ....	R\$ 105,00	<b>Contra Vento e Maré – Depoimentos de Cubanos Retornados</b> Grupo Areito – 204 pp. ....	R\$ 70,00
<b>Brasil: Novos Desafios</b> Argemiro Procópio – Org. – 122 pp. ....	R\$ 65,00	<b>Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil</b> Hermínio Linhares – 96 pp. ....	R\$ 60,00
<b>Brasil: O Entulho Oculto dos Privilégios Oligárquicos</b> Mario de Oliveira Filho – 384 pp. ....	R\$ 140,00	<b>Cordel do Manifesto Comunista, O</b> Medeiros Braga – 70 pp. Ilustração Valdeck de Garanhuns / Regina Dorzina .....	R\$ 50,00
<b>Brasil: Parcerias Estratégicas</b> Argemiro Procópio – Org. – 294 pp. ....	R\$ 120,00		



**LANÇAMENTO**

**MARX E O NÚCLEO RACIONAL DA DIALÉTICA DE HEGEL**  
Roberto Robaina

A importância do conceito de contradição em Hegel para se compreender Marx

156 pp. – R\$ 100,00



**LANÇAMENTO**

**Sujeito de Direito e Marxismo**  
Marcos Alcyr Brito de Oliveira

Tendo como base Pachukanis, o autor analisa, entre outros temas do marxismo, a questão da subjetividade jurídica em Herbert Marcuse, que se baseia nos escritos do Marx da juventude, humanista, em especial a obra *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, e em Louis Althusser, que tem como base suas análises as obras do Marx da maturidade, em especial a obra *O capital*.

286 pp. – R\$180,00

<b>Crise da Advocacia no Brasil, A – Diagnósticos e Perspectivas</b> Roberto A. R. de Aguiar – 168 pp. ....	R\$ 120,00
<b>Crítica da Concepção Teológica do Mundo – O Futuro das Religiões e a Religião do Futuro</b> Jacob Bazarian – 190 pp. ....	R\$ 90,00
<b>Democracia e Realidade Brasileira</b> Paulo Napoleão Nogueira da Silva – 176 pp. ....	R\$ 60,00
<b>Descaminhos da Esquerda – Da Centralidade do Trabalho à Centralidade da Política</b> Ivo Tonet e Adriano Nascimento – 124 pp. ....	R\$ 80,00
<b>Dialética Materialista, A – Categorias e Leis da Dialética</b> Alexandre Cheptulin – 354 pp – Trad. Leda Rita Cintra Ferraz. ....	R\$ 160,00
<b>Diário da Guerrilha do Araguaia</b> Clovis Moura – 96 pp. ....	R\$ 60,00
<b>Direito na Filosofia de Slavoj Zizek – Perspectivas para o Pensamento Jurídico Crítico, O</b> Marcelo Gomes Franco Grillo – 156 pp. ....	R\$ 135,00
<b>Direitos Humanos na Perspectiva de Marx e Engels, Os – Emancipação Política e Emancipação Humana</b> José Damiano de Lima Trindade – 328 pp. ....	R\$ 185,00
<b>Direito Internacional: Para uma Crítica Marxista</b> Júlio da Silveira Moreira – 196 pp. ....	R\$ 160,00
<b>Direito no Jovem Lukács, O</b> Sílvio Luiz de Almeida – 130 pp. ....	R\$ 90,00
<b>Direito, Poder e Opressão</b> Roberto A. R. Aguiar – 192 pp. ....	R\$ 100,00
<b>Discriminação e Mistificação em Alimentação</b> E. Pompeo do Amaral – 168 pp. ....	R\$ 90,00
<b>Djamiliá – Romance</b> Tchinguiz Atmatov – Tradução Paulo Peres – 90 pp. ....	R\$ 70,00
<b>Dominação do Terceiro Mundo, A – Romance de Combate</b> Langstain Almeida, 584 pp. ....	R\$ 130,00
<b>Edelman – Althusserianismo, Direito e política</b> Alessandra Devulsky Tisescu – 132 pp. ....	R\$ 125,00
<b>Eleição para Diretores e a Gestão Democrática da Escola Pública, A</b> Ana Angélica Rodrigues de Oliveira – 112 pp. ....	R\$ 75,00
<b>Em Câmara Lenta – Ficção política</b> Renato Tapajós – 176 pp. ....	R\$ 100,00
<b>Energia Elétrica e Capital Estrangeiro no Brasil</b> Caullo Branco – 136 pp – Edição Ilustrada. ....	R\$ 70,00
<b>Ensaio Geral – Ficção Política</b> Antonio Marcello – 144 pp. ....	R\$ 75,00
<b>Ensaio Histórico e Políticos</b> Astrogildo Pereira – 244 pp. ....	R\$ 98,00
<b>Escola do Rio, A – Fundamentos Econômicos da Nova Economia Brasileira</b> André Araújo – 144 pp. ....	R\$ 45,00
<b>Escravidão Africana no Brasil, A – Das origens à extinção do tráfico</b> Maurício Goulart – 316 pp. ....	R\$ 140,00
<b>Estado e Partidos Políticos no Brasil – 1930 a 1964</b> Maria do Carmo Campelo de Souza – 178 pp. ....	R\$ 90,00
<b>Estado Militar na América Latina</b> Alain Rouquié – 480 pp. – Edição Ilustrada. ....	R\$ 198,00
<b>Estatística Aplicada à Administração Financeira – Ciências Contábeis e Administração de Empresas</b> Salvatore Benito Virgillito – 340 pp. ....	R\$ 135,00
<b>Estatuto da (Contra A) Microempresa</b> Carlos Reinaldo Mendes Ribeiro – 84 pp. ....	R\$ 40,00
<b>Exílio da Paixão – Romance</b> Daniel Krasucki – 184 pp. ....	R\$ 60,00
<b>Expansão Cafeeira e Origens de Indústria no Brasil</b> Sérgio Silva – 120 pp. ....	R\$ 75,00
<b>Expressão Amazonense, A</b> Mircio Souza – 218 pp. ....	R\$ 33,00
<b>Filosofia e Direito em Galvano Della Volpe</b> Vinicius Magalhães Pinheiro – 114 pp. ....	R\$ 115,00
<b>Filosofia Zuche é uma Filosofia Revolucionária Original, A</b> Kim Jong Il – 20 pp. ....	R\$ 20,00
<b>Força dos Mitos, A – Crônicas</b> Janer Cristaldo – 168 pp. ....	R\$ 70,00
<b>Fornos Quentes, Os – Ficção Política</b> Reinaldo Guarany Simões – 192 pp. ....	R\$ 70,00
<b>FMI e a Nova Dependência Brasileira, O</b> Aldo Arantes – 210 pp. ....	R\$ 75,00
<b>Freguesia do Ó – O Inquérito que Desmascarou as Brigadas de Paulo Maluf</b> Fernando Moraes – 80 pp. – Edição Ilustrada. ....	R\$ 30,00
<b>Fronteiras – Viagem pelo Brasil Desconhecido – Reportagem</b> Cláudio Bojunga e Fernando Portela – 230 pp. ....	R\$ 70,00
<b>Geração 60: Geração Esperança</b> Maria Lucia Resende Garcia – 120 pp. ....	R\$ 45,00
<b>Gigante Brasileiro, O</b> Luigi Sarcinella – 844 pp. ....	R\$ 80,00
<b>Glasnost e Perestroika – A Era Gorbatchov – Reportagem</b> Ivan Godoy – 136 pp. ....	R\$ 75,00
<b>Grande Revolução de Outubro e a América Latina, A</b> Boris Koval – 208 pp. ....	R\$ 78,00
<b>Greve da Rosa, A – Romance</b> Renato Pompeu – 188 pp. ....	R\$ 70,00
<b>Greve na Voz dos Trabalhadores, A – Reportagem</b> Vários – 80 pp. – Edição Ilustrada. ....	R\$ 15,00
<b>Heroísmo Trágico do Século XX – O Destino de Luiz Carlos Prestes</b> Boris Koval – Trad. de Clarice Lima Averina – 420 pp. ....	R\$ 160,00
<b>História da Ação Popular – Da JUC ao PC do B</b> Haroldo Lima e Aldo Arantes – 180 pp. ....	R\$ 70,00
<b>História das Lutas Sociais no Brasil</b> Everardo Dias – 336 pp. ....	R\$ 145,00
<b>História do Proletariado Brasileiro – 1857 a 1967</b> Boris Koval – Trad. de Clarice Lima Averina – 568 pp. ....	R\$ 218,00
<b>História e Teoria dos Partidos Políticos no Brasil</b> Afonso Arinos de Mello Franco – 128 pp. ....	R\$ 88,00
<b>História me Absolverá, A</b> Fidel Castro – 112 pp. ....	R\$ 65,00
<b>História Sincera da República Vol. 1 – Das origens a 1888</b> Leôncio Basbaum – 284 pp. ....	R\$ 130,00
<b>História Sincera da República Vol. 2 – De 1889 a 1930</b> Leôncio Basbaum – 316 pp. ....	R\$ 130,00
<b>História Sincera da República Vol. 3 – De 1930 a 1960</b> Leôncio Basbaum – 252 pp. ....	R\$ 110,00
<b>História Sincera da República Vol. 4 – De 1961 a 1967</b> Leôncio Basbaum – 216 pp. ....	R\$ 100,00
<b>Ilusão Americana, A</b> Eduardo Prado – 136 pp. ....	R\$ 70,00

#### LANÇAMENTOS FILOSOFIA DO DIREITO

##### DIREITO INTERNACIONAL

Para uma crítica marxista

Júlio da Silveira Moreira – 196 pp. – R\$160,00

##### O DIREITO NA FILOSOFIA DE SLAVOJ ZIZEK

Perspectivas para o pensamento jurídico crítico

Marcelo Gomes Franco Grillo – 156 pp. – R\$135,00

##### OS DIREITOS HUMANOS NA PERSPECTIVA DE MARX E ENGELS

Emancipação política e emancipação humana

José Damiano de Lima Trindade – 328 pp. – R\$185,00

##### EDELMAN: ALTHUSSERIANISMO, DIREITO E POLÍTICA

Alessandra Devulsky Tisescu – 132 pp. – R\$125,00

##### FILOSOFIA E DIREITO EM GALVANO DELLA VOLPE

Vinicius Magalhães Pinheiro – 114 pp. – R\$115,00

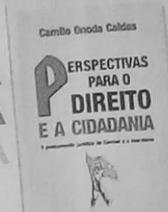


- Integração e Flexibilidade – O Novo Paradigma nas Organizações**  
Alvair Silveira Torres Jr. – 136 pp. .... R\$ 55,00
- Introdução à Filosofia Marxista**  
Benedicto de Campos – 120 pp. .... R\$ 55,00
- Introdução à Sociologia – As Bases Materiais da Sociedade**  
Jacob Bazarian – 192 pp. .... R\$ 80,00
- Introdução ao Pensamento Dialético – O Materialismo, da Grécia Clássica à Época Contemporânea**  
Eduardo Sucupira Filho – 108 pp. .... R\$ 60,00
- Intuição Heurística – Uma Análise Científica da Intuição Criadora**  
Jacob Bazarian – 128 pp. .... R\$ 65,00
- Joana – Literatura infantil**  
Maurício Goulart Reis Filho – Ilustrações de Noêmia e Clóvis Graciano – 88 pp. .... R\$ 40,00
- Jogo do Vadião, O – Literatura Juvenil**  
Ernesto Rosa Neto – Ilustrações de Cirton Genaro – 96 pp. .... R\$ 45,00
- Leituras Dialéticas – Uma Interpretação Materialista do Pens. Filosófico**  
Eduardo Sucupira Filho – 160 pp. .... R\$ 68,00
- Literatura e Documento – Histórias e Mitos na Primeira Narrativa de Herberto Sales**  
Everaldo Augusto – 152 pp. – Edição Ilustrada .... R\$ 60,00
- Longa Agonia da Dependência, A – Econ. Bras. Contemporânea (JK-FH)**  
Nilson Araújo de Souza – 760 pp. .... R\$ 150,00
- Lula – Presidente do Brasil – A Estratégia que Derrotou FHC em 1994**  
Ivo Patarra – 136 pp. .... R\$ 50,00
- Luta Antiimperialista x Hegemonia Americana, A**  
José Reinaldo de Carvalho e Lejune Mato Grosso de Carvalho – 268 pp. .... R\$ 98,00
- Luta pela Industrialização no Brasil, A**  
Nícia Vilela Luz – 224 pp. .... R\$ 100,00
- Marx & Engels – Vida e Obra**  
Heinrich Genkow – 232 pp. .... R\$ 90,00
- Marx e o Núcleo Racional da Dialética de Hegel**  
Roberto Robaina – 156 pp. .... R\$ 100,00
- Manual do Crise, O – Em linguagem financeira para não-financeiros**  
João Carlos M. Ferraz – 134 pp. .... R\$ 80,00
- Mataram o Presidente – Memórias do Pistoleiro que Mudou a História do Brasil**  
Alcino João do Nascimento e outros – 140 pp. .... R\$ 75,00
- Mercados Soberanos – Globalização, Poder e Nação**  
André Araújo – 128 pp. .... R\$ 50,00
- Mercosul Hoje – 3ª Edição Revista e Atualizada**  
Sérgio Abreu e Lima Florêncio e Ernesto Araújo – 126 pp. .... R\$ 58,00
- Messianismo no Brasil e no Mundo, O**  
Maria Isaura P. de Queiroz – Pref. Roger Bastide – 444 pp. .... R\$ 190,00
- Militares e a Constituinte, Os – Poder Civil e Poder Militar na Constit.**  
Roberto A. R. Aguiar – 128 pp. .... R\$ 78,00
- Minha Vida e as Lutas do meu Tempo – Memórias**  
Elias Chaves Neto – 272 pp. .... R\$ 90,00
- Moças de Minas, As – Ficção Política**  
Luiz Manfredini – 136 pp. .... R\$ 70,00
- Moratória Soberana, A – Alternativa do Confronto Externo: seus Custos, Perspectivas e Mitos**  
Petrônio Portiella Filho – 270 pp. .... R\$ 98,00
- Muita Sorte & Pouco Juízo**  
José Roberto de Alencar – 192 pp. .... R\$ 60,00
- Na Mão Grande – Contos**  
Ariosto Augusto de Oliveira – 80 pp. .... R\$ 25,00
- Não às Usinas Nucleares**  
Fernando Moraes – 64 pp. .... R\$ 45,00
- Não Passará o Jordão – Contos**  
Luiz Fernando Emediato – 128 pp. .... R\$ 45,00
- No Caminho do Vento – Contos**  
Jorge de Sá Earp – 96 pp. .... R\$ 45,00
- No Olho da Águia – UNILATERALISMO e Relações Internacionais**  
Argemiro Procópio – 160 pp. .... R\$ 85,00
- No Olho do Furacão – Luiza Erundina, a Campanha e a Vitória**  
Aldo Rebelo – 64 pp. .... R\$ 48,00
- No Rastro de Tina Modotti – Romance Biográfico**  
Christiane Barchhausen Canale – 304 pp. – Edição Ilustrada .... R\$ 110,00
- Nome para meu Côzinho, Um – Literatura Infantil**  
Theresinha Aguiar/Andrea Aguiar – 16 pp. – Edição Ilustrada .... R\$ 40,00
- Nós – Literatura Russa (Utópica)**  
Evgueny Zamiatin – 212 pp. – Traduzido do Russo por Clarice Lima Awerina .... R\$ 80,00
- Nova Política Internacional, A**  
Heraldo Munoz – 128 pp. .... R\$ 68,00
- Obras Escolhidas de Lenine – Vol. 1**  
V.I. Lenine – 772 pp. .... R\$ 163,00
- Obras Escolhidas de Lenine – Vol. 2**  
V.I. Lenine – 780 pp. .... R\$ 163,00
- Obras Escolhidas de Lenine – Vol. 3**  
V.I. Lenine – 782 pp. – 2ª edição .... R\$ 163,00
- Obras Escolhidas de Mao Tse Tung – Vol. 1**  
Mao Tse Tung – 592 pp. .... R\$ 160,00
- Obras Escolhidas de Mao Tse Tung – Vol. 2**  
Mao Tse Tung – 782 pp. .... R\$ 160,00
- Obras Escolhidas de Mao Tse Tung – Vol. 3**  
Mao Tse Tung – 480 pp. .... R\$ 150,00
- Obras Escolhidas de Mao Tse Tung – Vol. 4**  
Mao Tse Tung – 730 pp. .... R\$ 150,00
- Obras Escolhidas de Mao Tse Tung – Vol. 5**  
Mao Tse Tung – 628 pp. .... R\$ 180,00
- Obras Escolhidas de Marx/Engels – Vol. 1**  
Karl Marx – 382 pp. .... R\$ 150,00
- Obras Escolhidas de Marx/Engels – Vol. 2**  
Karl Marx – 326 pp. .... R\$ 150,00
- Obras Escolhidas de Marx/Engels – Vol. 3**  
Karl Marx – 352 pp. .... R\$ 180,00
- Olga Benário – A História de uma Mulher Corajosa – Romance**  
Ruth Werner – 304 pp. – Edição Ilustrada .... R\$ 90,00
- Olho o Creme Suíço Barão de Vassouras – Memórias**  
Guido Sérgio da Costa Breves – 144 pp. .... R\$ 40,00
- Ordem Satânica, A – Reflexões sobre a Moralidade Burguesa**  
A.C. Medawar – 152 pp. .... R\$ 40,00
- Palestinos, Os – Judeus de 3ª Guerra Mundial – Reportagem**  
Fausto Wolff – 136 pp. – Edição Ilustrada .... R\$ 65,00
- Para te Comer Melhor – Romance**  
Eduardo Gudino Kieffer – Trad. Hersh Basbaum – 240 pp. .... R\$ 80,00
- Para uma Filosofia da Tecnologia**  
Milton Vargas – 288 pp. .... R\$ 120,00

## FILOSOFIA DO DIREITO



168 pp., R\$ 90,00



146 pp., R\$ 90,00



130 pp., R\$ 90,00

## LANÇAMENTO



240 pp., R\$ 145,00



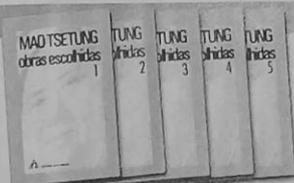
Neste livro, o jornalista Ivan Godoy, especialista em política internacional, faz uma radiografia do passado, do presente e das perspectivas futuras da Argélia, e fala dos costumes, da cultura e da rica história do seu povo.

Com caderno de ilustrações, 27 fotos a cores, impressas em papel couché.

<b>Pequeno Dicionário de Termos da Empresa Globalizada</b> Alvair Silveira Torres Junior / Nilton Luiz Marchiori ..... R\$ 70,00	<b>Soberania Estatal e Classes Sociais</b> Marco Antônio Ribeiro Tura ..... R\$ 90,00
<b>Perspectivas para o Direito e a Cidadania – O Pensamento Jurídico de Cerroni e o Marxismo</b> Camilo Onoda Caldas – 146 pp. .... R\$ 90,00	<b>Sobre a Emancipação da Mulher</b> V.I. Lenine – 144 pp. .... R\$ 70,00
<b>Política e Segurança</b> Heloisa Rodrigues Fernandes – 260 pp. .... R\$ 90,00	<b>Socialismo e Democracia – Vols. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13</b> Vários ..... R\$ 30,00
<b>Polônia</b> Ivan Godoy – 272 pp. – Ed. Ilustrada 56 fotos a cores ..... R\$ 120,00	<b>Socialismo na Terra de Marx, O – RDA Hoje – Reportagem</b> Ivan Godoy – 120 pp. – Edição Ilustrada ..... R\$ 50,00
<b>Por que Nós, os Brasileiros, Somos Assim?</b> Jacob Bazarian – 80 pp. .... R\$ 60,00	<b>Sociologia – Ciência ou Ideologia?</b> Alcides Casado de Oliveira – 184 pp. .... R\$ 60,00
<b>Por uma Sociedade Melhor – Para Onde Marcha a Humanidade</b> Jacob Bazarian – 216 pp. .... R\$ 80,00	<b>Sonho a Realidade, Do – A Integração Econômica Latino-americana</b> Alfredo da Mota Menezes – 280 pp. .... R\$ 95,00
<b>Porta de Mogar, A – Romance</b> Ernesto Araújo – 184 pp. .... R\$ 23,00	<b>Sorte e Arte – Como Foram Feitas Algumas Reportagens que Você Leu</b> José Roberto de Alencar – 188 pp. .... R\$ 40,00
<b>Praxedes – Um Operário no Poder – Reportagem</b> Moacyr de Oliveira Filho – 124 pp. .... R\$ 60,00	<b>Sujeito de Direito e Marxismo: da Crítica Humanista à Crítica Anti-humanista</b> Marcos Aleyr Brito de Oliveira – 286 pp. .... R\$ 180,00
<b>Presidência e o Sistema Político, A</b> Michael Nelson – Tradução Luiz Roberto Vidal – 656 pp. .... R\$ 60,00	<b>Tango Fantasma – Contos</b> Márcia M. Denser – 108 pp. .... R\$ 40,00
<b>Prisão, A – Histórias do Homens que Vivem no Maior Presídio do Mundo – Reportagem</b> Percival de Souza – 132 pp. .... R\$ 35,00	<b>Tecnocracia na História, A</b> Carlos Estevão Martins – 168 pp. .... R\$ 65,00
<b>Problema de Verdade, O – Teoria do Conhecimento</b> Jacob Bazarian – 224 pp. .... R\$ 100,00	<b>Tempo de Ameaça – Biografia Política</b> Rodolfo Konder – 122 pp. .... R\$ 50,00
<b>Problema do Sindicato Único, O</b> Evaristo de Moraes Filho – 424 pp. .... R\$ 178,00	<b>Tempo de Guerrilha – Romance</b> Jade Gandra Martins – 204 pp. .... R\$ 55,00
<b>Produção Capitalista da Casa, A – (e a Cidade) no Brasil Industrial</b> Org. Herminia Maricato – 178 pp. .... R\$ 80,00	<b>Tempo de Lutas – Contribuição à História da Ação Popular</b> Carlos Roriz Silva – 210 pp. .... R\$ 100,00
<b>Quatro-Olhos – Romance</b> Renato Pompeu – 172 pp. .... R\$ 70,00	<b>Terroristas São Bush e Sharon: os que Invadem, Ocupam, Assassnam e Torturam</b> Nathaniel Braia – 32 pp. – Edição Ilustrada ..... R\$ 15,00
<b>Quatro-3 – Romance</b> Ernesto Araújo – 170 pp. .... R\$ 40,00	<b>Testamento Político de D. Luiz da Cunha</b> Org. Reynaldo Pessoa, J. S. Witter – 104 pp. .... R\$ 55,00
<b>Que é Justiça, O – Uma Abordagem Dialética</b> Roberto A. R. Aguiar – 128 pp. .... R\$ 78,00	<b>Transição ao Socialismo – As Lições do Chile</b> Maurício Paiva – 104 pp. .... R\$ 50,00
<b>Questão de Classes – Direito, Estado e Capitalismo em Menger, Stutchka e Pachukanis</b> Adriano de Assis Ferreira – 120 pp. .... R\$ 78,00	<b>Tratado de Teologia Profana – A Nova Religião para o 3º Milênio</b> Huiáscar Terra do Valle – 352 pp. .... R\$ 60,00
<b>Questões da Formação Continuada de Professores</b> Paulo César Géglío – 104 pp. .... R\$ 89,00	<b>Três Bruxinhas contra a Poluição, As – Literatura infantil</b> Carla Franze Gaspar – Ilust. Ana Paula Lasevicius – 20 pp. .... R\$ 30,00
<b>Quinze Leis de Filosofia, As – Uma Interpretação do Pensamento de Augusto Comte – Exemplos / Explicações</b> Lauro Salles Cunha – 446 pp. .... R\$ 64,00	<b>Três Industrialistas Brasileiros – Mauá, Rui Barbosa e Simonsen</b> Heitor Ferreira Lima – 200 pp. .... R\$ 80,00
<b>Reflexões sobre a Desintegração do Comunismo Soviético</b> Org. Pedro Vicente Sobrinho – 96 pp. .... R\$ 45,00	<b>UNASUL: Uma Perspectiva de Integração Política Sul-Americana</b> Guilherme Nascimento Nafalski – 132 pp. .... R\$ 100,00
<b>Rio Branco – Biografia</b> Álvaro Lins – 516 pp. .... R\$ 200,00	<b>UNE Contra o SNI, A</b> Obra Coletiva – 88 pp. .... R\$ 40,00
<b>Romance do Café, O</b> Beatriz Garcia – 214 pp. .... R\$ 69,00	<b>União Soviética Hoje – Um Repórter Brasileiro no País dos Soviets</b> Carlos A. L. Salum – 160 pp. – Edição Ilustrada ..... R\$ 48,00
<b>Saída do Primeiro Tempo, A – Romance</b> Renato Pompeu – 168 pp. .... R\$ 65,00	<b>Verdade sobre a Revolução de Outubro de 1930, A</b> Barbosa Lima Sobrinho – 212 pp. .... R\$ 95,00
<b>Salto no Escuro – Uma História Romanceada da Segunda Guerra Mundial</b> Luigi Sarcinella – 376 pp. .... R\$ 90,00	<b>Vida de um Revolucionário – Memórias</b> Agildo Barata – 312 pp. .... R\$ 140,00
<b>Samba-Enredo – Romance</b> Renato Pompeu – 92 pp. .... R\$ 55,00	<b>Vida em Seis Tempos, Uma – Memórias</b> Leôncio Basbaum – 416 pp. .... R\$ 130,00
<b>Sangue Quente, A – A Morte do Jornalista Vladimir Herzog – Reportagem</b> Hamilton Almeida Filho – 144 pp. .... R\$ 30,00	<b>Vila Socó – A Tragédia Programada – Reportagem</b> José Rodrigues e Lauro Freire – Ilust. Lauro Freire – 64 pp. .... R\$ 40,00
<b>Sem Meias Palavras – Bahia, Nordeste, Brasil e Mundo no Parlamento</b> Haroldo Lima – 312 pp. .... R\$ 35,00	<b>Violência – Uma Análise do Homos Brutalis</b> J. Pereira – 128 pp. – Edição Ilustrada ..... R\$ 30,00
<b>Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana</b> José Carlos Mariátegui – 290 pp. – Tradução Salvador Obiol de Freitas & Caetano Lagrasta ..... R\$ 118,00	<b>Volta da UNE, A – De Ibiúna a Salvador – Reportagem</b> Vários – 96 pp. .... R\$ 16,00
	<b>Vantade Natural, A e o Pantanal da Nhecolândia</b> José de Barros Netto – 100 pp. .... R\$ 28,00
	<b>Xarab Fica – Romance</b> Ernesto Araújo – 256 pp. .... R\$ 33,00

### PARA ENTENDER MAO

**OBRAS ESCOLHIDAS DE MAO TSE TUNG**  
Vol. 1 – Mao Tse Tung – 592 pp. – R\$160,00  
Vol. 2 – Mao Tse Tung – 782 pp. – R\$160,00  
Vol. 3 – Mao Tse Tung – 480 pp. – R\$150,00  
Vol. 4 – Mao Tse Tung – 730 pp. – R\$150,00  
Vol. 5 – Mao Tse Tung – 628 pp. – R\$180,00



### PEDIDOS

- LIVRARIAS: políticas específicas para venda ou consignação.
- PROFESSORES: desconto especial após o cadastro.
- LIVROS ADOTADOS/RECOMENDADOS: desconto especial, com venda nos livrários, nos distribuidores ou diretamente.



EDITORA ALFA-OMEGA – Rua Lisboa, 489 – São Paulo – SP  
05413-000 – Tel. (11) 3062-6400 – Fax (11) 3083-0746  
www.alfaomega.com.br – alfaomega@alfaomega.com.br